

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

**RECONVERSÃO DE HABITUS: O ADVENTO DO IDEÁRIO DE
INVESTIMENTO NO BRASIL**

ELAINE DA SILVEIRA LEITE

SÃO CARLOS

2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

**RECONVERSÃO DE HABITUS: O ADVENTO DO IDEÁRIO DE
INVESTIMENTO NO BRASIL**

ELAINE DA SILVEIRA LEITE

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos para obtenção do título de doutora em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Grün

Apoio: Fapesp/CAPES

São Carlos

2011

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária/UFSCar**

L533rh

Leite, Elaine da Silveira.

Reconversão de *habitus* : o advento do ideário de investimento no Brasil / Elaine da Silveira Leite. -- São Carlos : UFSCar, 2012.

190 f.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2011.

1. Sociologia econômica. 2. Técnicas de auto-ajuda. 3. Finanças. 4. Família. 5. Investimentos. I. Título.

CDD: 306.3 (20^a)



Universidade Federal de São Carlos
Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Sociologia
Rodovia Washington Luís, Km 235 – Cx. Postal 676
13565-905 São Carlos-SP - Fone/Fax: (16) 3351.8673
www.ppgs.ufscar.br - Endereço eletrônico: ppgs@ufscar.br

ELAINE DA SILVEIRA LEITE

Reconversão de Habitus: o advento do ideário de investimento no Brasil

Tese de Doutorado em Sociologia apresentada à Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Sociologia.

Aprovado em 25 de Novembro de 2011

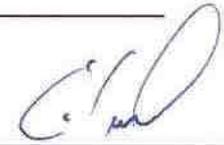
BANCA EXAMINADORA:



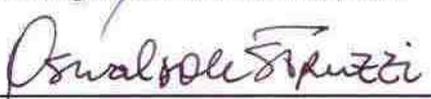
Prof. Dr. Roberto Grun



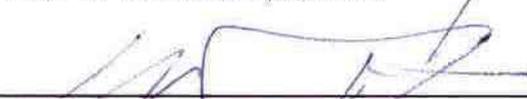
Prof. Dr. Igor Jose de Reno Machado



Prof. Dr. Edmilson Lopes Júnior



Prof. Dr. Oswaldo Mario Serra Truzzi



Prof. Dr. Ruy Gomes Braga Neto

Para uso da CPG

Homologado na ____ª Reunião da CPG-
Sociologia, realizada em ____/____/____

Prof. Dr. Valter Roberto Silvério
Coordenador do PPGS

DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho à minha mãe, Aparecida Brunheroto Leite
pelo apoio, carinho e dedicação.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Prof. Dr. Roberto Grün, pela competência científica, pela dedicação, disponibilidade e generosidade reveladas ao longo destes quase nove anos de trabalho.

Aos professores que formaram a banca examinadora, Edmilson Lopes Junior, Ruy Gomes Braga Neto, Igor José de Renó Machado e Oswaldo Truzzi.

À Profa. Cristina Maria de Castro, que compôs a banca de qualificação.

Aos professores Julio César Donadone, Alessandra Rachid, Antonio José Pedroso Neto, Cibele Risek, Fabiano Engelmann e Nadya Araújo Guimarães, que contribuíram para a minha formação acadêmica e para o desenvolvimento de meu trabalho.

À FAPESP, que me concedeu a bolsa de estudos para a realização desta pesquisa.

À CAPES, pela concessão da bolsa de estágio de doutorado sanduíche no exterior.

Em âmbito internacional, gostaria de agradecer especialmente:

Ao Prof. Randy Martin que me recebeu na New York University, e ao grupo de pesquisa IPK (Institute for Public Knowledge);

Ao Prof. Harry Makler e a sua esposa Anita, que me acolheram carinhosamente em sua casa em Palo Alto, Califórnia, e facilitaram o encontro com os professores Mark Granovetter e Richard Swedeberg;

Aos professores da New York University, Judith Stacey, Arjun Appadurai e Kateleen Gerson;

Ao Prof. David Stark, que me recebeu nos Seminários de Sociologia Econômica na Universidade de Columbia;

À Profa. Viviana Zelizer, que aceitou que eu participasse dos Seminários da Universidade de Princeton;

Ao Prof. Mauricio Font, da CUNY (City University of New York).

Ao Daniel Fridman, Robert Wosnitzer e Pierre Kremp, pelas discussões a respeito do meu trabalho;

Ao casal, Clícia e Hélio que me acolheram carinhosamente e a “pequena” Heloísa, a única que chorou no dia da minha despedida;

E às grandes amigas de New York: Tatiane, Rachel, Aieska, Regina e Lúcia.

Nada disso seria possível sem o apoio dos colegas do NESEFI (Núcleo de Sociologia Econômica e das Finanças) que, com respeito e profissionalismo, sempre me

apoiaram e dividiram grandes momentos, especialmente: Marina de Souza Sartore, Ângela Maria Carvalho Carneiro, Karina Gomes Assis, Ana Paula Carletto Mondadore, Marcela Purini Belem, Ana Carolina Bichoffe, Elisa Novaes, Natália Maximo e Mello.

Os grandes responsáveis por essa trajetória, no entanto, são meus pais, Benedito Antonio da Silveira Leite e Aparecida Brunheroto Leite, a quem agradeço imensamente pelo carinho e dedicação.

Gostaria de expressar minha gratidão aos meus inúmeros familiares, tios, tias, primos e primas, em especial, Adjanire Brunheroto dos Santos, Adelaide Brunheroto dos Santos (*in memoriam*), Trajano Brunheroto dos Santos, Amarildo José Marson e ao meu “menino”, Henrique dos Santos Marson, e àqueles que apoiaram meus pais quando estive ausente e que continuam a ampará-los, principalmente, Tia Luíza e Tia Tereza, e meus queridos primos Marisa, Marli, Edejonas, Iracema, Kelly, Luciana e Rafael.

Também sou muito grata pelo carinho de João Batista Azevedo Barbosa, Anabela Magno e Silva Barbosa e Rebecca Magno e Silva Barbosa;

Às minhas velhas e eternas amigas, Fernanda Félix, Estela Modanez Del Chiaro e Daniela Freddo pela amizade e apoio, apesar da distância.

Às minhas grandes amigas Ana Cláudia Cardoso Martinatti, Tatiana Feltrin, Héllen Furlas, Luciléia Colombo, Daniela da Silva Rodrigues, por todos os momentos que passamos juntas.

Ao Attila Magno e Silva Barbosa, pelo amor, carinho e dedicação nesses seis anos de convivência.

Por fim, agradeço aos docentes e funcionários do Departamento de Engenharia de Produção e Sociologia da UFSCar.

RESUMO

Estudos recentes demonstram a importância do desenvolvimento e do crescimento do mercado financeiro no Brasil, ao mesmo tempo em que se assiste à explosão do mercado da autoajuda financeira, que envolve palestras e a venda de livros elaborados por consultores financeiros. Estes, por sua vez, ensinam que os verdadeiros investimentos e o caminho para a independência financeira são aqueles realizados, mais especificamente, no mercado acionário. Esta pesquisa visa a analisar o avanço das finanças no país por meio do mapeamento dos agentes responsáveis pela sua expansão, bem como as estratégias empregadas na tentativa de atrair novos indivíduos para os circuitos dos mercados, estimulando-os a se tornarem investidores. Entretanto, no decorrer do trabalho, foi possível observar a existência de um “nicho cultural” conduzido por uma segunda natureza e configurado pela ética do familialismo. Assim, constata-se que o mundo das finanças ganha legitimidade ao atuar como uma espécie de moralizador de indivíduos e famílias, tornando-se recorrente nas palavras de pastores de igrejas neopentecostais; e, por meio da educação financeira, esse mundo das finanças leva à criação de políticas sociais realizadas tanto pela esfera pública como pela privada, adentrando setores de baixa renda e trazendo implicações simbólicas e cognitivas para a sociedade brasileira.

Palavras-chave: Autoajuda. Finanças. Família. Investimento.

ABSTRACT

The Brazilian economic scenario at the beginning of the twenty first century presented a reasonable growth of the stock market. The Brazilian capital market reached impressive valuations. The growth of this scenario is strongly linked to and popularized by financial self-help market, which involves books and lectures that are elaborated by financial advisor. This research aims to analyze and to map these agents and their strategies employed to invite new individuals to markets circuits, encouraging them to become investors. However, it was possible to verify a “cultural niche”, embeddedness in a familialism ethic. Thus, it evidence that the financial world have been gained legitimacy because it has operated as a kind of moral device, being recurrent in the neopentecostal pastors’ speeches, and through financial education, it conducts social policies that reached low-income sectors, bringing cognitive and symbolic implications for the Brazilian society.

Key-words: Self-help. Personal Finance. Family. Investment.

LISTA DE TABELAS

Tabela I: Trabalhos apresentados no VII SBFin.....	70
Tabela II: Livros Coleção Expo Money.....	76
Tabela III: As principais associações do mercado de capitais e suas atividades.....	120

LISTA DE SIGLAS, SÍMBOLOS E ABREVIACÕES

ABAMEC Associação Brasileira dos Analistas do Mercado de Capitais

ABRASCA Associação Brasileira de Companhias Abertas

ABRAPP Associação Brasileira das Entidades Fechadas de Previdência Privada

AMEC Associação de Investidores no Mercado de Capitais

AMJO Ambulatório do Jogo Patológico e outros Transtornos do Impulso

ANAT Associação Nacional dos Analistas Técnicos

ANBID Associação Nacional dos Bancos de Investimento

ANBIMA Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais

ANCOR Associação Nacional das Corretoras de Valores

ANDIMA Associação Nacional das Instituições do Mercado Financeiro

APEP Associação dos Fundos de Pensão de Empresas Privadas

APIMEC Associação dos Analistas e Profissionais de Investimento do Mercado de Capitais

ASSBAN Associação de Bancos no Distrito Federal

BID Banco Interamericano de Desenvolvimento

BNDES Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social

BMF Bolsa de Mercadorias e Futuro

BMF&Bovespa Resultado da fusão de BM&F e BOVESPA

BOVESPA Bolsa de Valores do Estado de São Paulo

BVS&A Bolsa de Valores Sociais e Ambiental

BRICs Brasil, Rússia, Índia e China

CBN Central Brasileira de Notícias

CEO Chief Executive Officer

CGB Coordenação Geral de Benefício

CGT Central Geral dos Trabalhadores

CODIM Comitê de Orientação de Divulgação de Informações ao Mercado

CUT Central Única dos Trabalhadores

CVM Comissão de Valores Mobiliários

EESC Escola de Engenharia de São Carlos

ENEF Estratégia Nacional de Educação Financeira

FED Federal Reserve

FENAPREVI Federação Nacional da Previdência Privada

FENASEG Federação Nacional das Empresas de Seguros Privados e de Capitalização

FIA Fundação Instituto de Administração

FIPECAFI Fundação Instituto de Pesquisas Contábeis, Atuariais e Financeiras

FGTS Fundo de Garantia por Tempo de Trabalho

FGV Fundação Getúlio Vargas

FSF Folha do Estado de São Paulo

FUNENSEG Fundação Escola Nacional de Seguros

IACSEE Associação Internacional para a Cidadania e Educação Econômica e Social

IBCPF Instituto Brasileiro de Certificação de Profissionais Financeiros

IBEF Instituto Brasileiro de Executivos de Finanças

IBGC Instituto Brasileiro de Governança Corporativa

IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IBOPE Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística

IBM International Business Machines

IBMEC Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais

IBOVESPA Índice da Bolsa de Valores de São Paulo

IBRI Instituto Brasileiro de Relações com Investidores

IED Investimentos Estrangeiros Diretos

IEF Instituto de Educação Financeira

INI Instituto Nacional de Investidores

ISE Índice de Sustentabilidade Empresarial

IVC Índice de Verificação de Circulação

LUTERPREV Entidade Luterana de Previdência Complementar

MBA Master in Business Administration

NYSE New York Stock Exchange

OAB Ordem dos Advogados do Brasil

OCDE Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico

ON Ações Ordinárias

ONG Organização Não Governamental

ONU Organizações das Nações Unidas

OP Ações Preferenciais

PAC Programa de Aceleração do Crescimento

PPPs Parceria Público Privado

PT Partido dos Trabalhadores
PUC Pontifícia Universidade Católica
S. A. Sociedade Anônima
SBFIN Sociedade Brasileira de Finanças
SEC Securities and Exchange Commission
SEMATRON Semana de Engenharia Mecatrônica
SOX Sarbanes Oxley
SPC Secretaria de Previdência Complementar
STF Supremo Tribunal Federal
SUSEP Superintendência de Seguros Privados
TPM Tensão Pré Menstrual
UNE União Nacional dos Estudantes
USP Universidade de São Paulo
WFIC World Financial Internacional Conference

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
1.1 Organização da tese	18
1.2 Uma nota sobre a pesquisa empírica	20
2. DA FIGURA DO ESPECULADOR AO INVESTIDOR.....	22
2.1 Da naturalização da especulação aos estudos sobre financeirização.....	36
2.2 As peripécias das finanças no Brasil	42
3. A AUTOAJUDA: UM MODELO DE ALIENAÇÃO?.....	50
3.1 A auto-ajuda como técnica de reconversão.....	64
4. DESCRIÇÃO DA PESQUISA DE CAMPO: COMO A OFERTA DE IDEIAS (PODE) SE CONSAGRA EM DEMANDA.....	69
4.1 A Expo Money	73
4.1.1 A figura do guru fundamentalista	82
4.1.2 A configuração do mundo grafista	88
4.2 A construção do campo dos gurus financeiros.....	93
4.3 A consagração da demanda: os livros de finanças pessoais	97
4.4 Os multiplicadores das finanças	111
5. A EDUCAÇÃO FINANCEIRA COMO TRUNFO SOCIAL.....	124
5.1 A ascensão da educação financeira	129
5.2 A consagração da educação financeira	135
6. O IDEÁRIO DE INVESTIMENTO NO BRASIL	140
6.1 A harmonia cultural	157
6.2 O <i>habitus</i> nacional	165
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	171
8. BIBLIOGRAFIA	177

1. INTRODUÇÃO

Uma andorinha não faz verão. Um usurário no purgatório não faz o capitalismo. Mas um sistema econômico só substitui outro ao fim de uma longa corrida com obstáculos de toda espécie. A história são os homens. Os iniciadores do capitalismo são os usurários, comerciantes do futuro, comerciantes que, desde o século XV, Leon Battista Alberti¹ definirá como do dinheiro. Esses homens são cristãos. Não foram além dos primeiros passos do capitalismo por medo das consequências terrestres da condenação da usura pela Igreja, mas por um outro medo, o medo angustiante do inferno. Numa sociedade na qual toda consciência é uma consciência religiosa, os obstáculos são em primeiro lugar – ou em último – religiosos. A esperança de escapar do inferno graças ao purgatório permite ao usurário fazer com que a economia e a sociedade do século XIII caminhem no sentido do capitalismo (Le Goff, 1924: 115).

O historiador francês Jacques Le Goff, em seu livro “A Bolsa e a Vida”, toma a figura do usurário como precursora do sistema econômico capitalista. O usurário, visto como demônio, era o indivíduo que utilizava práticas condenadas pela Igreja para conquistar a riqueza por meio do exercício da usura, um valor imposto sobre o poder aquisitivo sem relação com a produção (Le Goff: 1924: 22). Ao mesmo tempo, a existência do usurário servia como aparato capaz de lembrar aos cristãos a existência do purgatório e do inferno.

Assim como o usurário, o especulador é um sujeito demonizado, visto como ganancioso e corrupto, que visa a auferir lucro para satisfazer seus prazeres individuais. Em contraponto, a imagem do investidor está mais associada a aspectos positivos, já que ele não está preocupado com a obtenção de lucros nas flutuações do mercado, pois acredita no futuro das empresas e no seu crescimento (Le Goff, 1924; Müller, 1997).

Essas são as definições do senso comum que prevalecem sobre o especulador e o investidor. Embora não haja uma fronteira definitiva entre as duas figuras, é possível notar que, historicamente, suas definições caminharam por vias opostas: uma seguiu o caminho do bem (investidor) e a outra, o do mal (especulador).

¹ Segundo o livro “Ao contrário do que possa parecer Leon Battista Alberti (Gênova 1404-Roma 1472) não era um teórico da economia. Nesse terreno, deixou apenas algumas considerações. Humanista e arquiteto, escreveu tratados de pintura e de arquitetura. É considerado o primeiro grande teórico das artes do Renascimento. Traçou planos e elaborou maquetes para edifícios de Rimini (templo Malatesta), Florença (palácio Rucellai), Mântua (igreja de São Sebastião)”. A Bolsa e a Vida. (Le Goff, 1924: 115).

O investidor como figura positiva ganha cada vez mais notoriedade e aparece nos noticiários que relatam o extraordinário desempenho da bolsa de valores, que atrai a atenção de muitos brasileiros e extrapola as seções de economia, invadindo as áreas de política, entretenimento, curiosidades, etc. As matérias propagam os bons ares do mercado de capitais brasileiro e, com uma linguagem mais simples, explicam, de forma didática, a sua importância e o seu funcionamento, incentivando indivíduos a se tornarem investidores. Entretanto, caso ocorra qualquer escândalo ou crise vinculados às mazelas do mercado acionário, a culpa recai na figura e na atitude gananciosa dos especuladores.

Um quarto do volume financeiro negociado na Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa) em 2006 saiu da carteira de “pessoas comuns”, ou seja, gente com pouco conhecimento em finanças e desejo de ganhar dinheiro no longo prazo. As perspectivas para o futuro próximo - com taxa de juros em queda e economia em ascensão - também são boas. Por isso, vale a pena entender como comprar e vender ações, uma operação bem mais simples do que os tumultuados e já superados pregões da bolsa faziam supor².

Os agentes do mercado financeiro que surgiram, mais especificamente, na última década, buscam aliar conhecimento acadêmico, experiência pública e mesmo a vivência profissional para apresentar o comportamento do mercado e suas tendências, a fim de discutir os possíveis rumos do mercado de capitais, do crescimento econômico do país e da possibilidade de enriquecimento pessoal, como exemplifica o trecho acima.

Esse momento de euforia vivido pelo mercado brasileiro confere destaque à modernização da Bolsa de Valores de São Paulo, atual BM&FBovespa, que passou do pregão viva-voz para o sistema eletrônico – uma tendência mundial de modernização dos mercados, como também, às campanhas de popularização do mercado financeiro desenvolvidas tanto pela Bolsa quanto por instituições e associações vinculadas aos mercados de capitais. Tal tendência também é destacada como responsável pelo crescimento e pelo aumento da diversidade de produtos e serviços financeiros oferecidos aos pequenos investidores, que podem acessar e participar do mercado sem precisar sair de casa – via *home broker*.

² Como investir na Bolsa de Valores. Seção Online, Revista Veja, 05/2007. In: http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/perguntas_respostas/bolsa_valores/index.shtml

Os anos de 2002 a 2010, apesar de enfrentar um período de crise financeira, testemunharam o crescimento do mercado financeiro que passou de 85 mil pessoas para 600 mil investidores (pessoa física), segundos dados da própria Bolsa. Com base nisso, é possível também observar uma mudança de atitude, dos indivíduos, os quais deixam de guardar o dinheiro na então caderneta de poupança para investir nos mercados de capitais. Isso significa, uma mudança cultural que, por incrível que pareça, foi preconizada pelos próprios agentes do mercado financeiro (Grün, 2009), e, de certa forma, constitui o que alguns teóricos atualmente chamam de financeirização da economia (Thrift, 2008; Martin, 2002; Erturk *et al.* 2008; Preda, 2006).

Depois de mais de quatro décadas de trabalho para construir uma carreira e um patrimônio, o engenheiro Marco Silva, 66 anos, decidiu apostar em um mercado de alto risco. Acostumado com investimentos tradicionais, como a caderneta de poupança e o setor imobiliário, ele passou a destinar, há dois anos, parte de seus recursos para a compra de ações listadas na Bolsa de Valores de São Paulo (BM&FBovespa). O caso de Silva é apenas um pequeno recorte de uma geração que, ao ver a expectativa de vida saltar de 62,6 anos para 73,5 anos desde 1980, enxergou a possibilidade de realizar aplicações de longo prazo e ter ganhos maiores mesmo após a aposentadoria. É uma nova terceira idade que mudou pensamentos e hábitos. No passado, ao chegar a essa faixa etária, depois de tantos planos concretizados, os brasileiros entendiam que não tinham mais que poupar e se empenhar em realizar projetos, sobretudo correndo o risco de perder parte do patrimônio amealhado ao longo de décadas de trabalho duro, como no caso do mercado acionário, muito sensível a qualquer intempérie na economia. A mudança de postura é retratada pela BM&FBovespa. O número de investidores com mais de 56 anos cresceu 27,7% entre dezembro de 2009 e novembro de 2011, de 124.652 para 159.237³.

De acordo com o trecho acima e, partindo do pressuposto de que os brasileiros, historicamente, apresentam como disposição econômica manter o dinheiro em cadernetas de poupança ou aplicar em “ativos reais” – mais especificamente, bens tangíveis como imóveis, terrenos urbanos, etc⁴. E, considerando que, recentemente,

³ Ver reportagem: Sem medo, eles encaram o sobe e desce da bolsa. Cristiane Bonfanti. Correio Braziliense, 06/01/2012.

⁴ Vale lembrar que existem inúmeros estudos que abordam questões relacionadas às mudanças culturais, observadas a partir do avanço do sistema capitalista e da modernização e, que acabam refletindo uma história da disposição econômica dos brasileiros. Aqui cabe fazer referência a Antonio Candido e seu livro “Os Parceiros do Rio Bonito” que retrata as mudanças do cotidiano caipira diante da expansão capitalista. A cultura caipira ao ser pressionada pela modernização cria seus canais de resistências, mas de todo modo, acaba sendo descaracterizada com o avanço da economia capitalista. Da mesma forma, também

estamos presenciando o crescimento da Bolsa de São Paulo e, conseqüentemente, há um aumento do número de investidores individuais na última década⁵.

Neste caso, somos levados a pensar, de modo geral, como o mercado financeiro vem se popularizando, isto é, cabe indagar: – Quem são os promotores do mercado financeiro? O que leva os indivíduos a investirem no mercado de ações e assumirem tais riscos? A partir dessas questões, o objetivo deste trabalho consistiu em compreender o avanço do mundo das finanças no país e mapear os agentes responsáveis, bem como as estratégias empregadas para atrair novos indivíduos para os circuitos dos mercados, estimulando-os para a possibilidade de se tornarem investidores, isto é, incentivando-os a adoção de práticas econômicas que vão além da poupança⁶.

Uma primeira evidência, que colaborou para o desenvolvimento da pesquisa, surgiu durante uma entrevista com um acionista na então sede da Bovespa, o qual tentou explicar o funcionamento da bolsa de valores e como diferenciar bens ativos e passivos a partir da história de um livro – “Pai Rico, Pai Pobre”, como demonstra a citação abaixo.

podemos resgatar Florestan Fernandes, em especial, “A Revolução Burguesa” que apresenta o surgimento do tipo social do burguês, no qual demonstra historicamente como o “capitalismo”, ou melhor, a ordem social competitiva perpassou por sistemas como o escravocrata e atingiu a oligarquia no Brasil, apresentando assim, como a sociedade agrário/exportadora, a escravidão e o sistema monárquico são características de permanência e que, gradativamente, foram cedendo espaço aos valores e comportamentos burgueses. Deste modo, segundo Florestan, assistimos a um tipo retardado de revolução burguesa, que concilia potencialidades econômicas, sociais e políticas dos países hegemônicos, das burguesias nacionais dependentes e de um Estado burguês ditatorial que, de certa forma, convergem na defesa do capitalismo. Assim, a revolução burguesa aconteceu e não afetou apenas os modos de produção, mas motivou novos atores sociais que emergiam naquele momento, isto é, o antigo regime e a velha ordem econômica abriram espaço para o despertar do raciocínio econômico capitalista. Porém, Florestan aponta, a todo o momento que, a revolução burguesa brasileira vai além dos modelos clássicos de revolução, no qual o desenvolvimento impulsionado pelo capitalismo implica, de certo modo, autonomia econômica, sociocultural e política. Assim, Florestan busca analisar as rupturas e continuidades desse processo durante o período de constituição da ordem burguesa no país. Enfim, os trabalhos de Candido e Florestan ilustram a formação e reorganização do *habitus* econômico do brasileiro, no qual práticas econômicas são construídas, moldadas e tornam-se naturais na sociedade, constituindo-se com suas peculiaridades. Portanto, vale enfatizar que esse trabalho busca compreender o avanço atual do mundo das finanças, no qual consultores financeiros, que surgiram recentemente, estimulam a prática do planejamento financeiro pessoal, que perpassa pela formação da poupança e a possibilidade de investimento em bens ativos.

⁵ Como exemplo, ver reportagem. Mercado para todos. Portal G1. 09/09/03.

⁶ Vale ressaltar que, no Brasil, já presenciamos períodos de euforia, em que houve *boom* de investimentos na Bolsa de Valores. Por exemplo: a época do Encilhamento, final do século XIX, retratado por Machado de Assis, como também, o início dos anos setenta e a segunda metade da década de oitenta do século XX. Entretanto, essa pesquisa busca compreender o fenômeno atual, no qual surgem tanto os consultores financeiros quanto o movimento da educação financeira, que incentiva os indivíduos a (re)pensar as práticas econômicas cotidianas.

Já leu um Livro chamado “Pai rico, Pai Pobre”? (...) É um garoto que desde pequeno ele teve um pai e um pai de um amigo, o pai dele era um professor e o pai do amigo era um negociante, um cara que vivia de oportunidades. Os dois meninos eram considerados pobres, consequentemente, eles queriam aprender a ficar ricos. Foram ao pai do menino professor, não conseguiram nada. Foram ao pai do amigo e conseguiram alguma lição de vida, sobre como investir, e o que é riqueza. (...). Eu digo aos meus filhos, assim, riqueza não é dinheiro no bolso, riqueza é ativo, bens que geram rendas para cobrir suas despesas e ainda sobrar um pouco. Isso é riqueza, e ainda entra um componente maior — a racionalidade, raciocínio, você tem que saber o que é ativo, o que é passivo, o que é dividendo⁷.

Em princípio, nota-se que o campo da produção de textos sobre finanças pessoais, qualificadas como autoajuda financeira pela maioria das editoras brasileiras, é um caminho que se abre para esboçar o avanço das finanças no país. Entre o rol de livros publicados, observa-se a relevância de “Pai Rico, Pai Pobre – o que os ricos ensinam a seus filhos sobre dinheiro”, escrito por Robert Kiyosaki e Sharon Lechter, que ocupou a primeira posição na lista de *best-sellers* do *The Wall Street Journal*, *The New York Times* e *Business Week*.

“Pai Rico, Pai Pobre”, que também é considerado um marco na literatura de finanças pessoais no Brasil (Paula e Wood Jr., 2003), apresenta seis lições que, segundo os autores, ajudarão qualquer pessoa a enriquecer. Nele, o “Pai Rico”, que nunca concluiu o ensino médio, é quem vai ensinar os passos para a acumulação de riquezas. O livro procura estabelecer um modelo sobre a diferença entre ativo e passivo, sempre fazendo uso de dualidades, como demonstra os seguintes jogos de ideias: rico/pobre, inteligência/segurança, empreendedorismo/estabilidade, capitalista/socialista, razão/emoção. Foi possível constatar pela leitura do livro, o empenho dos autores em transformar a imagem do capitalista, especulador, homem de negócios, isto é, do rico, em um homem simplesmente inteligente, que sabe colocar o dinheiro a seu próprio serviço, não se tornando, assim, seu escravo. O livro, portanto, é um bom exemplo de como os indivíduos são chamados para a mudança de hábitos econômicos, funcionando como uma espécie de “guia cultural” que busca orientar as práticas econômicas de indivíduos e famílias.

⁷ Pesquisa de campo realizada pela autora deste projeto, com acionistas na sede da Bovespa, em Abril 2006, como etapa da pesquisa de mestrado. Pode-se também considerar essa etapa como uma fase da pesquisa exploratória para a realização do projeto de doutorado.

Em geral, nota-se que, nos textos sobre finanças pessoais, há sempre a preocupação com a criação da imagem do homem rico, que geralmente é elucidado como um investidor, um ser racional; nesse sentido, o objetivo é combater as características do “Pai Pobre”, que procura a segurança e carece de espírito empreendedor. Assim, as características que compõem o indivíduo “desviante” no mundo das finanças – o “Pai Pobre”, aquele que não empreende, não investe, não assume riscos, enfim, o ator passivo – são construídas socialmente e tidas como naturais.

Nesse segmento literário, o lançamento do “Guia Exame de Investimentos Pessoais” (2006) é considerado outro marco empírico com relação à expansão das finanças no Brasil. A edição de estreia apontou os livros mais lidos sobre finanças e investimentos: “Casais Inteligentes Enriquecem Juntos”, de Gustavo Cerbasi, obra brasileira que traz testes e dicas para avaliar a capacidade do casal de construir estratégias eficazes de planejamento para a conquista da riqueza; “Pai Rico, Pai Pobre para Jovens” e “Pai Rico em Quadrinhos”, dos mesmos autores de “Pai Rico, Pai Pobre”, que foca o público infantil e juvenil; e “Mulheres Boazinhas não Enriquecem”, de Lois P. Frankel, que ensina o público feminino a alcançar a independência financeira.

O segmento de finanças pessoais é um dos mais vibrantes do mercado editorial em todo o mundo. A cada mês surgem dezenas de novos títulos — sobretudo em economias mais desenvolvidas como a americana. Lá, como aqui, os investidores estão sedentos por **orientação** [grifo meu] - e, às vezes, por uma receita **mágica** [grifo meu] que os faça multiplicar seu dinheiro sem muito esforço ou risco. Claro, isso é pura ilusão. Mas há obras que, de fato, ajudam a jogar luzes no complexo mundo das finanças pessoais⁸.

Essa explosão de livros sobre finanças pessoais também marca o surgimento de um circuito de consultores financeiros para indivíduos e famílias, no Brasil, que vem crescendo vertiginosamente em todo o mundo. Os consultores mais famosos se tornam figuras frequentes nos diversos órgãos da mídia, além de venderem com muito sucesso livros e palestras sobre o assunto. Vale destacar que a maioria dos livros sobre finanças pessoais escritos por esses consultores é classificada como autoajuda financeira no

⁸ A biblioteca de quem quer ficar muito rico. Guia Exame de Investimentos Pessoais. Editora Abril. Setembro, 2006.

Brasil; e essa classificação estabelecida, principalmente, pelas livrarias cria uma verdadeira taxonomia por meio da qual o indivíduo passa a ver as finanças e a autoajuda sob uma mesma esfera.

De modo geral, esses consultores, considerados “gurus” das finanças, procuram guiar os indivíduos rumo à mudança de hábitos relacionados com investimentos, já que anteriormente, as receitas tradicionais de investimentos em “ativos reais” não passavam pelo sistema financeiro. Atualmente, tais gurus ensinam que os verdadeiros investimentos são aqueles realizados no setor financeiro, através dos bancos e das empresas financeiras, como corretoras de valores mobiliários ou mesmo clubes de investimentos, e estabelecem a diferença entre poupar e investir. Isto é, para poupar é necessário seguir um planejamento financeiro, reduzir gastos e fixar metas; já investir é empregar o montante poupado em aplicações que rendam juros ou outras formas de remuneração, que levam à independência financeira. Além do mercado editorial da autoajuda financeira, também se tornou atraente mapear os consultores financeiros e suas atividades na sociedade brasileira, pois esse percurso permite uma compreensão de como tais atores são capazes de atrair novos adeptos para o mundo das finanças.

1.1 Organização da tese

Esse trabalho está estruturado em seis capítulos. O primeiro é a introdução. No segundo capítulo é apresentada uma breve revisão teórica da evolução das práticas de especulação e investimento que desembocam no debate sobre a financeirização, visando a demonstrar o processo de transformação do imaginário negativo que pairava sobre o mercado em atividade positiva. Isso dá sustentação teórica para a pesquisa empírica, que será apresentada nos capítulos seguintes.

No terceiro capítulo, antes do esboço da parte empírica, são apresentados uma revisão bibliográfica sobre a autoajuda e um levantamento sobre as pesquisas já existentes no Brasil com o intuito de definir esse conceito e esquematizar os limites e os efeitos da incorporação e do emprego de técnicas fornecidas pelos modelos de autoajuda que agregaram elementos analíticos para o desenvolvimento da pesquisa de campo.

Já o quarto capítulo descreve o mapeamento da pesquisa empírica realizada, apresentando o universo de oferta de ideias, isto é, seus principais atores (instituições e agentes), seus objetivos e seu papel no avanço do mundo das finanças. Nesse sentido,

foi realizado um estudo sistemático do campo das ideias ofertadas, assim como pesquisas de campo e algumas entrevistas. Nesse capítulo, também, se procurou esboçar a trajetória/história de vida de alguns agentes considerados peças-chave para a pesquisa. Assim, quando possível e necessário, foram enfatizadas as características individuais de alguns atores envolvidos no projeto. Em seguida, a parte empírica concentrou-se na apreciação dos livros e outros materiais do ramo das finanças pessoais que prescrevem as “receitas” para o investimento e dão concretude para a constituição do “guia cultural”. A leitura dos livros foi eventualmente complementada pelo conteúdo das palestras ministradas pelos consultores financeiros e por uma breve análise da sua clientela.

Ainda como segundo plano da parte empírica, foi realizado o mapeamento das associações e instituições criadas em prol do mercado de capitais que se formam ou mesmo se recriam para legitimar tal movimento no Brasil, como os intermediários financeiros e demais agentes envolvidos na expansão do mercado das finanças pessoais; em seguida, foi feita uma comparação de seus recursos (estratégias) e iniciativas de socialização (por exemplo, clubes de investimento, escolas de investimentos, websites, etc.). Destacam-se, em especificamente, o papel da Bolsa de Valores de São Paulo e a campanha de sua popularização, personificada na figura do ex-presidente Raymundo Magliano Filho, e a função das corretoras de valores mobiliários nesse cenário.

No decorrer da descrição da pesquisa de campo, foi necessário levantar uma bibliografia que abordasse questões como empreendedorismo, educação financeira, consumo conspícuo, endividamento – de modo geral, temas econômicos que perpassam a vida cotidiana de indivíduos e famílias. Tais leituras foram incorporadas de acordo com o surgimento das temáticas, com o objetivo de realçar como tal dinâmica, deflagrada pelos gurus, configura o mundo das finanças. Assim, notou-se a importância que a educação financeira ganha na sociedade brasileira e como ela se constitui um trunfo social compartilhado por diversos agentes e grupos de diferentes instâncias sociais.

Em seguida, alguns paralelos foram traçados para se discutir o papel da incorporação de técnicas que não apenas introduzem os indivíduos no mundo das finanças, mas que também podem alterar suas práticas e crenças, integrando-os às demais redes de socialização. Nessa etapa do trabalho, já é possível notar que, cada vez mais, o mundo das finanças penetra em esferas sociais e atrai inúmeros adeptos, os quais passam a frequentar eventos sobre finanças, ao mesmo tempo em que gurus

financeiros ministram palestras em igrejas, empresas e seus livros são vendidos no ‘boca a boca’ por revendedoras de empresas de cosméticos.

Para finalizar, esboçou-se uma discussão que enfoca a existência de um “nicho cultural” na sociedade brasileira que é conduzido por uma segunda natureza, configurada pela ética do familialismo; isto é, o mundo das finanças ganha legitimidade ao atuar como uma espécie de moralizador de indivíduos e famílias, penetrando por setores antes inimagináveis e trazendo implicações simbólicas e cognitivas para a sociedade.

1.2 Uma nota sobre a pesquisa empírica

Em primeiro lugar, foi realizado um estudo sistemático dos livros de finanças pessoais, o que pode ser considerado um procedimento de coleta de dados, que se deu pela procura dos livros nos sites da Internet e eventos nos quais foram realizadas as pesquisas de campo. Desta forma, a quantidade de livros relacionados ao fenômeno da área de finanças pessoais é “colossal”⁹; por essa razão, optou-se pela seleção dos livros que fazem parte da Coleção Expo Money e alguns outros de autoria dos palestrantes que também estão circunscritos à esfera da Expo Money¹⁰.

Em seguida, foi feito um mapeamento das principais corretoras de valores mobiliários que focam a pessoa física, os clubes de investimentos, as escolas de investimentos, sites e blogs. Também foram realizadas pesquisas de campo na Bolsa de Valores de São Paulo, com relação aos projetos de popularização do mercado; no Sétimo Encontro da Sociedade Brasileira de Finanças; na Expo Money (2007, 2008 e 2010); na Expo Traders¹¹, palestra “Introdução ao Mercado de Capitais”, na Corretora Ágora; e palestras sobre “Finanças Pessoais” que aconteceram esporadicamente na

⁹ Desenvolvimento de carreira e finanças pessoais foram os temas mais vendidos em 2007, segundo levantamento feito pela Folha de São Paulo, em grandes livrarias do país. A Câmara Brasileira do Livro não estima quantos são os livros específicos na área de finanças pessoais, mas, segundo os organizadores da Bienal do Livro em 2006, estavam presentes 320 editoras, das quais algumas já bastante conhecidas por produzir literatura na área de finanças pessoais. A maior delas é a Editora Campus/Elsevier, que tem a coleção completa do “Pai Rico, Pai Pobre”, entre outros autores brasileiros.

¹⁰ A Expo Money é o maior evento de educação financeira do país. Aqui, também, vale reforçar que, o procedimento para a escolha dos livros ficou circunscrito à Expo Money, porque os autores de finanças pessoais brasileiros, que figuraram as listas dos “mais vendidos”, durante a realização da pesquisa, fazem parte do circuito Expo Money.

¹¹ É um evento organizado pela escola de investidores “Trader Brasil – aperfeiçoando investidores”.

cidade de São Carlos. Em determinadas ocasiões, alguns consultores e leitores de livros de finanças pessoais foram entrevistados.

Durante o desenvolvimento da pesquisa, notou-se que apenas um estudo localizado sobre o caso brasileiro não permitiria atingir completamente os objetivos deste trabalho. Por isso, tornou-se necessário observar as influências internacionais, especialmente as norte-americanas, o que ocorreu por meio de um estágio de doutorado nos Estados Unidos (2009-2010), já que, evidentemente, toda a relação estabelecida para a criação do ideário de investimento no Brasil sofre uma influência daquele país. De certo modo, este estudo abrange a adaptação de formas culturais para diferentes realidades econômicas.

O tratamento de diversas fontes permitiu alcançar o conjunto de pontos de vista e posições que configuram um espaço social e, por sua vez, possibilita compreender os atores, as ações, as motivações e os laços de interdependência entre os agentes que performam o social. Assim, a confluência de diversas fontes se torna relevante para a reflexão sobre a existência de valores morais, culturais, simbólicos e sociais presentes na sociedade, que se configuram e reconfiguram, expressando a singularidade de cada local.

2. DA FIGURA DO ESPECULADOR AO INVESTIDOR

We see ourselves as small shareholders, as critical shareholders as shareholders of ethical businesses, or of venture firms. We are against grand speculators, or dream of becoming one someday; we follow price movements every day, or only now and then, trade online, or go to a trusted broker, watch the news, look at price charts, discuss the market with friends, and so much more. Contemporary capitalism would not be the same without the investors (Preda, 2006: 141).

Neste capítulo será apresentada uma breve revisão teórica da evolução das práticas de investimento, que se estende da figura do especulador como vilão, passando pela legitimação das práticas de “especulação” ditas científicas até a vertente teórica da financeirização, que orienta o debate acadêmico socioeconômico sobre o mundo das finanças atualmente. Este item visa a resgatar o processo de transformação do imaginário negativo de acumulação individual e ambição que pairava sobre o mercado em atividade positiva, como também, procura fornecer elementos teóricos para a realização da análise empírica que tenta mapear a formação do mundo das finanças no Brasil recente¹².

A particularidade atribuída ao mundo das finanças está, mais especificamente, ligada à bolsa de valores que, por sua vez, vem associada à ideia de riqueza instantânea e escândalos, bem como é alimentada pela figura do especulador, atraído pela ganância e pelo risco. De modo geral, a imagem das bolsas é configurada por valores que vão além da sua função puramente econômica (Müller, 1997).

Historicamente, algumas religiões sempre se posicionaram contra os indivíduos que visavam ao lucro sem precedentes. Toda a atividade que envolvia a usura, isto é, a cobrança de juros em excesso e a falta de vínculo com a produção, deveria ser condenada, já que os sujeitos, em tese, se preocupavam mais com o dinheiro que com sua própria família e religião. O usurário era condenado pela Igreja porque ele não ganhava a vida pelo seu próprio suor, mas sim, através do tempo, elemento que pertence a Deus (Le Goff, 1924). Entretanto, os indivíduos poderiam garantir a salvação caso se

¹² Vale lembrar que, a transformação da imagem negativa em positiva dos especuladores não é uma tendência única, também, existe e sempre existiu um movimento contrário; atualmente, o maior exemplo é o movimento *Occupy Wall Street*.

redimissem. Segundo Le Goff, os usurários eram constrangidos a escolher entre a bolsa e a vida, dilema que dá o título ao seu livro. “Ao usurário diziam a Igreja e os poderes leigos: Escolha: a bolsa ou, a vida. Mas o usurário pensava, o que eu quero é a bolsa e a vida” (Le Goff, 1924:83).

Este fato contribuiu para fortalecer a relação entre a figura do especulador e a imagem de homem do mal, analogia que, até hoje, pode ser observada: basta recuperar a imagem veiculada em torno de megaespeculadores como George Soros e Naji Nahas (Grün, 2004), os quais, muitas vezes, são associados às figuras de capitalistas agressivos, que não trabalham para viver e não vivem da produção, mas sim da especulação¹³.

Atualmente, é possível encontrar capitalistas ofensivos que, como financistas, ocupam a posição de plutocratas na sociedade brasileira, isto é, um indivíduo ou um pequeno grupo que é capaz de manipular os espaços econômicos e corromper certos políticos de acordo com seus interesses, graças ao poder do dinheiro e da sua desfaçatez (Grün, 2007b). Recentemente, no Brasil, a figura mais atacada de capitalista, refletido na imagem de financista, é personificada pelo banqueiro Daniel Dantas, segundo Grün (2007b).

Neste sentido, vários estudos acadêmicos revelam como o imaginário sobre o mercado financeiro, mais especificamente a bolsa de valores, seus personagens e suas ações são construções sociais que figuram em diferentes momentos e eventos da história do capitalismo, ora como importantes protagonistas ora como vilões e causadores de escândalos e das principais crises econômicas.

Como se sabe, o mercado, mais especificamente a bolsa de valores, desde os escritos de Weber, alimenta certa ilusão associada à ideia de riqueza e dinheiro. Para o referido autor, a bolsa nada mais é do que “uma organização do comércio por grosso modo moderno, indispensável à vida econômica atual pela mesma razão que levou ao desenvolvimento das transações comerciais modernas” (Weber, 1894: 58). Entretanto, mesmo que a bolsa figure no imaginário social ligada, em grande medida, aos escândalos, subidas e quedas, ou às crises que ocorrem na trajetória dessa instituição, ela não deixa de ser a principal referência, como o modelo de explicação do mercado, uma alusão concreta para a compreensão do capitalismo e que, facilmente, é encontrada

¹³ O movimento *Occupy Wall Street* tem como um de seus objetivos protestar contra os homens mais ricos do mundo, entre eles – investidores de *Wall Street*, como George Soros. Ver reportagem: Quem está por trás dos protestos contra *Wall Street*? Revista Época, 13/10/2011.

na maioria dos livros e manuais de economia (Müller, 1997; Pinho e Vasconcellos, 2004).

A especulação financeira¹⁴, segundo Zaloom (2006), teve início na Europa Medieval, onde os carnavais ocasionados por quaresma ou outros eventos culturais faziam parte dos raros espaços sociais em que a atividade econômica com fins lucrativos era liberada. Nessas ocasiões, ações de empresas comerciais podiam ser vendidas juntamente com títulos municipais e bilhetes de loteria, o que contribuiu, em um primeiro momento, para fortalecer a ligação entre especulador e jogador. Esses eventos eram caracterizados pela forte participação popular, que tinha como crença conquistar a liberdade que advinha do sucesso econômico (Chancellor *apud* Preda, 2006).

Durante uma entrevista com um investidor pessoa física, a qual compõe uma das fases da pesquisa empírica deste trabalho (Expo Money, 2010), o informante descreveu o que entende por especulação e por que algumas ações de empresas, muitas vezes, atingem preços exorbitantes. Para tanto, ele ilustrou a conversa apresentando o caso do mercado das tulipas, que ocorreu em Amsterdã, no século XVII. As tulipas vindas do oriente viraram “mania” entre os holandeses, e tamanha valorização fez os produtores fecharem contratos futuros; assim, a cada ano, o preço da tulipa inflacionava e alcançava valores elevadíssimos. Após alguns anos, porém, a bolha do mercado das tulipas estourou e os investidores perderam muito dinheiro. Entre investidores e profissionais do mercado, esse caso sempre é usado como referência para definir e exemplificar os limites e abusos da especulação financeira e, recentemente, foi resgatado por muitos economistas e jornalistas para ilustrar as causas e os efeitos da crise financeira que eclodiu em 2008¹⁵.

Segundo Cardoso (2002), dados históricos revelam que na mesma época, por volta da segunda metade do século XVII, foi escrita a primeira peça de ficção a respeito da bolsa de valores por Joseph de la Vega em Amsterdã. O autor escreveu uma espécie de manual de finanças, “Confusion de Confusiones”, no qual apresenta uma conversa

¹⁴ Aqui, é interessante fazer uma breve comparação do significado da palavra especulação nos dicionários de língua portuguesa no Brasil que, em sua maioria, definem a especulação tanto como um “negócio em que uma das partes auferir lucros excessivos, explorando a boa-fé da outra”, quanto como uma “operação comercial sobre bens móveis ou imóveis com o fim de obter lucro em dinheiro”. Isto posto, a própria definição encontrada apresenta uma variação que vai de uma imagem negativa de exploração do lucro a uma simples atividade comercial.

¹⁵ No século 17, tulipas deixaram Amsterdã à beira da bancarrota. Maurício Moraes. Folha de São Paulo. 21/09/2008.

cômica entre um filósofo, um comerciante e um acionista sobre o mercado de ações e sua dinâmica. Isto posto, observa-se que as fantasias e sátiras associadas à bolsa de valores e seus figurantes estavam presentes desde seu surgimento e continuam até os dias atuais.

Na Europa, o século XVIII foi marcado, mais precisamente, pelo forte entusiasmo em especular, o que ocasionou períodos de grande euforia seguidos de bolhas especulativas e, conseqüentemente, momentos de calma econômica. Foi neste período que se introduziu e legitimou o conceito de “bolhas”. Kremp (2008), ao traçar a evolução dos determinantes do mercado de ações, enfatiza que, historicamente, períodos de bolha e seu subsequente colapso são responsáveis por alterar a percepção dos agentes que participam do mercado de ações. Assim, o autor explica que a participação no mercado de ações e a tomada de risco financeiro são, em parte, determinadas tanto pelas posições sociais quanto pelas disposições econômicas estáveis dos indivíduos. No entanto, em 1867, com o avanço da tecnologia da comunicação e, principalmente, com o surgimento do *ticker*, uma espécie de teleimpressor de cotação da bolsa, o mercado financeiro criou uma dinâmica ainda mais sedutora, pois o referido instrumento possibilitou que a informação e o capital caminhassem de “mãos dadas” entre os mercados mundiais, atraindo novos investidores e dando ares de racionalidade ao mercado (Preda, 2002; Hochfelder, 2006).

O teleimpressor tornou visível o fluxo dos preços em tiras de papel, da mesma forma que a tela do computador dá visibilidade às negociações nos dias de hoje e altera toda a dinâmica do mercado, modificando as práticas de investimento, o papel dos profissionais, entre outras atividades e funções relacionadas ao mercado financeiro. Dito de outro modo, a introdução de novas tecnologias no mercado modifica o formato das operações e ações que passam a atuar de maneira distinta de épocas anteriores, fenômeno estudado atualmente por autores que analisam a performatividade dos mercados (Mackenzie e Millo, 2003; Callon, 2005).

A visibilidade do mercado, entretanto, sempre esteve associada à ideia de participação. Isso alimenta o imaginário social com ideias de que, com o avanço da tecnologia e métodos de análise, os indivíduos podem observar o desenrolar “ao vivo” do mercado (Zaloom, 2006), reforçando o conceito de que o mercado é global e aberto a todos os cidadãos. Historicamente, tal ideário teve início com a formação dos *bucket shops* (Preda, 2002), como exemplifica a citação abaixo.

Bucket shops, a direct outgrowth of the ticker, provided the only venue for the million to participate in financial markets. By broadcasting stock and commodity quotations to thousands of bucket shops, the ticker made speculation a popular activity. Whereas speculation had typically been the province of the wealthy or well-connected, by 1880 ordinary men (and sometimes women) could step into a bucket shop and speculate in stocks or grain (Hochfelder, 2006: 02).

Foi com o avanço de dados científicos e com o uso de tabulações estatísticas, no entanto, que o mercado financeiro começou a ser visto como atividade econômica legítima. *“Financial study and scientific endeavor became a way for speculators to assert their productiveness and intelligence in the face of growing opposition to their traders as fraudulent and gambling”* (De Goede, 2005: 125).

A partir do final do século XIX, com a chegada do *ticker* e com o avanço do fluxo de informação em nível mundial, o especulador passou a figurar como um agente racional, deixando de ser um jogador passional para se tornar um investidor: ele começou a basear suas apostas em dados objetivos e científicos, o que foi propiciado pelo progresso dos estudos sobre métodos de análises do comportamento dos mercados que começaram a surgir naquele momento. Isto é, tais fatos demonstram como foi se estabelecendo a construção social da figura do investidor em oposição ao especulador.

Preda (2006) relata que a figura do investidor não é recente, pois ela existe desde o surgimento do mercado financeiro em Amsterdã, Londres e Paris, entre o final do século XVII e início do século XVIII. Entretanto, nessa época, o ato de investir era claramente visto como uma atividade não econômica e que não contribuía para o enriquecimento da nação; por isso a ideia da especulação prevalecia associada ao funcionamento do mercado, e não tinha ligação direta com o desenvolvimento de atividades produtivas. Segundo Preda (2006), somente na metade do século XIX, com a expansão das companhias de redes ferroviárias, engenheiros passaram a desenvolver guias, panfletos e manuais em larga escala com detalhes que revelavam como os cidadãos poderiam “investir” suas economias e contribuir para o desenvolvimento do país. Nesse momento, os engenheiros eram responsáveis tanto pelos aspectos técnicos e econômicos das empresas ferroviárias, como também, tinham a função de elaborar modelos matemáticos que, ao mesmo tempo, fornecessem elementos científicos para a análise do mercado e contribuíssem para o avanço da microeconomia. Essa dinâmica impulsionou a aproximação entre a ciência financeira e o conhecimento popular sobre

investimentos financeiros, quando alguns elementos centrais da teoria econômica começaram a ser reformulados para a elaboração de manuais, que tinham como objetivo atrair investidores populares, isto é, cidadãos comuns com capacidade de poupar e investir nas empresas que precisavam de recursos para expandir suas atividades. Para Preda (2006), a difusão desses manuais e guias foi fundamental para a transformação das percepções sobre o mercado financeiro e trouxe mudanças cognitivas com relação ao que é especulação e investimento. A ideia de que o mercado é conduzido por um grupo de especuladores foi substituída pela lógica de que o mercado pode ser analisado por meio de leis de probabilidades. Nesse momento, teve início a fase de codificação da crença do jogo nas bolsas de valores, ou seja, a noção de especulação ressignificou a de investimento e tornou-se um direito social básico, próprio da natureza humana dos indivíduos (Preda, 2006).

Segundo Hacking (1995), somente após 1650, a palavra probabilidade adquiriu o significado que usamos hoje, isto é, a forma na qual eventos aleatórios se encaixam em modelos previsíveis, ou ainda, estimativa da possibilidade de algum episódio acontecer ou não. Vale ressaltar que, nesse contexto, a noção de risco passa a tornar-se própria da vida do indivíduo, segundo Douglas (1992), pois o risco está intimamente relacionado com a incorporação cultural da noção de probabilidade. A autora considera que o risco é a maneira moderna de avaliar o perigo em termos de probabilidade, em um contexto de incerteza e instabilidade.

Assim, Preda (2009) revela que o desenvolvimento de técnicas de análises de mercado, ditas científicas, foi importante para a legitimação tanto do mercado quanto do investidor, como atividade e ator racional. Nesse contexto, o autor argumenta que a formação histórica de formas conflitantes dos conhecimentos especializados, que surgiram para analisar o mercado, como a análise técnica, a fundamentalista e, de certa forma, a economia financeira, foram responsáveis por oferecerem visões autônomas de interpretação do mercado. Contudo, tal concorrência objetiva entre as áreas fortaleceu a ideia de que o mercado não é governado por emoção, caprichos e intrigas, mas sim, por leis objetivas, orquestradas pela racionalidade científica¹⁶.

¹⁶ A diferença entre análise fundamentalista e técnica será retomada no decorrer deste trabalho. Para fins de esclarecimentos gerais, grosso modo, a análise fundamentalista busca conhecer o potencial de ganho e crescimento de uma empresa dentro do seu setor de atividade e da economia em geral e, em função deste quadro, o indivíduo é capaz de tomar uma decisão de investimento. Já a análise técnica busca detectar padrões de movimentos a partir da análise de gráficos dos preços passados das empresas para servirem de indicadores para tomadas de decisões de investimento, independente do setor de atividade da empresa e

Ao realizar uma genealogia do mundo das finanças, De Goede (2005) apresenta que a especulação condenada socialmente adquire uma função moral e econômica a partir do século XX, pois tem início uma separação entre a figura do jogador e a do especulador, a qual passa a ser sustentada pela lógica da racionalidade, atrelada à ideia de investimento que proporciona o bem comum.

Preda (2006) também destaca que respeitáveis figuras do século XIX contribuíram para legitimar o mercado financeiro, alegando que a noção de investimento é um direito natural intrínseco ao ser humano. Nesse sentido, o autor revela a importância de figuras que, a princípio, pareciam ser antagônicas ao desenvolvimento do mercado, mas que viam em tal atividade um caminho para a conquista da igualdade econômica e social. Um exemplo é o anarquista Proudhon¹⁷, o qual comparava o mercado de ações a uma arena para a conciliação dos interesses sociais e os conflitos de classe, já que tal atividade poderia permitir a livre associação de produtores; isto é, o mercado deveria ser visto como um local onde todos os participantes passariam a ter direito e liberdade para investir¹⁸. Esse percurso também pode ser observado no Brasil, cujo exemplo recente é o de Paulo Pereira da Silva, conhecido também como Paulinho da Força, sindicalista, político brasileiro e presidente nacional da Força Sindical. Segue abaixo um trecho de uma reportagem na qual ele declara a importância do mercado de ações para os trabalhadores e o futuro do país¹⁹:

É uma forma de **socializarmos o capitalismo** [grifo meu]. Se o trabalhador fizer parte dele, vai deixar de ver sua companhia como inimiga, pois passará a ser sócio dela. “Todo sócio trabalha mais e melhor, pois quer ver sua empresa crescer e ganhar mais com essa expansão”, aponta o presidente da Força Sindical, Paulo Pereira da Silva²⁰.

da economia em geral. Já a economia financeira está voltada para o estudo das operações no mercado financeiro, da avaliação dos ativos financeiros e da estrutura financeira das empresas.

¹⁷ Pierre-Joseph Proudhon, filósofo político e econômico francês, é considerado um dos mais influentes teóricos e escritores do anarquismo; algumas de suas obras publicadas abriram espaço para que ele fosse reconhecido como socialista utópico.

¹⁸ Essas convergências do passado permitem que associações aparentemente antagônicas sejam aceitas facilmente como naturais, já que hoje é possível falar de economia civil. É possível aprender com os movimentos sociais sobre como promover inovações nas empresas. Um exemplo disso é o livro “Os revolucionários dos negócios. Aprenda com os movimentos sociais a promover inovações na sua empresa”, de Hayagreeva Rao (Editora Gente, 2010), no qual o autor sustenta que as inovações não nascem da cabeça de pessoas geniais ou intelectuais, mas surgem com o advento de movimentos sociais.

¹⁹ Vale enfatizar que, estou reproduzindo os discursos dos agentes.

²⁰ Clubes de Investimentos estão na moda. [In: www.bovespa.com.br/revista/85beaba](http://www.bovespa.com.br/revista/85beaba)

No tocante a essa questão, Preda (2006) apresenta a relevância do conceito de figuração (Elias,1983) para enfatizar o processo de legitimação da figura do investidor e a atividade de especulação, revelando que os fatos sociais são criados concomitantemente tanto no nível individual como no coletivo, o que altera a estrutura e a dinâmica social e transforma as convenções cognitivas da sociedade. Assim, a legitimação das práticas de especulação não se reduz a uma evolução linear e mecânica, mas é um processo histórico lento, no qual diferentes atores e instituições disputam tanto objetiva quanto subjetivamente posições nos espaços sociais, para impor suas visões, as quais passam a naturalizar determinadas práticas nas sociedades.

No sentido aqui exposto, outro fato importante no percurso de legitimação do mundo financeiro ocorreu após a Segunda Guerra, quando a Bolsa de Valores de Nova Iorque (NYSE) lançou um ambicioso programa cultural para promover o mercado acionário entre os trabalhadores e a classe média. Nesse período, a imagem da NYSE ainda estava vinculada aos efeitos da crise de 1929, mas a época era ávida por inovações e havia grande expectativa entre os bancos e as instituições financeiras de promover o desenvolvimento econômico e expandir o consumo do crédito para aquecer a economia (Aitken, 2005).

O programa promovido pela NYSE consistia em desenvolver campanhas publicitárias e atividades educacionais, assim como elaborar produtos e projetos que incluía manuais, cursos de educação para adultos, planos de ensino para escolas públicas, filmes, televisão e rádio. Além disso, havia programas direcionados às empresas norte-americanas com o objetivo de incentivá-las a captar recursos financeiros oriundos do mercado acionário. Por meio dessas iniciativas, a NYSE tentou reverter a imagem negativa do mundo financeiro, principalmente aquela associada à crise financeira de 1929 (Aitken, 2005).

Segundo Aitken (2005), o programa era audacioso e previa a criação de um modelo para governar a economia em nome das finanças. O investimento de massa, de acordo com o projeto, deveria ser visto como um método democrático para obter capital, e, se inserido em toda a economia nacional, constituiria a base para a prosperidade econômica norte-americana, em contraste com a ideia de uma economia socialista, que ganhava força no outro continente. O trecho a seguir exemplifica essa questão.

Contrasting the ‘democratic’ practice of an economy owned by average Americans with the command economies of the Soviet Union allowed the NYSE to insert its image of a mass investment economy within a broader cold-war configuration. Advertisements, which Funston [G. Keith Funston, President of the NYSE from the end of World War II until the late 1960s, was the key champion of the share-ownership program and used the force of his personality and office to install it at the very center of NYSE priorities promoted with a particular interest, often inverted the language of socialized ownership by framing American capitalism in terms of mass ownership of economic life (Aitken, 2005: 348).

Dessa maneira, os programas criados pela NYSE foram desenvolvidos continuamente ao longo dos anos 50 e 60 do século XX, sempre referenciando o mundo financeiro como força significativa para a concepção de uma nova ordem econômica mundial (Aitken, 2005), em oposição ao avanço do ideário de uma economia socialista. Naquela época, falar em democracia e popularização do mercado se tornou essencial para atrair e conquistar a confiança da sociedade, garantindo, assim, a sobrevivência do modelo capitalista.

Vale ressaltar a importância da convergência da imagem do então presidente da NYSE com os programas educacionais desenvolvidos pela referida instituição, como apresentado na citação acima. Nesse sentido, os projetos de popularização da bolsa no Brasil estiveram fortemente vinculados à imagem do ex-presidente Raymundo Magliano Filho (2001-2009), os quais, “juntos”, deram início aos programas de popularização do mercado de capitais e da educação financeira voltados para a sociedade brasileira. Magliano Filho assumiu a presidência da Bolsa de Valores de São Paulo em 2001 e tinha como objetivo aumentar a participação da pessoa física no mercado de capitais: “Partimos do princípio que o brasileiro não sabe o que é bolsa de valores. Então, fizemos programas de esclarecimento e educação dos investidores”, palavras de Magliano Filho²¹. Como resultado desse empreendimento, em fevereiro de 2011, as pessoas físicas já respondiam por 22,38% dos investimentos em ações, incluindo os investidores individuais (21,14%) e os clubes de investimento (1,24%)²².

Na década de 50, nos Estados Unidos, as empresas, as bolsas de valores e as corretoras buscaram atrair cidadãos para a compra de ações por meio de uma campanha

²¹ COSTA, J. E. Bate papo com o presidente da Bovespa. *Você S/A*. 09/07/2008.

²² Dados de fevereiro de 2011. “Cresce a participação de pessoa física na bolsa em fevereiro”. In: <http://entendaabolsa.blogspot.com/2011/03/crece-participacao-de-pessoa-fisica-na.html>. Acesso: Abril, 2011.

de educação chamada “Capitalismo Popular”. George Funston, que se tornou presidente da NYSE em 1951, argumentava contra o pensamento comunista da época, alegando que comprar ações era um voto a favor da democracia, na tentativa de criar a ideia de que todos podiam tornar-se “investidores patriotas”. Contudo, essa expressão foi retomada quase 50 anos mais tarde, com a invasão de e-mails e propagandas, após os atentados de 11 de setembro de 2001. Essas mensagens incentivavam os cidadãos norte-americanos a comprar ações, com o objetivo de estimular a economia, um sinal de confiança para afrontar o ato terrorista que atingiu o centro financeiro do país (Harrington, 2007:12).

Entre os anos 50, 60 e 70 na Europa e na América anglo-saxônica, o mundo das finanças viveu momentos de euforia que constituíram a base para uma nova conexão entre o mercado financeiro e a ideia de massificação dos investimentos. Isso se deu, principalmente, devido ao crescimento de fundos de investimento, que passaram a fazer intensamente aplicações em ações ordinárias, aquelas com direito a voto, para garantir e estimular a participação de acionistas minoritários (Erturk *et al.*, 2005).

Segundo Erturk *et al.* (2005), a quimera do “capital para todos” continuava impulsionando uma série de programas e projetos que incluíam o ideário de *investment civilization*, o qual previa expandir as finanças pelo mundo: “*These dreams of an everyday capital, however, also inhabit a much broader universe than the realm of personal finance including programs that continue to invoke the lines of force connecting property, ownership, and democratic practice*” (Erturk *et al.* 2005: 358). Entretanto, a principal atratividade do mundo financeiro que figurou, principalmente, nos anos 80, foi a ascensão do mercado de securitização, momento em que também surgiram, com grande força, os intermediários financeiros do sistema capitalista. Segundo Folkman *et al.* (2006), esses intermediários são advogados corporativos, administradores de fundos de pensão, associados aos fundos de *private equity* e bancos de investimentos, os quais prestam serviços relacionados à introdução de novos pacotes gerenciais, assim como criam ferramentas para operar, inovar e trazer segurança aos mercados de capitais.

Segundo Abofalia (1997), cada vez mais, novos instrumentos financeiros são criados para controlar riscos e garantir segurança aos investidores; conseqüentemente, abre-se espaço para a expansão de mercados futuros e de opções, e para a criação de *hedge* e títulos governamentais, que crescem vertiginosamente para controlar e dar impulso à volatilidade do mercado. Por sua vez, a criação e o crescimento desses

instrumentos atraem jovens agressivos, que também são responsáveis pelas mudanças das facetas dos mercados; ao mesmo tempo, empresas, novos investidores, fundos de pensão, entre outros, entram em cena e criam oportunidades de trabalho para esses profissionais (Abofalia, 1997). A formação dessa teia também leva em conta o avanço da tecnologia, o que facilita a entrada de investidores no mercado que, por sua vez, garante aos profissionais da área suas posições. Nesse sentido, o advento de clubes de investimentos e a massificação dos investimentos trazem mudanças e implicações para os profissionais, corretoras de valores e todo o mercado, o que contribui para a transformação e para a quebra de barreiras da cultura econômica do mercado financeiro (Harrington, 2007).

Juntamente com o fortalecimento do plano de “investimento para todos” e com o avanço de novas tecnologias e de diferentes métodos de análise do mercado, Froud (2001) revela o surgimento de uma vertente de intelectuais que fomentam a ideia de mercado como a principal atividade econômica e até mesmo social, citando, como exemplo mais célebre dessa corrente, o escritor Robert Shiller. Atualmente, essa linha de pensamento tem forte presença no cenário norte-americano e promete democratizar as finanças e controlar as incertezas, como resume Erturk *et al.* (2005) no trecho abaixo.

The 1990s promise in the US media was the democratisation of finance as money making for all and that has been discredited by stock market events and cultural histories like those of Thomas Frank (2000). But, as Braudel said of capitalism itself, the promise of democratised finance is ‘often ill but never dies’. Thus the promise is reasserted for the 2000s in academic work for the elites through behavioural finance texts like those of Robert Shiller which represent risk management through the capital market as the universal remedy for need and insecurity (Erturk *et al.*, 2005: 07).

Segundo Shiller (2003), a proposta de uma “nova ordem financeira” sugere uma cultura de risco, que não traga prejuízos ou danos individuais, pois tudo seria administrado eletronicamente. O modelo proposto por essa corrente destaca que é necessário democratizar as finanças e trazer as mesmas vantagens apreciadas pelos clientes de *Wall Street* para os compradores do *Wal-Mart*. Para o autor, essa nova democracia financeira tende a encorajar as pessoas a serem mais aventureiras e assumirem riscos em nome da riqueza, já que os avanços recentes da teoria financeira,

como a tecnologia da informação e mesmo a psicologia, a qual busca controlar as emoções dos indivíduos com relação às tomadas de decisões, permitem desenhar novas invenções para administrar tanto tecnológica, psicológica e economicamente os riscos do próprio capitalismo.

Democratizing finance means effectively solving the problem of gratuitous economic inequality, that is, inequality cannot be justified on rational grounds in terms of differences in effort or talent. Finance can thus be made to address a problem that has motivated utopian or socialist thinkers for centuries. Indeed, financial thinking has been more rigorous than most other traditions on how to reduce random income disparities (Shiller, 2003: 02).

A nova ordem financeira é um movimento que prega as “finanças para o bem”, no qual todos podem ter acesso ao dinheiro do mundo financeiro e correr riscos que serão distribuídos igualmente para todos os participantes. Em uma entrevista concedida nos Estados Unidos para a Revista Bovespa (2007), Shiller relata que o crescimento econômico requer que as atividades econômicas sejam bem administradas e as pessoas informadas e incentivadas a fazerem negócios²³. Na mesma entrevista, ele ainda explica que a popularização da informação é o nome do jogo deste século, marcado pela expansão do capitalismo financeiro.

Alguns teóricos, como Poon (2009), discutem os efeitos de uma economia em que todos são convidados a participar, mostrando que a crise do *subprime* nos Estados Unidos (2008) foi provocada pela orquestração das tomadas de decisões e conselhos de “superagentes” do mercado. O argumento apresentado por Ho (2009), que realizou uma etnografia dos bastidores de *Wall Street*, também corrobora a ideia de que a força dos discursos dos *experts* do mercado tem poder de moralizar e influenciar as decisões dos indivíduos. Além disso, o autor demonstrou que, mesmo após a crise de 2008 e a intervenção massiva do governo no mercado, *Wall Street* e seus aliados continuam esbanjando seus ideários de supremacia social, intelectual e moral, com o objetivo de reforçar a noção de promoção do valor do acionista como intrínseca a vida econômica de todo cidadão, como elucida a citação abaixo.

²³ Ver Entrevista com Robert Shiller. In: O mercado brasileiro de ações é racional. Revista Bovespa, julho/setembro, 2007.

The rise of shareholder value and the ensuing investor “revolution”, which in turn made possible the influence and dominance of Wall Street worldviews, practices and cultural norms, were the outcomes of long-standing struggles over historical interpretation and neoclassical demands and assumptions. The concept of shareholder value, as Wall Street currently understands it, rests not only on a crude reinterpretation of the historical relationships between corporate America, the stock market, and investors, but also on decontextualized extrapolations (and new adaptations) from neoclassical and classical economic thought. Much like myths “of family values”, which derive their moral authority and disciplinary agenda from invoking an idyllic past of the nuclear family, the narrative of “shareholder value” generates much of its authenticity and persuasive force by claiming itself as the original state of economic life, and by extension, entrepreneurial, free-market capitalism as the true nature of human society. It is on nostalgia for a perfect capitalism that shareholder value thrives. (Ho, 2009: 169).

Desta forma, é possível observar o avanço do mercado financeiro a partir da analogia do processo civilizador (Elias, 1994), que caminha das práticas consideradas excludentes (selvagens) – como era concebida a prática da especulação – para um estado democrático e civilizado. Neste, o investimento contribui para o bem da nação e está associado à visibilidade que ocorre com o avanço da tecnologia e com a publicação de manuais elaborados por agentes financeiros. Tais agentes pregam a implementação da educação financeira e baseiam-se em dados ditos científicos para fortalecer seus argumentos, atraindo, assim, novos adeptos para o mundo civilizado e democrático das finanças.

A tradicional imagem de operadores “enlouquecidos” vem perdendo lentamente sua emoção e atração e tem sido substituída por representações que cunham a racionalidade nos mercados de capitais, associada a estudos científicos, elaboração de métodos e de softwares que dão ares de segurança e legitimam as práticas de investimento, corroborando mudanças cognitivas na sociedade. A imagem selvagem do mercado é, então, ressignificada pelas ideias de segurança e de controle, advinda dos programas e modelos científicos, os quais aparentemente, prometem controlar o caos. Vale ressaltar que, os períodos de crise contribuem para a legitimidade desse processo, já que são explicados como momentos de euforia irracional daqueles que participam dos mercados.

Aqui fica evidente, segundo Hacking (2002), como o conhecimento científico, ou mesmo aquele produzido por *experts*, retroalimenta a sociedade, isto é, os indivíduos

interessantes, atraídos pelo mundo das finanças, buscam adaptar-se às categorias configuradas, isto é, descritas e classificadas. Desse modo, pode-se afirmar que o mundo das finanças vem modelando a sociedade e criando distinção entre os indivíduos, por meio das suas redes de socialização.

O conceito de figuração (Elias 1986, Preda, 2006) alerta que, independentemente de suas trajetórias de vida, os indivíduos tentam justificar suas atitudes perante os valores do grupo de que pretendem fazer parte. Assim, o indivíduo ao se reconverter ao mundo das finanças, passa a se identificar com os demais membros e a construir capitais que são legitimados para sua maior inserção. Pode-se dizer, pois, que, as figurações são decorrentes das relações com os indivíduos e da formação de uma instituição que também passa a classificá-los (Douglas, 1992; Hacking 2002).

De acordo com Preda (2006), as tensões no mercado financeiro continuam a existir; assim, as sátiras não desapareceram e a figura do investidor ganancioso, manipulador, ainda permanece em muitos casos. Entretanto, as imagens negativas relacionadas ao investidor têm como contraponto as do estrategista, do cientista, do planejador, e quem não se identifica como um planejador consciente é considerado um investidor egoísta, apegado à riqueza material e ao dinheiro. Em outras palavras, esse campo gera categorias normativas de ação que caracterizam os especuladores impulsivos como figuras que devem ser excluídas dos circuitos dos mercados; ao mesmo tempo, é importante a permanência subjetiva de tais figuras do “mal”, pois, qualquer evento ou escândalo que envolva o mercado terá como bode expiatório a imagem do investidor refletida como especulador impulsivo e ganancioso.

De modo geral, esta parte da pesquisa teve por objetivo apresentar trabalhos que demonstram como práticas econômicas condenadas em certas épocas foram ressignificadas e passam a ganhar legitimidade na sociedade. Até este ponto, foi apresentada uma revisão da literatura que parte da figura do jogador, do especulador até a incorporação de ações e técnicas associadas a conhecimentos científicos e tecnológicos que tornaram o especulador um profissional do mercado, ou melhor, um investidor consciente de suas ações. E, assim, com “aparência” de ciência que o investimento nos mercados de capitais aparece como prática racional. Isso (re)configura a formação de um campo onde o mundo financeiro atual procura atrair novos adeptos, compondo uma dinâmica na qual, cada vez mais, há aceitação social da especulação ressignificada como investimento, que se torna uma atividade econômica de ordem natural.

2.1 Da naturalização da especulação aos estudos sobre financeirização

A expansão do mercado financeiro recente leva economistas, acadêmicos de diversas áreas e jornalistas a discutirem a formação de uma nova economia que se concentra no processo de financeirização mundial. Para isso, foi realizado um recorte teórico entre os principais expoentes acadêmicos da sociologia econômica e das finanças para esboçar o significado sociológico do termo²⁴.

De modo geral, Thrift, um dos principais representantes da vertente ligada a aspectos econômicos e geográficos, explica que essa “nova economia” é difundida principalmente por investidores, que estão preocupados com o avanço dos mercados, principalmente, no que se refere às questões sobre informação e proteção, constituindo o “circuito cultural do capital” (Thrift, 2008). Esse circuito é divulgado pelas escolas de negócios, consultores administrativos e gurus que têm por objetivo disseminar uma nova cultura de mercado, da qual todos podem participar (Thrift, 2008: 264).

O avanço da “nova economia” conta primeiramente, com o intermédio da mídia, que leva informações aos investidores; depois, com a forte divulgação da literatura sobre finanças para leigos; com o crescimento de diversos serviços e produtos financeiros; com o surgimento de analistas como o *personal trainer advisor* (planejador financeiro); e com a expansão dos negócios relacionados com o sentimento do investidor, como a medição do *shareholder value* (Thrift, 2008; Ho, 2009). O sucesso desse novo contexto é reforçado por fórmulas e métodos de análise do mercado, no qual a tecnologia está fortemente presente e pode ser constantemente modulada e redefinida como vantagem para os acionistas. Nesse sentido, vale ressaltar a importância de intelectuais do mercado que ascendem nesse cenário como Robert Shiller, já mencionado anteriormente.

Dentro desse contexto, o conceito de financeirização ganha centralidade. Para Erturk *et al.* (2008), ele é diferente de outras formas que aparentemente existiram com propósitos semelhantes de expansão das práticas financeiras. Nesse caso, tal conceito se distingue na estrutura, porque há uma massificação da economia, um crescimento espantoso de intermediários financeiros e uma reação dos acionistas tanto institucionais como individuais, que são induzidos pelos ideais da governança corporativa e que, por

²⁴ Vale enfatizar que, optei por esse recorte teórico como uma tentativa de contornar a retórica existente nos trabalhos sobre cultura econômica, que perpassam por uma análise exaustiva das obras de clássicos, principalmente, Karl Marx. Os estudos sobre a financeirização, entretanto, buscam explicar a construção cultural recente dos mercados e seus principais protagonistas.

sua vez, buscam estabelecer direitos e igualdade entre todos os acionistas de uma empresa.

Outro exemplo de estudos sobre a financeirização é a vertente explicativa, ligada à questão cultural da economia, que vai além da observação da formação e da complexidade dos processos econômicos. “*Cultural economic adds a new core proposition about how discourses of finance, along with the qualification that performativity with discrepancy and infelicity, is the norm in the empirical cases so far examined*” (Erturk *et al.* 2008: 36).

Nesse sentido, segundo Crotty (2003), para garantir que as empresas não financeiras sobrevivessem no *money manager capitalism*, nos Estados Unidos da década de 1990, a alta hierarquia dos gerentes das corporações não financeiras passaram a ser recompensadas pelos movimentos dos preços do mercado financeiro em curto prazo, ao contrário, da remuneração do modelo anterior, relacionado com o sucesso da firma em longo prazo. Assim, o autor argumenta que a financeirização teve um impacto negativo nas operações das empresas não financeiras nos Estados Unidos, e que a demanda dos mercados financeiros por maiores rendimentos e rápida elevação dos preços das ações ocorreu ao mesmo tempo em que se deu a estagnação do crescimento econômico e o aumento da competição dos produtos no mercado, conjuntura que representa, segundo Crotty, um “paradoxo neoliberal”.

Por outro lado, Martin (2002) aborda a financeirização por meio das narrativas construídas pelo próprio mundo das finanças. Baseado em livros sobre o assunto para leigos, ele observa que essas narrativas induzem a performatividade da ação dos indivíduos. A pesquisa de Martin também abrange a questão do risco como uma característica que ganha centralidade na vida cotidiana dos indivíduos com o avanço da financeirização. Estes, de certa forma, inundados pela cultura econômica que prega a busca desenfreada pela acumulação de riquezas, são coagidos a se engajarem no mundo financeiro para proteger a si e suas famílias das contingências da vida diária. Dessa forma, o referido autor, apoiado na análise das transformações culturais da economia, fornece instrumentos para o estudo da financeirização como uma construção de sentido, a partir da ressignificação de seus valores morais e econômicos.

Desta forma, segundo Martin, pode-se afirmar que o avanço das finanças está conectado a uma lógica ontológica, exigindo que o indivíduo desenvolva, conforme as palavras de planejadores financeiros, um apetite saudável para o risco, para maximizar os retornos e as recompensas das práticas sociais enquadradas como decisões de

investimento. *“One key outcome is that the priority given to including workers fully in the labour market yields to the primacy of the investor as the way to orient domestic policy and ideas of citizenship”* (Martin, 2002: 21).

De acordo com Bryan *et al.* (2009), o processo de financeirização atual procura afrontar algumas configurações já estabelecidas no pensamento social, principalmente as categorias marxistas, já que tal processo não tem apenas como objetivo mudar o equilíbrio de poder entre as classes e gerar volatilidade econômica, mas sim reconstituir a noção de trabalho como uma forma de capital fluído. Assim, Martin (2002) aborda a “financeirização da vida diária” com o intuito de apresentar o fenômeno de forma provocativa, em vez de desenvolver exaustivamente possíveis desfechos sobre o processo em questão.

A financeirização não apenas se refere às mudanças econômicas que o mundo está vivenciando, mas também induz à reflexão sobre as relações econômicas do cotidiano, isto é, como e com qual frequência as pessoas pensam sobre economia/dinheiro em suas próprias vidas, levando-as subjetivamente a entender e participar do funcionamento dos mercados. Assim, a vertente da análise cultural tem por objetivo questionar a economia como modelo autônomo e natural (Pryke, 2006; Aitken, 2005), a partir dos caminhos pelos quais as práticas dadas ou definidas como “cultural” frequentemente constituem o mundo econômico.

Cultural economy attempts to avoid reified notions of culture or the divide between culture and economy, preferring instead to train attention to the empirical, practical and diverse ways in which culture and culture/economy have been used and defined in particular institutional, historical or political contexts. Hesitant to define culture in advance, cultural economy seeks instead a ‘nominalistic’ notion of culture and interrogates precisely the diverse ways in which ‘culture’ has been mobilized and named in order to pursue diverse ends as part of shifting rationalities and programs of government. Although it refuses to accept a fixed conception of ‘culture’ and ‘economy,’ cultural economy does not necessarily render the divide between the two categories analytically invisible. Rather, it investigates the ways in which the divide between the two has been the artifact of particular rationalities of government (Aitken, 2005: 339)

Aitken (2005b), por sua vez, aborda a interface entre razões geopolíticas e a economia e demonstra que o centro conector entre as duas esferas é frequentemente

traçado entre o risco econômico do indivíduo e o perigo da condição da posição geopolítica. Portanto, a questão risco/perigo torna-se central para a definição de nação e de cidadania econômica, que estabelece formas identitárias, relacionando os indivíduos e suas posições geográficas.

Esses estudos recentes que abordam as questões aqui tratadas apresentam uma preocupação com a cultura material em termos de linguagem, discurso, narrativa, mito, símbolo ou ideias que figuram no mundo financeiro (Pryke, 2006) ²⁵. De acordo com Allon (2010), nos dias de hoje, uma variedade de práticas econômicas estão conectadas às redes financeiras, como fundos de pensão e aposentadoria, compra de imóveis, carros, viagens, bens de consumo, pagamento de contas, cartão de crédito, empréstimo e hipoteca. Isso é consequência do avanço dos processos de securitização, pois tais atividades são transformadas em títulos que, por sua vez, são negociados nos mercados financeiros. Dito de outro modo, as operações econômicas são transformadas em produtos de investimento para garantir segurança/retorno no futuro. Para Lee e Lipuma (2010), a financeirização integra mercados que eram aparentemente separados, como bancos comerciais e consumidores, ou mercados imobiliários e de seguros, assim, os indivíduos são convidados a assumir riscos e pensar como capitalistas: *“The magic of finance is its ability to take by giving, to spread growth while denying to those who might partake of it the very wealth it puts in view”* (Lee e Lipuma, 2010: 12).

De maneira geral, Palley (2007) reforça que a financeirização opera por meio de três formas diferentes: mudança na estrutura e operação dos mercados financeiros; modificação dos comportamentos das corporações não financeiras e mudança na política econômica global. No entanto, ao analisar as consequências e condições do movimento da “democratização das finanças”, a partir dos pressupostos da “economia cultural”, Erturk *et al.* (2005) também elabora três precondições que suportam tal ideal de “democratização”, que para os entusiastas do mercado, esse processo também pode ser visto como uma “democratização dos riscos financeiros” (Shiller, 2003). Entretanto, a primeira enfatiza o inevitável resultado dos efeitos da riqueza sobre o ciclo de vida individual e da economia doméstica; a segunda foca o nível básico tanto do consumo de literatura financeira como das competências adquiridas pelos indivíduos para selecionar produtos e serviços financeiros; e a terceira é voltada para o desenvolvimento de

²⁵ Vale ressaltar que os estudos apresentados adotam uma noção de cultura mais próxima da tradição sociológica norte-americana. No Brasil, a maioria dos estudos realizados na área das ciências sociais se aproxima de uma análise mais antropológica e cognitiva.

produtos e serviços financeiros em que os riscos e retornos são calculados por diversos métodos, ditos científicos. Esses pressupostos estabelecem que a democratização das finanças, vista apenas como benefício para indivíduos e sociedade, muitas vezes, não é “concretizada” e as consequências recaem sobre várias promessas exuberantes.

The promise of democratised finance can only be realised if enough citizens in the relevant socio-economic groups have the calculative competence to appraise different financial services and products. Indeed, the requirements are more onerous than this because the services and products on offer will often not consist of propositions with fixed, easily comparable characteristics as with, say, two savings accounts which differ only in interest rates offered and rules about access to funds. In many cases, there will be risk and uncertainty attached to different products, as well as rules about the timing and conditions of entry and exit, and therefore consumers must have some capacity for decision making under conditions of uncertainty in addition to basic financial literacy. The problem here is that the evidence on these points is alarming: the general level of financial literacy is very low; the middle classes in the UK have delusions about their competence to choose financial services products; and, under conditions of uncertainty, consumers are likely to focus on reward and ignore risk. (Erturk *et al.*, 2005:16).

Os estudos sobre financeirização, de certa forma, apresentam em comum análises a respeito da massificação das atividades financeiras, como também o mapeamento de diversas práticas e instrumentos criados por intermediários financeiros. Assim, Erturk *et al.* (2008), a partir de um *survey*, constata que entre os anglo-saxões, a literatura de finanças foi responsável pela introdução da temática da educação financeira como fator chave, que contribui para difundir conhecimentos relacionados aos investimentos, aos serviços e aos produtos financeiros para amplos setores da sociedade.

Preda (2006) reforça o argumento apresentado pelos autores acima citados, pois assevera que, historicamente, a difusão de manuais e guias sobre o funcionamento do mercado financeiro foi fundamental para a transformação das percepções sobre as formas de especulação que passaram a ser vistas como investimento, contribuindo para o desenvolvimento econômico e social do país. Portanto, com base em tais estudos, é possível afirmar que o campo de produção de textos sobre finanças para leigos é um ponto chave para a análise do avanço do mundo das finanças entre os teóricos que tratam dessa questão.

O setor de literatura sobre finanças pessoais no Brasil, como será mostrado ao longo deste trabalho, é composto por vários tipos de serviços e produtos financeiros, mas o que chama a atenção é a expansão do número de consultores que crescem vertiginosamente e comercializam livros, palestras, cursos, métodos de análises, softwares, entre outros. Esses serviços e produtos focalizam a educação financeira, a qual procura capacitar os indivíduos a planejar, empreender, poupar e investir. O setor referido ganha cada vez mais destaque no Brasil e tem por objetivo atingir a população em geral, pois não está reservada apenas a uma parcela da sociedade aparentemente apta a poupar e/ou investir.

De maneira geral, é possível ressaltar que o país também está adentrando em um processo de financeirização. Para Grün (2009), dado que os mercados são entidades internacionais, pode-se dizer que, por meio deles, a maior parte das pressões da globalização é internalizada na sociedade brasileira. Entretanto, cabe enfatizar que o procedimento de importação das finanças no Brasil é formado por um movimento às avessas. Segundo Grün (2007), o país é considerado um exemplo extremo de financeirização, pois as taxas de juros e os *spreads* bancários são os mais altos do mundo. Entretanto, mais recentemente, o governo de Luis Inácio Lula da Silva também apresentou uma aparente submissão aos ditames do “mercado”, essa aproximação ficou evidente com a “Carta aos Brasileiros” e a visita de Lula à Bolsa de São Paulo, durante o período da campanha presidencial (Grün, 2003)²⁶. Dessa forma, o autor alerta que, no Brasil, esse processo de importação das finanças representa muito mais que uma simples assimilação da lógica da financeirização; há uma dominação cultural das finanças, que impõe sua maneira de enxergar a realidade brasileira e enquadrar os problemas do país (Grün, 2007).

Diante desse quadro, também é possível afirmar que as finanças transcendem as divisões de classes, pois apresentam serviços e produtos para diversos setores da população (Martin, 2002; Grün, 2009). No Brasil, podemos incluir, entre os produtos oferecidos pelo mercado financeiro, a ampliação do setor de crédito, que caminha em paralelo com o fortalecimento do ideário do empreendedorismo e, a expansão das casas de financiamento, que são sustentadas por programas desenvolvidos pelo governo Lula,

²⁶ Silva, Luiz Ignácio Lula da. 2002. “Carta ao povo brasileiro”. In: http://www.pt.org.br/site/assets/carta_ao_povo_brasileiro.pdf: Partido dos Trabalhadores, 22/06/2002.

como exemplo, o Programa Nacional de Microcrédito Orientado, dentre outros, de inclusão econômica e social.

A financeirização, contudo, é um estado, um processo que envolve valores morais, culturais, políticos, simbólicos e sociais presentes no mercado e que se configuram e reconfiguram, corroborando a transformação cognitiva da sociedade. Assim, a variedade teórica apresentada poderá colaborar para deixar a presente análise mais rigorosa e próxima da realidade empírica encontrada, além de evitar que caiamos na armadilha de abordar a financeirização como um simples produto do interesse de uma elite econômica, o que pode desembocar em teorias da conspiração de difícil verificação, como afirma Grün (2009). Portanto, estes trabalhos fornecem argumentos para o delineamento de um arcabouço teórico que vai da imagem negativa do especulador à ascensão da figura do investidor, chegando até as análises sobre o processo de financeirização e as vertentes acadêmicas preocupadas com a presente questão.

2.2 As peripécias das finanças no Brasil

Em 2002, havia 85.249 contas de pessoa física nas corretoras, bancos e distribuidoras de valores que operavam na Bovespa; em 2005, esse número subiu para 155.183, o que representa um aumento de 82% em três anos. Dentre os investidores 79% do total era constituído por homens e 21% por mulheres. Já em julho de 2008, o número de contas de investidores pessoa física saltou para cerca de 516 mil²⁷. No entanto, o auge da participação da pessoa física na bolsa foi em setembro de 2010²⁸, quando foram registrados 630.895 mil investidores. Em setembro de 2011, 593.311 mil investidores pessoa física participaram da Bolsa de Valores de São Paulo²⁹.

Vale acrescentar que em 2008, a Bovespa integrou-se a Bolsa de Mercadorias & Futuros (BM&F) transformando-se na BM&FBovespa, com essa fusão, formou-se uma das maiores bolsas do mundo em valor de mercado, a segunda das Américas e a líder no

²⁷ Bovespa: investidores individuais chegam a 500 mil. Portal Terra. 04/07/2008. Acesso: 10/2008.

²⁸ A explicação mais divulgada nos principais veículos de informação, sobre o aumento do número de pessoas físicas na Bolsa de Valores, faz referência aos programas de popularização elaborados pela própria Bovespa desde 2002.

²⁹ Número de investidores pessoa física na Bolsa recua em setembro. InfoMoney. 06/10/2011. Acesso: 08/10/2011. In: <http://economia.uol.com.br/ultimas-noticias/infomoney/2011/10/06/numero-de-investidores-pessoa-fisica-na-bolsa-recua-em-setembro.jhtm>

continente latino-americano³⁰. Com a expansão das atividades, a meta da BM&FBovespa é atrair cinco milhões de investidores pessoa física para o mercado acionário brasileiro até 2015. Para isso, foi lançado em 2010, o programa “Quer ser sócio?”, uma campanha que tem o jogador Pelé como estrela principal. O filme que dá impulso ao projeto relata a história de vida do jogador, com seus altos e baixos, a qual se reduz a um gráfico com o objetivo de demonstrar o desempenho de uma empresa ao longo do tempo, enfatizando que aqueles que compraram ações da “Pelé S/A” foram recompensados com ganhos financeiros em longo prazo³¹.

Recentemente, inúmeras pessoas passaram a investir no mercado de forma indireta, aplicando recursos de longo prazo em planos de previdência privada, fundos mútuos e clubes de investimento, que compram papéis das companhias listadas na bolsa³². Esse interesse pelo mercado financeiro é justificado pela mídia e por teóricos da economia, devido à fase virtuosa de crescimento econômico que, nos últimos anos, o mundo e, principalmente, o Brasil, experimentaram.

Na última década, o Brasil recebeu investimentos importantes por parte do estrangeiro, efeito da atenção do mundo voltada para a potencialidade dos países que formam o BRICs (Brasil, Rússia, Índia e China)³³. Além da atenção internacional, é fartamente divulgada a reconfiguração das instituições econômicas internas, como a expansão das práticas de governança corporativa e a campanha de popularização do mercado de capitais pleiteada pela Bolsa de São Paulo.

Outros fatores foram essenciais para o fortalecimento do mercado financeiro, tais como a promulgação da Nova Lei das Sociedades Anônimas, que garante maior proteção aos acionistas minoritários, e adota um novo sistema de relação entre ações ordinárias e preferenciais³⁴; a redefinição das funções de órgãos como a CVM (Comissão de Valores Mobiliários), os quais eram pouco relevantes em momentos anteriores³⁵; o BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social), que

³⁰ Dados retirados do site BM&FBovespa - http://ri.bmfbovespa.com.br/site/portal_investidores/pt/a_bovespa/perfil/perfil.aspx. Acesso: 01/2010.

³¹ Dados retirados do site: <http://www.versosocio.com.br/#/home>. Acesso: 09/2010.

³² Os investidores estão voltando. Por: Milton Gamez. Revista Bovespa, Janeiro/Março, 2006.

³³ Brasil é o 10º em ranking mundial de investimento estrangeiro. Por Anne Warth e Francisco Carlos de Assis. Agência Estado, 17/09/2009.

³⁴ Como exemplo, Impactos positivos da nova lei das Sociedades Anônimas. Por Adriana Dias, 15/02/2008. In: www.empreendedor.com.br/codigo=6596. Acesso: 03/2008.

³⁵ Como exemplo, FIDC: novas instruções da CVM devem trazer mais proteção ao investidor, 12/12/06. In: www.administradores.com.br/noticias. Acesso: 01/2007.

reconhece as práticas de governança corporativa³⁶ e garante benefícios para as empresas que adotam tais regras; e a elaboração do Plano Diretor do Mercado de Capitais³⁷. Como é possível observar, foram tomadas medidas que, ao menos discursivamente, procuram trazer segurança e maior credibilidade ao mercado financeiro brasileiro. Em decorrência dessas mudanças, o Brasil também recebeu a classificação de país seguro para se investir em abril de 2008, pois o chamado “grau de investimento” sugere que o país possui baixo risco de não pagamento³⁸. A notícia afetou o mercado acionário e os efeitos imediatos foram os recordes alcançados pelo Ibovespa³⁹.

No sentido aqui exposto, a justificativa da recente expansão do mercado financeiro é atribuída a diversos fatores como o bom desempenho da economia e a estabilidade política brasileira; a conquista do grau de investimento das agências de classificação de risco; reestruturação de instituições econômicas internas e, principalmente, os programas de popularização do mercado acionário elaborados pela Bolsa de Valores de São Paulo⁴⁰; e, inúmeros programas educacionais desenvolvidos por várias associações e instituições relacionadas ao mercado de capitais, como será apresentado nos próximos capítulos.

Como consequência dos resultados trazidos pela fase de mudanças institucionais e de desenvolvimento econômico, observa-se o crescimento do número de agentes que, embalados pelos novos ares, expandem seu campo de atuação. Um exemplo disso são as corretoras de valores mobiliários, que antes tinham papel ofuscado e agora desempenham relevante função na busca do investidor individual. Vale ressaltar que elas se expandem para cidades do interior do país em busca de potenciais investidores, também oferecem palestras para iniciantes e proporcionam cursos mais avançados para divulgar os diversos métodos e modelos de análise do mercado.

O trabalho por elas realizado também explica o aumento do número de investidores pessoa física por meio de clubes de investimento que são geridos pelas próprias corretoras. Na bolsa, são 2.904 clubes listados com patrimônio líquido de 9,36 bilhões de reais e o número de cotistas gira em torno de 120.925, segundo dados de

³⁶ Como exemplo, Os pioneiros da governança corporativa. Valor Econômico, 29/06/2004. Acesso: 01/2005.

³⁷ Como exemplo, Plano Diretor do Mercado de Capitais, o que muda para o investidor?, 10/08/2009. In: www.acionista.com.br/dep_tecnico/070809_plano_diretor.htm. Acesso: 12/2009.

³⁸ Após grau de investimento, Bovespa bate recorde histórico. Por Claudia Violante. Agência Estado, 30/04/2008.

³⁹ Índice da Bolsa de Valores de São Paulo. Para maiores informações, ver site da BM&FBovespa.

⁴⁰ Ver detalhes. In: www.bmfbovespa.com.br/InstSites/RevistaBovespa/86/Popularizacao.shtml

setembro de 2011⁴¹. Os clubes são carteiras coletivas de ações em que o indivíduo consegue, mesmo com pequenos aportes, garantir uma participação no mercado acionário⁴². Assim, configura-se uma breve versão do crescimento e da difusão do mercado financeiro fortemente divulgado pela mídia e instituições que fazem parte e dão dinâmica ao avanço desse mercado.

Nesta etapa do trabalho, vale a pena voltar ao exercício sociológico para refletir sobre essa aparente versão de sucesso do mercado financeiro no Brasil. Grün (2009), ao explorar as recentes transformações do espaço econômico brasileiro, revela que o campo financeiro apresenta uma “pressuposição espontânea de que o seu principal produto é simplesmente a produção de riqueza material ou a sua transferência de uns para outros” (Grün, 2009: 03). O autor alerta que a compreensão sociológica desse espaço em construção é fundamental para não cairmos na armadilha que a própria produção de sentidos do campo financeiro produz.

Empiricamente, a criação do Novo Mercado (2002), pela Bovespa, inaugura uma nova fase do mercado de capitais no Brasil. O Novo Mercado, amparado pelos ideais da governança corporativa, está associado a quatro pilares: transparência, equidade, prestação de contas e responsabilidade social – princípios que visam a homogeneizar e reduzir incertezas no mercado⁴³. No que se refere, em especial, à questão da transparência, que ganha ênfase com a introdução das boas práticas de governança corporativa no Brasil, a bolsa procura distanciar-se da ideia de cassino e jogos de azar, lógica que fica bem evidente no trecho a seguir, retirado do jornal “Valor Econômico” (2006).

Há um falso pressuposto filosófico no mercado brasileiro de que investir em ações é arriscado. Ações são parcelas do capital de companhias abertas. Não são fichas para se jogar em um cassino. Ao deter para si ações de empresas listadas em bolsa, o investidor torna-se acionista de uma empresa submetida às regras de **governança corporativa** [grifo meu]⁴⁴.

⁴¹ Número de investidores pessoa física na Bolsa recua em setembro. InfoMoney. 06/10/2011. Acesso: 08/10/2011. In: <http://economia.uol.com.br/ultimas-noticias/infomoney/2011/10/06/numero-de-investidores-pessoa-fisica-na-bolsa-recua-em-setembro.jhtm>

⁴² Clubes de investimento estão na moda. Por Jorge Wahl e René Decol. Revista Bovespa. Janeiro/Março de 2003.

⁴³ Ver detalhes: In: www.bmfbovespa.com.br/pt-br/a-bmfbovespa/download/Folder_NovoMercado.pdf

⁴⁴ “O Avanço do mercado de capitais no Brasil”, Valor Econômico, 13/04/2006.

Por outro lado, Grün (2003) apresenta uma análise sociológica acerca da governança corporativa no Brasil e revela, que originariamente, ela ganhou respaldo conjuntamente com o período de redemocratização política como uma crítica ao modelo administrativo burocrático do período militar, e se estabeleceu com características próprias. Entretanto, a governança corporativa ganhou força efetivamente durante o governo Fernando Henrique Cardoso, no contexto de privatização das empresas públicas (Grün, 2003; 2004), já que naquele momento falar de transparência era essencial para impulsionar a venda das empresas estatais e atrair investidores.

Foi durante a campanha eleitoral de 2002, contudo, que o candidato Luiz Inácio Lula da Silva buscou conquistar o mercado financeiro, demonstrando confiança e atraindo novos aliados. Nesse sentido, o discurso da governança corporativa apareceu na agenda do governo Lula, facilitando a criação de um ambiente institucional capaz de fornecer segurança aos investidores, já que, teoricamente, as boas práticas de governança corporativa reduzem o risco de conflitos e de corrupção e aumenta a confiança e a transparência – discurso mais que adequado para um governo que por sua trajetória, provocou uma reação de insegurança no mercado. Nesse aspecto, segundo Grün (2003), a governança corporativa ganhou o estatuto de interesse geral da nação brasileira.

De acordo com Jardim (2009), o Brasil está passando por um processo de moralização e domesticação do capitalismo, e exemplifica seu argumento, salientando que o governo Lula realizou inclusão social por meio do mercado. Isto posto, é possível afirmar que certos projetos sociais implementados pelo governo, como o microcrédito, o banco popular, entre outros, que dependem da dinâmica do mercado, criam uma retórica que tenta negar a ideia da busca pelo lucro, redefinindo o conceito de mercado financeiro. Nesse sentido, a esquerda, de modo geral, parou de responder simplesmente com um “não” ao mercado e começou a considerar a possibilidade de discutir interesses relacionados com a poupança dos trabalhadores, o que gira em torno da questão sobre a gestão e a direção dos fundos de pensão.

Jardim (2009) também ilustra que o governo Lula promoveu a participação ativa de alguns segmentos dos sindicatos no mercado financeiro por meio da governança corporativa. Eles começaram, por exemplo, a falar de democracia, de transparência e de acesso dos trabalhadores às companhias onde trabalham, os quais tornaram-se acionistas e passaram a ser vistos como sócios; conseqüentemente, introduziu-se a percepção ética

do trabalhador no campo do mercado financeiro – uma integração social e financeira nunca vista na sociedade brasileira.

Vale ressaltar que, no item anterior, alguns estudos demonstraram que eventos semelhantes ocorreram nos Estados Unidos na década de 50, os quais tinham como intuito atrair trabalhadores e demais cidadãos para o mercado de capitais como forma de democratizar a economia e reprimir a ascensão de uma possível economia socialista que ganhava força naquele momento (Aitken, 2005). É interessante notar que estratégias semelhantes foram tomadas pelo mercado brasileiro para tentar “boicotar” uma possível reviravolta econômica advinda da ascensão do governo, teoricamente de esquerda, durante a campanha presencial do governo Lula. Dentro desse contexto, pode-se notar a abertura de um espaço para alguns intelectuais, ligados à esfera marxista, argumentarem que o avanço da financeirização no Brasil instiga um aspecto “desrevolucionário” na população: a esquerda, dentro do aparelho de Estado, abraça elementos financeiros para expandir seus programas para a população, cujo projeto de inclusão social e a redistribuição de renda é subordinada à lógica do mercado, ou melhor, à lógica do capital (Jardim, 2009). Conseqüentemente, o potencial de revolta contra o capital recua e perde forças, e o indivíduo é seduzido pelo discurso da ascensão econômica e a comunidade destituída de poder.

Leite (2007), entretanto, demonstra que o discurso financeiro adaptou conceitos como democracia, visibilidade e acesso para justificar a dimensão financeira atual e atrair empresas e indivíduos, dinâmica que alimenta a visão de que o aumento do investimento popular no mercado acionário é essencial para democratizar a economia. Nesse caso, a mídia torna-se fundamental para observar os discursos e conteúdos empregados pelos agentes no sentido de divulgar os benefícios advindos do desenvolvimento do mercado acionário, como demonstra a citação a seguir.

O quadro está preparado para que o mercado de ações continue avançando (...). De um lado, por razões internas: as campanhas de popularização promovidas pela Bovespa, que atraem novos personagens, de sindicalistas à nova mulher e ampliam a base de investidores; o enraizamento gradativo da governança corporativa; a crescente aceitação de instâncias como o Novo Mercado. De outro lado, pelo ambiente externo, quer dizer, pelos ventos ainda favoráveis soprados pela economia, que se traduzem, por exemplo, na boa rentabilidade das empresas (tendência que despontou em 2003 e firmou-se em 2004). Basta ver que, ao contrário de juízos há muito estabelecidos, os bancos não são mais os únicos ganhadores:

siderúrgicas, mineradoras, petroleiras, exportadores em geral também apresentam balanços de dar água na boca, e de grande atração para investidores do presente e do futuro⁴⁵.

A mídia apresenta, pois, um caminho interessante para se verificar as estratégias desses atores que operam para o avanço das finanças no Brasil. Leite (2007), ao analisar a questão da governança corporativa na mídia brasileira, afirma que a mediação do tema atuou além dos seus princípios econômicos para tentar desmistificar a imagem negativa que pairava sobre o mercado de capitais.

Assim, desenhar o cenário do enraizamento da governança corporativa no mercado de capitais brasileiro abre espaço para compreender como determinados atores e instituições contribuem para mudar a percepção tradicional do mercado por meio de estratégias simbólicas, que vão além da retórica que, muitas vezes, condena a discussão em torno da temática da financeirização, reduzindo o debate a uma espécie de previsão sobre a possibilidade ou não da perpetuação do mundo das finanças na sociedade brasileira (Grün, 2007). Nesse sentido, cabe enfatizar que a financeirização é um estado, isto é, um processo que não se limita a uma iniciativa privada composta por agentes com interesses estritamente econômicos, mas sim, a um processo de integração de indivíduos e de suas poupanças na economia por meio da difusão e da criação de instrumentos financeiros e instituições que conferem legitimidade ao investimento no mercado de capitais.

Portanto, a escolha teórica e empírica deste trabalho não se reduz ao esboço do fenômeno da financeirização e a comprovação de sua efetividade na sociedade brasileira. Optou-se, aqui, por demonstrar, sociologicamente, a existência de um nicho cultural – conceito apropriado de Hacking (1998) –, o qual envolve a análise de diversos agentes e estratégias que podem induzir a reconversão de *habitus* (Bourdieu), já que a oferta de produtos financeiros não se estende apenas à nostalgia de investir na bolsa de valores, mas também de organizar a vida econômica dos indivíduos. Percebe-se que essa estratégia simbólica empregada por consultores está embutida em diversos programas de educação financeira, os quais são difundidos para amplos setores da sociedade, como já foi apontado anteriormente e será aprofundado no decorrer desta pesquisa.

⁴⁵ Revista Bovespa, nº 93. In: www.bovespa.com.br/InstSites/RevistaBovespa/93/Produtos.shtml

Pode-se, então, observar, em diversos setores da sociedade, a crescente discussão sobre dinheiro, poupança, empreendedorismo e negócios, dívidas, planejamento financeiro, investimento etc. A temática das finanças pessoais chega a diversos setores da sociedade através de consultores financeiros cada vez mais presentes em programas populares de TV; da expansão do mercado editorial de livros de autoajuda financeira, como revelam as estantes das livrarias, mas também os catálogos de empresas, como a Avon; do avanço das políticas de microcrédito; da expansão do setor de crédito; dos financiamentos para habitação estimulados pelo governo federal; dos diversos serviços oferecidos pelos bancos e, até mesmo, através das palavras de pastores das igrejas neopentecostais.

Esse item buscou, portanto, elementos que relatam as especificidades do processo de financeirização para fortalecer a análise empírica do campo das finanças e das ações dos fornecedores de ideias, permitindo demonstrar e discutir a influência dos mecanismos que constroem e legitimam as práticas e os discursos empregados pelos consultores financeiros. Antes de esboçar o conteúdo das pesquisas realizadas, o próximo capítulo visa à exploração do fenômeno da autoajuda, a fim de exemplificar e debater a influência dos mecanismos que constroem e legitimam a prática de investimento na sociedade brasileira.

3. A AUTOAJUDA: UM MODELO DE ALIENAÇÃO?

Antes de dar início e aprofundar a pesquisa empírica, foi necessário investigar e definir o fenômeno da autoajuda para a elaboração e a orientação da prática da pesquisa de campo; já que o mercado da autoajuda está vinculado à ascensão de consultores financeiros que buscam motivar indivíduos para refletirem sobre suas práticas econômicas. Este capítulo, portanto, apresenta uma revisão bibliográfica sobre a autoajuda e um levantamento sobre as pesquisas já existentes no Brasil.

Em épocas anteriores da História Ocidental, os livros religiosos bastavam para explicar o mundo e estabelecer formas de conduta (Rüdiger, 1996). Hoje, os livros de autoajuda conquistaram espaços nas livrarias e, ao lado de obras consagradas, oferecem aos leitores uma suposta fórmula para o homem moderno combinar elementos que estão em contradição, como ciência e religião, misticismo e realismo, como afirma Rüdiger (1996).

Em geral, as pesquisas acadêmicas sobre autoajuda apontam o livro “Self-Help”, publicado em 1859, pelo médico inglês e publicista Samuel Smiles (1812-1904), como o texto que deu origem a esse fenômeno. “Self-Help” consiste em um manual que buscava ensinar à classe operária como adaptar-se ao mundo organizacional da época e, com isso, alcançar o sucesso individual. Para Smiles, o mundo do trabalho é um dos principais educadores do caráter; portanto, a felicidade e o sucesso não se restringem a conseguir qualquer coisa na vida, mas a formar um bom caráter. Nesse livro, surge a ideia de que o motivo da vida não se limita à satisfação das necessidades imediatas, mas sim, ao desenvolvimento de um bom caráter que, no caso, pode ser alcançado pelo exercício diário do trabalho.

Ao fazer uma revisão sobre as origens da autoajuda, Martelli (2006) ressalta que, após a grande influência do livro de Smiles, o homem passa a ser concebido como um ser que, ao invés de desejos, tem deveres, vence quando concretiza algo, ao longo da vida, e apresenta uma existência laboriosa, e não quando obtém satisfação com êxitos parciais.

The greatest results in life are usually attained by simple means, and the exercise of ordinary qualities. The common life of every day, with its cares, necessities, and duties, affords ample opportunity for acquiring experience of the best kind; and its most beaten paths provide the true worker with abundant scope for effort and room for self-improvement. The road of human welfare lies along the old highway of steadfast well-doing; and they who are the most persistent, and work in the truest spirit, will usually be the most successful (“Self-Help”, cap. IV: Application and Perseverance).

Como exemplifica o trecho acima, para Bosco (2001), Smiles avigora a ideia de que o trabalhador deveria tornar-se objeto de exortações morais, isto é, “ao trabalhador recomenda-se o cultivo das virtudes, o que lhe permitiria deixar sua condição de inferioridade social. Mas àqueles já bem posicionados na hierarquia social, que são a concretização do sucesso econômico, não se permitiria a falta de responsabilidade social” (Bosco, 2001: 06). Neste ponto, é interessante notar que, desde Smiles, já se constituía a ideia de que os homens bem-sucedidos economicamente devem apresentar comprometimento com a esfera do social.

Martelli (2006) demonstra que o século XIX consolidou uma cultura moral dependente do conceito de dever, que procurou combinar o princípio da liberdade individual com as obrigações com a coletividade. Para o autor, a condução da vida proposta pela autoajuda se baseava no exercício produtivo de uma profissão, no cultivo de virtudes morais e no comprometimento da responsabilidade pessoal com o progresso geral da sociedade. Cabe fazer um adentro e ressaltar que, esse momento é retratado por Thompson (1987), que demonstra a emergência do operariado como novo ator político e social, constituindo a formação da classe operária inglesa – é umas das principais referências históricas sobre a análise das inter-relações entre diferentes esferas da realidade social que explora aquele período de profundas mudanças provocadas pelo capitalismo.

Assim, de acordo com Smiles, segundo Rüdiger (1996), a ideia de *self-made man*, indivíduo capaz de superar os desafios e atingir sucesso, é superada pela imagem do *self-help man*, aquele que tem como objetivo também reconstruir os valores morais da sociedade. Esse conceito difere da autoajuda de origem inglesa que, baseada na ética puritana, possibilitava a mobilidade social e o êxito pessoal. Bosco (2001) aponta que a temática da autoajuda, na América do Norte, deixa de pregar somente um crescimento moral para tratar mais nitidamente da ascensão financeira. De acordo com essa corrente,

é necessário ter um “bom caráter”, para atingir a “salvação econômica”, o que justificaria a riqueza material do homem pela aprovação divina atrelada ao desenvolvimento do bom caráter.

Deste modo, vale retomar as análises de Max Weber sobre os escritos de Benjamin Franklin que buscam dar conta do surgimento de uma nova ética religiosa em consonância com o desenvolvimento de uma “nova” ética econômica, apontada especificamente nos Estados Unidos. Na obra de Weber, Franklin é considerado um representante da ética do trabalho e dos negócios, característica representativa do “espírito” capitalista que é, segundo Weber, formado pelo protestantismo ascético.

Cabe ressaltar que os escritos de Franklin foram fundamentais e impulsionaram o avanço da literatura de autoajuda norte-americana. Ele é o escritor do famoso “Poor Richard’s Almanac” (1732), cujos provérbios, tais como “um tostão poupado é um tostão ganhado”, até hoje são mencionados e conhecidos no mundo todo, como apresenta Oliven (2001) no trecho a seguir:

Benjamin Franklin (1706-1790), frequentemente exaltado como “**o primeiro norte-americano civilizado**” [grifo meu] e “o apóstolo dos tempos modernos”, era entre outras coisas um inventor e um bem-sucedido homem de negócios. Ele se tornou famoso por causa dos seus “provérbios”. Entre 1733 e 1758, publicou um almanaque que vendia dez mil cópias por ano. Embora Franklin não tenha criado a maioria dos provérbios publicados no seu Poor Richard’s Almanack, como ele próprio deixava claro, eles ficaram associados à sua pessoa (Oliven, 2001:15).

De acordo com Kessel (2006), um dos principais fatos que influenciaram Weber a escolher Benjamin Franklin como a personificação do “tipo ideal” do espírito do capitalismo se refere a sua visibilidade, que antecedeu o desenvolvimento social do capitalista, enfatizando o poder do “espírito” como fator causal na história. O espírito que Weber buscou descrever, portanto, é um espírito que move não apenas os indivíduos, mas pode também caracterizar e até mesmo marcar toda uma época cultural, econômica e socialmente (Kessel, 2006).

Entretanto, foi na virada do século XIX para o século XX, segundo Nunes (2002), que a autoajuda difundiu-se e adquiriu o aspecto de uma literatura massificada. A autora demonstra que a autoajuda atingiu seu ápice nos Estados Unidos entre 1895 e

1915, movimento que foi denominado mais precisamente de “Novo Pensamento”, o qual pregava a transformação psicológica e espiritual do indivíduo por meio da força de seus pensamentos, unindo o entendimento de que “pensar é poder” e da interpretação de que o sucesso é resultado de determinação, ambição, paciência e perseverança.

De modo geral, foi somente em 1936 que a autoajuda consolidou-se nas prateleiras das livrarias, a partir do sucesso do livro “Como Fazer Amigos e Influenciar Pessoas”, de Dale Carnegie, um guia para comerciantes que oferece dicas práticas e exemplos para ilustrar como se deve enfrentar as situações do cotidiano. Os princípios de Dale Carnegie deram início a um circuito internacional de treinamento profissional, que oferece cursos, palestras e vende produtos de autoaperfeiçoamento. Joseph Murphy, outro “clássico da autoajuda” que despontou na literatura do Novo Pensamento e ficou conhecido pelo livro “O Poder do subconsciente” (1963), defende que a mente subconsciente, ao aceitar uma ideia, começa imediatamente a colocá-la em prática. Joseph também é autor de “O Poder Milagroso de Alcançar Riquezas Infinitas” (1975) e “1001 Maneiras de Enriquecer” (1966), os quais são sucesso de vendas e até hoje figuram nas prateleiras das livrarias.

Neste trajeto de massificação da literatura de autoajuda, que começa a se expandir para além das livrarias, apareceram métodos que buscam colocar em prática as técnicas propostas pelos manuais, como o Método Silva, que surgiu no início do século XX, e que reúne um conjunto de técnicas para desenvolver as capacidades inatas que o ser humano possui, mas que não exercita.

Neste ínterim, segundo McGee (2005), a autoajuda começa a associar-se à difusão das práticas terapêuticas, legitimando técnicas de autocontrole desenvolvidas para o indivíduo superar problemas advindos de todas as esferas, seja profissional, familiar ou econômica. Essa ligação marca o “triunfo da terapêutica” sobre as estruturas religiosas e os valores espirituais, que foi estudado mais especificamente por Philip Rieff. De acordo com os estudos desenvolvidos por esse historiador, o terapeuta passa a ser visto tanto como sucedâneo laico de uma religião quanto representante de uma nova ética (Rieff, 1990). A autoajuda, em consonância com as práticas terapêuticas e os métodos de organização do trabalho, constitui-se como técnica de doutrinação que passa a dar sentido ao mundo, como exemplifica Jacoby (1977) no trecho a seguir.

Hoje, místicos semiconvictos emparelham com outros totalmente convictos; estrelas, signos, gurus, interpretam um mundo de hieróglifos capitalistas. As mensagens das estrelas inadvertidamente dizem a verdade: o destino e a condição de cada dia são irracionais – está na estrelas [aqui faz referencia a “The Stars down to earth”, de Adorno]. Portanto, elas aliviam aqueles que desconfiam que a vida é tão predeterminada quanto realmente é, transferindo a culpa da realidade social para a natural e sobrenatural (Jacoby, 1977: 166).

Alves (2005), por outro lado, afirma que a produção da autoajuda das décadas de 1930 e 1940 retoma a publicação de livros que promulgavam o retorno aos valores religiosos, ressuscitando a ética protestante, como “The Return To Religion” (Volta à Religião), lançado em 1936, por Henry C. Link. Além dessas, outras obras tentavam conciliar religião e psicanálise, como a do rabino Liebman, publicada em 1946, “Peace of Mind” (Paz de Espírito), em conjunto com outras que (re)estilizavam os preceitos do Novo Pensamento, como a de Napoleon Hill, “Think And Grow Rich” (Quem Pensa Enriquece, 1937) e a de Dale Carnegie, “Como Fazer Amigos e Influenciar Pessoas” (1936). Vale destacar que tais textos foram todos traduzidos para o português e são sinônimos de sucesso no Brasil.

Nesse percurso, a partir do século XX, a autoajuda se fortalece como prática terapêutica ligada à psicologia, configurando o que Castel (1987) denomina de “autoajuda para normais”. O referido autor, ao realizar um estudo da antipsiquiatria à pós-psicanálise, argumenta que, a partir das novas terapias, consideradas indústrias de transformação do capital humano, passa a ser possível instrumentalizar a subjetividade e a intersubjetividade por meio de intervenções exteriores. Essas terapias promovem uma visão do homem através da qual ele concebe a si próprio como possuidor de uma espécie de capital, capaz de gerar, para dele extrair, uma certa mais-valia de gozo e de capacidades relacionais. Para Castel, a psicologia passa a representar um papel homólogo ao da cirurgia estética, cuja finalidade é menos reparar os corpos do que lhes proporcionar a mais-valia da harmonia e da beleza. “A análise da cultura psicológica desemboca assim nessa terra de ninguém, onde as fronteiras entre o psicológico e o social se embaralham porque uma sociabilidade programada por técnicas psicológicas e relacionais representa o papel de substituto de um social em crise” (Castel, 1987: 168).

A partir da associação das técnicas de autoajuda e das práticas terapêuticas, consolidam-se métodos direcionados para os indivíduos se adaptarem e resolverem os problemas surgidos com as alterações do mundo do trabalho e com a modernidade,

Jacoby (1977) realiza uma análise crítica da psicanálise conformista (pós-freudiana) como uma tendência cultural que gera a “amnésia social”, na medida em que enfatiza o indivíduo como alguém aconselhado a cuidar da sua própria vida e buscar conforto nos manuais de autoajuda. Ou seja, “o indivíduo é levado a crer que com um pouco de autoajuda a alienação descerá pelo cano de esgoto como uma sujeira numa pia cintilante e imaculada” (Jacoby, 1977: 81). É neste espaço, segundo Jacoby (1977), que as terapias passam a ser vendidas e consumidas como produtos; as teorias e métodos utilizam a marca da autoridade científica e são transformadas em palestras, cursos, workshops e livros. Esse fenômeno oferece uma explicação plausível sobre a atual situação do indivíduo e prescreve receitas que visam a transformar a situação momentânea, que é sempre de fracasso⁴⁶, e a adequar o tempo ao ritmo que a era moderna exige.

Neste sentido, as técnicas de autoajuda introduzem a ética que sedimenta o ideal de trabalho associado ao prazer. Segundo McGee (2005), tal literatura também se adapta à cultura do autoaperfeiçoamento e aos valores do mundo competitivo, impostos pelo mercado, que transpõem tal ideário para o mundo da vida íntima e vice-versa (McGee, 2005:176), como exemplifica McGee, baseada no contexto norte-americano.

The appeal of this literature is understandable: the tremendous growth in self-help publishing parallels an overall trend of stagnant wages and destabilized employment opportunities for American workers. Americans face what some social observers have called a “new insecurity” in the wake of the end of the standard job and family. With social welfare programs all but dismantled, and with lifelong marriage and lifelong professions increasingly anachronistic, it is no longer sufficient to be married or employed; rather, it is imperative that one remains marriageable and employable. Sculpting one’s figure to remain desirable to one’s spouse and perfecting one’s leadership techniques to remain valued by one’s spouse and perfecting one’s

⁴⁶ Vale ressaltar que, muitas vezes, o indivíduo nem mesmo se sente fracassado, mas a “magia” propalada em torno dos livros de autoajuda acaba conduzindo o indivíduo a encontrar um problema, ou mesmo, passa a transformar uma atitude ou algo em problema. Aqui cabe reproduzir um trecho da entrevista com a escritora americana Barbara Ehrenreich, que se declara contrária a autoajuda ou ao chamado pensamento positivo – “(...) um estudo recente mostrou que desde 1972 as mulheres estão cada vez mais tristes nos Estados Unidos e em outros países industrializados. Você lê isso e pensa: talvez eu não seja tão feliz como deveria ser. E, então, adivinha! Imediatamente após a publicação do estudo, lançam um livro (que comprei) chamado “Encontre o Melhor Momento de Sua Vida Agora: o que as Mulheres Mais Felizes e Bem-Sucedidas Fazem de Diferente”. É um livro típico de autoajuda, com testes de personalidade e anúncios de outros produtos que você pode comprar. Ou seja, o problema é criado e depois se oferece uma solução”. In: Abaixo a ditadura do pensamento positivo. Entrevista com Barbara Ehrenreich. Revista Isto É. Portal Terra, 23/11/2009.

leadership techniques to remain valued by one's company are not options but imperatives in this new economy. A sense of personal security is anomalous, while anxiety is the norm to manage this anxiety, individuals have been advised not only to work longer and harder but also to invest in themselves, manage themselves, and continuously improve themselves (McGee, 2005: 12).

Assim, a autoajuda e as práticas terapêuticas surgem como salvação para os problemas do mundo contemporâneo, para “a contradição latente entre as categorias da personalidade moral e do indivíduo egoísta, transmitidas pela alta modernidade” (Rüdiger, 1996: 166). Isto posto, o referido autor argumenta que a literatura de autoajuda constitui uma das mediações através das quais as pessoas procuram construir um eu de maneira reflexiva, gerenciando os recursos subjetivos para enfrentar os problemas trazidos pela modernidade (Rüdiger, 1996: 14).

Alves (2005) ressalta que a psicologia, porém, não é a única ciência em que muitos escritores de autoajuda buscam inspiração. A sociologia, a antropologia e, principalmente, a medicina e suas especialidades são outras importantes fontes desta literatura. Desta última ciência e de outras que lhe são correlatas, Alves destaca os livros sobre dieta, que têm obtido enorme sucesso de vendas nas últimas décadas do século XX, ao lado de obras sobre exercícios físicos, especificamente daqueles para manter “o cérebro em forma”.

A partir das décadas de 1960 e 1970, percebe-se que a literatura de autoajuda está visivelmente enraizada na psicologia e na terapia, suas grandes fontes de conhecimento, como elucida Bosco (2001). A psicologia torna-se popular e confunde-se com as técnicas de autoajuda e vice-versa, as quais são empregadas principalmente para aperfeiçoar o trabalho dos indivíduos dentro das organizações.

Neste período os Estados Unidos são inundados com a autoajuda de caráter psicológico. A “*pop psychology*” (Starker, 1989) anuncia que o sucesso pessoal não é somente a subordinação incondicional aos ditames das organizações e às exigências de ascensão individual, e prescreve que aspectos não imediatamente ligados à profissão, à economia ou a papéis sociais institucionalizados (família), devem ser primordialmente valorizados. (Bosco, 2001: 19).

A partir deste período, há uma grande ramificação do campo da autoajuda, isto é, a literatura produzida passa a abordar diversos setores, que abrangem assuntos esotéricos, como a busca do eu interior e o desapego ao materialismo; aspectos organizacionais, que ensinam de que maneira crescer dentro das corporações; aspectos emocionais, como a busca da felicidade, a conquista de um parceiro ou de que modo manter uma vida conjugal equilibrada; e sugestões de como alcançar o sucesso financeiro. Além disso, suas “verdades” são embasadas em diversos aspectos como o religioso, a crença, a fé, as terapias, a psicologia, o pensamento positivo, a magia, o misticismo e muitas teorias científicas, principalmente a filosofia. Para Bosco (2001), atualmente o indivíduo necessita de outro sujeito para se autoconhecer, reconhecendo, na autoajuda, um caráter de profissionalização.

Assim, as capas dos livros de autoajuda apresentam o número das edições em destaque, para expressar a ideia de que a autoridade é a quantidade. Por outro lado, os discursos editoriais da contracapa remetem a críticas compostas por argumentos persuasivos, que tentam seduzir, e também são convincentes, uma vez que se apropriam de discursos científicos, filosóficos e religiosos. A argumentação correlaciona a situação presente do sujeito, que é sempre de fracasso, e a possibilidade de reversão, de felicidade, por meio de dicas, métodos e conselhos veiculados nos textos.

Segundo Asbahr (2005), a indústria cultural que está por trás da autoajuda não se circunscreve apenas à distribuição e vendagem de obras, mas há todo um aparato de divulgação na mídia tanto escrita como televisiva, em especial, que incentiva, alimenta e prestigia as obras e seus escritores. Para Illouz (2003), esta indústria dá ênfase cada vez mais à vida cotidiana, que passa a ser vista como uma arena de espetáculos, principalmente entre a classe média norte-americana, que tem cultivado a vida diária como espaço para a afirmação de uma identidade positiva. Isto é, cria-se um espectro de que a identidade e a moralidade são formadas e exercidas dentro do reino da vida diária, caracterizada pela crença no valor do êxito, da dignidade intrínseca do casamento e do medo da marginalidade. Assim, os *talk-shows* passam a ser sinônimos de sucesso nos Estados Unidos e espriam-se para o restante do mundo. O grande exemplo desta febre é centrado na figura de Oprah Winfrey, cuja dinâmica por ela própria operacionalizada reforça, segundo Illouz (2003), uma visão que responde ao caos e à insignificância, oferecendo um sistema “racional” de explicação do mundo.

No sentido aqui exposto, os conceitos desenvolvidos por Weber são fundamentais para explicar o uso de sistemas racionais na cultura popular: “*Popular*

culture is not only about entertainment. It is also, more often than is acknowledged in cultures studies, about moral dilemmas: how to cope with a world that consistently fails us and how to make sense of the minor and major forms of suffering that plague ordinary lives” (Illouz, 2003:04). O sistema racional de explicação consiste na combinação de virtudes empreendedoras, como trabalho pesado, disciplina e inovação, e de conselhos de guias espirituais. Desta forma, o “Oprah Show” apresenta um aspecto moral associado à autoajuda que engloba o sofrimento social como plataforma para auxiliar as pessoas a assumirem uma responsabilidade com relação a sua própria vida, que tem como suporte o lado emocional, incitador do debate sobre ética e autoaperfeiçoamento (Illouz, 2003: 238).

Já os balanços de Hochschild (2003) sobre os manuais de autoajuda mostram como, no decorrer da história, esses livros passaram de um modelo tradicional (os sentimentos adaptam-se a ação) para um modelo mais igualitário (a ação adapta-se ao sentimento). Empiricamente, no livro “The commercialization of intimate life”, ela demonstra que os conflitos da vida íntima são reflexos das contradições da sociedade capitalista, isto é, o espírito do capitalismo entra na vida íntima e compete com a instituição familiar, afetando as mulheres, em especial, com relação ao seu papel de mãe e de esposa. A autora mostra que, atualmente, os códigos de conduta presentes nos manuais de autoajuda misturam padrões femininos e masculinos, entre o tipo tradicional e o moderno de vida. Tal associação é que garante o sucesso desse tipo de literatura, principalmente para o segmento feminino, no qual as mulheres precisam conviver com padrões tradicionais (mãe, esposa e dona de casa) e modernos (independência e trabalho).

The gender revolution is primarily caused by changes in the economy, but people feel it in marriage. In a parallel way, economic shifts have been the “motor” of changing relations between blacks and whites. As the number of unskilled jobs declined, as capital moves out of the central cities to suburbs or to cheap labor in Third World countries, blacks and whites are left to compete for the remaining jobs. It is in the back rooms of investments banks, personnel offices, and union halls that the strain between the races might be said to originate. But it is in the school yard, in the prison, on the street that racial tensions is actually felt. Just as American blacks have “absorbed” a higher unemployment rate “for whites”, in the same sense, the growing number of working women have absorbed the contradictory demands of family and work “for men”, by working the extra months a year. If blacks have lowered the unemployment rate for whites, women have

reduced the family-work conflict for men. But unlike most blacks and whites, men and women live together; the female absorption of a male problem becomes part of marriage, and strains it (Hochschild, 1989: 258).

Portanto, a literatura de autoajuda, para Hochschild, é um intermediário cultural, que visa a “ajudar” a resolver os problemas cotidianos dos indivíduos, em especial, das mulheres. Illouz (2007) também ilustra a importância do uso de tal clamor emocional em sintonia com o capitalismo, o que gera uma cultura na qual emoções e práticas econômicas moldam mutuamente umas as outras. Isso produz um movimento amplo e abrangente, em que o afeto torna-se o aspecto essencial do comportamento econômico e, conseqüentemente, reforça o importante papel que a literatura de conselho, embasada na autoajuda, desempenha na transformação do *self* individual. Dessa forma, essa literatura de autoajuda se constitui sinônimo de sucesso nos diversos órgãos midiáticos.

Entretanto, a partir das teorias expostas até o momento, uma breve explicação sobre o sucesso do ramo da autoajuda encontra ressonância no ideário de expansão do sistema capitalista (Rüdiger, 1996). Ao mesmo tempo, o espetáculo em torno da história de vida que se resolve com sessões de terapia e que motiva o constante autoaperfeiçoamento individual suporta o sucesso de livros voltados para carreira e negócios, como afirma Giardino (2005). De acordo com Marcos Hashimoto, professor da Business School de São Paulo e especialista em empreendedorismo, “os executivos descobriram que não dá mais para pensar no emprego eterno. As empresas estão inseridas em um cenário dinâmico e mutável, exigindo mais de seus executivos e gerando maior competitividade”. Por esta razão, os livros de desenvolvimento profissional passaram a ser tão procurados, afirma o professor⁴⁷.

Atualmente, a literatura de *pop-management* é referência para empresários e trabalhadores, a qual faz apologia à competência do trabalhador (Wood Jr., 2001:87). Nesta mesma linha, Chies e Marcon (2008) analisam a referida literatura como sendo a religião do trabalhador pós-moderno, já que ela tornou-se um recurso utilizado pelos indivíduos frente à complexidade exigida pelo mundo do trabalho. Aqui, destacam-se os profetas do mundo dos negócios – Tom Peters, John Naisbitt e Gifford Pinchot, considerados herdeiros do clássico Peter Drucker, o pai da administração moderna. Os pensamentos mais populares de Drucker dizem respeito a como os seres humanos se

⁴⁷ Como os gurus brasileiros conquistaram seu espaço. A. Giardino. Valor Econômico, Junho, 2005.

posicionam com relação às empresas, governos e demais instituições. Pode-se dizer que, esses autores tornaram-se importantes referências e estimulam estudos na área da administração. Eles elaboraram manuais de conduta que passaram a doutrinar o padrão de vida dos indivíduos e da sociedade, da mesma forma como operam os manuais de gestão empresarial que foram estudados mais recentemente por Boltanski e Chiapelo (1999) e são entendidos como o motor que impulsiona a alma do “novo espírito do capitalismo”. O antigo ideal deve ser removido para dar lugar a um novo profissional, comprometido com o trabalho e, principalmente, com seus resultados; o intra-empresendedor, capaz de perceber e agir, “o apóstolo da excelência”, segundo Wood Jr. (2001). Assim, cunha-se a base para a construção de uma nova ética que alimenta o mundo do trabalho e suporta a busca do sucesso individual.

Assim, essas questões que apontam as incertezas trazidas pelo sistema capitalista, que assinalam os problemas referentes à duração média do trabalho, da renda econômica e do aumento do custo de vida básico, ligado à saúde, à habitação e à educação contribuem para a promoção de discussões que envolvem o planejamento financeiro e a poupança. Esses assuntos abrem espaços para a explosão da literatura sobre finanças pessoais, que por sua vez, é categorizada como autoajuda financeira pela maioria das editoras e livrarias do país, como exemplifica o trecho a seguir, retirado de uma revista brasileira de economia.

Eis a febre do momento nas livrarias brasileiras. Apenas os 15 livros de finanças pessoais mais badalados já venderam 700 mil exemplares nos últimos três anos. O número é expressivo. No Brasil, são poucos os livros que ultrapassam a barreira das 5 mil unidades. O barulho extrapola as prateleiras das grandes redes. Os autores, populares, passaram a receber inúmeros e-mails de leitores ansiosos por uma consulta. Conseguiram espaço em colunas de jornais e nos programas de televisão. Viraram consultores e palestrantes de empresas e universidades. São estrelas⁴⁸.

A autoajuda financeira é um tipo de autoajuda que também concorre com outros segmentos que vão do bem-estar, esporte, espiritualismo, negócios, saúde, etc., entretanto, hoje em dia, ela é um fenômeno de destaque nas livrarias brasileiras. Neste

⁴⁸ A indústria de livros de autoajuda financeira explode e transforma seus autores em estrelas. Paula Pavon, Isto é Dinheiro, julho, 2003.

cenário, as estrelas são os consultores financeiros, que aliam aconselhamento psicológico e financeiro. Segundo McGee (2005), princípios racionais e econômicos passam a interferir cada vez mais na esfera privada por meio dos gurus das finanças. Um exemplo mencionado pela autora retrata o caso de uma das conselheiras mais famosas dos Estados Unidos, Suze Orman, que também possui seu próprio *talk-show* e é abençoada pelas mãos de Oprah.

When Orman talks about investing one's money so that "it will work for you", she is describing the way in which interest and dividend income are derived from the expansion of the economy, which is, of course, dependent on the productivity of working people. Thus when an investor's money is "working" for that investor, somewhere, someone is working and taking home less than the value of what he or she has produced in his or her day's work. Or, more value for which they are not compensated. The only way out of this conundrum – in Orman's view – is for working people to scrimp and save so as to become investors themselves and recoup something of what has been appropriated from them (McGee, 2005:109).

Para Rüdiger(1996), portanto, a literatura de autoajuda tornou-se uma espécie de síntese ética da composição de tendências do avanço do capitalismo, que propiciaram a transformação da personalidade em categoria social no contexto do individualismo democrático contemporâneo. Nesse sentido, Asbahr (2005) enfatiza que essa literatura oferece certo referencial ético em meio a um contexto de descrença trazido pelos ares do capitalismo. O fenômeno da autoajuda torna-se, então, a expressão do individualismo da sociedade contemporânea, estabelecendo a regra moral do comportamento individual. Do mesmo modo, a análise de Chagas (2001) também revela a idiosincrasia manifestada pelo imaginário individualista elucidado pelo movimento da autoajuda, no qual o sujeito se vê em um imaginário narcísico. Isso ocorre pela hipertrofia provocada no imaginário do sujeito, que encontra sintonia na crença de que alcançará, um dia, a fortaleza psíquica, para que o indivíduo viva independentemente dos outros.

Não há nada de errado com o mundo. É você que tem que mudar e não o mundo – professam os manuais. Por esse viés, os discursos de autoajuda assumiriam, então, um papel singular na medida em que ajudariam a construir um modelo econômico, político, social e moral de sociedade, que se afinaria com os valores da sociedade capitalista atual. Assim, o fenômeno da autoajuda não só traduziria como, também, reforçaria as demandas da sociedade (Martelli, 2006: 272).

Por outro lado, tal fenômeno também passa a ser justificado pelos intelectuais da modernidade. Teóricos como Giddens (2002) partem das consequências da modernidade para explicar por que os indivíduos consomem terapias e manuais de autoajuda. Para o autor, tais manuais, livros de caráter prático refletem e constroem a reflexividade da sociedade moderna: “Hoje em dia, o eu é para todos um projeto reflexivo — uma interrogação mais ou menos contínua do passado, do presente e do futuro. É um projeto conduzido em meio a uma profusão de recursos reflexivos: terapia e manuais de autoajuda de todo os tipos, programas de televisão e artigos de revistas” (Giddens, 1993: 41). Assim, pressupõe-se que ao tentar desestruturar laços tradicionais, a modernidade proferida pelos manuais de autoajuda desestabiliza o indivíduo, gerando a fuga para a interioridade. Nessa condição, o eu interior busca a identidade entre as estratégias e opções fornecidas pela confiança nos sistemas abstratos que, por sua vez, acabam legitimando o sucesso da literatura de autoajuda em consonância com o desenvolvimento do capitalismo (Giddens, 1997).

Segundo Demo (2005), a autoajuda pode até ter um lado sábio, já que propõe apoio no sentido de os indivíduos lidarem com problemas insuperáveis e deles exige uma atitude mais conformada perante a realidade. Entretanto, o autor enfatiza que a autoajuda se reduz a uma “estratégia de espoliação da boa vontade ou da ignorância dos outros” (Demo, 2005: 102). Desse modo, ao propor uma teoria crítica sobre a autoajuda, chamando a atenção para uma sociologia da ingenuidade como condição humana, o autor destaca que ela “é fraudulenta, de um lado por ser propaganda enganosa, e de outro, por implicar atrelamentos que nada têm a ver com alguém que saberia ‘autoajudar-se’. Não se pode pretender viver sem ajuda, mas outra coisa é fazer da ajuda proveito para quem ajuda e atrelamento para quem é ajudado” (Demo, 2005:103).

Ao explorar a questão da autoajuda na mídia, Asbahr (2005) argumenta que é possível encontrar diversos posicionamentos acerca dos livros que tratam desse assunto tanto em periódicos de circulação regional como nos de grande abrangência nacional.

Esses jornais e revistas ora apresentam os livros de autoajuda como úteis, destacando a importância que eles podem assumir na vida de seus leitores, ora trazem uma problematização da necessidade e da importância desse tipo de literatura na sociedade atual, apresentando-a como um gênero menor, em um tom crítico, como um engano ou “charlatanismo” (Asbarh, 2005: 17).

De modo geral, a revisão bibliográfica sobre a literatura de autoajuda mostra que esta acompanha o percurso capitalista e apropria-se de artifícios de legitimação como a terapia e a psicologia (Castel, 1987; Illouz, 2007; Jacoby, 1977; Rieff, 1990; McGee, 2005; Chagas, 2001), propiciando armas e conforto para os indivíduos conviverem com os percalços trazidos pelo próprio capitalismo e pela modernidade (Giddens, 1997; Hochschild, 2003). Entretanto, a maioria dos estudos que aborda a temática da autoajuda, de alguma forma, passam a criticá-la, por apresentar métodos ou técnicas de doutrinação que buscam adaptar os indivíduos às características da vida moderna, mantendo-os alienados e incapazes de refletir sobre as suas próprias decisões.

Essa breve revisão e explicação sobre o fenômeno da autoajuda parece prescrever um apelo ao individualismo propagado pelos próprios teóricos e críticos desse tipo de literatura. De forma grosseira e sem ares analíticos, vale ressaltar que as ideias de autonomia, liberdade e autoaperfeiçoamento que podem ser encontradas nos manuais de autoajuda estão em harmonia com uma identidade-nós (Elias, 1994). Isto é, se os livros de autoajuda são *best-sellers* e constituem uma síntese ética do momento histórico, pode-se dizer que há receitas individuais – busca da identidade-eu – em massa que constitui uma identidade-nós. A partir desse ingênuo panorama, a teoria de Elias surge como uma grande aliada para analisar o movimento da autoajuda e, assim, explicar as formas de adaptação de indivíduos tanto social quanto economicamente e, não prescrever comportamentos moldados por uma espécie de segunda natureza que permeia os estudos sobre autoajuda apresentados nesse capítulo.

Atualmente, há uma tendência de valorização do individualismo. Segundo Elias (1994), o termo indivíduo vem associado à ideia de que todo ser humano deve ser uma entidade autônoma, diferente dos demais. Em suas próprias palavras, “é característico da estrutura das sociedades mais desenvolvidas de nossa época que as diferenças entre as pessoas, sua identidade-eu, sejam mais altamente valorizadas do que aquilo que elas têm em comum, sua identidade-nós” (Elias, 1994: 130).

Para Elias (1994), a sociologia clássica falha por analisar a dicotomia indivíduo e sociedade como algo estático, já que, ao analisar o papel do indivíduo de forma

isolada, obtém-se os seguintes resultados: de um lado, uma imagem negativa dos indivíduos, que são tidos como “implacáveis e brutais, propensos a oprimir os outros e a enriquecer á custa deles” (Elias, 1994: 74); por outro, uma imagem positiva, em que a “palavra indivíduo pode estar associada ao orgulho por sua posição independente na sociedade” que se conquista por méritos próprios (Elias, 1994: 75).

A maioria das análises apresentadas até o momento sobre o fenômeno da autoajuda retrata os indivíduos e suas atuações como característicos das sociedades modernas, concretizando uma profecia autorrealizante. Ao mesmo tempo em que os teóricos criticam o referido fenômeno, eles também o legitimam como prática dos tempos atuais, já que ora o indivíduo é visto como alienado por consumir autoajuda, ora ele é concebido como egoísta por utilizá-la para o seu próprio desenvolvimento.

3.1 A autoajuda como técnica de reconversão

Ao realizar uma breve revisão sobre a temática da autoajuda no item anterior, de certa forma, foi apresentado um rastreamento sobre a origem do conceito, dos segmentos intelectuais e da sua ligação com demais temáticas responsáveis pela construção sistemática do que vem a ser o fenômeno da autoajuda nos dias atuais. De modo geral, o recorte teórico apresentado remete ao quadro do processo civilizador estudado por Elias (1993, 1994), no qual é possível observar a construção de dois mundos divergentes de pensamento. Nesta tese, o primeiro mundo é formado por aqueles que dão força ao campo, isto é, os próprios escritores e difusores do gênero de autoajuda, e o segundo, é constituído por uma elite pensante que cria um modelo próprio sobre como o conceito de autoajuda deve ser pensado.

Este último aspecto pode consistir em uma armadilha sociológica, pois os autores mencionados concebem o social como um sistema de forças que toma indivíduos e sociedade separadamente. Os teóricos, muitas vezes, não atentam para a própria sociologia do mundo intelectual, que tem como objetivo analisar tanto aspectos relacionais quanto processuais do fenômeno em questão (Pontes, 1997).

Elias aponta que os novos padrões de comportamento estabelecidos pelos manuais que percorriam a sociedade de corte francesa, deixaram de ser conscientes para se tornarem uma segunda natureza. É a essa segunda natureza que o autor se refere quando fala em mudanças na estrutura da personalidade, isto é, na transformação das

estruturas psíquicas (*habitus*) do indivíduo, tanto do senso comum como dos próprios intelectuais. Isto posto, tem-se que a decorrência do desenvolvimento de novas funções sociais interdependentes, por sua vez, dá lugar a uma nova economia psíquica que constitui a sociedade em geral.

Assim, os teóricos e críticos da autoajuda não se dão conta de que o próprio campo das ciências, interiorizado de normas e valores, impõe um modelo que deve ser seguido, isto é, a ciência é tomada como processo civilizador, que naturaliza práticas e pensamentos capazes de encobrir as próprias técnicas de trabalho sobre si mesmo (Mauss, 2003).

De modo geral, a revisão bibliográfica que foi apresentada sobre autoajuda demonstra que tal fenômeno acompanha o percurso do mundo do trabalho e do sistema capitalista e apropria-se de artifícios de legitimação, como a terapia e a psicologia (Castel, 1987; Illouz, 2003; Jacoby, 1977; Rieff, 1990; McGee, 2005; Chagas, 2001). Por outro lado, não se pode deixar de mencionar a importância de alguns teóricos que foram resgatados para demonstrar a diversidade de caminhos pelos quais é possível abordar a temática da autoajuda (Giddens, 1997; Hochschild, 2003; Martelli, 2006).

As pesquisas registram uma evolução histórica e mesmo sociológica sobre o tema. Entretanto, de maneira resumida e talvez injusta, a autoajuda e suas análises acadêmicas são carregadas de críticas, tornando-se mais uma fatalidade a ser condenada pelos intelectuais, ao mesmo tempo que as consequências perversas de sua magia parecem impossíveis de serem combatidas (Grün, 2003). Desse modo, Grün (2003) alerta sobre algumas ideias que, ao adquirirem “veracidade e positividade, acabam virando efetivamente um modelo dominante para o enquadramento e a busca de sentido das vivências pessoais observadas” (Grün, 2003: 11). De acordo com o autor, pode-se argumentar que essa retórica criada pelos intelectuais da autoajuda é uma armadilha sociológica que cerca e empobrece os estudos sobre o fenômeno no Brasil.

Aparentemente, os próprios teóricos que buscam desmistificar o referido tipo de literatura passam a seguir modelos de interpretação que, grosso modo, são semelhantes aos modelos propostos nos julgados manuais inferiores de autoajuda, encobrendo a realidade e os efeitos sociais que tal dinâmica pode exercer tanto no indivíduo quanto na sociedade. Isso gera uma ilusão que aparenta muito mais o que os intelectuais querem evitar do que aquela que eles almejam conseguir (Grün, 2003: 28), como exemplificado no trecho a seguir.

Para os cientistas sociais, fica o alerta de que essa visão do mundo social como uma natureza inelutável se sustenta em grande parte por conta da nossa cumplicidade ativa ou passiva. Em lugar de considerar a sociologia espontânea produzida nos manuais de autoajuda e nos demais interstícios do mundo econômico como uma espécie de “arte menor” que diminui quem dela se ocupa, é imperioso enfrentá-la, tanto na sua variante que puxa para o fatalismo do provável, definindo esse mundo “globalizado” sem sujeito, pré-construído e irresistível, quanto sua irmã siamesa que apela para a ilusão da indeterminação completa dos destinos individuais e que se apressa em vender sua receita de salvação (Grün, 2003: 30).

As críticas com relação ao fenômeno da autoajuda recaem na ideia de que os livros desse gênero são simples manuais que apresentam receitas ilusórias e, por isso, constituem-se em uma literatura menor e superficial; assim, tal crítica acaba não abrangendo os reais efeitos que essa dinâmica pode produzir na sociedade. Nesse sentido, Douglas (1998) e Grün (2003) alertam que tanto escritores quanto leitores de autoajuda passam a compartilhar uma mesma crença: a de que é possível produzir, pouco a pouco, uma mudança cultural que busque transformar práticas e percepções acerca do mundo em que vivemos.

Grün (2003) e Pedroso (2001) relatam que os diversos métodos empregados pela autoajuda, que vão das ‘técnicas dos doze passos’ as técnicas neurolinguísticas merecem uma refinada explicação sociológica: “certamente a enorme maioria dos métodos de trabalho sobre-si-mesmo não chega nem perto de entregar o produto que prometem, mas alguma coisa eles entregam” (Grün, 2003: 25). Desta forma, explorar o que a autoajuda “entrega” pode trazer grandes evidências com relação à utilização das técnicas propostas por seus modelos (Grün, 2003).

A pesquisa realizada por Pedroso (2001) sobre o caso da empresa Amway configura um grande exemplo do objetivo que se almeja aqui atingir. O trabalho esboça o espaço dos atuantes da Amway para explicar como se produz e se reproduz esse corpo de agentes que dinamizam e expandem as redes de relações que constantemente conquistam novos adeptos ou associados. Nesse sentido, o referido autor argumenta que há um extensivo uso de práticas de autoajuda no treinamento desses agentes para que os indivíduos se tornem autoconfiantes e otimistas, e que, mesmo em uma situação de fracasso, eles se mostrem preparados e “otimistas” para procurar novas alternativas de inserção econômica que antes eram invisíveis segundo suas percepções.

Cabe ressaltar, segundo Bennett (2011), a importância do “otimismo” na vida cotidiana nos dias atuais, cuja emergência está simbolicamente atrelada ao fenômeno da autoajuda e reforça o ideário de que o indivíduo tem que buscar forças para superar fracassos e atingir o sucesso. Neste ponto, a sociologia processual e relacional de Elias se torna instigante, pois alerta para a observação do avanço da autoajuda com relação às estruturas que se movem entre indivíduo e sociedade. Como ressalta de De Goede (2001), regras comuns são criadas para que se tornem um exercício de civilidade. Assim, a criação de códigos sociais de conduta e manuais garantem o autocontrole do indivíduo, permitem o “avanço da civilização” e moldam “culturalmente” indivíduos e sociedade, esboçando mudanças estruturais e culturais.

Na “Sociedade de Corte”, Elias revela que a nobreza perdia poder social com a expansão do setor monetário da economia; conseqüentemente, a burguesia, ascendia socialmente, em razão dos mesmos fatores. Na medida em que a sociedade se diferenciava, aumentavam o número de funções sociais e o grau de dependência entre as pessoas, fazendo que estas pautassem, cada vez mais, a sua conduta e seus hábitos com relações às outras.

A corte é uma espécie de bolsa de valores e, como em toda “boa sociedade”, uma estimativa do “valor” de cada indivíduo está continuamente sendo feita. Mas, neste caso, tem seu fundamento real não na riqueza ou mesmo nas realizações ou capacidade do indivíduo, porém na estima que o rei tem por ele, na influência de que goza junto aos poderosos, na sua importância no jogo das *coteries* da corte. Tudo isso, estima, influência, importância, todo esse jogo complexo e sério no qual estão proibidas a violência física e as explosões emocionais diretas, e a ameaça à existência exige de cada jogador uma constante capacidade de previsão e um conhecimento exato de cada um, de sua posição e valor na rede de opiniões da corte (...) Qualquer erro, qualquer descuido reduz o valor do indivíduo na opinião da corte e pode pôr em xeque a sua posição (Elias, 1986: 226).

Elias (1986) fez uma comparação entre a sociedade de corte e a bolsa de valores, sem levar em consideração os aspectos econômicos, pois pretendia exemplificar como atuavam os manuais rumo à formação de um cortesão bem-sucedido. Hoje, é possível fazer a mesma analogia, mas olhando pelo ponto de vista da valoração do sucesso econômico, trazida pelos manuais atuais, que pregam como se tornar um indivíduo

bem-sucedido “financeiramente” como causa boa e justa, numa sociedade de origem tipicamente católica como o Brasil.

De acordo com Preda (2006), a sociedade de corte estudada por Elias estava envolvida em redes de posições sociais, regras e forças, nas quais os *selves* individuais eram moldados pelas regras determinantes do processo de interação. O *self* não é uma criação isolada, mas uma “figura” situada na rede de interações nas quais outras figuras também exercem forças. No entanto, por meio dos ideais expressos nos manuais de autoajuda, é possível observar a formação de sujeitos com disposição para atuar economicamente de forma reconhecida como boa e justa, pois as técnicas que buscam redirecionar metas e valores empregadas, de modo geral, induzem à performatividade da ação do indivíduo, como um caminho para o desenvolvimento do *self*. A autoajuda passa a estabilizar e naturalizar práticas e ações econômicas tanto coletivas quanto individuais antes não legitimadas, contribuindo para a reconversão de *habitus* (como proposto por Bourdieu, 1997), gerando dinâmicas e sensibilidades específicas e configurando novas realidades sociais.

Dessa maneira, explorar a autoajuda que, no caso em questão, se limita ao mundo das finanças pessoais torna-se um desafio analítico que pode ser desvendado por meio de um estudo sistemático sobre a formação do campo dos fornecedores de ideias e da (possível) reconversão de *habitus* dos indivíduos, baseado na teoria bourdesiana, mas não apenas limitado a ela.

Grandes, pequenas ou inexistentes, essas possíveis transformações advindas do movimento das finanças em ascensão apontam para a necessidade de uma pesquisa de campo atenta à realidade social e não contaminada por conceitos teóricos que tratam a autoajuda como uma literatura menor e com consequências perversas para o indivíduo e a sociedade. Assim, buscar-se-á evitar análises limitadas de mudanças simbólicas que estão se concretizando no seio da sociedade, como realizam alguns teóricos e críticos da autoajuda na modernidade.

4. DESCRIÇÃO DA PESQUISA DE CAMPO: COMO A OFERTA DE IDEIAS (PODE) SE CONSAGRAR EM DEMANDA.

People are socialized into the world of finance both by participation in investment activity and by exposure to popular media saturated with news, images, and the attractions of money management (Martin, 2002: 121).

O mundo das ofertas de ideias, produtos e serviços ligados à esfera das finanças pessoais está crescendo num ritmo avassalador no Brasil. Entre 2006 e 2007, quando iniciei a pesquisa, o mercado da autoajuda financeira e dos consultores financeiros ainda se desenvolvia timidamente; período em que o trabalho consistia simplesmente em mapear os eventos, as palestras, os consultores e os escritores de livros. Após quatro anos, foi possível perceber que o mercado editorial nacional da autoajuda financeira, vinculado à indústria de palestras e workshops, invadiu diversos ambientes, como escolas, universidades, *shopping centers*, associações e várias instituições que começaram a abrir suas portas para a temática das finanças pessoais, recebendo palestrantes e demais especialistas no assunto. Muitos consultores financeiros ganharam espaços fixos em programas de televisão e telejornais, assim como em jornais e revistas de grande circulação no país.

Foi passeando por entre as estantes das livrarias, acompanhando as listas de *best-sellers* veiculadas pelos mais importantes meios de comunicação de economia, e interagindo nas salas de bate-papo e fóruns sobre o mercado financeiro na Internet que penetrei no mundo das finanças pessoais, aprendendo seus jargões e conhecendo seus principais interlocutores no Brasil. Após um breve mapeamento do campo, participei de eventos e cursos sobre o mercado financeiro na Bolsa de Valores de São Paulo e em corretoras de valores mobiliários. A partir desse procedimento, foi possível chegar à Expo Money, evento que se tornou a principal referência para a realização da pesquisa empírica deste trabalho, sinalizando que o campo das finanças pessoais não era tão limitado como aparentava.

Logo no início deste trabalho, frequentei o Sétimo Encontro da Sociedade Brasileira de Finanças (SBFin), que ocorreu na sede do Instituto Brasileiro de Mercado

de Capitais (IBMEC), em 2007, na cidade de São Paulo⁴⁹. A pesquisa, de caráter exploratório, visou averiguar a figura do investidor, divulgada pelos financistas acadêmicos, além de mapear os principais temas que constituem a pauta da sociedade científica das finanças no Brasil e verificar a existência (ou não) de uma relação entre o mundo acadêmico e o mercado de consultores financeiros.

Em resumo, os trabalhos apresentados nesse encontro focalizaram as seguintes questões: governança corporativa; Novo Mercado; gestão de empresas seus benefícios e riscos; assimetria de informação; lei das falências; análises gráficas e econometria. Foi possível notar que, para o grupo acadêmico, o investimento no mercado financeiro é “dado de barato”, ou seja, é considerado uma prática econômica legítima. Isto é, a figura do investidor está fortemente ligada à ideia de *homo economicus* da ortodoxia econômica, pois o mercado financeiro, em sua forma de ativo, está institucionalizado como a melhor e principal forma de investimento nos dias de hoje. A tabela abaixo aponta alguns trabalhos que apresentaram temáticas sobre investidor/acionista, investimento e bolsa de valores, para elucidar as pautas discutidas na esfera acadêmica das finanças no Brasil.

Tabela I: Trabalhos apresentados no VII SBFIn

Anomalias do Mercado Acionário Brasileiro: A Verificação do Efeito Janeiro no Ibovespa no Período de 1969 a 2006	José Santos, Rubens Famá, Ricardo Trovão, Adriano Mussa
Behavior and Effects of Equity Foreign Investors on Emerging Markets	José Ornelas, Barbara Alemanni
Demanda por Aplicações Financeiras: Uma Investigação sobre os Depósitos de Poupança no Brasil	Frederico Gomes, Felipe Pinheiro, Vinícius Brandi
Herding Behavior by Equity Foreign Investors on Emerging Markets	José Ornelas, Barbara Alemanni

⁴⁹ Pesquisa de campo realizado no VII Encontro Brasileiro de Finanças em São Paulo nos dias 26, 27 e 28 de julho de 2007, na Faculdade IBMEC/SP. O evento foi organizado pela Sociedade Brasileira de Finanças.

Impacto da Divulgação de Disputas entre Acionistas Controladores e Minoritários sobre o Preço das Ações no Brasil	Alexandre Di Miceli da Silveira, Armando Lopes Dias Junior
Investment Optimization in Credit Score Systems	Gyorgy Varga, Luciano de Castro
Memória Longa na Volatilidade do Índice Bovespa: Uma Análise Utilizando Modelos da Classe ARCH	Luiz Eduardo Gaio, Thelma Sáfyadi
Ombro-Cabeça-Ombro: Testando a Lucratividade do Padrão Gráfico de Análise Técnica no Mercado de Ações Brasileiro	Pedro Boainain, Pedro Valls Pereira
Omega based Portfolio Optimization – A Simulation study on Private Equity Investments	Matthias Ick, Eric Nowak
Persistência de Performance nos Fundos de Investimento em Ações no Brasil	Rogério Monteiro

Em princípio, percebeu-se que o grupo acadêmico não está em disputa objetiva, assim como não mantém relações de proximidade com o campo de ascensão dos consultores financeiros, os quais procuram atrair e seduzir indivíduos de modo que estes invistam no mercado de capitais. Aquele grupo está inserido nas disputas que envolvem o jogo do poder do próprio campo acadêmico, a luta entre as várias temáticas e o academismo do corpo professoral (Bourdieu, 1984). Entretanto, esse é um grupo importante em termos de análise macrossocial, já que os assuntos por ele debatidos exploram temáticas que, de certa forma, são transmitidas com uma linguagem mais simples para a sociedade, por meio de outros agentes sociais, corroborando a consolidação do mundo das finanças no Brasil.

Nessa mesma época, a pesquisa estava na fase de busca dos principais livros de autoajuda financeira com o intuito de delimitar os autores nacionais envolvidos com a temática. Contudo, com o desenrolar dessa etapa, foi possível notar que não eram

apenas as traduções de livros como “Pai Rico, Pai Pobre” que despertavam o interesse dos leitores no Brasil, mas também, que as publicações de alguns autores nacionais, que atuam como consultores financeiros, já faziam muito sucesso. Ao procurar informações sobre os autores brasileiros, deparei-me com a ampla rede em que eles estão envolvidos, como o mercado de cursos, workshops, palestras, blogs pessoais e interativos e as inúmeras comunidades virtuais que indicam a leitura de livros para seus participantes e discutem com frequência a eficiência de métodos desenvolvidos por *traders*. Além disso, encontrei softwares e *home brokers* desenvolvidos para as pessoas físicas poderem participar, analisar e investir no mercado dentro de suas próprias casas.

A seleção dos livros também ocorreu por meio de buscas realizadas em sites na Internet. Pode-se dizer que a quantidade de livros relacionados ao fenômeno da autoajuda financeira foi espantosa, já que são enquadrados nessa vertente, livros sobre gestão e negócios e áreas afins, que abordam o empreendedorismo, por exemplo. Optei, então, por selecionar o célebre “Pai Rico, Pai Pobre”, considerado um marco da literatura de finanças no Brasil, e os livros dos principais consultores financeiros, cujas obras estão publicadas tanto na Coleção da Expo Money (Editora Campus) quanto em outras editoras, e são destaques no referido circuito⁵⁰. Vale ressaltar que foram feitas leituras de vários livros, o que, de certa forma, orientou a maneira de ler e analisar o conteúdo daqueles que foram escolhidos para esta pesquisa e serão apresentados no decorrer deste trabalho.

Entretanto, ao mapear os autores de livros nacionais, percebi que estava envolvida na esfera do mercado conhecida como fundamentalista. Foi durante a pesquisa de campo na Expo Money, em 2007, mais precisamente, que tive contato com um grupo de análise técnica, cuja maioria dos seus integrantes desenvolve modelos de análise dos mercados por meio de gráficos e softwares.

É importante revelar a existência de uma polêmica em torno das diferenças de opiniões e modelos de análise de mercado entre os profissionais que se denominam fundamentalistas e os que se intitulam grafistas. De modo geral, a análise fundamentalista leva em consideração os fundamentos de uma empresa como lucro, grau de endividamento e participação no mercado. Já a análise gráfica estuda o histórico

⁵⁰ A seleção dos livros não ficou restrita as listas de *best-sellers*, já que os autores de livros de finanças pessoais brasileiros que figuraram as listas dos “mais vendidos”, durante a realização da pesquisa, fazem parte da Expo Money; assim, essa opção também abrangeu os autores que não compõem as listas, mas fazem sucesso e têm visibilidade na mídia brasileira.

de preços das ações com figuras gráficas e linhas de tendência; isto é, a partir do desempenho da ação no passado, os grafistas tentam projetar o que ocorrerá com as cotações no futuro. Os fundamentalistas usam uma linguagem mais simples ao falar sobre o mercado de ações e, por isso, tornam-se mais atrativos para o público que não tem intimidade alguma com o mercado de capitais; seus argumentos são desenvolvidos com base em um linguajar simples que não contém jargões do mercado, e no uso de metáforas da vida cotidiana, utilizadas para explicar não apenas o funcionamento do mercado, mas também como cortar gastos, fazer um planejamento financeiro, etc. Isso é uma evidência da maior notoriedade e da forte presença de consultores fundamentalistas na mídia.

Ao longo da pesquisa, no entanto, foi possível perceber que alguns grafistas também ingressaram no mercado de publicação de livros de fácil entendimento para as pessoas físicas, mais precisamente para aqueles investidores iniciantes no mercado de capitais. Esses profissionais procuram demonstrar em seus livros como é simples operar gráficos e apresentam outras formas de investimentos que envolvem maiores riscos em suas operações, como os mercados de opções e derivativos.

Antes de abordar o conteúdo dos livros de finanças pessoais, será apresentada a pesquisa de campo realizada na Expo Money e a dinâmica que envolve os consultores financeiros, a fim de que o leitor perceba em termos cronológicos como foi construído o trabalho de campo; assim, ele poderá entrar no mundo das finanças pessoais seguindo o mesmo percurso da pesquisadora.

4.1 A Expo Money

Ao mapear o mercado editorial nacional de livros sobre finanças pessoais, foi possível chegar à Expo Money, evento de destaque relacionado com a educação financeira no Brasil. Como aprimoramento da fase empírica do trabalho, a pesquisa de campo foi realizada no referido evento em São Paulo, nos anos de 2007⁵¹, 2008 e 2010, bem como a coleta de dados via Internet sobre alguns detalhes da Expo Money São

⁵¹ O trabalho de campo na Expo Money 2007 foi uma pesquisa exploratória, durante a qual observei a dinâmica do evento, participando das palestras, andando pela feira de exposição e coletando materiais de propagandas, cartilhas que eram distribuídas. Além disso, procurei conversar com alguns participantes.

Paulo 2009⁵², que contou com a presença do escritor de “Pai Rico, Pai Pobre”, Robert Kiyosaki, e de sua mulher, Kim Kiyosaki, também escritora de finanças pessoais.

A primeira edição do evento no país aconteceu em 2003, em São Paulo, e reuniu 9.182 participantes; em 2011, o número de visitantes saltou para 20.171⁵³. Atualmente, a Expo Money conta com 11 edições por ano e percorre as cidades de São Paulo (SP), Curitiba (PR), Recife (PE), Fortaleza (CE), Florianópolis (SC), Porto Alegre (RS), Brasília (DF), Salvador (BA), Belo Horizonte (BH), Vitória (ES) e Rio de Janeiro (RJ). Neste ano, cidades como Campinas e Ribeirão Preto, no interior do estado de São Paulo, também foram sedes do evento.

A Expo Money tem como foco atingir dois tipos diferenciados de público. De modo geral, ela está direcionada para os iniciantes, aqueles que desejam aprender sobre o mercado, e abrange uma série de palestras e exposições para interessados em planejar as finanças, aprender a poupar, começar a investir e explorar as diversas formas de investimento. Por outro lado, o evento também tem como foco as pessoas que já investem no mercado, que participam das palestras consideradas mais avançadas⁵⁴.

Vale a pena mencionar alguns dados sobre a dinâmica da Expo Money. A edição ocorrida em 2008 contou, durante os três dias do evento, com 180 palestras, divididas por níveis de conhecimento (básicas, intermediárias e avançadas). A programação abrangeu as seguintes palestras básicas: Mulheres Informadas, Investimentos Conscientes; Uma escolha muda todo o seu futuro: Soluções Diferenciadas em Previdência Complementar; Planejamento Financeiro Pessoal; Introdução à Análise Técnica; Poupança e formação de patrimônio; Mercado Financeiro, de Ações e Fundos de Investimentos; Macroeconomia; Mitos e verdades da Bolsa; A influência do comportamento do investidor nas decisões de investimentos; Como montar uma carteira de ações; Quais as metas para o seu dinheiro e Gestão de Riquezas.

Os participantes com maior conhecimento sobre o mercado financeiro tiveram como opções as palestras intermediárias sobre a análise técnica e fundamentalista, ministradas por Fausto de Arruda Botelho, Márcio Noronha, Eduardo Matsura e “Didi” Aguiar. Elas abordaram temas como Análise Gráfica: previsibilidade e disciplina; Software para a análise de investimento em ações; Desmistificando a Análise Gráfica; Análise Técnica; Como montar e administrar uma carteira de ações com análise técnica;

⁵² Na edição de 2009, não estive presente, pois, nessa época realizava o estágio sanduíche no exterior.

⁵³ Expo Money Internacional São Paulo reúne mais de 20 mil pessoas. In: <http://edufinanceira.org.br/expo-money-internacional-sao-paulo-reune-mais-de-20-mil-pessoas/>

⁵⁴ Informações retiradas do site – www.expomoney.com.br. Acesso 10/2007.

Volatilidade e crise: riscos e oportunidades. Já para investidores mais experientes, as palestras consideradas avançadas tratavam dos seguintes assuntos: Compre Ações e Venda Opções; Introdução e estratégias de proteção de carteira utilizando mini-contratos; Fibonacci na Análise Técnica e Teoria de Elliot; Estratégias com Opções e Precificação de Estratégias de Bolsa; Derivativos e Renda Fixa.

Vale destacar que, em 2010, houve um aumento do número de palestras sobre análises técnicas com relação aos anos anteriores. Dentro desse campo, é possível notar que vem ganhando espaço um ramo que aborda o mercado via análise quântica, como demonstra a palestra de Moacir Kang⁵⁵, intitulada “Análise Quântica e o Mercado Financeiro”⁵⁶.

As palestras com autores dos livros da Coleção Expo Money se destacam e, geralmente, são as mais concorridas em termos de participação. A referida coleção reúne uma série de livros sobre finanças pessoais e investimentos que pretende ensinar, de maneira fácil e didática, como educar as crianças sobre finanças, como administrar o consumo e sair de suas armadilhas, como investir e diversificar os investimentos para alcançar a tão aclamada independência financeira. Tal coleção, foi lançada em parceria com a Editora Campus-Elsevier, conta com 27 títulos e é coordenada pelo escritor Gustavo Cerbasi e por Robert Dannenberg, presidente da TradeNetwork, empresa organizadora da Expo Money no Brasil.

⁵⁵ Sócio-fundador responsável pela área de Trading e co-responsável pela área de Gestão de Portfólio, com 12 anos de experiência na gestão de portfólios e trading de derivativos. Ex-Gestor e chefe da área de Derivativo, Arbitragem e Ações da Tesouraria do Unibanco e UMA - Unibanco Asset Management (2001-2004). Sócio fundador da Webraska do Brasil (localização e logística - site Apontador), e membro da diretoria. Ex-sócio da AAA Asset Management (1999). Trader de câmbio, de derivativos de câmbio e de ações no Banco Patrimônio/Salomon Brothers (1997-1999) e Chase Manhattan Bank (1999, depois da fusão com o Banco Patrimônio). Graduação em Engenharia de Produção pela Columbia University, New York. Vale enfatizar que, estou reproduzindo os discursos dos agentes.

⁵⁶ Cabe ressaltar que a física quântica também entra em cena com o sucesso do livro “O Segredo”, de Rhonda Byrne, que se transformou em filme e se apóia em vários empreendedores da “Ciência de ficar rico”, nome do livro que inspirou “O Segredo”. Em especial, o filme segue o formato de um documentário e psicoterapeutas, visionários, psicólogos, filósofos, empreendedores, *investment trainer* e físicos quânticos baseados em teorias e estatísticas buscam desvendar o “Grande Segredo”. Os físicos quânticos demonstram que a materialidade (energia) do pensamento que vem sendo pesquisada pela física quântica em moldes científicos tem efeitos positivos. Assim, essa vertente que engloba várias áreas vai ganhando legitimidade, pois reforça-se, cada vez mais, a ideia de que o pensamento positivo e/ou a lei da atração é uma ciência “séria”.

Tabela II: Livros Coleção Expo Money

A Árvore do Dinheiro	Jurandir Sell Macedo Jr.	2007
A Análise Fundamentalista	José Kobori	2011
A Bolsa para Mulheres	Sandra Blanco	2007
A Dieta do Bolso	Eliana Bussinger	2007
Aprenda com quem venceu nas altas e baixas da Bolsa de Valores	Geraldo Soares Leite, Geraldo Soares e Rafael Reis	2010
As Armadilhas do Consumo	Márcia Tolotti	2007
Brasil: 100 Comentários	Rita Mundim	2008
Como Chegar ao seu Primeiro Milhão	Marco Falcone e Regina Tesima	2008
Como Esticar seu Dinheiro	Ricardo Humberto Rocha e Rodney Vergili	2007
Como Organizar sua Vida Financeira	Gustavo Cerbasi	2009
Educação Financeira	Cássia D'Aquino	2007
Finanças Comportamentais	Aquiles Mosca	2008
Formação de Investidores	Rodrigo Puga	2009
Formação de Traders	Rodrigo Puga	2010
Guia para Investir em Ações	Walter Furtado	2010
O Sovina e o Perdulário	Raphael Cordeiro	2007
Os Supersinais da Análise Técnica	Carlos Martins	2010
Psicologia Econômica	Vera Rita de Mello Ferreira	2008
500 Perguntas (e Respostas) Básicas de Finanças	Hugo Azevedo	2007
500 Perguntas (e Respostas) Avançadas de Finanças	Hugo Azevedo	2007
Relações com Investidores	José Marcos Treiger	2009
Sobreviva na Bolsa de Valores	Bastter (Maurício Hissa)	2010

Introdução às Opções	Bastter (Maurício Hissa)	2010
Investimento em Opções	Bastter (Maurício Hissa)	2010
Operando Opções	Bastter (Maurício Hissa)	2010
Suasfinanças.com	Marcelo Junqueira Angulo	2008
Títulos Públicos sem Segredos	Fabio Guelfi Pereira	2009

O lançamento da Coleção de livros da Expo Money em 2007, seguido de um coquetel, foi restrito a alguns convidados e contou com os discursos de Raymundo Magliano Filho, então presidente da Bovespa, e do escritor Gustavo Cerbasi. Um trecho expressivo do discurso desse escritor, enfatizando a necessidade da educação financeira, é descrito abaixo.

Atire a primeira pedra aquele que nunca teve arrepios diante de débitos, juros, credores e cheque-especial. Ou mesmo, quem não conhece alguém que, a partir de uma pendência financeira, se viu em um beco sem saída. O processo de endividamento é realmente um caminho angustiante, mas pode ser contornado. A editora Campus-Elsevier lança a Coleção Expo Money, que ajudará os leitores a ampliarem seus rendimentos e alcançarem estabilidade financeira (Discurso Gustavo Cerbasi, Expo Money, 2007).

O referido evento também inclui uma feira de exposição com a presença de estandes de empresas do mercado de investimentos, corretoras de valores, bancos, empresas de capital aberto, administradores de recursos, fundos diversos, empresas de previdência complementar, consultores de investimentos, empresas de *rating*, órgãos públicos e veículos de comunicação especializados no setor. Assim, além das palestras com consultores e profissionais do mercado, as empresas e instituições expositoras também apresentam seus produtos e serviços ao público. Em 2008, o destaque da feira foi o portal de entrada, uma imensa cabine que representava a fusão entre a Bovespa e a BM&F.

No mesmo ano, também aconteceu o primeiro congresso da Federação Mundial de Investidores (WFIC na sigla em inglês) no Brasil, paralelamente à Expo Money, e

teve como objetivo fazer o elo entre as companhias abertas brasileiras e os investidores individuais estrangeiros. Esse congresso acontece a cada dois anos em um país-membro da WFIC e foi realizado pela Expo Money em conjunto com o Instituto Nacional dos Investidores (INI), que é membro daquela federação. A entidade internacional reúne associações de investidores de 18 países – ao todo são 700 mil investidores associados e 40 mil clubes de investimento⁵⁷.

É interessante notar que a realização da primeira Expo Money, em São Paulo, ocorreu em 2003 e, coincidiu com o primeiro ano de uma série de altas na Bovespa, que se estendeu até 2007, quando a bolsa encerrou o seu quinto ano consecutivo com valorização. Já em 2008, o evento aconteceu no período de pico da crise financeira mundial e sua programação contou com uma série de palestras sobre a crise dos mercados. A apresentação de José Francisco Cataldo, analista da Bradesco Corretora, intitulou-se “Volatilidade e Crise: Risco e Oportunidades”, e Hugo Azevedo, autor de “500 perguntas (e respostas) básicas” e “500 perguntas (e respostas) avançadas de finanças”, ministrou a palestra “Como ganhar no mercado em queda”. Assim a citação abaixo, retrata o cenário de otimismo que pairou, na Expo Money, no momento de crise financeira mundial.

Mesmo com a crise financeira norte-americana tendo afetado em cheio a bolsa de valores brasileira, analistas e economistas estão confiantes para médio e longo prazos. “O panorama da economia brasileira é muito bom. Não vejo notícias que desarmem o ciclo positivo que o país está vivendo”, afirmou André Perfeito, economista da Gradual Corretora, durante a 6ª edição do Expo Money, em São Paulo. “Estou vestindo o kit Brasil: comprado em bolsa, vendido em juros”. Além disso, o executivo lembrou que em função de duas agências de classificação de risco terem elevado o Brasil a grau de investimento, o país se torna alvo de fundos de pensão. “Existem países com sérios problemas atuariais, como o Japão. Sendo assim, os fundos de pensão terão de ampliar seus investimentos e o Brasil estará no radar”. (...) Já Clodoir Vieira, economista-chefe da Corretora Souza Barros, concordou que a bolsa ainda é um ótimo investimento, principalmente porque os fundamentos das empresas continuam sólidos. “O que vale é seu horizonte. Se for de curto prazo, pode ser que o objetivo não seja alcançado. Agora para o médio e longo prazos, será um bom negócio”⁵⁸.

⁵⁷ Em sua sexta edição, Expo Money testa interesse dos investidores. Por Ana Cristina Góes. Gazeta Mercantil. P. 3. 13/08/2008.

⁵⁸ Expo Money: Mercado confia em bolsa brasileira no longo prazo. Por: Vanessa Correia. InvestNews. 19/09/2008. In: http://www.investnews.com.br/IN_News. Acesso: 12/2008.

Além disso, é interessante destacar que a Expo Money 2009 contou com a presença do escritor Robert Kiyosaki e sua esposa, Kim Kiyosaki. Segundo o presidente do evento, Robert Dannenberg, a origem da Expo Money foi inspirada nos ensinamentos do livro “Pai Rico, Pai Pobre”⁵⁹. A partir das matérias publicadas pelo próprio site do referido evento e dos vídeos do canal Último Instante – uma agência de informação financeira do mercado, que disponibiliza acesso online às palestras da Expo Money – foi possível notar que Kiyosaki, em sua primeira visita ao Brasil, usou o mesmo argumento que apresenta em seu livro de sucesso, contando a saga de seus dois pais, um rico e outro pobre. Baseado nesse esquema, o autor fez a plateia refletir sobre finanças introduzindo questões sobre como ganhar dinheiro e como gerar ativos, destacando que para ficar rico é necessário entender como produzir e reter ativos e não simplesmente gerar ativos exclusivamente para pagar os passivos (aluguel, seguro, escola, etc). Outro ponto que Kiyosaki ressaltou em sua palestra foi a relação entre dinheiro e casamento, afirmando “que a causa da maioria dos divórcios está na falta de transparência sobre a questão financeira entre os casais”⁶⁰.

Durante as pesquisas de campo na Expo Money nos anos de 2007 e 2008, foram feitas tentativas de entrevistas com os participantes da feira, mas foi difícil abordá-los, uma vez que as palestras acontecem uma após a outra e, para participar de algumas delas, é necessário “entrar na fila” com antecedência. Por essas razões, meu objetivo durante a edição de 2010 do evento consistiu apenas em entrevistar os participantes. A estratégia utilizada foi a da abordagem dessas pessoas logo na entrada da feira e a realização das entrevistas ocorreu enquanto eu as acompanhava⁶¹.

Para resumir esta etapa da pesquisa, escolhi alguns entrevistados que apresentam perfis diferentes. É interessante notar que cada indivíduo, de modo geral, adentrou no campo das finanças pessoais por meio de livros, palestras ou workshops, e procuram identificar-se com um tipo de análise (fundamentalista ou grafista), que se personifica na figura de algum consultor/guru. Um dos entrevistados foi um professor de matemática “viciado” em livros de finanças pessoais – ele gastou mais de R\$3.000,00

⁵⁹ Informações retiradas do site: www.expomoney.com.br/news_pop. Acesso: 10/2009.

⁶⁰ Informações retiradas do site: <http://www.ultimoinstante.com.br/videos-expomoney-sp-2009/index.1.html>

⁶¹ No total, realizei 19 entrevistas: três casais (um casal jovem – 25 anos, outro de aproximadamente 35 anos e um casal de aposentados); duas mulheres, entre 35 e 40 anos; e onze homens, de idades e perfis variados (estudantes, profissionais e aposentados). Vale ressaltar a tentativa dos entrevistados em conduzir a entrevista para obter conselhos sobre investimentos, já que me associavam a algum tipo de jornalista econômica.

(três mil reais) só na compra de livros do segmento da análise fundamentalista. Já, outro veio do Paraná e é um jovem empolgado com o mercado, que aplica no *forex* e organiza eventos em Foz do Iguaçu sobre o mercado de ações, ele aplica o patrimônio do pai e pretende montar um clube de investimento, declarando-se “fundamentalista”. Um terceiro perfil trabalha na área das finanças, denomina-se “grafista” e faz *day-trade* quando encontra tempo. A quarta figura chamou a atenção por ser funcionário público (característica do “Pai Pobre”) e ele já participou dos cursos de educação financeira da Bovespa, mas ainda não é investidor. Já um quinto perfil, administrador de cooperativas, tem como guru “Mara Luquet”, e está “revoltado” com a escritora, pois seguiu alguns de seus conselhos, dados em um programa da rádio CBN, que, naquele momento de crise financeira, viu seu dinheiro sumir, entretanto, não deixou a Bolsa, pois acredita na sua recuperação. Já as duas mulheres que abordei não investem diretamente no mercado de ações, mas ambas tem como objetivo iniciar o investimento. Vale apresentar o depoimento de uma delas.

Quero começar a investir, tenho alguns investimentos, mas queria entrar num mercado mais arrojado, queria bolsa, algo assim, queria diversificar, na verdade. Eu queria aprender um pouquinho, tirar o medo (risos), porque eu sou meio conservadora, eu quero começar a entender melhor os tipos de investimentos pra mim, não para o banco, né, porque o banco sempre quer vender o que é interessante pra eles, né. Então, por isso que eu quero, eu estou buscando informação, tenho um tempinho, aí, conheci essa feira e vim. [Sobre livros de finanças, leu algum?] Li, tudo... o Cerbasi, como chama, é (...) um dos primeiros livros dele (...). Li o do Mauro Halfeld, né, sobre como diversificar investimentos tudo, eu sou péssima pra lembrar nome de livro, o Daniel Cerbasi, eu li um livro dele, agora como é o nome do livro? É alguma coisa assim: como conquistar o seu primeiro milhão.

Faz-se necessário também revelar a declaração de dois estudantes de matemática, que afirmam conhecer o mercado de capitais, mas ainda não têm dinheiro suficiente para fazer aplicações. Eles reconhecem, porém, a diferença entre consultores/gurus e acadêmicos, corroborando o que foi apresentado logo no início desta pesquisa, quando argumentei que as finanças acadêmicas não operam uma disputa objetiva com o campo de ascensão de gurus circunscritos à esfera da Expo Money.

É a segunda vez que participamos da Expo Money, viemos ver os cursos voltados assim para o mercado. Ainda não investimentos. [Sobre livros] Lemos apenas livros acadêmicos, dos palestrantes não. Pretendemos investir, mas antes consolidar muito a teoria. [Sonho?] A longo prazo, digamos 20 anos ser independente financeiramente, fazer uma renda pro futuro.

Primeiramente, os aspectos que me chamaram a atenção no mundo das finanças pessoais foram o mercado editorial, as traduções e os títulos dos livros. No início deste trabalho, ao comentar sobre as obras com amigos, familiares e colegas universitários, notei que sempre alguém relatava ter um primo, um irmão, um namorado ou um amigo que já havia feito a leitura de determinados livros. Isso também foi fortemente percebido quando realizei a pesquisa de campo na Expo Money, onde todos os entrevistados já tinham lido ou comprado obras relacionadas com temática das finanças pessoais e, por isso estavam lá. Após a minha imersão no referido campo, aprendi que os livros eram um filão importante dessa vertente, mas que a dinâmica formada pelos consultores financeiros, professores de bolsas (analistas gráficos) e profissionais do mercado, também era valiosa e deveria ser explorada.

De modo geral, pode-se dizer que a Expo Money e seu espraiamento para a sociedade se resumem a uma fantástica fábrica do ideário financeiro no Brasil. A transcrição abaixo relata a experiência de dois jovens estudantes, os quais tinham lido livros acerca da temática em questão e realizam investimentos na Eletropaulo, além de participarem das palestras gerais também estavam presentes nas palestras promovidas pela empresa na Expo Money 2010.

É a primeira vez que participo da feira, foi o assunto mercado de capitais que atraiu, estamos estudando para entrar na área. [Já investem?] Sim. [Sobre os livros] Os axiomas de Zurique [E, brasileiros?]. Não tenho, cheguei a ler um do Gustavo Cerbasi, mas esse era muito iniciante. Eu, já li investimentos inteligentes, mas esse é pra quem está começando, é bem começando mesmo. [que tipo de investidor vocês são?] Depende, eu opero tanto no curto quanto no longo prazo. No curto prazo, é bem arrojado, somente opções, te dá um retorno muito alto, mas também pode te dar uma bica muito grande. Agora no longo prazo, pra mim é interessante empresas que tenham um valor patrimonial, empresas, como, por exemplo, a Eletropaulo, que tem um tipo de produto que não é afetado, por exemplo, por demanda externa que é o dólar, jamais colocaria o meu

dinheiro em empresas que estejam a mercê do dólar, porque amanhã o dólar vai lá pra 2e40, ai quebra a sua empresa. A Eletropaulo, por exemplo, dá pra investir a longo prazo, porque você está vendo que não vai quebrar, que tem um produto que você está vendo, todo mundo usa energia, é um produto que tem demanda, é um produto que tem uma margem de lucro legal, é uma empresa sólida, é uma empresa que tem, se eu não me engano, tem quase 100 anos, e hoje vai ter até uma palestra dela ai. Não, não sou fã de análise técnica, só analise fundamentalista.

Assim serão apresentados a seguir, as trajetórias de dois gurus das finanças um fundamentalista e outro grafista – lembrando que, no campo da análise técnica, em geral, a maioria dos gurus não são escritores de livros, mas fazem parte do circuito Expo Money.

4.1.1 A figura do guru fundamentalista

O livro mais vendido no ramo de finanças pessoais escrito por um autor brasileiro é “Casais inteligentes enriquecem juntos” (Editora Gente), o qual, após ter atingido o número de 500 mil exemplares vendidos, ganhou uma edição comemorativa e um prefácio do próprio autor salientando a importância que a obra alcançou na sociedade brasileira, como exemplifica o trecho a seguir.

À medida que o tempo passou, as qualidades do livro começaram a correr entre os casais. Ele não cresceu em vendas em razão de maciços investimentos em marketing, mas sim no boca a boca das pessoas que viam nele lições importantes que mereciam ser compartilhadas entre amigos, parentes, colegas de trabalho, de igreja e de clube.

O livro pretende ajudar os casais, em qualquer fase do relacionamento, a administrar suas finanças e a construir riquezas. Para o autor, a principal discordância entre os casais se resume nas dificuldades financeiras e a causa é sempre a falta de discussão sobre dinheiro e planejamento financeiro. Nele, Cerbasi afirma que é possível uma mudança de atitude com relação ao dinheiro, mas enfatiza a necessidade de uma decisão conjunta do casal.

Há praticamente 50 semanas na lista dos mais vendidos, o livro “Casais inteligentes enriquecem juntos” (Editora Gente), do consultor Gustavo Cerbasi, parte do princípio de que grande parte dos problemas de relacionamento dos casais começa no dinheiro – no excesso ou na falta dele. E, para que os gastos do mês não acabem com o amor, o autor propõe uma vida a dois planejada e com objetivos. “É preciso aprender a lidar com o perfil de seu parceiro e criar condições para que os sonhos sejam conquistados e comemorados a dois, sempre”, ensina Cerbasi. Até o escritor está impressionado com a vendagem: 240 mil exemplares desde o lançamento, em 2004. “Ainda estou digerindo este *boom*”, comenta Cerbasi. “Apesar de notar que começa a se construir no Brasil uma cultura para o investimento, eu não esperava vender tanto. Acredito que o livro ampliou o público, porque além de falar de finanças aborda também a questão do relacionamento entre as pessoas”⁶².

O referido autor⁶³ considerado o principal guru das finanças pessoais no Brasil, após o sucesso com “Casais Inteligentes Enriquecem Juntos”, lançou mais três livros: “Cartas a um Jovem Investidor” (2008), pela Editora Campus/Elsevier; “Investimentos Inteligentes” (2008), publicado pela Editora Thomas Nelson Brasil; e “Finanças para Empreendedores e Profissionais Não Financeiros”, em co-autoria com Rafael Paschoarelli⁶⁴ (2008), pela Editora Saraiva. Já participou de programas de tevê, como o Programa do Jô na Rede Globo, onde apareceu acompanhado de sua esposa, em agosto de 2008.

Em uma reportagem publicada no site Digestivo Cultural, o entrevistador Julio Daio Borges descreve Cerbasi como um sujeito especial e possuidor de uma “capacidade de contaminar as pessoas com uma postura positiva em relação ao dinheiro, e, a sua competência em tornar conceitos abstratos, e complicados, acessíveis a todos”

⁶² Livros que ensinam a ficar rico viram *best-sellers*, *Gazeta Mercantil*, 22/02/2007.

⁶³ Gustavo Cerbasi é Mestre em Administração / Finanças pela FEA/USP, formado em Administração Pública pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), com especialização em Finanças pela Stern School of Business - New York University e pela Fundação Instituto de Administração (FIA). Leciona em cursos de pós-graduação e MBAs pela Fundação Instituto de Administração. É sócio-diretor da Cerbasi & Associados Planejamento Financeiro. É autor dos livros: “Dinheiro os Segredos de Quem Tem”, “Casais Inteligentes Enriquecem Juntos” e “Filhos Inteligentes Enriquecem Sozinhos”. Vale enfatizar que, estou reproduzindo os discursos dos agentes.

⁶⁴ Rafael Paschoarelli é Doutor e Mestre em Administração (Finanças) pela FEA-USP, especialista em Administração pela FGV-EAESP e engenheiro eletricitista pela POLIUSP. É palestrante, professor e consultor sobre os mais diversos temas em Finanças Pessoais, Finanças Corporativas, Estatística, Contabilidade e Matemática com destacada atuação nas maiores empresas do país. Trabalha como professor em cursos de MBA e especialização em Finanças pela FIA, FIPE, FIPECAFI, Fundação Dom Cabral e Fundação Vanzolini-USP. Trabalhou por muitos anos em uma holding de telecomunicações pertencente a GP Investimentos, cujo foco era prospecção, *valuation*, compra e venda de empresas no Brasil e exterior. É também autor dos livros “A Regra do Jogo e como Comprar Mais Gastando Menos”, ambos da Editora Saraiva. Vale enfatizar que, estou reproduzindo os discursos dos agentes.

⁶⁵. No entanto, o próprio Cerbasi afirma que seu caminho rumo ao sucesso consistiu na tentativa de conquistar a independência financeira.

A coisa não foi tão planejada assim como parece. O meu planejamento foi para ficar rico e financeiramente independente, e descobri que isso era possível ao assistir às aulas de Matemática Financeira na FGV. (...) Dois fatos foram determinantes para meu sucesso: primeiro, a grande vontade de me tornar independente, motivo de eu ter dedicado muitas horas a meu planejamento; segundo, o fato de eu ser professor, o que me deu espaço para compartilhar ideias com meus alunos⁶⁶.

Na mesma entrevista, o guru descreve sua trajetória profissional, enfatizando que começou a trabalhar como consultor financeiro por necessidade; logo depois de se lançar no ramo, o professor José Roberto Securato – na época, coordenador da área de finanças na Fundação Instituto de Administração – FIA/USP – chamou-o para atuar como professor de matemática financeira e contabilidade.

Quando eu passei a dar aulas usava meu caso pessoal como exemplo. Os alunos se encantavam e começaram a pedir mais aulas com foco nas Finanças Pessoais. Quando surgiram as primeiras demandas de palestras e aulas específicas sobre o tema, surgiu também a necessidade de adotar um material didático. A única referência que existia com foco no comportamento — a meu ver, o grande fator limitante ao enriquecimento — era Pai Rico, Pai Pobre, **de Robert Kiyosaki** [grifo meu], um livro muito bom, mas repleto de erros conceituais, além de inaplicável na realidade brasileira⁶⁷.

Foi nesse momento que Cerbasi conheceu Roberto Shinyashiki⁶⁸, um dos autores brasileiros responsáveis pela visibilidade do gênero da autoajuda no mercado editorial

⁶⁵ Ver reportagem: Gustavo Cerbasi. Por Julio Daio Borges. 03/03/2008. In: <http://www.digestivocultural.com/entrevistas/entrevista.asp?codigo=21>. Acesso 05/2008.

⁶⁶ *Ibid.*

⁶⁷ *Ibid.*

⁶⁸ É médico-psiquiatra com pós-graduação em Gestão de Negócios (MBA - USP) e doutor em Administração de Empresas pela Universidade de São Paulo (USP). Profundo conhecedor da alma humana, ele tem a capacidade de entender a realidade e as necessidades dos indivíduos, isso faz de Shinyashiki uma referência em temas como carreira, felicidade e sucesso. Como consultor, palestrante e autor, Roberto Shinyashiki ministrou cursos de especialização nos EUA, na Europa e no Japão. Também participou dos congressos de desenvolvimento e treinamento mais importantes no mundo, palestrando inclusive no Congresso ASTD - American Society for Training & Development, nos EUA. A dedicação

nacional. Roberto Shinyashiki, que é psiquiatra, escritor e palestrante, ganhou destaque ao ser contratado para trabalhar com os competidores brasileiros, durante as Olimpíadas de Sidney, oferecendo-lhes orientações terapêuticas (Oliveira, 2006)⁶⁹. A partir deste laço, Cerbasi teve motivação para escrever seu primeiro livro, como mostra o fragmento abaixo.

Tive a felicidade de expor essa crítica da falta de um bom livro justamente para um aluno meu, Roberto Shinyashiki, que era autor sócio de uma editora. Foi dele que partiu o convite e a insistência para eu escrever meu primeiro livro, “Dinheiro — Os segredos de quem têm”, que detalha o ‘passo a passo’ de meu plano pessoal e de meu raciocínio sobre riqueza⁷⁰.

Cerbasi procurou adaptar os termos econômicos e financeiros para o público em geral, usando um linguajar simples, com exemplos que funcionam como uma espécie de tradução – ele conta histórias em vez de teorias. Para esse autor, a ideia era escrever livros úteis tanto para um público simples, de baixa renda, quanto para quem tem um alto nível de educação financeira⁷¹.

O livro “Dinheiro — Os segredos de quem têm”, que escrevi sob sugestão e orientação de meu segundo mentor, Roberto Shinyashiki, apresenta minha forma de pensar sobre dinheiro em essência. A maioria dos exemplos citados se baseiam em hábitos que tenho ou, na maioria dos casos, em erros que cometi com meu dinheiro e que, mais tarde e com uma calculadora nas mãos, percebi e transformei em reflexões para que outros não errem como eu. Tirando os exemplos, o

ao desenvolvimento de projetos sociais rendeu-lhe o prêmio “Hadge Capers”, da Associação Internacional de Análise Transacional, como melhor projeto de solidariedade mundial. A atuação no meio empresarial e profissional é resultado de sua convicção de que sempre é possível ser um vencedor. Nascido em Santos (SP), de origem humilde, Shinyashiki é um entusiasta da capacidade do ser humano em realizar seus sonhos e ser feliz procurando estimular a reflexão sobre a busca do sucesso e do equilíbrio pessoal. Como escritor e conferencista internacional, ele é colaborador assíduo em programas de televisão, rádio e importantes revistas do país. Transcrição retirada do seu próprio site: <http://www.shinyashiki.com.br/index.php/roberto>. Acesso: 12/2008. Vale enfatizar que, estou reproduzindo os discursos dos agentes.

⁶⁹ Oliveira (2006) buscou refletir, por meio de perspectivas discursivas e argumentativas, sobre o discurso, o gênero, o sujeito e a argumentação na autoajuda, analisando cinco obras: Sem medo de vencer (1993); Pais e filhos: companheiros de viagem (1992); O sucesso é ser feliz (1997); A carícia essencial (1985) e Poder da solução (2003), todos de autoria de Roberto Shinyashiki.

⁷⁰ Gustavo Cerbasi. Por Julio Daio Borges. 03/03/2008. In: <http://www.digestivocultural.com/entrevistas/entrevista.asp?codigo=21>. Acesso 05/2008.

⁷¹ Para Gustavo Cerbasi, escolha de Henrique Meirelles foi primeira ação de responsabilidade de Lula. Redação Portal IMPRENSA. Por Nathália Duarte, 29/10/2007. Acesso 01/2008.

livro é pura matemática financeira. Apenas adotei uma linguagem mais convincente para que as pessoas realmente adotem em sua vida uma ciência que não é nova. No livro “Casais Inteligentes Enriquecem Juntos”, deixo mais explícito que o texto apresenta as práticas que eu e Adriana adotamos em casa e as angústias que passamos para entender as brigas de amigos nossos por dinheiro⁷².

Assim, Cerbasi deu impulso a sua trajetória ligada a palestras e consultorias para diversos públicos por todo o Brasil. Ele também se tornou colunista da revista Você S/A e do jornal Gazeta Mercantil, além de colaborador do Transnotícias/Rádio Transamérica e de diversos outros veículos de mídia impressa, televisiva e Internet.

Durante a pesquisa, foi realizado um encontro com Cerbasi na IV Sematron (Semana de Engenharia Mecatrônica), na Universidade de São Paulo, campus EESC/São Carlos, em 2008⁷³. No início da palestra “Como Conquistar e Manter a Tão Sonhada Independência Financeira”, que encerrou o evento. O referido autor compartilhou com os participantes a ideia de que entende a situação atual “de estudante duro”, o que atrapalha a formação de uma poupança. Ele afirmou, no entanto, que se há um interesse dos alunos pelo tema das finanças, isto já configura o primeiro passo para se alcançar a independência financeira em um futuro bem próximo. Assim, ele conquistou o auditório e falou sobre a importância do planejamento financeiro, os erros das pessoas pobres, os ingredientes para a abundância financeira e apresentou a fórmula – “gaste menos do que ganha e invista com qualidade”. Durante o coquetel de encerramento, ao final da palestra, tive uma conversa informal com Cerbasi, da qual destaco o transcrito abaixo.

⁷² Gustavo Cerbasi. Por Julio Daio Borges. 03/03/2008. In: <http://www.digestivocultural.com/entrevistas/entrevista.asp?codigo=21>. Acesso 05/2008.

⁷³ Entrevista realizada com Gustavo Cerbasi em (06/06/2008), durante o evento SEMATRON, na USP/EESC, como parte da fase empírica dessa pesquisa. A Semana da Engenharia Mecatrônica (Sematron) é um evento sem fins lucrativos, inteiramente planejado, organizado e gerenciado por alunos do curso de graduação em Engenharia Mecatrônica da EESC-USP (Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo). A Sematron procura englobar todas as áreas de conhecimento e atuação inerentes ao engenheiro mecatrônico, proporcionando-lhe a troca de conhecimentos por meio de palestras sobre os mais variados assuntos, mini-cursos, visitas técnicas e desafio inteligente (*Smart Challenge*). Os temas abordados nas atividades da Sematron atraíram alunos de cursos de graduação e de pós-graduação, professores e profissionais da área, além de interessados em engenharia.

(...) Eu sabia que eu ia ficar bilionário no meu projeto, passo a passo trabalhando. Aí, comecei a falar demais do assunto, comecei a fazer sucesso, aí a renda do livro. Eu acho que eu sou, sim, um escritor de autoajuda. Por quê? Por exemplo, o livro que eu escrevi agora “Investimentos Inteligentes”, ele foi escrito muito rápido e tal, (...) em cima dos e-mails que eu escrevi. Agora, eu tive todo um trabalho de lapidar o texto para qualquer pessoa ler. Se eu não fizesse esse trabalho, eu seria um técnico, aquela linguagem bonitona que todos acadêmicos acham lindo. (...) Tem que ser autoajuda, eu acho que tem que ser sim. Agora, uma crítica à autoajuda: ela é muito apelativa. Aí, eu já tenho ressalvas. Por exemplo, um guia de trânsito é uma autoajuda. (...) Agora, depende da intensidade do que se apela no texto; você pode ter uma autoajuda de nível baixo ou autoajuda com origem prática. Eu tento fazer uma autoajuda com algumas mensagens mesmo, um tanto piegas, um tanto apelativas, sabe? Mas isso é um artifício para convencer a pessoa a continuar a ler, com técnicas que eu aprendi mesmo, que me ensinaram — você tem esse tipo de ganho. Você tem que jogar o leitor para o capítulo seguinte — tudo o que eu preciso para o cara ver o plano como um todo. Agora, se ele pega um texto quadrado, a primeira fórmula matemática que ele vê, ele para ali. (...) Agora, se você tem aí uma estória, você induz o cara para o capítulo seguinte, ele vai chegar à conclusão que ele tem que chegar. Tem uma malandragem de texto, sim, uma técnica, que é fazer chegar até o fim. Agora tem um aspecto muito sincero do mercado de consultoria que é: você dá uma ação muito direta, aí, você perde consultoria. Eu não consigo mais vender consultoria. (...) Os consultores vendem informação; se você dá informação demais, aí, os consultores ficam bravos porque eu dou informação demais. Aí, fica complicado! Você tem que conciliar isso tudo!

Pelo fragmento acima, percebe-se que os livros sobre finanças pessoais, em consonância com o discurso de Cerbasi, precisam ser sedutores por motivos que vão além do conteúdo, pois existe um mercado de consultoria financeira pessoal por trás da vendagem dos livros. Isto explica por que muitos dos textos sobre o assunto são exclusivamente baseados em opiniões ou casos pessoais, e apresentam uma escassa fundamentação teórica ou base empírica sobre o tema proposto. Aqui, o ponto central do argumento de Cerbasi é onde recaem as críticas de muitos jornalistas e intelectuais sobre o fenômeno da autoajuda, essencial para não cairmos na retórica que envolve julgamentos sobre a temática já levantada no capítulo anterior.

Sociologicamente, vale constatar que a partir das técnicas mencionadas, Cerbasi consegue difundir suas ideias em grande escala e legitimar o papel de principal disseminador das finanças pessoais no Brasil. Nesse sentido, o movimento das finanças, vinculado à autoajuda demonstra a existência de novas práticas econômicas antes vistas como negativas e distantes para a maioria dos indivíduos. Nesse caso, já é possível

argumentar que a influência moral que está sendo criada se estabelece sobre a conduta das pessoas e procura mudar mentalidades e modos de agir, isto é, o *habitus*, no sentido de (Bourdieu, 1997; Elias, 1994).

Nos últimos cinco anos, recebi mais de dez mil *e-mails* (todos arquivados comigo) de pessoas que transformaram suas vidas a partir de reflexões sobre o que escrevi ou falei. Não me impressiono muito pela quantidade, mas sim pela diversidade das mensagens. Entre os depoimentos estão jovens e idosos, famílias de todas as classes sociais, de todos os estados do Brasil, agricultores, empregados da indústria, funcionários públicos, aposentados, militares, brasileiros morando no Japão, enfim, não saberia lhe dizer um perfil que ainda não orientei. Tive ciência disso ainda em 2004, quando palestrei em uma igreja mórmon onde a renda média dos participantes era de menos de dois salários mínimos — alguns meses após essa palestra, o bispo daquela igreja me mandou uma mensagem relatando grandes transformações nos hábitos de seu rebanho⁷⁴.

Pode-se dizer que, a trajetória de Gustavo Cerbasi alcançou o posto dos 100 brasileiros mais influentes do ano de 2009, segundo a Revista Época⁷⁵, concretizando, assim, a fama do principal guru das finanças no Brasil, que se espalha por todos os setores da sociedade.

4.1.2 A configuração do mundo grafista

Após relatar a trajetória de Gustavo Cerbasi, considerado o principal guru da vertente fundamentalista, foi necessário mapear o grupo grafista e seus expoentes. A princípio, esse grupo aparentava possuir menor visibilidade, mas, a partir de 2009, os grafistas vêm ganhando cada vez mais espaço, como fica evidente no aumento da quantidade de suas palestras na grade da Expo Money. Isso pode ser uma decorrência do crescimento do número de investidores que estão participando mais ativamente do mercado e buscando novos métodos para operar no mercado acionário.

Cabe acrescentar que há uma série de vertentes alternativas da análise gráfica, entretanto, sua origem é atribuída, principalmente, a Charles H. Dow, fundador da

⁷⁴ Gustavo Cerbasi. Por Julio Daio Borges. 03/03/2008. In: <http://www.digestivocultural.com/entrevistas/entrevista.asp?codigo=21>. Acesso 05/2008.

⁷⁵ Os 100 brasileiros mais influentes de 2009. Revista Época, 05/12/2009.

agência de notícias *Dow Jones*, e criador da primeira teoria ocidental para o estudo do movimento dos preços por meio de gráficos, que norteia a análise técnica até os dias de hoje (Chaves, 2004). Entre outras, é possível citar a “Teoria das Ondas de Elliot”, de 1939, defensora de que o mercado de ações segue um padrão de cinco ondas de subida e três ondas de descida para completar um ciclo. No que tange à discussão sobre ciclos, utiliza-se também a Sequência de Fibonacci, formada a partir da soma de um número ao seu anterior infinitamente, como em “1,1,2,3,5,8,13”, e criada pelo matemático italiano Leonardo de Pisa (Chaves, 2004).

A análise gráfica é uma ferramenta que opera através de gráficos de preços ou de pontos, nos quais alguns contornos definidos se repetem e a frequência com que eles ocorrem e o que aconteceu com o preço no passado antecipam os posteriores desempenhos das mesmas ações. Por isso, existe o mito de que os grafistas são os místicos do mercado, já que tentam prever o futuro por meio do desempenho desse mesmo mercado no passado. Godechot (2005) demonstra que esse tipo de análise é considerada um saber pagão por alguns acadêmicos, pois não está estritamente atrelada ao conhecimento científico; muitas vezes, o que conta é a própria “intuição” do *trader*, que faz as operações com base em informações gráficas, e que, em muitas ocasiões, não considera o ambiente macroeconômico para tomar decisões.

Antes de esboçar a trajetória do principal guru grafista no Brasil, faz-se necessário acrescentar que realizei uma pesquisa de campo no Expo Traders⁷⁶, organizado pela Escola de Investidores “Trader Brasil – aperfeiçoando investidores”. O evento é voltado, principalmente para investidores e operadores do mercado, não apresenta grandes magnitudes como a Expo Money, mas sua dinâmica deve ser relatada para que o espaço dos analistas técnicos seja melhor conhecido e mapeado.

A Expo Trader e o V Congresso Internacional de Gestores e Operadores, que ocorreram conjuntamente, no seu quarto ano consecutivo, apresentaram palestras com operações de compra e venda de ações ao vivo, ministradas por *traders* e autores internacionais de *best-sellers* da área técnica. Além disso, a Expo Traders contou com uma feira de exposições, na qual estavam presentes a Agência Estado; e corretoras de valores mobiliários como Àgora, Alaron Futures, Ativa, Estratégia Investimentos, Exata Investimentos, Fator, Finabank; os bancos Cruzeiro do Sul, Banco do Brasil, Itaú, Prosper e Votorantim; e as empresas Gerdau, Eletrobras e Embratel.

⁷⁶ Descrição da pesquisa de campo: Expo Traders, Rio de Janeiro, realizada entre os dias 18 e 19 de junho de 2008.

Segundo dados retirados do próprio site da Expo Traders, mais de 400 pessoas participaram do evento, dentre as quais, presidentes e vice-presidentes de empresas; investidores estrangeiros e nacionais; diretores de grandes corporações; profissionais e executivos do mercado financeiro; diretores de bancos de investimento; gestores de recursos e de fundos de pensão; corretoras de valores; distribuidoras de valores; profissionais liberais afeitos ao mercado; empresários, professores e estudantes universitários; administradores de fundos; diretores de corretoras e *traders*.

Os principais palestrantes nacionais foram: Antonio Montiel, analista técnico, possui experiência nos mercados de *forex* e ações; Flávio Lemos⁷⁷, coordenador da Escola de Investidores Trader Brasil⁷⁸; Celso Cardoso, também da Trader Brasil; Marco Antonio Rossi, presidente Bradesco Vida e Previdência e Odir “Didi” Aguiar, sócio-fundador da empresa de Consultoria Gráfica “Doji”, cuja trajetória vale a pena resgatar, já que “Didi” tem grande destaque entre os grafistas e suas palestras são disputadas pelo público tanto na Expo Money quanto na Expo Traders.

O consultor julga-se uma pessoa informal: veste jeans, camiseta e tênis, repetindo que “ninguém coloca terno e gravata por prazer”⁷⁹. Durante as palestras, ele utiliza palavras de baixo calão, além de jargões como “Minha missão aqui é transformar vocês em vagabundos, porque eu preciso de gente para ir à praia comigo”. Além disso, Didi reforça que trabalhar é “coisa de pobre”, ironizando o velho ditado popular de que “o trabalho dignifica o homem”. Ele justifica sua atividade como palestrante alegando que a realiza por prazer, já que ele não precisa trabalhar, pois vive de rendimentos aplicados na bolsa de valores e tem uma consultoria de gráficos do mercado⁸⁰: “para um país crescer alguém tem que trabalhar e que não seja eu”, palavras do Didi. Em suas palestras, ele reitera críticas aos considerados “fundamentalistas” do mercado e afirma que o segredo é saber olhar, entender os gráficos e “traidar”, pois estes sintetizam as informações necessárias. A citação abaixo demonstra o ‘dia a dia’ de Didi.

⁷⁷ Engenheiro civil formado pela UFRJ, MBA em finanças e mercado de capitais pela FGV, com certificado Series 7, 24 e 4 da NASD (National Association of Dealers), series 3 da NFA (National Futures Association) e ANCOR. Instrutor Master de trading graduado pela Trading Academy da Califórnia. Também, possui artigos publicados em jornais e revistas como Valor Econômico, Revista Capital Aberto e Jornal do Comércio. Vale enfatizar que, estou reproduzindo os discursos dos agentes.

⁷⁸ A Trader Brasil é uma organização voltada para execução de cursos e eventos educacionais. A Escola de Investidores propõe preencher a lacuna que existe no mercado entre a teoria dos livros e a realidade do mercado. Vale enfatizar que, estou reproduzindo os discursos dos agentes.

⁷⁹ Transcrição pesquisa de campo. Palestra Expo Money São Paulo 2008. Palestra “Desmistificando a análise gráfica”.

⁸⁰ É interessante verificar que a propaganda da empresa é feita pelo próprio “Didi” na praia, usando óculos escuros e sem camisa.

Odir Andrade Aguiar, de 48 anos, é um sujeito interessante. Ele é formado em administração de empresas e engenharia mecânica. Tem 25 anos de experiência trabalhando em bancos e corretoras de valores. O carioca é reconhecido pelos colegas por ter desenvolvido um modelo gráfico, o Didi Index, baseado no estudo do comportamento médio do mercado, que é derivado do estudo de médias móveis. Ele também ganhou muito, muito dinheiro com ações. Graças a fortuna que acumulou, tem uma rotina que pode causar inveja em muitos executivos. Trocou o eixo Rio-São Paulo para morar em Natal (RN). Acorda às 5h da manhã para pegar onda, volta para casa por volta das 7h e toma café da manhã. Aí, dorme um pouco e acorda para acompanhar o mercado financeiro. “Se tem coisa boa para operar, eu opero, senão deixo para lá”, diz. O gosto pela praia vem de longe. Recém-formado, Didi começou a trabalhar em uma corretora de um amigo do pai e viu que conseguiria fazer dinheiro fácil no mercado financeiro. Com jeito e gosto pela coisa, ele trabalhava três meses, ganhava dinheiro e depois ia morar pelo menos um ano no litoral paulista. Quando o dinheiro acabava, ele voltava para o mercado financeiro, ganhava mais grana e voltava para a praia. “Até que um dia os caras sacaram que não adiantava me contratar porque eu não ia ficar muito tempo, fiquei com fama de vagabundo, merecidamente. Foi quando decidi montar uma empresa de análise gráfica, em 1999, a Doji Star Four Gráficos”⁸¹.

Didi desenvolveu um novo modelo gráfico chamado “Didi Index” – popularmente conhecido como a “Agulhada do Didi”. Esse indicador é derivado do estudo de médias móveis e tem como objetivo facilitar a visualização de uma reversão de tendência do mercado. Um excerto da palestra “Desmistificando a Bolsa”, ministrada durante a Expo Money São Paulo 2008, é reproduzido abaixo:

Eu realmente detesto trabalhar e acho que trabalhar é uma humilhação muito grande (risos). E eu digo para vocês o que é trabalho. Trabalho é tudo aquilo que a gente está fazendo enquanto queria fazer outra coisa. Não interessa se você está capinando mato ou quebrando pedra, se isso te dá prazer isso não é trabalho, isso é hobby. (...) E, outra coisa, eu tenho uma noção de que a riqueza, você é rico no momento em que está satisfeito com o que você tem. O cara que saiu lá do morro e conseguiu 100 mil cruzeiros para comprar uma casa no asfalto, ele é riquíssimo, ele é milionário. Então, riqueza é uma coisa relativa, quando você está satisfeito com aquilo, você é um cara rico. Eu tenho amigos com 200 milhões de dólares que acham que tem que trabalhar, não sei o que, papapapa... Esse cara é pobre, um cara com 200 milhões no bolso, é pobre. Você vai pra casa dele em Angra, o cara só consegue falar de bolsa, imposto (...) eu digo pra ele — meu irmão se você abrir a boca pra falar de uma ação aqui agora, eu vou

⁸¹ Ações: as dicas do Didi. 08/10/2007. In: <http://pages.citebite.com>. Acesso: 10/12/2008.

mandar você a merda, porque esse é um cara pobre com 200 mil no bolso. (...) Todo esse aspecto, eu posso dizer pra vocês que sou milionário. Eu tenho 50 anos, já trabalhei quase 17 anos, o resto eu tive que ficar na praia fazendo nada, que é o que eu faço de melhor realmente, é fazer nada, mandar chefe a merda, essas coisas que é maravilhoso de se fazer. (...).

Vale ressaltar que, o primeiro *reality show* do mercado financeiro, “Traders – Jogo de Ações”, ocorrido em 2008, foi apresentado por Didi. Quatro equipes disputaram entre si para ver quem ganharia mais dinheiro nos mercados de ações e opções durante dez pregões consecutivos. O entretenimento ofereceu conjuntamente noções básicas sobre bolsas para informar a audiência a respeito de investimentos. A Agência Estado patrocinou o programa transmitido em São Paulo e no Rio de Janeiro pelo Canal 70 da TVA e 367 da Telefônica⁸², o qual já teve sua segunda edição, no mesmo formato do primeiro⁸³.

Deste modo, Didi ganha destaque no Brasil. Ele é uma figura que apresenta uma linguagem simples e um estilo “carismático”, que vai na contramão do modelo norte-americano descrito por Zaloom (2006), em que todo o tecnicismo do mundo dos *traders* reforça apenas o estereótipo do “homem econômico” – indivíduo agressivo e competitivo (Zaloom, 2006: 111). Assim, como foi apresentado no capítulo 2 dessa tese, Raymundo Magliano Filho, ex-presidente da Bolsa de Valores de São Paulo, também buscou cativar o público, procurando negar a imagem formal e técnica da bolsa ao aparecer trajando shorts e camiseta em uma praia para divulgar o programa de popularização da referida instituição.

Didi tornou-se um dos gurus grafistas de maior notoriedade, principalmente após o período da crise financeira de 2008, pois seus depoimentos a esse respeito reforçaram a eficácia de seu método, a “Aglhada do Didi”, como demonstra a citação abaixo. Em suas palestras, o referido guru faz propaganda acerca do modelo de análise por ele desenvolvido, mas não explica passo a passo como ele funciona; para tanto, é necessário que o interessado se inscreva, pague para realizar os cursos e aprenda a aplicar seu método.

⁸² Agência Estado patrocina Traders, reality show do mercado financeiro. Agência Estado. 25/7/2008.

⁸³ Ver site: www.mercadotv.com.br

Grafista do Fórum da Corretora ICAP analisa comportamento do Índice e está entusiasmado com a tendência de alta no médio e longo prazo. Para Didi, a crise [referente a crise de 2008] é passado e suas expectativas são tão otimistas que ele arrisca deixar um recado para os que duvidam: “Eu desfilo de tamanco e calcinha rosa na Av. Paulista se o mercado voltar para os 41.000 pontos”. Está lançado o desafio. (...)“Acredito que o mercado ensaia a queda, cai um tiquinho e volte a subir e a crise vai fazer parte da história de 2008. Não posso dizer que nós estamos numa crise se você vai numa churrascaria ela está cheia, se vai comprar um carro tem fila, aviões lotados. Cadê a crise? O Lula acertou, a crise está na cabeça das pessoas. E obviamente, está sendo resolvida com essa panelada de dinheiro que o governo jogou no mercado⁸⁴.

De modo geral, os *traders* não se dedicam a escrever livros; eles criam métodos, ministram cursos e, geralmente, abrem escolas de investimentos que vendem o método desenvolvido por eles próprio. Apenas seis livros da Coleção Expo Money são voltados para a análise técnica (ver Tabela II), dentre os quais quatro são escritos por Maurício Bastter Hissa, também proprietário da escola de investimento Bastter: “Sobreviva na Bolsa de Valores”, “Introdução as Opções”, “Investindo em Opções” e “Operando Opções”. As duas outras obras são de autoria de Rodrigo Puga, “Formação de Traders” e de Carlos Martins, que apresenta os métodos de investimento de alto desempenho para vencer na bolsa em “Os Supersinais da Análise Técnica”.

Os gurus grafistas e as escolas de treinamento de investidores seguem na direção da profissionalização e vendem a ideia de que somente com conhecimento do mercado e emprego de cálculo racional pode-se conquistar a confiança dos gráficos para aplicação no mercado e acumulação de riquezas. Desse modo, eles atraem uma legião de interessados que dinamizam o mundo grafista no Brasil.

4.2 A construção do campo dos gurus financeiros

É importante destacar que houve uma tentativa de construção de uma base de dados acerca dos principais consultores financeiros brasileiros circunscritos à Expo Money, com o objetivo de recuperar informações sobre formação acadêmica, pós-graduação, títulos, prêmios, livros, desenvolvimento de softwares, publicações em jornais, revistas, artigos acadêmicos – como um modo de reconstruir sociologicamente a

⁸⁴ Trecho retirado do site - <http://www.expomoney.com.br/newsnova/materia.267>

trajetória de vida e realizar uma análise quantitativa. No decorrer da coleta de dados, notei, no entanto, que só seria possível obter todas essas informações por meio de entrevistas pessoais, uma vez que, os consultores divulgam apenas os dados que julgam relevantes para a realização do seu marketing pessoal. Tentei abordá-los pessoalmente, mas a maioria alegou estar com agenda lotada; então, optei por lhes enviar um questionário através de e-mail, o qual não foi respondido por todos. Se por um lado, uma lista extensa com os dados de cada um dos palestrantes ou apenas daqueles que compõem a Coleção de livros da Expo Money tornar-se-ia uma leitura cansativa para o leitor, por outro, não apresentaria relevância sociológica, já que a minha inserção no campo provocou diferentes reações em certos agentes. Recebi informalmente, por exemplo, um convite para publicar minha tese no formato de livro; alguns consultores também se mostraram interessados pelo tema ao lerem artigos que publiquei durante a pesquisa sobre essa temática e que estão disponíveis na Internet; outros, ainda, entraram em contato por se sentirem “ansiosos” para ler novas matérias. Cabe revelar, entretanto, que também recebi e-mails de autores insatisfeitos com a relação que estabeleci entre seus livros e a temática da autoajuda. Através desses dados e acontecimentos, que serão relatados no decorrer desta pesquisa, evidenciei uma dinâmica que passaria sociologicamente imperceptível se ficasse preso à coleta de dados para realizar uma análise quantitativa.

A partir de algumas informações coletadas com relação aos consultores financeiros e a observação participante realizada foi possível categorizar os autores e palestrantes circunscritos à Expo Money. Notei a existência de três tipos de gurus, a partir da utilização da classificação de Huczynskin (1993)⁸⁵; isto é, há gurus heróis, profissionais e acadêmicos que formam o mundo das finanças pessoais no Brasil.

Os gurus heróis são aqueles que se utilizam da própria história de vida para se legitimar e vender seus produtos, independentemente, de sua trajetória profissional. Hoje, eles sobrevivem desse mercado e são considerados grandes conselheiros que servem de exemplo de vida para toda a sociedade. O capital que dá força a essa esfera está ligado à conquista do capital econômico que, dependendo do carisma do agente, possibilita ampliar seu capital simbólico. Nesse sentido, nem sempre o capital cultural,

⁸⁵ Neste sentido, Huczynskin (1993) ao estudar o avanço do *managerialism* identificou três tipos principais de gurus: os acadêmicos, os consultores e os *managers* heróis, profissionais bem sucedidos que transformam suas ideias e experiências profissionais em produtos do mercado.

como títulos universitários, é relevante como arcabouço de sua legitimação perante o público.

Já os gurus profissionais/consultores não emergem necessariamente da área de gestão e negócios, como mostrado no estudo de Huczynskin (1993). Eles possuem perfis e profissões diversas e abordam temas distintos, relacionados, porém, com a sua formação. Por exemplo: um jornalista econômico ou um profissional do mercado financeiro busca explorar, de forma fácil, conceitos econômicos e financeiros; já um psicanalista tenta explicar por que certas emoções induzem ao consumismo e mostram como resolver tal relação emocional no que tange ao dinheiro. Estes indivíduos apoiam-se em seu capital cultural, como títulos de graduação, para ganhar destaque, mas nem sempre a formação em centros de renome é o elemento significante; na verdade, o que conta é o tempo de experiência e de trabalho e a conquista de prêmios ou certificados no decorrer da carreira – a experiência profissional é que dá autenticidade à atividade de consultor financeiro. Até o momento, nota-se que a maioria dos consultores se enquadra nesse perfil.

Os gurus acadêmicos, por sua vez, são aqueles que, de certa forma, tentam legitimar-se usando a conquista de títulos acadêmicos como graduações, pós-graduações, MBAs, passagens por centros de ensino internacionais e, também, seus vínculos com centros de excelência e universidades de renome no país. Nessa vertente, é possível perceber que existe uma militância em prol da institucionalização de certas temáticas, como a educação financeira e a psicologia econômica, na forma de disciplinas, por exemplo, esses gurus procuram distanciar-se daqueles considerados “populares/heróis” e, a todo momento, tentam uma aproximação com o campo científico como esfera de legitimação.

É oriunda desse último grupo a crítica feita ao meu trabalho no que se refere à ligação que estabeleci entre alguns livros de finanças e a vertente da autoajuda. Por essa razão, é interessante reproduzir o e-mail que me foi enviado no final de 2008, para demonstrar que há um embate implícito no campo dos gurus, e como a dinâmica de capitais empregada para a legitimação é importante e constitui-se como elemento de distinção entre tais gurus financeiros.

Foi com sincero prazer que li o paper “Autoajuda e o Desenvolvimento do Mercado Financeiro”. É um trabalho bem construído, fundamentado de maneira consistente e direta. No entanto, se por alguma vez tivéssemos conversado, você saberia que partilho (e, aliás, triplico) muitas das críticas que o trabalho apresenta à literatura afeita aos temas financeiros. (...) Por isso, foi com surpresa - e algum humor mórbido, admito que me vi associada em seu texto à “Bíblia Pai Rico Pai Pobre”. Há de haver um bocado de equívocos no meu trabalho. Milhares deles, sem dúvida. Mas me tomar por seguidora daquele horror foi muito mais engraçado do que você imagina. Para que se tenha uma ideia, antes mesmo que o lançamento do livro tivesse acontecido no Brasil, escrevi - e publiquei- uma resenha “detonando” o primeiro livro da (depois) interminável série. E, ironia das ironias, usei na ocasião argumentos extraordinariamente semelhantes aos seus (...). Sinto-me livre, portanto, para publicamente fazer troça dos adoradores do Kiyosaky. (...) No que me diz respeito, seja por formação ou visão de mundo, me sinto muito mais à vontade na companhia dos seus argumentos que com a maioria dos autores citados. Eles sabem disso. Não por acaso, não sou propriamente uma figura querida entre os profissionais que seu estudo elencou (...). Assim, por inadequação, evito o quanto posso o “lado de lá”.

O trecho acima elucidada claramente a existência de um conflito simbólico entre os gurus, que não abrange apenas fundamentalistas e grafistas, mas também revela uma dinâmica importante: a de que certos agentes buscam reconhecimento perante os profissionais do mundo acadêmico. Nesse sentido, qualquer argumento visto como desfavorável pode ser negativo para a construção da imagem que eles pretendem criar para com o seu público.

A trajetória dos agentes promotores das finanças pessoais tem origem em diversas profissões e perfis. Os gurus utilizam capitais econômicos, culturais, científicos e simbólicos para se estabelecerem perante o seu público e entre os próprios gurus financeiros. Assim, a estrutura dessa dinâmica organiza-se em torno de uma disputa objetiva entre consultores fundamentalistas e grafistas, mas não se reduz apenas a este embate explícito: é possível observar que diferentes instâncias de consagração são empregadas pelos gurus para conquistarem espaço e reconhecimento na sociedade.

De acordo com Bourdieu (1997), a produção de conteúdos da esfera financeira atrelada à autoajuda é resultante de um processo de práticas no qual o sujeito está presente na sua produção, e que tem como pano de fundo os contextos social e histórico como elementos imprescindíveis para a sua existência. De forma geral, os gurus procuram um capital simbólico entre seus pares, isto é, o reconhecimento de seu papel

dentro do espaço em que figuram, formando um campo no qual os diferentes agentes mantêm relações complexas para garantir seu posicionamento.

Tais fatos revelam a busca de distinção de posicionamentos no campo, onde a percepção da existência tanto de disputas objetivas quanto subjetivas entre os agentes é que constituem a formação de *habitus* coletivo do grupo em questão (Bourdieu, 1997; Elias, 1986). A importância do crescimento e da regularidade da Expo Money no Brasil, ao abranger diversos gurus, transforma o evento em um ritual obrigatório, que também consagra esses consultores, ao mesmo tempo, que exprime realidades coletivas, na medida em que tornam esses consultores um dos principais agentes intermediários do avanço cultural das finanças na sociedade brasileira.

4.3 A consagração da demanda: os livros de finanças pessoais

A primeira evidência da expansão do mundo das finanças e da ascensão de investidores populares, mencionada na introdução deste trabalho, surgiu durante a entrevista com um acionista na sede da Bovespa em 2006, que se considera investidor de longa data, e que relatou a inexistência, em outros tempos, de um mercado editorial como existe hoje. Ele também afirmou que os livros sobre finanças atuais podem ajudar os indivíduos a entrar no mercado financeiro, como exemplifica o trecho a seguir.

Havia livros que falavam sobre as várias escolas e pensamentos de economia, mas eram muito genéricos e rudimentares, abordavam os grandes sistemas financeiros e os grandes pensadores econômicos. Porém a maior parte do aprendizado era feita em razão do empirismo prático, fazer para aprender, troca oral de conhecimento, manuais, etc. Na maioria lá de fora, ou seja, Europa ou Estados Unidos, pois com os altos índices inflacionários que tínhamos nenhum modelo se adaptava perfeitamente à nossa realidade econômica. O orçamento doméstico era organizado mais por instinto do que por teorias ou literatura, era passado de pai para filho com exemplos de trabalho, poupança, investimento, tendendo mais para acumulação, e quanto mais acumulava-se mais rico o indivíduo se tornava, não com acúmulo de **dinheiro** [grifo meu] mas sim de **bens** [grifo meu]. O livro que eu te indiquei “Pai Rico, Pai Pobre” é de um escritor norte-americano nascido no Hawaí que escreveu sobre o seu aprendizado e sua introdução na vida financeira, ele dá uma noção bem precisa de uma fórmula de se ficar rico ou se permanecer um funcionáriozinho

assalariado e limitado a rendimentos fixos, enquanto a vida pode oferecer uma oportunidade de você ter uma renda muito maior⁸⁶.

Assim, a ideia de mapear o espaço de produções de textos de finanças pessoais qualificados como autoajuda financeira na maioria das editoras brasileiras, surgiu como primeira evidência da pesquisa. Uma das poucas referências acadêmicas sobre a temática é o trabalho de Paula e Wood Jr. (2003), os quais apresentam o grupo das finanças pessoais como sendo o mais recente no segmento de livros que antes tratavam de questões profissionais e negócios para leigos com pitadas de autoajuda. Os autores relatam que os primeiros sinais de demanda pelo tema das finanças pessoais foram notados após o lançamento dos livros “Pai Rico, Pai Pobre”, de Robert Kiyosaki e Sharon Lechter, e “Seu futuro financeiro”, de Louis Frankenberg, obra brasileira.

Para Paula e Wood Jr. (2003), o mercado brasileiro acompanha com certo atraso o norte-americano e isso pode ser explicado pelas ligações entre produtores de conteúdo locais e estrangeiros, isto é, editores de livros e jornalistas, que acompanham os lançamentos no exterior, procuram identificar produtos que possam agradar o público brasileiro. Entre o rol de livros publicados, observa-se a relevância de “Pai Rico, Pai Pobre – o que os ricos ensinam seus filhos sobre dinheiro”, que esteve na lista de *best-sellers* dos principais jornais internacionais⁸⁷.

Como já apresentado, é o personagem do “Pai Rico”, aquele que nunca concluiu o ensino médio, que vai ensinar os passos para a acumulação de riquezas. O livro constitui-se a partir das diferenças entre as ideias do que é ser rico (ativo), inteligente, empreendedor, aquele que usa a razão para tornar-se um bom capitalista em decorrência do estilo de pensar do pobre (passivo), que se apoia na segurança e na emoção e acredita no lema da igualdade que está presente em ideários como o socialista.

É o reconhecimento do poder da estrutura legal da sociedade anônima que dá aos ricos uma grande vantagem sobre os pobres e a classe média. Tendo dois pais a me ensinar, um socialista e o outro capitalista, rapidamente percebi que a filosofia dos capitalistas tinha mais sentido financeiro para mim. Tinha a impressão de que os

⁸⁶ Pesquisa de campo realizada pela autora deste projeto, com acionistas na sede da Bovespa, em Abril 2006, como etapa da pesquisa de mestrado. Pode-se também considerar essa etapa como uma fase da pesquisa exploratória para a realização do projeto de doutorado.

⁸⁷ E, desde o início da pesquisa em 2006, o livro sempre permaneceu nas principais listas de *best-sellers* aqui no Brasil.

socialistas, em última análise, puniam a si próprios, em decorrência de sua falta de instrução financeira. Não importa o que inventasse a turma do “tire dos ricos”, os ricos sempre encontravam uma forma de passá-la para trás. E desta forma, os impostos acabaram onerando a classe média. Os ricos passaram para trás os intelectuais, somente porque aqueles entendiam o poder do dinheiro, um tema não abordado pela escola (“Pai Rico, Pai Pobre”: 96).

Por se tratar de uma tradução, é possível afirmar que, até hoje, os livros norte-americanos que apresentam os benefícios do mercado financeiro sempre tentam estabelecer que o capitalismo gerado pelo mercado financeiro é positivo em decorrência de uma economia socialista que seria negativa e destrutiva para a América. Cabe ressaltar que esse argumento estende-se desde as campanhas de propaganda do mercado acionário realizadas durante os anos 1950, nos Estados Unidos (Aitken, 2005).

A partir da citação acima, portanto, pode-se constatar o empenho dos autores em transformar a imagem do capitalista, especulador, homem de negócios, isto é, do rico em um sujeito inteligente que sabe fazer o dinheiro trabalhar para si próprio, e não se torna seu escravo. Assim, o indivíduo consegue sair do que o autor considera a “Corrida dos Ratos”.

De forma, semelhante, no Brasil, foram lançados vários livros, como por exemplo: “O Sovina e o Perdulário — em Busca do Sucesso Financeiro” (2008), escrito por Raphael Cordeiro, que faz parte da Coleção Expo Money que, assim como “Pai Rico, Pai Pobre”, conta a história de dois amigos, o “Sovina e o Perdulário”, os quais, com diferentes perfis, buscam a ajuda de um professor para melhorar suas finanças pessoais. No livro, são abordados os passos para se chegar à independência financeira, além de estratégias comportamentais de como buscar o equilíbrio entre dois estilos de vida – gastar e poupar – passando por conceitos sobre como investir e os benefícios do mercado de ações, etc. Nesse livro, a relação do indivíduo com o dinheiro deve seguir as etapas do “Ciclo da Riqueza”, no qual o sujeito trabalha, recebe, gasta, e, se utilizar as “ferramentas de controle”, a etapa “poupa/investe” pode ser integrada facilmente ao “Ciclo da Riqueza” de qualquer indivíduo. As dicas para definir as metas compõem o capítulo “Em busca de sua ambição (objetivos)”, e, antes da explanação da etapa que fecha o ciclo “poupa/investe”, está presente a “fórmula” de como multiplicar o dinheiro, que se conquista, mais especificamente, “investindo” no mercado de ações. Assim, o

indivíduo irá acumular riquezas, além da renda do trabalho, atingindo a meta da independência financeira.

André [perdulário] chegou com um carro de luxo importado, tinha realizado o primeiro de seus objetivos. Não era um carro novo, mas conseguiu o que queria. Estava abrindo sua terceira loja e Isabela estava grávida de uma menina. Marcelo [sovina] estava prestes a ter a segunda filha; tinha sido promovido na empresa. Fabiana estava tendo ótimos resultados em seu trabalho, havia contratado duas funcionárias e operava com autonomia a parte de estética da clínica médica em que trabalhava. Tomaram dois copos de chope e na hora agendada foram em direção à livraria, onde viram um grande painel com o anúncio que os fez congelar por alguns instantes: “Hoje, lançamento do livro: “O Sovina e o Perdulário — em Busca do Sucesso Financeiro” (O Sovina e o Perdulário, 2008: 117).

É interessante notar como as narrativas de “O Sovina e o Perdulário” e “Pai Rico, Pai Pobre” são semelhantes em alguns pontos: ambos apresentam um personagem “empreendedor”, aquele que inova e arrisca *versus* um outro, que deseja construir uma carreira dentro da empresa em que trabalha, e corresponde ao intelectual ou ao funcionário público, aquele que busca estabilidade; além disso, há um “mentor” para ensinar os passos da riqueza – o mestre ou o Pai Rico – e a proposta de um método para sair da “Corrida dos Ratos” ou entrar no “Ciclo da Riqueza”. Enfim, o objetivo dos personagens é atingir, a independência financeira, a qual se pode conquistar mais rapidamente a partir de investimentos no mercado de ações. No caso brasileiro, é importante reforçar que tanto o funcionário de uma empresa quanto o empreendedor que possui um negócio próprio têm um final rico e feliz. No livro, que passa necessariamente pela questão da paternidade/maternidade, fica evidente que ser bem-sucedido na vida financeira corresponde a ter sucesso na vida particular, com a construção de uma família e o nascimento de filhos.

Nos livros e discursos dos gurus brasileiros são recorrentes também a figura do perdulário, indivíduo que esbanja, que “gasta muito”, assim como os temas do endividamento e das armadilhas do consumo, apontando uma particularidade desse tipo de literatura. Vale ressaltar, ainda que, como “Pai Rico, Pai Pobre” é considerado um marco na literatura de finanças pessoais, não importa se outras publicações vieram antes. O livro estabelece uma espécie de “fórmula simbólica”, a qual vem configurando

o segmento da autoajuda financeira no Brasil. Isso não significa, porém, que todas as obras da área sigam estritamente a mesma estrutura e que os conteúdos sejam semelhantes, mas sociologicamente revela que o modelo proposto por “Pai Rico, Pai Pobre” tem eficácia simbólica e pode conduzir a mudanças cognitivas na sociedade, já que parece funcionar de forma canônica, instituindo regras econômicas que devem ser seguidas religiosamente. Deste modo, podemos destacar, como aspecto central dessa “fórmula simbólica”, a afirmação do caráter performático do discurso desse campo. Isso chama a atenção para as implicações dessa esfera na construção de realidades sociais, que sustentam determinadas práticas e formas de vida.

Em geral, o modelo dos livros analisados é construído a partir de fórmulas duais, com o objetivo de explicar a diferença entre um bem ativo e um bem passivo. Desse modo, é possível perceber, entre as narrativas ou descrições de histórias de sucesso, que é travada uma guerra contra a situação financeira atual do indivíduo, seja ela qual for. O primeiro passo recomendado ao leitor é conhecer e aprender alguns conceitos financeiros. Nesse sentido, os argumentos contribuem para desmistificar o tabu existente contra o dinheiro e o mercado de ações, o que possibilita a realização de um planejamento financeiro que começa com o corte de gastos e de dívidas até chegar a uma situação de controle, em que o padrão de vida deve ser ajustado à renda familiar⁸⁸. A maioria dos livros apresenta a importância da educação financeira como um fator significativo, que contribui para “eliminar o medo” do dinheiro, argumento bastante presente nos manuais. A segunda estratégia consiste em “planejar” de modo a atingir uma fase financeira “estável” ou “entrar no azul”, para a formação da poupança. Ao chegar aqui, já é possível dar o grande passo – investir, mais especificamente no mercado de capitais, respeitando o perfil de cada indivíduo, que pode ser conservador,

⁸⁸ Um grande exemplo deste “modelo” é o quadro “Manda Quem Pode, Obedece Quem Tem Juízo”, que o “Fantástico”, programa da Rede Globo, exibiu em 2009, narrando a saga da Família Amorim, formada pelo casal Monica e Wellington, as filhas adolescentes Ingrid e Bruna e a sobrinha Jessica. Durante um mês, as contas da casa foram administradas por Ingrid, considerada a filha mais gastadeira. Ao final do quadro, que contou com conselhos do Sr. Dinheiro, a família, que estava endividada, aprendeu a controlar os gastos e a equilibrar o orçamento doméstico. Hoje a família Amorim tornou-se exemplo de equilíbrio financeiro e virou protagonista de alguns comerciais, como a campanha de crédito à pessoa física desenvolvida pelo Banco Caixa Econômica Federal. Já, Luis Carlos Ewald, conhecido como o Sr. Dinheiro, também faz parte do circuito Expo Money e é autor do livro “Sobrou dinheiro: lições de economia doméstica” (Editora Bertrand Brasil, 2003).

moderado ou arrojado⁸⁹. Isso garante uma aposentadoria tranquila e rica e a independência financeira, que se conquista com o primeiro milhão.

Alguns livros recomendam o fortalecimento de valores como paciência, seletividade e disciplina, já que existem alguns vilões que rondam a vida cotidiana, como pequenos gastos, impostos, cheque especial, cartões de crédito, inflação e, até mesmo, a tentação de comprar um presente mais caro para presentear alguém especial, e a facilidade do financiamento para a aquisição imediata de um bem de maior valor.

De acordo com o que foi exposto, é possível resumir a estrutura da maioria dos livros relacionados com a vertente da autoajuda financeira. Como as obras são direcionadas para o público em geral, independentemente de narrativas ou textos descritivos, o sujeito é convidado a lutar contra a sua situação financeira atual para conquistar a independência financeira rumo ao “primeiro milhão” – lema exageradamente enfatizado nas palestras e conteúdos disseminados pelos gurus financeiros. O princípio da “batalha” é eliminar a antiga ligação estabelecida com o dinheiro e montar um orçamento para o controle da situação econômica, o que é feito por meio de disciplina e cálculo, isto é, de planejamento financeiro. De tal modo, essa estrutura constitui-se um “guia cultural”, cuja meta é mudar a relação que os indivíduos têm com o dinheiro e apresentar os benefícios advindos do mercado financeiro.

Escrito por um dos maiores especialistas em dinheiro do Brasil, este livro foi criado para aqueles que querem entrar no mundo das finanças e dos investimentos e se tornar vitoriosos. Aqui, Gustavo Cerbasi fornece dicas úteis e conselhos imprescindíveis para investidores iniciantes ou experientes, sempre com a propriedade de alguém que fez fortuna muito cedo. Assim como os outros livros desta série, Gustavo Cerbasi — “Cartas a um jovem investidor” é a sua chave para o sucesso e a independência financeira⁹⁰.

Desse modo, as estratégias dos vencedores, aqueles que conquistaram o primeiro milhão, são apresentadas como histórias de sucesso e tornam-se grandes referências da autoajuda financeira. O livro “Como chegar ao seu primeiro milhão”, da Coleção Expo Money (Campus/Elsevier), por exemplo, relata a história do casal Marco Falcone e

⁸⁹ Aqui a escolha do perfil, muitas vezes, está associado a escolha da análise que vai nortear o modo de investir. Os mais conservadores baseiam-se na análise fundamentalistas, estudam as empresas, etc; já os mais arrojados costumam gostar de assumir risco e baseiam suas análises na projeção de gráficos.

⁹⁰ Texto de contracapa do livro “Cartas a um jovem investidor” (2008), de Gustavo Cerbasi.

Regina Tesima que, juntos, atingiram o primeiro milhão e hoje desfrutam da vida e da riqueza. Algumas obras e determinados gurus alertam, em suas palestras, que o indivíduo que deseja enriquecer não deve conviver com pessoas financeiramente pobres, pessimistas, negativas e invejosas, pois isso pode impedi-lo de obter seu primeiro milhão, caso não consiga mudar sua relação com o dinheiro e adotar os hábitos das pessoas ricas. O ideal seria ter amigos ricos e otimistas, pois, desse modo, o indivíduo sentir-se-ia estimulado a mudar sua rede de contatos e levado a construir um novo grupo de amigos – metaforicamente, um “portfólio” de amigos, assim como de ações.

De modo geral, os livros tratam dos mais diversos temas, mas apelam para temáticas que enfatizam a educação financeira, os motivos emocionais ou psicológicos que levam as pessoas ao endividamento ou ao consumo conspícuo, e a necessidade do planejamento financeiro. É interessante perceber, porém, que a “guerra”, declarada pelos gurus, é travada, na maioria das obras de autoajuda com a insistente repetição dos bordões “independência financeira” e “conquista do primeiro milhão”. Algumas ações, como o hábito de gastar em detrimento de poupar, sempre vêm justificadas pelo período de inflação que o país enfrentou na década de 1980, constituindo o modo de pensar de uma geração que apenas consome e não economiza. Assim, estatísticas sobre o aumento do número de endividados são massivamente divulgadas e as consequências negativas do endividamento tornam-se argumentos para salientar a necessidade de educação financeira e de planejamento orçamentário no Brasil. Entretanto, independentemente do motivo que leva ao endividamento, tais fatos servem de dados para os gurus legitimarem suas narrativas.

Não se pode deixar de mencionar que os livros dirigidos para pessoas consideradas mais avançadas no segmento de finanças, como “500 perguntas e (respostas) avançadas de finanças”, de Hugo Azevedo, e que faz parte da Coleção Expo Money, trabalha com um linguajar diferenciado dos demais. Já os livros de Maurício Hissa, que focalizam a apresentação das oportunidades de ações e opções da bolsa de valores, diferem, de certa forma, do modelo geral, porque utilizam uma linguagem mais sofisticada para cativar o público mais experiente com o objetivo de explicar que existem diferentes maneiras de investir no mercado de ações.

Como esclarece Douglas (1986), é possível observar que o estabelecimento de uma convenção social, constituída por fórmulas enfatizadas por meio da repetição de bordões, como uma técnica social (Mauss, 2003), que induz a mudanças cognitivas, isto

é, legitima-se um mecanismo social que transforma a consciência coletiva da sociedade. Neste sentido, Mauss (2003) declara que “na magia, a fé precede necessariamente a experiência: só se procura o mágico porque se crê nele; só se executa uma receita porque se confia” (Mauss, 2003: 122). Assim como o mágico, os consultores financeiros estruturam um “guia cultural”, que orienta as decisões econômicas e atrai novos indivíduos para o mundo das finanças no Brasil. Entretanto, é a partir do segmento das finanças pessoais direcionado às mulheres que se evidencia mais claramente o funcionamento desse mecanismo. O “Guia Exame” apresentou os livros mais lidos sobre finanças pessoais no Brasil, e entre eles, está o *best-seller* “Mulheres Boazinhas não Enriquecem”. A autora e psicoterapeuta americana Lois Frankel demonstra que as mulheres não enriquecem porque se concentram mais nas necessidades dos outros que nas próprias e evitam dar os passos indispensáveis para se tornarem independentes financeiramente.

Mensagens do tipo “Não seja gananciosa” ou “Aprenda a ser feliz com o que tem” são formas de interferência que impedem você de enxergar além do presente um futuro financeiramente compensador. Acumular riqueza, não importa quanta – requer, em primeiro lugar, ter uma visão, clara como o dia, mostrando você cercada de dinheiro por todos os lados (“Mulheres boazinhas não enriquecem”, p. 43).

Há também uma série de livros voltados para as mulheres, que são considerados sucessos, como “Mulher Rica – o guia de investimento para Mulheres”, de Kim Kiyosaki, que se baseou na fórmula do marido, o escritor do “Pai Rico, Pai Pobre”. Nesse livro, a autora parte da sua própria história e demonstra a necessidade das mulheres se tornarem independentes financeiramente.

Entre os livros escritos por autoras brasileiras, é possível destacar “Meninas Normais Vão ao Shopping, Meninas Iradas Vão à Bolsa”, de Andrea Assef e Mara Luquet, o qual é bem colorido e preenchido com caricaturas. Partindo das ideias de “Nem Prada, nem Louis Vuitton” e “Você não sabe, mas foi feita para investir”, as autoras mostram como as mulheres são educadas para não gostar de dinheiro, e ensinam como ganhar na bolsa, de modo que também as mulheres iradas possam “esbanjar” e “gastar” – “Iradas também vão ao shopping”.

Nossas mães sempre nos mandaram lavar as mãos depois de pegar em dinheiro. Sabe porquê? Porque dinheiro é uma coisa suja. O argumento das nossas mães era que o dinheiro circulava entre várias pessoas, por isso era anti-higiênico. Para os intelectuais, o dinheiro sempre foi uma coisa menor. Para os religiosos, dinheiro é pecado. O fato é que essas visões críticas a respeito do dinheiro contribuíram para que nós chegássemos ao século XXI iludidas por aqueles que não têm o menor pudor em ganhar dinheiro. Temos vergonha de pedir aumento ao patrão ou explicações ao banqueiro (Meninas Normais Vão ao Shopping: Meninas Iradas Vão à Bolsa: 18).

O livro, lançado em 2006 pela Editora Saraiva, foi sucesso no circuito Expo Money; logo depois, foi lançada a Coleção Meninas Iradas, que conta com os livros “Aposentada Ficava a Sua Avó – Meninas Iradas!” (2008), cujo objetivo é demonstrar que as mulheres devem desfrutar da longevidade da vida, mas que é necessário preparar-se financeiramente desde cedo para isso. Completa a coleção, o livro “Meninas Normais Casam... Meninas Iradas Investem na Relação” (2009), que também focaliza o aspecto financeiro e salienta que a base do sucesso de uma relação familiar é saber como lidar com os desafios financeiros do cotidiano.

Para iniciar a leitura do primeiro livro da consultora Sandra Blanco⁹¹, “Mulher Inteligente Valoriza o Dinheiro, Pensa no Futuro e Investe”, lançado em 2003 pela Editora QualityMark, é necessário que se realize um teste para o indivíduo conhecer “seu perfil”. Em seguida, a autora aborda temas rotineiros como compras, cartões de créditos, relacionamentos, carreira, família, filhos como artifícios para chamar a atenção da leitora sobre assuntos como planejamento financeiro, investimentos e assim estimula as mulheres para que elas alcancem, “sem medo”, a independência financeira.

Você não se casa esperando divorciar-se. Não começa a trabalhar num novo emprego esperando ser despedida. Mas essas coisas acontecem e, atualmente, cada vez mais frequentemente. Eu já disse, mas vale a pena repetir: se você for dependente de alguém – marido, chefe ou quem quer que seja – quanto a seu futuro financeiro pense duas vezes. Eles simplesmente poderão não corresponder. Vezes sem conta, não chegamos nem a perceber quanto somos dependentes, até que nos deparamos com a necessidade de assumir o controle de nossas vidas (Mulher Rica – o guia de investimento para Mulheres, p. 53).

⁹¹ Consultora de Valores Mobiliários autorizada pela CVM, criadora do site e do clube de investimento Mulherinvest. Sandra Balnco trabalha atualmente na Personale Investimentos. Ela é formada em Matemática, e tem MBA em Finanças e mestrado em Economia, e também tem um livro publicado na Coleção Expo Money - “A Bolsa para as Mulheres” (2007). Vale enfatizar que, estou reproduzindo os discursos dos agentes.

Os livros escritos para o segmento feminino também seguem o modelo que estrutura o “guia cultural”, porém, realçam massivamente questões sobre consumo supérfluo e as fases biológicas e sociais (profissão, adolescência, noivado, casamento, filho, divórcio, novo namorado, TPM, gravidez, envelhecimento, etc.) da vida da mulher. Essas publicações englobam temas mais relacionados com os aspectos emocionais da mulher mas, muitas vezes, a orientação sobre dinheiro não é suficiente, tornando necessária a referência a terapias para a solução de problemas econômicos, como Sandra Blanco adverte no trecho abaixo.

Gostaria apenas de acrescentar que, muitas, vezes, mesmo sabendo de tudo que precisa ser feito para ter uma vida financeira saudável, as pessoas não conseguem “fazer a coisa certa”, em função de distúrbios e traumas psicológicos que as desviam de seus objetivos. Portanto, seria importante também a ajuda psicológica para superar possíveis bloqueios mentais que, com certeza, levam muita gente ao fracasso! A bagagem psicológica de cada um – atitudes, crenças, emoções, sentimentos, temores, superstições e experiências – influi diretamente nas decisões financeiras, assim como influi em qualquer outra decisão. Sendo assim, às pessoas que enfrentam dificuldades dessa natureza, recomendo que procurem ajuda especializada (Mulher Inteligente Valoriza o Dinheiro, Pensa no Futuro e Investe: 143).

A autora alimenta a ideia de que se alguém não consegue alcançar o sucesso financeiro, o problema não é o método ou a fórmula utilizada, mas isso pode ser um sinal de distúrbio ou transtorno psicológico; para tanto, ela indica, o caminho da terapia, como por exemplo, os grupos de devedores anônimos⁹². Nesse cenário, diversos sites e blogs voltados para a questão de gênero e finanças ganham evidência, dos quais dois merecem destaque. O primeiro, o Mulherinvest⁹³, traz informações sobre o mercado e foi criado por Sandra Blanco, que conta com a colaboração de outros especialistas no assunto, como Eliana Bussinger, autora dos livros “As Leis do Dinheiro para Mulheres – Como nossas mães nunca mais” (Editora Campus-Elsevier) e “A Dieta do Bolso”, da

⁹² Nesse momento, cabe um parêntese, mencionar aqui, também, o caso das igrejas neopentecostais que avançam rapidamente pelo país e pregam a teologia da prosperidade. Para essas igrejas, o indivíduo endividado ou com problemas financeiros está “possuído” pelo demônio, o qual deve ser exorcizado, para que ocorra a libertação em termos financeiros, conjugais, de saúde, etc.

⁹³ Ver site: www.mulherinvest.com.br.

Coleção Expo Money. Já o site Letras & Lucros⁹⁴, das jornalistas financeiras Mara Luquet e Andréa Assef, enfatiza que não há motivo para se ter vergonha do dinheiro ganho honestamente, e que todo cidadão que zela pelo fruto de seu trabalho está contribuindo para o desenvolvimento econômico do país. Cabe ressaltar, também, o projeto “Mulheres em Ação”⁹⁵, elaborado pela Bovespa, que apresenta como desafio a divulgação da cultura do “poupar” diante do apelo do consumo que estimula o “gastar mais do que se ganha”⁹⁶.

Agora você pode dizer: só faço o que eu quero. Que delícia. Não há nada melhor do que dizer isso para o marido, para o pai, para os amigos e, principalmente, para si mesma, pois essa frase, apesar de trazer embutida certa arrogância, expressa o sucesso da sua empreitada rumo à independência financeira (...) São inúmeros os exemplos do que você pode fazer quando está no comando da situação [financeira], mas a maior satisfação é saber que poderá envelhecer em grande estilo, se, além do corpinho, cuidarmos do bolso e da cabeça. O problema é que muitas mulheres cuidam muito bem do primeiro, mas deixam os dois outros itens no completo abandono. (Meninas Normais Vão ao Shopping: Meninas Iradas Vão à Bolsa: 95).

Nesse sentido, ganham repercussão os testes que buscam avaliar a situação financeira dos indivíduos e que são encontrados no início de livros e em sites e/ou realizados em palestras. Eles constituem o “ritual” de entrada de muitos brasileiros no mundo das finanças pessoais e analisam o perfil individual de cada um; a partir dessa avaliação, os gurus financeiros prescrevem e indicam os passos que devem ser dados para o indivíduo alcançar a independência financeira.

Você é bastante descuidado em relação ao dinheiro? Em razão disso, provavelmente tem problemas financeiros com frequência. Se alguns de seus hábitos em relação ao dinheiro não forem mudados, você poderá ter sérias dificuldades no futuro. Se você se encontra nesse grupo será um dos maiores beneficiados da leitura deste livro (Dinheiro os Segredos de quem tem), principalmente quando aponto nos primeiros capítulos os maus hábitos a serem corrigidos.

⁹⁴ Ver site: www.letraselucros.com.br.

⁹⁵ Ver site: www.bovespa.com.br/mulheres

⁹⁶ Informações retiradas do site: www.bmfbovespa.com.br/mulheres/mulheres-em-acao.asp. Acesso: Maio/2010.

Esse é um tipo de advertência e de resultado de um teste chamado “Avalie seu Perfil Financeiro”, retirado do site “Mais dinheiro”, de Gustavo Cerbasi. Em geral, esses testes consistem em perguntas sobre dívidas, utilização do cheque especial, cartão de crédito, tomadas de decisões no que se refere à compra de uma casa ou de um carro, poupança, estratégias de investimentos, formas de aplicações, aposentadoria, reservas para a educação do filho e até mesmo a frequência com que se vai ao supermercado. As questões são seguidas de alternativas, que definirão o indivíduo por níveis. O teste mencionado, por exemplo, classifica o sujeito indicando se ele está em boa, média ou má relação com o dinheiro, o que corresponde, respectivamente, às alternativas a, b e c. Assim, quem conquistar esse posto de “boa relação” com o dinheiro deve informar-se mais sobre investimentos, o de “média relação” precisa balancear os gastos e formar poupança; já o de “má relação” deve partir da estaca zero, como demonstra a citação apresentada acima, que é resultado da escolha da letra “c” como resposta para todas as alternativas. A solução, no entanto, sempre estará nos livros ou nas palestras e cursos ministrados pelos consultores financeiros. Outro exemplo de teste está no livro “Mulher Inteligente Valoriza o Dinheiro, Pensa no Futuro e Investe” de Sandra Blanco, o qual apresenta 10 perguntas que têm como resposta as alternativas sim ou não.

1. Você recebia mesada quando pequena?
2. Recebia mesada quando foi pra escola?
3. Precisava prestar serviço em troca de mesada?
4. Passou a ganhar seu próprio dinheiro na adolescência (por volta dos 16 anos)?
5. Tudo o que você queria (novidades, guloseimas, passeios etc.) deveria ser pago com seu dinheiro?
6. Pagou até itens necessários, como roupas e livros escolares, com sua própria mesada?
7. Foi responsável pela sua educação universitária?
8. Quando a família tinha de apertar os cintos, você entendia e sabia que deveria exigir menos?
9. Seus pais sentaram com você um dia e ensinaram como preparar um orçamento para suas despesas?
10. Você participava da elaboração do orçamento doméstico da família?

Essas perguntas constituem o teste “O que é preciso saber?”, retirado da página 1 do referido livro, que apresenta como resultado o seguinte comentário: “Se a maioria das respostas foi “sim”, está mais preparada para começar. Caso contrário, terá de se empenhar um pouco mais” (página 02). A autora também chama a atenção para algumas

perguntas abertas sobre relacionamento e futuro, indagando a mulher sobre o que ela pensa acerca de dinheiro, poupança, emprego e perspectivas, cartão de crédito, cheque especial, financiamento de imóvel, empréstimos diversos, filhos e aposentadoria. Em seguida, questiona: “Pronto? Você chegou à conclusão de que é preciso planejar mais o futuro financeiro, poupar dinheiro e investir? Então vai ser fácil. Quando estamos conscientes de que algo deve mudar, nos empenhamos mais, o que facilita a ação” (página 03).

Desse modo, como as perguntas abrangem questões econômicas do presente, passado e futuro, é muito fácil que qualquer pessoa seja atraída pelo discurso que, em princípio, busca constranger para, em seguida, prometer o sucesso financeiro, estimulando alguns leitores a penetrar no mundo das finanças pessoais.

Já em grandes plateias, como as palestras da Expo Money, alguns exemplos de pessoas endividadas e que conquistaram a independência financeira ou a própria história de vida dos gurus são usadas como exemplos e acabam comprovando a eficácia do método ou da estratégia proposto por esses consultores. Tal repertório, normalmente, é reforçado por informações estatísticas que apresentam, por um lado, o número de endividados no Brasil e as consequências desse cenário, como o aumento do número de divórcios por motivos financeiros e a queda do padrão de vida da população brasileira; por outro, revelam dados de otimismo, como o crescimento do número de milionários no Brasil na última década. Essa dinâmica ocorre sempre com a interação do público, como quando um palestrante faz ao apresentar o número de endividados e milionários para a plateia, perguntando: – De qual lado você está? Ou de qual lado você deseja estar? Isso reforça a ideia de que o indivíduo deve começar a realizar um planejamento financeiro, isso, que ele tem de “mexer-se” para sair da atual situação econômica.

Entretanto, o “guia cultural” que se concretiza contribui para incutir, na mente do público receptor, a formação de uma nova percepção no que tange às práticas econômicas, à medida que o indivíduo é convidado a elaborar um planejamento econômico e a buscar a independência financeira, que necessariamente se conquista via mercado financeiro.

A partir da leitura de Elias (1986), nota-se que os livros estruturados pelo “guia cultural” estabelecem uma espécie de orientação, no sentido de alterar as disposições tanto individuais como coletivas. Aqui, vale reproduzir integralmente o depoimento de um casal multirracial entrevistado na Expo Money 2010, para enfatizar o magnetismo

exercido pelo referido campo, que é capaz de induzir a reconversão de *habitus* (Bourdieu, 1997).

É a primeira Expo Money de que participamos, viemos buscar conhecimento sobre investimentos em ações. [Já investem?] Sim. [Sobre os livros] Sim, da coleção Expo Money eu tenho vários, eu vi um agora e me lembrei o “Mulheres em Ação”, se eu ver um agora, eu falo: - esse eu tenho, esse eu tenho... Também tenho outros. [Busca aplicar o conhecimento?] Sim, porque eu ouvi falar na televisão, porém as pessoas que vivem comigo não aplicam, tem aquele receio em investir em ação. Então, eu queria ter conhecimento, comecei a pesquisar na Saraiva, Submarino, entendeu? Ah, meu livro de cabeceira, hum, é aqui da coleção Expo Money, é aquele do, não sei se é Mauricio Bastter, acho que é investindo em ações, deve ser. [Porque começaram a investir/objetivo] Meu objetivo é adquirir uma franquia, porém, não tenho intenção de parar de investir. [Quanto tempo investe?] Desde maio de 2010, porém, estou tomando coragem pra ser mais agressiva. Mas tem dois anos que eu estou lendo livro; aí eu falei: agora eu vou; eu fui na bolsa, sabe aquelas palestras? Eu fiz todas elas, porque eu não sabia o conteúdo. Às vezes, eu ligo também pra corretora que eu quero, e pergunto alguma coisa. E, já tem três meses que eu estou assim (...) Aquela clínica financeira que tem ali também é muito boa. Pena que só tem meia hora pra você. Mas pra quem não tem conhecimento, o esquema é particular.

Os consultores dessa área ensinam que os verdadeiros investimentos e o caminho para a independência financeira são aqueles realizados no setor financeiro, mais especificamente, na bolsa de valores, através de bancos e/ou de empresas como corretoras de valores que, juntamente com os consultores, desempenham grande papel no sentido de popularizar e atrair indivíduos para o mercado acionário.

Eu estou começando a investir, entendeu, então, eu vim mais [Expo Money, 2010] pra ver palestra, acompanhar pra ver se eu aprendo alguma coisa. Eu comecei a investir, mas estou no básico ainda. [O que te motivou a começar investir?] Ah, o dinheiro fácil, né, que falam que é bolsa de valores, que não é realmente, ah, não sei, aprender a diversificar, né. [Formação] Somos formados já. Somos de Ribeirão Preto. [Sobre livros] Eu já li o do Cerbasi, investimentos inteligentes, eu acho, acho que foi isso. [Funcionou?] Não dá para aplicar no dia-a-dia, é uma coisa mais para abrir a cabeça pra novos investimentos. Eu como não tenho muito capital, quero diversificar, estou focando mais na bolsa de valores mesmo, acho que é mais pra

abrir a cabeça mesmo que tem mercado, coisa pra fazer, economia. [Como aplica?] Analiso bastante gráficos e notícias, que nem eu te falei, estou no começo, não tenho muito conhecimento ainda, não; tenho conhecimento nem pra analisar tecnicamente o mercado. [Conhece os níveis de mercado da Bovespa?] Conheço até porque eu sou formado em administração de empresas, mas pra investir ainda não, sou o básico do básico. [E você?] Já invisto a mais tempo, só análise técnica mesmo. [Sobre os palestrantes técnicos] Eu li alguns livros daquele Alexandre Elder; e eu participava da ADPM do Leandro Stormer, mas não sou seguidor.

Em especial, por meio dos depoimentos dos entrevistados, é possível notar uma busca pela mudança de hábitos referentes a investimentos, pois, historicamente, o brasileiro utilizava as receitas tradicionais de investimentos em imóveis, terrenos urbanos, pequenas propriedades rurais, gado bovino, ou seja, em “bens de raiz”, que não passavam pelo sistema financeiro e que não são considerados “verdadeiros investimentos” pelos gurus financeiros. Assim, práticas econômicas antes aparentemente estranhas, vistas como distantes e negativas naturalizam-se no Brasil, uma vez que os indivíduos são levados a refletir sobre a necessidade de poupar e investir, aspectos econômicos do cotidiano que não eram considerados fatores importantes.

4.4 Os multiplicadores das finanças

Neste item, são apresentados os multiplicadores do mundo das finanças pessoais no Brasil, aqueles que, juntamente com os gurus financeiros, procuram legitimar e atrair novos indivíduos para os circuitos dos mercados. Para isso, foram mapeados os principais agentes que estão presentes no circuito da Expo Money, os quais elaboram materiais informativos sobre o mercado de ações e realizam palestras, cursos e workshops. Aqui, serão destacados o papel da Bolsa de Valores de São Paulo na campanha de sua popularização, personificada na figura de seu ex-presidente Raymundo Magliano Filho; o papel das corretoras de valores mobiliários e o das associações e instituições criadas em torno do mercado de capitais; e a função dos consultores financeiros que apenas prestam serviços, bem como as demais instituições ligadas a essa atividade.

Grün (2007), ao mapear o campo das finanças no Brasil, relata que é possível notar claramente estratégias de diversos atores inseridos na esfera financeira no sentido de alterar a percepção tradicional que se tem do mercado. Desse modo, um exemplo é o do ex-presidente da Bovespa, Raymundo Magliano Filho, que, durante a sua gestão (2001-2009), iniciou uma campanha que visava realizar uma mudança cultural na imagem da Bovespa para expandir o mercado de capitais e atrair novos investidores⁹⁷, apresentando, como lema da sua gestão, “levar uma nova visão cultural sobre o que é o mercado financeiro”.

O administrador de empresas paulistano Raymundo Magliano Filho, de 62 anos, assumiu, em 2001, a presidência da Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa). Sua missão? Aumentar a participação da pessoa física no mercado de capitais. “Partimos do princípio que o brasileiro não sabe o que é bolsa de valores. Então, fizemos programas de esclarecimento e educação dos investidores”, diz Magliano. Esse esforço tem dado resultado. A pessoa física já responde por um quarto de todo o dinheiro que é aplicado na bolsa⁹⁸.

Magliano ganhou destaque na mídia brasileira por adotar uma postura diferente e ousada, aproximando-se de pensadores clássicos como Norberto Bobbio, Antonio Gramsci, Hanna Arendt e Immanuel Kant para elaborar projetos referentes à educação financeira e implementar ações voltados para a sociedade civil.

A bolsa vem procurando conferir **uma nova dimensão ao pensamento de Bobbio** [grifo meu] ao transpor para o mercado os princípios democráticos da visibilidade, da transparência e acesso, estudados em “O Futuro da Democracia”. Foi com fundamento neles que a Bovespa instituiu o seu ombudsman, dirigiu-se à população para informá-la sobre o funcionamento do mercado de ações e reiterou seu compromisso com a sociedade por meio de suas parcerias com a Força Sindical e a Central Geral dos Trabalhadores (CGT), e da instituição do Novo Mercado e da Bolsa de Valores Sociais⁹⁹.

⁹⁷ Foram coletadas matérias sobre a Bovespa e as atividades de Raymundo Magliano Filho nos principais veículos de mídia do Brasil.

⁹⁸ COSTA, J. E. Bate papo com o presidente da Bovespa. *Você S/A*. 09/07/2008.

⁹⁹ “A importância da recepção do pensamento de Bobbio no Brasil e na América Espanhola” encarte entregue na ocasião do Seminário realizado na Bovespa em 28/03/2005.

A ligação entre a Bovespa e a obra de Norberto Bobbio é decorrente das reflexões do filósofo italiano sobre a democracia, os direitos humanos e a participação da sociedade civil nos assuntos de interesse público¹⁰⁰. Através do pensamento do autor, Magliano criou o “Novo Mercado”, uma ação que não tem a participação do governo, atrelada apenas à iniciativa privada e inspirada na ideia de transparência do referido filósofo. O Novo Mercado tem como suporte as regras de governança corporativa, que procuram garantir maior credibilidade e transparência à bolsa para atrair novos investidores.

Em vez de jornais e revistas de negócios e economia, Magliano prefere a companhia de Kant, Bobbio e Hannah Arendt, além de Gramsci. De cada um ele retirou um ensinamento que balizou as mudanças introduzidas na instituição. “Quando assumimos, achamos que deveríamos transformar a bolsa de uma instituição elitista em uma instituição popular. Só assim ela ganharia legitimidade social”, lembra Magliano¹⁰¹.

O ex-presidente da Bovespa também se guiou pela ideia de visibilidade de Bobbio, no sentido que ela consiste na diminuição do espaço físico entre o governante e o governado: “Aí, foi simples, chegamos à conclusão de que visibilidade era não esperar que o cidadão viesse até a bolsa; mas, ao contrário, ir de encontro ao cidadão”¹⁰². Desse conceito, nasceram o Bovmóvel e o Programa “Bovespa vai até você”, que visam popularizar o mercado de ações, no qual são apontados os clubes de investimentos como estratégia essencial para aproximar os trabalhadores e demais interessados em começar a investir no mercado.

É uma forma de **socializarmos o capitalismo** [grifo meu]. Se o trabalhador fizer parte dele, vai deixar de ver sua companhia como inimiga, pois passará a ser sócio dela. “Todo sócio trabalha mais e melhor, pois quer ver sua empresa crescer e ganhar mais com essa expansão”, aponta o presidente da Força Sindical, Paulo Pereira da Silva¹⁰³.

¹⁰⁰ Personalidades da vida política e intelectual brasileira reuniram-se para a inauguração do Centro de Estudos Norberto Bobbio, criado em homenagem ao filósofo italiano, na sede da Bovespa em março de 2005.

¹⁰¹ DECOL, R. D. O revolucionário da bolsa. Revista Época Negócios, 06/2007.

¹⁰² *Ibid.*

¹⁰³ Clubes de Investimentos estão na moda. In: www.bovespa.com.br/revista/85beaba

“Tínhamos de pensar no acesso, já que ele é fundamental para uma maior visão democrática”¹⁰⁴, afirmou Magliano, no que se referia à aproximação com os trabalhadores. Além de escritórios em centrais sindicais, como a Força Sindical e a Central Geral dos Trabalhadores (CGT), a Bovespa manteve, em seu Conselho de Administração, o sindicalista Antônio Carlos dos Reis (Salim), presidente da CGT. “Essa foi a nossa forma de não deixar a participação dos trabalhadores só no nível teórico”, confirmou Magliano¹⁰⁵.

O programa “Bovespa vai até você”, por sua vez, emprega uma linguagem simples e objetiva para explicar o funcionamento do mercado de ações, apresentando o papel e a importância da bolsa de valores e das corretoras na dinâmica econômica do país. Ele é composto de trabalhadores, profissionais liberais, estudantes, comerciantes, entre outros, para os quais a Bovespa tem desenvolvido programas específicos, tais como Bovespa vai à fábrica, Bovespa vai ao clube, Bovespa vai à universidade, Bovespa vai à academia, Bovespa vai ao shopping, além das participações em feiras e congressos.

Magliano também relatou que aprendeu com Antonio Gramsci que “mudando a cultura muda-se tudo”¹⁰⁶. Dessa forma, considera que o filósofo marxista avançou para além das teorias de Marx, para quem as condições econômicas eram determinantes: “Precisamos mudar a mente das pessoas, e isso é feito, sobretudo, pela educação financeira. E é pela educação que vamos mudar este país”¹⁰⁷. A partir dessa visão, foram elaborados os projetos “Desafio Bovespa na escola”¹⁰⁸ e o “Projeto Educar”¹⁰⁹.

Inspirado pelos ensinamentos de Immanuel Kant, que “acreditava na razão e no esclarecimento como caminho para a emancipação do homem”¹¹⁰, Magliano criou o “Mulheres em Ação”, que é o módulo feminino do projeto de popularização “Bovespa vai até você”. “Além de manifestarem grande interesse pelas aplicações em ações, são elas que irão educar as novas gerações para o planejamento financeiro”, afirmou o ex-presidente da Bovespa¹¹¹.

¹⁰⁴ *Ibid.*

¹⁰⁵ Ver Entrevista com Raymundo Magliano Filho. Para Magliano, o Brasil precisa de administradores. In: <http://www.crasp.com.br/jornal/jornal233/princ3.html>

¹⁰⁶ DECOL, R. D. O revolucionário da bolsa. Revista Época Negócios, 06/2007.

¹⁰⁷ Ver Entrevista com Raymundo Magliano Filho. Amplia-se o papel da Bovespa. In: <http://www.bovespa.com.br/InstSites/RevistaBovespa/100/Entrevista.shtml>

¹⁰⁸ Disponível em: <http://www.bovespa.com.br/InstSites/DesafioBovespa>

¹⁰⁹ Disponível em: <http://www.bovespa.com.br/Investidor/Educacional>

¹¹⁰ DECOL, R. D. O revolucionário da bolsa. Revista Época Negócios, 06/2007.

¹¹¹ Programa Mulheres em Ação e Guia de Planejamento Financeiro, Revista Bovespa, 28/09/2005.

Nesse contexto, foi inaugurado, na sede da Bovespa, o Centro de Estudos Norberto Bobbio, o qual reúne a biblioteca do autor, suas obras publicadas tanto em português quanto em italiano e parte do acervo de artigos não publicados, que foi doado pela família do próprio filósofo. O Centro de Estudos Norberto Bobbio também visa difundir os conceitos de democracia, liberdade, direitos humanos, civis e políticos para toda a população. Assim, a Bovespa acredita que estendeu o pensamento de Bobbio às camadas sociais menos favorecidas “por acreditarmos firmemente que a inclusão cultural é fator determinante para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária”, segundo palavras de Raymundo Magliano Filho¹¹².

Na favela de Paraisópolis (Zona Sul de São Paulo) temos uma quadra poliesportiva na qual são dadas aulas de futebol, basquete, tênis e outros esportes para 800 crianças. A favela ganhou recentemente uma biblioteca que também se chama Norberto Bobbio. “Por quê? Porque ele diz claramente que precisamos difundir os conceitos democráticos e a periferia é o melhor lugar para que isso aconteça”, afirma Magliano¹¹³.

Baseado na ideia de legitimidade, Magliano enfatizou que “se as entidades, como a Bovespa e as empresas, não tiverem condições de serem vistas pela sociedade por uma função social, elas não terão legitimidade”¹¹⁴. Nesse sentido, foi lançada a Bolsa de Valores Sociais e Ambientais (BVS&A), com o objetivo de levantar fundos para projetos educacionais de ONGs brasileiras. Ela une investidores sociais dispostos a doar fundos aos projetos desenvolvidos por aquelas instituições, a fim de promover melhorias na perspectiva social de crianças, adolescentes e jovens adultos.

Cultura cívica seria fundamental para o Brasil, mas, na verdade, somos burocráticos e dependentes do Estado, estamos sempre aguardando que o rei (o governo) resolva nossos problemas. Chegou a hora de promovermos uma revolução cultural e investirmos na criação de capital social brasileiro, que possa complementar as ações do Estado. Para tanto, necessitamos do fortalecimento do papel de instituições que possam fornecer indicações de políticas públicas, fiscalizar sua aplicação e funcionar como fator de coesão social, a exemplo das *think tanks* americanos. **Tocqueville** [grifo meu] com certeza gostaria dessa iniciativa¹¹⁵.

¹¹² Ver Entrevista com Raymundo Magliano Filho. Para Magliano, o Brasil precisa de administradores. In: <http://www.crasp.com.br/jornal/jornal233/princ3.html>

¹¹³ *Ibid.*

¹¹⁴ *Ibid.*

¹¹⁵ *Ibid.*

Müller (1997), ao realizar uma etnografia na Bovespa, alerta que, frente à sociedade, as bolsas de valores certamente não deteriam legitimidade como instituição, caso se apresentassem exclusivamente como promotoras de funções estritamente econômicas. A bolsa também precisa ser vista como um instrumento para a promoção do bem comum, isto é, ter sua existência justificada a partir dos critérios que ordenam o “mundo cívico”¹¹⁶.

A figura de Magliano, portanto, foi fundamental para difundir uma nova visão e uma imagem renovada da bolsa de valores e do investidor no país, que difere daquela ideia de “jogador” hipnotizado em frente ao computador operando no mercado. Magliano mostrou-se como filósofo e foi à praia para divulgar a bolsa, a fim de demonstrar que aquele investidor neurótico de terno e gravata é coisa do passado.

Vestido de shorts azul, camiseta amarela e tênis cinza, Raymundo Magliano Filho se apresenta aos banhistas enquanto passeia por uma praia do sudeste do Brasil. Ele não está de férias. O presidente da Bolsa de Valores de São Paulo está em busca de investidores. Magliano, 60 anos, pôs os pés na areia recentemente, como parte de uma campanha para restaurar a confiança dos investidores no mercado acionário brasileiro¹¹⁷.

Atualmente, “Quer ser sócio?” é o programa de maior destaque desenvolvido pela BM&FBovespa e tem como garoto propaganda, a figura de Pelé, estratégia que visa atrelar a popularidade do jogador e do futebol à imagem da bolsa. O projeto tem a intenção de atingir cinco milhões de pequenos investidores até o ano de 2015, e através do site e do programa, é possível ter acesso ao material que apresenta os seis primeiros passos que todo cidadão deve dar para começar a participar da bolsa. Assim, o primeiro passo se circunscreve a encontrar uma corretora de valores que atenda o seu perfil e seu objetivo, oferecendo especialistas que possam ajudar na escolha dos melhores investimentos.

Neste sentido, as corretoras de valores também desempenham um importante papel na busca do investidor pessoa física no Brasil. A ligação entre a bolsa e as corretoras ganhou mais impulso com o lançamento do programa “Corretoras – Porta de

¹¹⁶ Segundo Müller (1997), a expressão “mundo cívico” segue a classificação proposta por Boltanski e Thévenot (1991), que tem como significado o mundo no qual as relações entre as pessoas se baseiam na legalidade e na representatividade; o valor maior está na noção de bem comum.

¹¹⁷ Presidente da Bovespa busca novos investidores na praia. 19/03/2003. Fonte: Bloomberg Brasil. In: <http://economia.terra.com.br/canales/noticia>. Acesso: 12/2007.

Entrada no Mercado de Capitais”, em agosto de 2005, que tem por objetivo reforçar o papel das corretoras com vistas ao crescimento e ao aperfeiçoamento do mercado de capitais.

“A bolsa fez um excelente trabalho nos últimos anos, reforçando sua importância e expandindo o mercado”, lembra Nelson B. Spinelli, presidente da Spinelli Corretora e vice-presidente da Bovespa. “Devemos, no entanto, lembrar sempre que o contato com o investidor, o atendimento ao cliente, o giro são feitos pelas corretoras”. A Bovespa e suas corretoras fazem parte de um todo e é esse conceito que está sendo agora reforçado¹¹⁸.

No Brasil, algumas corretoras destacam-se por oferecer opções de cursos para iniciantes e também para quem já conhece o mercado, mas quer aprofundar seus conhecimentos sobre investimentos. Dentre essas corretoras, algumas se diferenciam por apresentarem um programa educacional que focaliza o investidor pessoa física, como por exemplo, a Ativa, a Ágora, a Geração Futuro, a Gradual, a Link, a Tov, a TradeInvest e a Win¹¹⁹ e, também, por fornecerem *home broker*.

Cabe explicitar que o *home broker* é um sistema que liga o investidor diretamente ao mercado eletrônico da BM&FBovespa, o que possibilita a compra e a venda de ações pela Internet, e ele foi criado para garantir comodidade e atender às necessidades de investidores online, iniciantes ou não, no mercado de ações.

O interesse crescente dos investidores pessoas físicas pode ser medido pelos negócios no *home broker*, sistema de compra e vendas de ações pela Internet. Com o *home broker*, oferecido pelas corretoras de valores, os clientes têm a liberdade de operar diretamente no pregão da Bovespa. Em 2006, os negócios por meio desse canal bateram novos recordes. Em relação ao ano anterior, o volume médio mensal cresceu 82%, passando de R\$ 3,3 bilhões para R\$ 6 bilhões. O número de negócios subiu 78,5%, em média, alcançando 752,4 mil operações por mês. Os acessos ao sistema aumentaram 78,7%, passando de 34.843 para 62.266 por mês. Somente o Bradesco registrou, no final de dezembro, 63 mil investidores cadastrados em seu *home broker*. Um ano antes, eram 38 mil. O maior banco privado do País tem 17 milhões de clientes. Ou seja: há espaço para conquistar novos investidores para a bolsa. “O potencial de crescimento é enorme”, diz Aníbal César J. dos Santos. A exuberância racional tem tudo para continuar¹²⁰.

¹¹⁸ Intermediários Laços mais Estreitos. Revista Bovespa. Outubro/Dezembro de 2005.

¹¹⁹ Durante a pesquisa, foi realizado um levantamento de todas as corretoras registradas na BM&FBovespa que possuem algum serviço ou *home broker* dirigido ao pequeno investidor no Brasil.

¹²⁰ Os investidores estão voltando. Por: Milton Gamez. Revista Bovespa, Janeiro/Março, 2006.

As operações de *home broker* ganharam destaque entre os pequenos investidores, como enfatiza a citação acima, e já ultrapassaram a marca de 32% do total de negócios realizados na Bovespa; em 2002, essa participação não passava de 10%. O volume negociado mensalmente saltou de 496,6 milhões de reais, em dezembro de 2002, para 24,77 bilhões de reais, em fevereiro de 2008¹²¹.

No que tange às corretoras de valores no Brasil, muito se tem feito para instruir os investidores, como a implementação de sites operacionais, que possuem ferramental de apoio às decisões de investimento e atuam sempre de forma didática. Além da preocupação com o aspecto educacional, as corretoras oferecem cursos, palestras e manuais de instruções para operar no mercado. Já outras preferem desenvolver ferramentas de análise mais apuradas de *home broker* como softwares e métodos mais sofisticados de análise do mercado. Para Zaloom (2006), os mercados são lugares sustentados pela vida cultural e estão dissolvidos na era digital, em que poderosas instituições financeiras estão encerrando as operações ‘face a face’ e entrando numa rede onde os *traders* operam por meio da “tela do computador”, isto é, via *home broker*. Essas mudanças trazem implicações para *traders*, corretoras e investidores de pequeno porte, já que tais artefatos tecnológicos também corroboram para a transformação cognitiva da sociedade no que tange às práticas econômicas.

No Brasil, além do grande incentivo da BM&FBovespa, as corretoras de valores têm demandado grande esforço tanto no sentido de informar como também no de formar e gerenciar clubes de investimentos para atrair investidores de pequeno porte¹²². A Bovespa registrou 2.650 clubes listados com patrimônio líquido de 17,60 bilhões de reais, e o número de cotistas de 153.434, segundo os últimos dados disponíveis, de junho de 2008¹²³.

Assim, iniciativas particulares para criar clubes de investimento também são incentivadas e ganham relevância no país. Nesse sentido, Sandra Blanco criou o “Mulherinvest”, que também possui um site com o mesmo nome – “Nós, mulheres, adoramos gastar, mas podemos deixar também de comprar um pouco e aplicar todo mês, para depois aproveitar essas economias no futuro”¹²⁴, relata a cotista Viviane, de 33 anos, no livro “Bolsa para Mulheres”, elaborado pela idealizadora do referido clube

¹²¹ Dados retirados da reportagem: Pequeno investidor também ganha com fusão BM&F-Bovespa. Por Francine de Lorenzo. Revista Exame. 23/03/2008.

¹²² Cresce participação do público feminino que aplica em ação. Por Luciana Monteiro, In: www.valoronline.com.br. 06/02/2008.

¹²³ Bovespa: clubes de investimentos somam R\$ 17,6 bilhões em julho. Gazeta Mercantil. 05/08/2008.

¹²⁴ Lugar de mulher é na bolsa. Por Catherine Vieira. In: www.valoronline.com.br. 06/02/2008.

de investimento. O livro, que faz parte da Coleção Expo Money, relata a experiência de “sucesso” do clube desde que foi criado, em 2004¹²⁵.

Pode-se afirmar que a terceira idade também está interessada no mercado de capitais. Já em 1998, um grupo de dezoito educadoras aposentadas se reuniu e montou o Clube de Investimentos entre Amigos — o Ciainvest. As amigas de longa data procuraram uma corretora para orientá-las: “As educadoras falam com orgulho do seu clube de investimentos, pois sabem que estão contribuindo para o desenvolvimento das empresas brasileiras e para a geração de empregos”¹²⁶. As investidoras alegam que, para a terceira idade, o mercado de capitais é o melhor investimento, já que imóveis não expressam retorno a curto prazo. A Corretora Gradual, por exemplo, possui um clube de investimentos formado apenas por senhoras aposentadas com mais de 60 anos, que existe desde 2001, como elucida o trecho a seguir.

Iara Coelho, aposentada, 69 anos, participante do clube da terceira idade, gostou tanto da experiência que há pouco mais de dois anos montou sua própria carteira de ações para diversificar ainda mais seus negócios. “Passei a vida aplicando em imóveis que alugava, mas mudei porque percebi como esse tipo de aplicação ficou desinteressante”, justifica. Os riscos parecem não assustar os investidores porque diversificam, distribuindo seu patrimônio em diferentes aplicações de renda fixa e concentram cerca de 20% em renda variável¹²⁷.

Desse modo, formam-se clubes voltados para mulheres e idosos que, antes, eram pessoas estranhas ao ambiente do mercado de capitais. Um outro exemplo de incentivo à formação de clubes de investimento são os clubes e fundos “proibidos para maiores de 18 anos”. Algumas corretoras criam clubes ou fundos de pacotes *Kids*, nos quais os pais fazem aplicações mensais para o futuro dos filhos; como mostra o excerto abaixo.

¹²⁵ Nos Estados Unidos, o caso de um grupo de senhoras da cidade de Beardstown, que se reuniram para investir em ações e ficaram milionárias, virou *best-seller*. No Brasil, o título é Guia Prático de Investimentos das Beardstown Ladies, da editora Salamandra. Da mesma forma como ocorreu nos Estados Unidos, o primeiro clube de investimento feminino que obteve sucesso também virou livro no Brasil: a “Bolsa de Mulher”.

¹²⁶ Imóveis já não são garantia para terceira idade. Por Rosângela Santiago. In: www.valoronline.com.br. 27/07/2006.

¹²⁷ *Ibid.*

O pequeno João Furlan tinha cinco anos e acabara de descobrir o mundo das palavras quando percebeu que uma cartinha onde vinha escrito “Bovespa” estava em seu nome. “Pai, que carta é essa que chegou para mim?”, inquiriu ele. O pai, Fernando Silva Telles, há longa data no mercado financeiro, explicou: “É que o papai comprou para você um pedaço de algumas empresas e agora você é sócio delas. Essa carta é do lugar onde eu comprei isso pra você”. Treze anos se passaram e na medida em que João ia crescendo, Telles ia explicando um pouco mais como funcionava todo o processo do mercado de ações. Quando ele tinha oito anos, o pai precisava abastecer o carro e, depois de passar por um posto Petrobras, acabou optando por outro. “Pai, mas aquele ali não era o meu posto? Você tem que botar no que eu sou sócio, para minha empresa ganhar mais”, protestou o menino. Desde aquela carta, João nunca mais descuidou das suas “participações” nas empresas¹²⁸.

Nesse campo, surgem associações que visam contribuir para o desenvolvimento do mercado financeiro no Brasil, as quais abrangem desde empresas que abrem capital na bolsa, além de profissionais do mercado, consumidores de produtos financeiros, acionistas, entre outros. De modo geral, tais associações são sem fins lucrativos e visam proteger e representar os seus associados, assim como algumas delas estendem suas atividades para a sociedade a fim de promover a divulgação do mercado financeiro no país através de cursos, palestras, workshops e cartilhas que relatam a importância da educação financeira. É interessante reforçar que o surgimento dessas associações representa um avanço do número de envolvidos com o mercado financeiro no Brasil.

Tabela III: As principais associações do mercado de capitais e suas atividades

ABRASCA	Encontro Nacional de RI e Mercados de Capitais
AMEC	Regulação/Cartilhas
ANBIMA	Cartilhas/Certificação/ Prêmio ANBIMA
ANCOR	Análise Técnica/Cursos/Certificação
ANDIMA	Palestras em Faculdades
ANAT	Certificação/ Cursos e Seminários

¹²⁸ Clubes e fundos proibidos para maiores de 18 anos. Por Catherine Vieira. In: www.valoronline.com.br. 16/12/2002.

APIMEC	Certificação Profissionais de Investimentos
CVM	Circuito Universitário/Convênios Acadêmicos Portal do Investidor
IBCPF	Certificação Profissionais/Código de Ética
IBRI	Convênio com o Instituto Chiavenato de Educação/Curso de RI
INI	Curso de Seleção de Empresas pelo Método INI Encontros entre Investidores e Companhias Listadas Webcasts e Chats entre Investidores e Companhias Listadas Publicações Técnicas Workshops para Corretoras e Investidores

Nesse ritmo, também aparecem comunidades em redes sociais e blogs que, muitas vezes, são incentivados e patrocinados pelas referidas associações como, o Portal “Como Investir”, que procura contribuir para a educação e formação do investidor no Brasil, e foi desenvolvido por uma iniciativa da ANBID (Associação Nacional dos Bancos de Investimento), entidade privada, sem fins lucrativos¹²⁹. O Dinheirama, site que surgiu em abril de 2007, relata, de forma simplificada, assuntos ligados à economia, à educação financeira e às finanças pessoais. Já o Financenter é um guia de finanças pessoais do Portal Terra, que disponibiliza matérias com foco no planejamento financeiro e inúmeros artigos didáticos sobre o mercado¹³⁰. Outro exemplo é o Investeducar, um portal financeiro e uma empresa especializada em educar e formar novos investidores. O JovemInvest é um simulador no qual os jovens investidores podem apresentar suas análises, opiniões, gráficos e sugestões sobre o mercado financeiro. Cada participante inicialmente, recebe um valor fictício de R\$100.000,00 (cem mil reais), que poderá ser utilizado na simulação de compras e vendas de papéis negociados na Bovespa usando as mesmas ferramentas dos investidores profissionais¹³¹. O “Clube dos milionários” tem como objetivo levar educação financeira ao público

¹²⁹ Informações retiradas do site: www.comoinvestir.com.br

¹³⁰ Informações retiradas do site: www.financenter.terra.com.br

¹³¹ Informações retiradas do site: www.joveminvest.com.br

leigo e oferecer produtos como cursos gravados em vídeo, indicadores para operar no mercado financeiro e expandir o projeto “milionário em cinco anos”¹³².

Desse modo, constata-se a proliferação de blogs e sites da área financeira que oferecem diversos tipos de produtos, calculadoras e planilhas, métodos e pacotes para o sucesso financeiro. No geral, eles são desenvolvidos por consultores financeiros, mas como foi possível verificar a partir do mapeamento realizado, nem todos os consultores financeiros são gurus que escrevem livros ou criam métodos e estão inseridos em circuitos como Expo Money e Expo Traders. Em geral, esses consultores financeiros tentam orientar as pessoas no processo de investimento das suas poupanças, procurando adequar os investimentos de acordo com o perfil — a idade, a situação familiar e o patrimônio — de cada indivíduo. Eles atuam no planejamento financeiro de indivíduos e famílias, abordando assuntos como mercados e produtos financeiros, técnicas de avaliação econômica, seguros e planos de previdência, direitos do consumidor, planejamento tributário, empreendedorismo, planejamento pessoal, entre outros. Alguns consultores apenas realizam o *check-up* financeiro, sem investir o dinheiro dos clientes, como por exemplo, Louis Frankenberg.

Louis Frankenberg um dos pioneiros da consultoria financeira pessoal no Brasil. Por 700 reais, ele passa algumas horas numa consulta com o cliente em seu escritório. Ouve a pessoa falar da vida financeira e prescreve fórmulas para melhorar sua saúde nessa área. “Dou dicas personalizadas de como administrar os gastos do cotidiano, além de opções de tipos de investimento com base no perfil da pessoa”, explica. Se o cliente quiser, pode fechar, por 4 000 reais, um pacote anual para que Frankenberg faça uma análise financeira mês a mês¹³³.

Esses consultores financeiros atuam em empresas e sites como o “Planejador Financeiro”, que tem como foco prestar consultoria em planejamento financeiro voltado à área de investimentos como aplicações em fundos de investimentos, ações, seguros e proteção patrimonial; o “Globalinvest”, site de consultoria financeira e fonte de opinião sobre o mercado financeiro, oferece relatórios sobre assuntos econômicos buscando

¹³² Informações retiradas do site: www.clubedemilionarios.com

¹³³ “PT está na moda: mas não o que você está pensando. É o personal trainer financeiro”, por Celso Camargo. Revista Veja - Edição Especial Investimento, Dezembro, 2002.

apresentar seus dados em linguagem mais simples; e o “Dinheironet”, site que oferece um sistema de controle do orçamento pessoal¹³⁴, etc.

De maneira geral, como segundo plano da parte empírica, procurei mapear as associações e instituições criadas em prol do mercado de capitais que, por meio de estratégias como marketing de produtos e serviços, presentes nos mais diversos websites e blogs, produzem novas dinâmicas, isto é, iniciativas de socialização como a formação de clubes de investimentos, criação de websites como pontos de encontro para discussão e comunidades em redes sociais, que passam a fazer parte do ‘dia a dia’ dos brasileiros.

O campo de oferta de ideias do mundo das finanças é um campo de forças, o que significa dizer que os agentes sociais que nele estão inseridos possuem recursos diferentes e constroem, por intermédio de suas ações, uma tentativa de imposição de seus pensamentos; desse modo, eles ganham legitimidade e são capazes de chamar a atenção de muitos indivíduos para o mundo das finanças. Vale a pena enfatizar que os multiplicadores das finanças acabam disseminando intensamente a prática da poupança e do investimento em ações por meio de programas e materiais didáticos, que fazem referência à necessidade de educação financeira.

¹³⁴ Neste item, busquei apresentar sites e blogs que foram mencionados durante a pesquisa de campo tanto por entrevistados como por palestrantes e, aqueles que estavam presentes como expositores em eventos como Expo Money e Expo Traders.

5. A EDUCAÇÃO FINANCEIRA COMO TRUNFO SOCIAL

Como dizem os brasileiros, “dinheiro foi feito para gastar”. Nessas circunstâncias, a ideia de investimento não faz muito sentido. Na verdade, diversos planos brasileiros desenhados para aumentar a poupança tiveram efeitos opostos. Assim que os brasileiros acumulam um pouco de dinheiro, fazem questão de gastá-lo comprando bens, pois suspeitam que a inflação cedo ou tarde diminuirá o valor de sua poupança. Além disso, existe a possibilidade de o governo congelar as contas de poupança, tal como ocorreu em março de 1990, por um período de 18 meses, ou de o governo simplesmente não reembolsar os empréstimos compulsórios embutidos nos preços de automóveis e de combustíveis (Oliven, 2001: 20).

Durante o período inflacionário que caracterizou a década de oitenta, gastar era considerado a melhor coisa que se podia fazer com o dinheiro, já que as taxas de juros chegaram a mais de 50% por mês no Brasil. O ideal de consumo prevaleceu sobre o de poupar, criando a sensação de que o dinheiro estava sempre “fugindo das mãos dos brasileiros”, conforme Oliven (2001).

Neiburg (2007) argumenta que brasileiros e argentinos foram longamente educados na instabilidade monetária, interiorizando a ideia de que o valor de suas moedas depende de situações transitórias e é produto de convenções que resultam de condições políticas singulares. O autor também demonstra que a inflação naturalizou-se na sociedade brasileira, como exemplifica a citação a seguir.

Na verdade, desde o fim da Segunda Guerra Mundial, e especialmente a partir dos anos 50, a pergunta sobre a natureza e as origens da inflação ganhou um lugar central entre os economistas latino-americanos, ou entre os estrangeiros interessados na região. (...) No entanto, apesar de toda a atenção dada por profissionais [especialistas econômicos] ao desequilíbrio monetário, o certo é que, como constatou duas décadas mais tarde Albert Hirschman (1984 [1981]: 247), a inflação na América Latina acabou se tornando “onipresente, prolongando-se por um período extenso, aparecendo para as pessoas como alguma coisa familiar e quase ‘normal’”. Justamente, em um longo período de tempo que abrangeu várias gerações, ao debaterem sobre a natureza da inflação e ao criarem mecanismos para lidar com ela, os especialistas desenvolveram uma verdadeira pedagogia da instabilidade monetária; ensinaram os sentidos dos dispositivos que permitiram às populações (do seu ponto de vista, os “agentes econômicos”) aprenderem a conviver com a perda do valor da moeda, a se defenderem de seus efeitos nocivos e, também, a aproveitarem as oportunidades abertas por ela (Neiburg, 2007: 130).

É importante notar como a noção de gastar foi enraizada socialmente e, de certa forma, até hoje, está presente no cotidiano dos brasileiros. Depois da fase de inflação, houve um período de estabilidade econômica e, atualmente, deve-se levar em conta o cenário de crescimento econômico, as facilidades de crédito, pagamento e financiamento oferecidas pelo mercado, que também corroboram o comportamento consumista.

Cabe ressaltar, segundo Calder (1999), em seu livro sobre o “financiamento do sonho norte-americano”, descreve a expansão do consumo de crédito nos Estados Unidos e afirma que pairava uma moral negativa sobre o processo de endividamento, ou melhor, sobre a utilização do crédito, no que tange às compras realizadas para suprir desejos e necessidades supérfluas como cigarros, bebidas e lazer. A dívida, nesse caso, estava associada ao caráter fraco do indivíduo, incapaz de controlar o prazer, assim como prevalecia a ideia de que sua disposição para o trabalho se enfraqueceria com a expansão do mercado de crédito. Na mesma época, os Estados Unidos cresciam economicamente e as camadas médias da população começavam a conquistar poder de compra e a demandar novos meios de pagamento, como a utilização de carnês, prestações, etc. De modo geral, foi necessário remover o empecilho moral que condenava o crédito para a compra de produtos “fúteis” para alimentar a expansão dessa esfera, essencial para impulsionar o mercado consumidor e o crescimento do setor industrial.

No Brasil, entretanto, este é o ponto central abordado pela maioria dos gurus das finanças pessoais, que utilizam a educação financeira para legitimar seus argumentos, de que o hábito de gastar sem necessidade e a oferta de produtos ligados ao crédito são os principais vilões a serem combatidos para a conquista da independência financeira. Vale notar que o crescimento econômico em nosso país também está relacionado à expansão do crédito e de seus produtos mas, para os consultores financeiros, o crédito fácil deve ser evitado, já que suas transações apresentam taxas de juros elevadas.

É possível notar, portanto, que, por meio de “novas convenções sociais”¹³⁵ (Douglas, 1998) em desenvolvimento na sociedade, os indivíduos são chamados pelos consultores, ao menos, para refletirem sobre sua ética e sua moral. Assim, o

¹³⁵ Uma convenção social é um acordo feito sem um motivo racional sobre o porquê de ser feito algo de tal maneira, mas com um forte desejo de todos os envolvidos de que alguma regra, seja qual for, deva ser usualmente observada. Por exemplo, dirigir pela direita, ou pela esquerda, ou fazer a feira no sábado ou na sexta-feira. Ninguém se importa com a regra, mas sim, porque querem uma regra, fazem uma escolha.

consumismo e o estilo de vida perdulário passam a ser vilões do novo estilo de vida projetado pelos fornecedores de ideias.

Glória Maria Pereira, em “A Energia do Dinheiro”, demonstra que indivíduos gastadores ou consumistas têm se tornado devedores compulsivos, o que deixa de ser um estilo de lidar com o dinheiro, e passa a ser um desvio de comportamento, como qualquer outra compulsão (álcool, droga, sexo, etc.), que exige tratamento com terapia emocional e até mesmo financeira (Pereira, 2003: 35).

Todo mundo já ouviu aquelas frases do tipo “não preciso de dinheiro para ser feliz”. O psicanalista paulistano Antônio, de 55 anos, ex-devedor anônimo, era um desses. Antônio pouco se importava de ser ou não remunerado por suas consultas, tinha dificuldades para estabelecer preços e dificuldades maiores ainda para cobrá-los. Criado numa família **católica** [grifo meu, Antônio passou a adolescência como muitos da sua geração: militando em movimentos de **esquerda** [grifo meu]. Na época da faculdade foi presidente da União Nacional dos Estudantes, a UNE. Não havia em seu mundo espaço para o dinheiro ou a prosperidade. “Eu agia como um voluntário, não conseguia aceitar a profissionalização”, diz. Por trás dessa relação de negação com o dinheiro, havia também um medo bastante comum: deixar de ser ele mesmo¹³⁶.

De acordo com esses gurus, esse tipo de comportamento se torna uma doença, cientificamente conhecida como “oniomania”, que caracteriza o sujeito que necessita comprar algo assim como o dependente químico necessita de drogas. Neste contexto, também aparecem inúmeras síndromes, como “a do cartão de crédito”, “a do cheque especial”, entre outras. Esse desejo incontrolável de gastar, no entanto, tem tratamento, o qual inclui acompanhamento psicológico.

Além de cortar todas as formas de crédito, como cheques e cartões de crédito, o ideal é que alguém da família ou um amigo próximo assuma o controle das finanças do paciente. Embora não exista dados estatísticos sobre a doença no Brasil, ela tem crescido bastante. Já existe até um grupo de autoajuda chamado Devedores Anônimos, que segue a mesma linha de atuação do Alcoólatras Anônimos. (...) A

¹³⁶ *Ibid.*

causa do consumo compulsivo, segundo o psiquiatra Silveira, é uma conjunção de fatores biológicos e psicológicos. “A pessoa apresenta deficiência do neurotransmissor serotonina no organismo”, diz. A substância regula, entre outras funções, o humor e a libido no organismo humano¹³⁷.

Para os consultores financeiros, o gastador é definido como o indivíduo cuja venha a ganhar mais dinheiro no atual emprego, ou que seu quadro financeiro melhore de alguma forma, a situação econômica continuará sempre a mesma. Isso é o que o autor do “Pai Rico, Pai Pobre” chama de “Corrida dos Ratos”; o indivíduo sempre tende a gastar mais do que ganha. Segundo Olivato e Souza (2007), diante do crescimento do consumidor conspícuo no mercado, surgem entidades ou órgãos com o objetivo específico de prestar ajuda a esses indivíduos, como é o caso do Ambulatório do Jogo Patológico e outros Transtornos do Impulso (AMJO), e os Devedores Anônimos (Bueno, 2008).

[Na reunião dos Devedores Anônimos]. Depois de lerem trechos de textos que falam sobre o que é endividamento compulsivo, cada um começa a falar sobre si. Não há perguntas. Cada participante usa aquele momento para fazer um misto de desabafo e reflexão sobre como está se saindo no processo de abstinência. (...) E desejam “24 horas para todos”, em referência ao fato de que a batalha pela abstinência não acaba, mas tem de ser vencida diariamente¹³⁸.

De acordo com Bueno (2008), os Devedores Anônimos são um grupo de ajuda mútua que reúne indivíduos que se consideram compradores e/ou endividados compulsivos, e funciona segundo o modelo dos “doze passos” consagrados pelos Alcoólicos Anônimos. Embora, a entidade se constitua como provedora de suporte para as pessoas que frequentam o grupo, ela não deixa de focalizar o indivíduo e o aspecto moral de seu problema, ensinando-o a lidar com o dinheiro de maneira não compulsiva, em uma sociedade que o compele a gastar incessantemente (Oliven, 2001). Nesse sentido, Bueno (2008) também observa, a partir de uma pesquisa empírica, que a dinâmica do grupo não opera apenas uma lógica de racionalidade calculadora de perdas e ganhos, mas há relações “afetivas particulares”, que podem resultar em processos de

¹³⁷ Gastar muito é uma doença. In: <http://financenter.terra.com.br>. Acesso: 12/2008.

¹³⁸ *Ibid.*

reflexividade, capazes de conduzir os indivíduos na direção de uma maior racionalidade econômica.

Nesse sentido, também surgem programas como “Vigilantes do Bolso”, coordenado por Eliana Bussingner que dá dicas focadas na realidade das mulheres. Já a jornalista Flávia Adalgiza, com base em sua experiência pessoal, escreveu o livro “O Devedor: A Luta para Vencer a Guerra das Dívidas”, no qual ela recomenda que a pessoa endividada deve tomar iniciativas, começando pela procura dos credores para renegociar os débitos¹³⁹. Mara Luquet, por sua vez, escreveu “Tristezas Não Pagam Dívidas”, livro em que ela apresenta diversos casos reais vivenciados tanto por ela como por amigos e parentes, com o objetivo de incentivar o leitor a lidar com as dívidas sem culpa e com responsabilidade.

Assim, como foi dito anteriormente, alguns livros da Coleção Expo Money também perpassam a temática do consumismo, como “As armadilhas do consumo”, da autora Márcia Tolotti, e “A Dieta do Bolso”, de Eliana Bussingner, que deu origem ao já mencionado programa “Vigilantes do Bolso”.

Em fevereiro, a auxiliar administrativo Patrícia da Penha, de 31 anos, vai quitar um empréstimo que fez com a empresa onde trabalha. Será o fim de um período de reestruturação financeira, de mudança de hábitos e de muita disciplina orçamentária. De devedora de R\$ 6 mil em linhas caras como o rotativo do cartão de crédito e o cheque especial, a funcionária quer passar à condição de poupadora. A guinada que Patrícia está prestes a dar só foi possível porque junto com o dinheiro camarada (sem juros) veio o apoio de uma espécie de “personal economist”, indicado pela empresa. Com o auxílio desse consultor financeiro, ela negociou prazos e descontos, reorganizou gastos e colocou numa planilha absolutamente todas as suas despesas, das fixas às mais banais como um inocente chocolate. Hoje, Patrícia já adota um discurso consciente em relação às estratégias para gerenciar finanças pessoais¹⁴⁰.

A partir desse depoimento, o guru Hugo Azevedo ressalta que cortar dívidas originadas pelo descontrole financeiro ou pelo consumo desordenado é o primeiro passo para a mudança rumo à independência financeira. A receita sempre é gastar menos do que se recebe: “O brasileiro não tem cultura de poupança e faz muito pouca conta. São

¹³⁹ Gastar muito é uma doença. Acesso: 12/2008. In: http://financenter.terra.com.br/Index.cfm/Fuseaction/Secao/Id_Secao/688.

¹⁴⁰ De devedor a poupador. Por Adriana Cotias. 07/01/2008. In: Valoronline. Acesso: 10/10/2008.

notórios os casos em que o indivíduo mantém uma aplicação na caderneta ou num fundo de renda fixa e ao mesmo tempo fica pendurado no cheque especial”¹⁴¹. Os especialistas, em geral, recomendam disciplinar os gastos pessoais e abdicar de tudo aquilo que se sobrepõe à receita como condição para restabelecer a saúde financeira, já que gastar e possuir dívidas tornaram-se doença.

O novo ideário, que procura transformar o indivíduo em investidor, é formado em contraposição à figura do consumista e do devedor. Hoje em dia, a imagem do indivíduo bem-sucedido é composta por aquele sujeito que poupa, investe, ou seja, usa o dinheiro com “racionalidade” para atingir a independência financeira. Nesse sentido, a temática da educação financeira, propalada intensivamente pelos gurus, funciona como um filtro, a partir do qual seus interlocutores, por meio de programas, métodos, livros, eventos, palestras, revistas, jornais e telejornais incentivam uma mudança das práticas econômicas.

5.1 A ascensão da educação financeira.

A partir do uso das estatísticas do aumento do número de endividados, da expansão do crédito e do crescimento do consumo é que os gurus financeiros atacam seu público e passam a sugerir ações com o objetivo de incentivar à poupança e à discussão de temáticas como dinheiro, planejamento financeiro e investimento nas escolas, universidades e na sociedade em geral (Savóia, 2006). Isto é, a educação financeira é central no discurso desses consultores.

Assim, com o objetivo de capacitar pessoas leigas a organizarem suas finanças e optarem por investimentos mais adequados ao seu perfil. Foi criado o Instituto de Educação Financeira¹⁴² (IEF). Esse centro considera que a independência financeira é alcançada à medida que o indivíduo deixa de depender da venda do tempo de trabalho para a geração de renda; ou seja, a independência financeira ocorre quando o patrimônio financeiro pode sustentar os indivíduos de forma permanente. O IEF desenvolve produtos na área de educação financeira para pessoas físicas, além de promover palestras para empresas e organizações, de realizar cursos gratuitos para comunidades carentes e desenvolver projetos sociais.

¹⁴¹ *Ibid.*

¹⁴² Ver Instituto de Educação Financeira - www.edufinanceira.org.br

Assim como você consulta um médico para cuidar da sua saúde, um arquiteto para construir sua casa ou um treinador pessoal (personal trainer) para orientar-lhe em um programa de exercícios, você poderá procurar um planejador financeiro (personal financial planner) para ajudar-lhe a construir ou administrar seu patrimônio. A atividade de planejador financeiro (personal financial planner) apesar de principiante no Brasil, é bastante comum em países da América do Norte, Europa e Ásia¹⁴³.

O trecho acima demonstra o crescimento de profissionais vinculados à área das finanças pessoais em prol da educação financeira. Alguns consultores financeiros denominam-se *personal finance*, como os profissionais que trabalham na Smart Alliance Assessoria Educacional, empresa prestadora de serviços de assessoria educacional, fundada em 1999, cujo objetivo é instruir pessoas físicas no planejamento de suas finanças e na decisão de seus investimentos¹⁴⁴. A empresa tem, como sócio-fundador Alexandre Campos de Oliveira, autor do livro “Todos podem ser ricos, inclusive você”, cujo prefaciador é o Professor Marins¹⁴⁵.

Já o primeiro curso de alfabetização financeira de que se tem notícia surgiu na Califórnia, Estados Unidos, e foi elaborado por Elisabeth Donati, formada em educação física, após a leitura dos livros: “Pai Rico, Pai Pobre” e “Segredos da mente milionária”, de Harv Ecker. O curso visa à formação de professores para que a sua marca registrada “Money Camp”¹⁴⁶ seja licenciada e desenvolvida em diversos países. O curso é dinâmico e interativo, como apresenta a citação abaixo:

“Repitam!” Ela ordena, e os meninos, com idades variando entre nove e treze anos, repetem em uníssono: “Sou o conselheiro delegado de minha vida!” “Repique!” prossegue Donati, e os meninos simulam o ruído de um tambor de circo batendo em suas cadeiras. Depois, todos escrevem “liberdade” na capa de seu livro de exercícios de Money Camp e respondem à pergunta: “Por que o dinheiro é importante? É o que faz nosso país ser tão importante”, responde um. Elisabeth faz um giro pela classe segurando uma nota de cem dólares. “Podem tocá-la,

¹⁴³ *Ibid.*

¹⁴⁴ Ver Smart Alliance Assessoria Educacional - www.smartalliance.com.br/empresa.htm

¹⁴⁵ Professor Marins é doutor (Ph.D.) em Antropologia (Austrália); Pós-Doutorado em Macro-Economia (London School of Economics - Sydney/Londres); Licenciado em História, Bacharel em Direito e Técnico em Contabilidade; Estudou Ciência Política e Relações Internacionais (Universidade de Brasília) e Negociação (New York University); Consultor de várias Empresas Nacionais e Internacionais. É um dos mais renomados palestrantes do Brasil e do exterior nas áreas de Motivação Empresarial e Futuro das Empresas. Vale enfatizar que, estou reproduzindo os discursos dos agentes.

¹⁴⁶ Finanças na infância: um programa ensina crianças a serem ricas. Isto É Dinheiro. 19/02/07. Ver também site Money Camp.

se quiserem”, ela diz. Iniciados há quatro anos em Santa Bárbara, os cursos de verão de Money Camp são aplicados em vinte cidades distintas, da Califórnia ao Texas, mas também no Canadá e no México. “Nós lhes ensinamos a fazer seu dinheiro trabalhar para eles, seja no setor imobiliário, seja em suas próprias empresas ou na bolsa”, afirma Donati. Perguntada sobre se não são jovens demais para aprender os vícios de Wall Street, Donati responde: “Nós lhes falamos de drogas e sexo, por que não de dinheiro?”¹⁴⁷.

No Brasil, um projeto piloto dessa novidade foi promovido pelo *The Money Camp* através dos membros da Associação Internacional para a Cidadania e Educação Econômica e Social (IACSEE), e já está em prática em algumas escolas. Segundo alguns dados, o curso é extracurricular e as aulas, ministradas uma vez por semana. O método de ensino é dinâmico, pois trabalha com jogos, brincadeiras, música e simulações¹⁴⁸.

Os resultados têm se mostrado interessantes. De acordo com Sandra Gonzalez, coordenadora de treinamento e desenvolvimento do projeto, as crianças saem do curso sabendo como funcionam os juros, investimentos e bolsa de valores, aprendem a assinar cheques, além de utilizar de maneira racional o cartão de crédito. O principal objetivo do programa é fazer as crianças vivenciarem a realidade das finanças, aprendendo, assim, o real valor do dinheiro, valorizando e administrando os próprios recursos¹⁴⁹.

Além disso, algumas escolas já implantaram a disciplina educação financeira em seu programa, como é o caso das escolas da Rede Sinodal, com a parceria da LUTERPREV¹⁵⁰. A prefeitura de Concórdia, município de Santa Catarina com cerca de 65 mil habitantes, instituiu, na rede pública, a incorporação da educação financeira dentro de cada área do conhecimento. Nas aulas de história, geografia, matemática, entre outras, os professores abordam os assuntos regulares do programa e incluem temas relacionados com finanças.

¹⁴⁷ Atenção, pai: escola ensina criança a ser Warren Buffet. Por: Andy Robinson. O Estado de São Paulo.

¹⁴⁸ Educação Financeira nas Escolas. Publicado em 15.10.2007. In: <http://noticias.uol.com.br/economia/ultnot/infomoney/2007/>. Acesso: Março de 2008.

¹⁴⁹ *Ibid.*

¹⁵⁰ Luterprev Previdência Complementar - www.luterprev.com.br/novo/educacao_financeira.php

Assim, uma turma de oitava série, por exemplo, pode conhecer a história dos juros e dos impostos, ao mesmo tempo em que estuda o surgimento do capitalismo. De acordo com a faixa etária, são tratados em classe temas como o sistema financeiro nacional e a interferência das bolsas de valores na economia, o custo dos investimentos e a organização de um orçamento familiar. “O aluno consegue entender porque os jornais estão falando da bolsa de valores da China e que influência este fato tem na vida dele, por exemplo”, explica Santo de Luca, secretário municipal de Educação¹⁵¹.

O tradicional colégio paulista Visconde de Porto Seguro também incluiu a educação financeira nas aulas de matemática. “Queremos transmitir competências e habilidades, como o raciocínio matemático e o uso da linguagem, para que os alunos possam enfrentar situações de vida cada vez mais imprevisas, diz Sonia Bittencourt, diretora pedagógica do colégio”¹⁵². Já em cursos de ensino superior, as aulas ou conteúdos transitam do termo educação financeira para finanças pessoais.

Já, na Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Ciência da Informação e Documentação da Universidade de Brasília, no Departamento de Ciências Contábeis e Atuariais, é ministrada a disciplina “Finanças Pessoais”, que visa a capacitar os alunos a realizarem análises relacionadas com as próprias finanças, com a organização de contas, administração da receita e das aplicações financeiras, previsão de rendimentos e priorização de investimentos e outros instrumentos financeiros¹⁵³.

Assim, a educação financeira avança de uma simples disciplina escolar para cursos de pós-graduação, como por exemplo, o da Fundação Instituto de Pesquisas Contábeis, Atuariais e Financeiras (Fipecafi), que lançou o primeiro MBA em “Finanças Pessoais” para profissionais que desejam uma especialização na gestão de orçamento de terceiros no Brasil. A entidade é ligada à FEA/USP, e seu curso aborda temas que envolvem toda a vida financeira de uma pessoa, como seguros, previdência, crédito, investimentos, planejamento tributário e sucessório e também assuntos sobre o comportamento psicológico do indivíduo ao tomar decisões econômicas¹⁵⁴. O IBMEC *Business School*, por sua vez, lançou o curso de especialização em “Finanças Pessoais”¹⁵⁵.

¹⁵¹ Ver site: <http://www.comoinvestir.com.br/anbid>. Acesso 03/02/2009. Ver também Instituto Stringhini.

¹⁵² Um jeito bacana de ensinar economia a seus filhos. Revista Exame, 11/06/2003.

¹⁵³ Ver site: www.serverweb.unb.br/graduacao/disciplina

¹⁵⁴ Fipecafi lança MBA de finanças pessoais para profissionais. Valor Econômico. 23/05/2007

¹⁵⁵ Ver site: www.ibmecsp.edu.br/educacao

É importante destacar que o movimento em prol da educação financeira no Brasil envolve vários segmentos e agentes, e, nesse sentido, também explodem os cursos sobre finanças pessoais virtuais¹⁵⁶, os quais são direcionados tanto para o controle das finanças pessoais como para o orçamento familiar. Eles têm como objetivo ensinar a planejar o orçamento através de planilhas e calculadoras que ajudam a monitorar gastos e demais despesas.

No circuito Expo Money, Cássia D' Aquino, educadora financeira com especialização em crianças, é uma das autoras de maior destaque, referenciada por ser uma das pioneiras nesse quesito no Brasil, com o livro “Educação financeira: como educar seu filho”. Além do seu próprio site¹⁵⁷, ela desenvolveu cartilhas direcionadas às crianças e aos pais, como a intitulada “Educação Financeira, 20 dicas para ajudar você a educar seu filho”.

Não tenha medo, entretanto, de impor algumas restrições a esses gastos. Se você não concorda que seu filho fume ou faça uso de álcool, por exemplo, deixe muito claro que você não vai tolerar que ele disponha da mesada para estes fins (“Educação Financeira, 20 dicas para ajudar você a educar seu filho” de Cássia D'Aquino, 2004: 45).

Nesse segmento, há ainda outros exemplos de profissionais preocupados com a divulgação da educação financeira, como Luiz Carlo Peretti, do Instituto Stringhini, que elabora cartilhas como a denominada “Educação Financeira na Escola e na Família — Planejar é investir no futuro da família e na sua qualidade de vida. Eduque seu filho para a vida”. Também, é possível encontrar sites como “Finanças da Família”, que retrata o tema das finanças tendo como premissa a família: “a organização financeira pessoal e familiar é base para um perfeito equilíbrio entre pessoa, família e profissão. Um processo que tem de ser decido por todos os envolvidos”¹⁵⁸.

Vale mencionar, a iniciativa da Comissão de Valores Mobiliários (CVM), o Banco Central, a Superintendência de Seguros Privados (Susep) e a Secretaria de Previdência Complementar (SPC), entidades que formaram um grupo de trabalho com o objetivo de desenvolver estratégias para educação financeira, assim, disponibilizaram

¹⁵⁶ Ver site: www.multirho.com.br/financas_pessoais.asp

¹⁵⁷ Ver site: www.educacaofinanceira.com.br

¹⁵⁸ Ver site: www.financadafamilia.com.br

um site, “Vida e Dinheiro”, a fim de conhecerem as experiências da população e ajudá-las no planejamento financeiro¹⁵⁹.

É importante destacar também o crescente interesse pelo tema “economia doméstica” que vem ligado à questão da educação financeira. No Brasil, o consultor mais conhecido é Luís Carlos Ewald¹⁶⁰, o “Sr. Dinheiro” do programa Fantástico da Rede Globo, que conduziu um *reality show* com a Família Amorim. Os ensinamentos do consultor, autor do livro “Sobrou Dinheiro”, focalizam o orçamento doméstico e a administração das contas da família mês a mês, sugerindo uma análise cautelosa das despesas para identificar possíveis cortes e atingir o sucesso financeiro.

A TV Cultura lançou em co-produção com a BM&FBovespa, o programa “Educação Financeira”, apresentado pela jornalista Denise Chahestian, que foi ao ar em agosto de 2009, somando nove edições. O programa tinha como proposta tratar, de forma simples, temas relacionados com as finanças domésticas como orçamento familiar, endividamento, aposentadoria, educação dos filhos, investimento em ações, compra de imóveis e poupança. Além do programa, foi criado um site que apresenta dicas sobre finanças pessoais, reprises das edições exibidas e enquetes sobre os assuntos que foram pauta dos programas¹⁶¹, como exemplifica o trecho abaixo.

O resultado desta estratégia (educação financeira) começa a se refletir no comportamento das pessoas. Pelo menos daquelas que acompanham os programas de Educação Financeira pela televisão. A grande maioria (89%) reconhece que é possível ter ganhos em qualidade de vida com a educação financeira. O público também está preocupado em evitar o endividamento. Isso fica claro quando 50% daqueles que responderam à enquete afirmam que têm “comportamento azul”, isto é, ganham mais do que gastam. E mais: 40% têm dinheiro guardado, enquanto 21% nem deve nem poupa¹⁶².

¹⁵⁹ Ver site: www.vidaedinheiro.gov.br

¹⁶⁰ Luis Carlos Ewald, engenheiro e economista, é professor da área de Finanças Empresariais, dos Cursos Especiais da Escola de Pós-Graduação em Economia da Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro, desde 1970 e, durante 25 anos, lecionou Matemática Financeira Aplicada na PUC-Rio. Foi executivo e consultor financeiro ao longo da década de 90, escreveu sobre economia doméstica na coluna dominical “Seu Bolso”, no Jornal do Brasil, o que o tornou especialista no assunto. Devido as suas participações nos programas Fantástico e Mais Você, da Rede Globo, ele tem obtido sucesso na divulgação de conceitos básicos da administração das contas do lar, contribuindo para a busca de um equilíbrio no orçamento doméstico das famílias brasileiras. Vale enfatizar que, estou reproduzindo os discursos dos agentes.

¹⁶¹ Ver site: www.tvcultura.com.br/educacaofinanceira

¹⁶² Brasileiros poupam para comprar a casa própria. Por Liana Verdini. 18/01/2010. In: www.controlefinanceiropessoal.com.br.

Pode-se dizer que, de modo geral, as associações e instituições – os “multiplicadores das finanças” – apresentados até o momento, apelam para a necessidade de educação financeira da população brasileira a qual, segundo tais especialistas, tem aversão ao dinheiro e à atividade do mercado porque desconhecem sua dinâmica. Esses multiplicadores estimulam os indivíduos a refletirem sobre seu orçamento doméstico e a realizarem seu planejamento. Verifica-se, pois, que esse segmento focaliza não apenas o público infantil, mas também, os outros setores da sociedade como jovens, universitários, mulheres, aposentados, pessoas endividadas, entre outros.

5.2 A consagração da educação financeira

Neste item, é possível observar que, além da criação dos institutos de educação financeira e a consolidação dessa temática como disciplina ou cursos em universidades e faculdades de renome do país, a produção acadêmica sobre a necessidade de educar financeiramente a população no Brasil também cresceu e envolve diversas áreas do conhecimento.

Nota-se que alguns estudos defendem a educação financeira (Saito *et al.*, 2006; Savóia, 2006), ao passo que outros demonstram que as entidades financeiras, como bancos e agências de microcrédito, realizam empréstimos para indivíduos, gerando, assim, um alto índice de endividamento da população devido à falta de conhecimento financeiro (Zerrenner, 2007).

De acordo com Moreira e Vallim (2003), se a educação financeira for incentivada logo cedo, as pessoas serão mais capazes de sobreviver às intempéries do mercado econômico: “Não se tem a intenção de querer mudar o hábito de poupança das pessoas, apenas atentar para a necessidade de uma educação financeira inteligente” (Moreira e Vallin, 2003: 04). Já Medeiros (2008) apresenta a educação financeira como fator indispensável para fomentar o empreendedorismo e propõe algumas ideias gerais para a formatação da disciplina como complemento indispensável ao sucesso dos futuros profissionais, que terão educação necessária para transformar o dinheiro obtido com o trabalho em riqueza e segurança financeira para toda a vida. Nesse sentido, o autor sugere uma ementa de disciplina optativa para cursos de graduação e enfatiza que o caráter dessa disciplina deve ser mais informativo que formativo, destacando que,

nesse caso, “se faz necessária a adoção de títulos, facilmente encontrados no mercado, que abordem os tópicos de matemática financeira de forma tradicional. O tópico que aborda o Fluxo de caixa deve utilizar como referência, além de títulos básicos da área, o livro “Independência Financeira”, de Kiyosaki e Letcher (2001)” (Medeiros, 2008: 04).

Silva e Ferreira (2006) desenvolvem um trabalho sobre como a contabilidade poderia auxiliar pessoas físicas na gestão de suas finanças pessoais, enumerando as ferramentas que aquele ramo do conhecimento pode oferecer para a elaboração do planejamento financeiro. Moura Neto (2004), por sua vez, remete a necessidade de empenho por parte dos matemáticos e da sociedade para que percebam, quão importante a matemática é para a melhoria do nível de conhecimento e de habilidades que atendam a sociedade brasileira contemporânea, principalmente, no que tange à construção do planejamento financeiro.

Por outro lado, Zerrenner (2007) ao realizar uma pesquisa sobre o endividamento das populações de baixa renda no Brasil, demonstra que a falta de planejamento dos indivíduos, sua falta de conhecimento sobre educação financeira, a alta propensão ao consumo, a baixa valorização do futuro, a necessidade de *status* e fatores externos, tais como a alta taxa de juros, desemprego, desestabilização familiar e problemas de saúde são razões para o endividamento. Os resultados do estudo mostram que 21,6% dos entrevistados se endividam por causa de incidentes pessoais e familiares; 35,3% da amostra afirmou que o motivo para a situação atual é o consumismo; e 43,1% afirmaram que isso ocorreu devido à falta de controle. Conclui-se, assim, que os indivíduos veem essa situação não como endividamento, mas sim, como possibilidade de acesso ao crédito.

A pesquisa realizada por Sousa e Torralvo (2003) apresenta indicativos de que parte da população brasileira possui dificuldades para a gestão das finanças, devido tanto à disparidade entre receitas e despesas quanto ao elevado consumismo, com pouca tendência a poupar. A partir de questionários enviados a ex-alunos da FEA/USP, os autores notaram que a gestão dos próprios recursos está ligada ao processo de tomada de decisão, e que a falta de educação financeira geralmente prejudica sua administração.

Cabe relatar que Jurandir Sell Macedo foi quem instituiu a disciplina de Finanças Pessoais no Centro Socioeconômico do Departamento de Ciências Contábeis da Universidade Federal de Santa Catarina¹⁶³. Ele é autor do livro “A árvore do dinheiro

¹⁶³ Educação Financeira nas Escolas. Publicado em 15.10.2007. In: www.noticias.uol.com.br/economia/ultnot/infomoney/2007/. Acesso: Março de 2008.

– guia para cultivar sua independência financeira”, que faz parte da Coleção Expo Money, e apresenta como é simples formar poupança e ver a árvore do dinheiro florescer.

Nesse contexto, alguns professores de respeitadas instituições superiores de ensino lançaram obras sobre o referido tema, as quais enfatizam a educação financeira. Um exemplo é o professor de finanças da FGV/SP, William Eid, que publicou, pela Você S/A, os livros “Planejando o Futuro do seu Filho”, “Como Ficar Rico na Bolsa” e “Como Fazer seu Salário Render”. Segundo Eid, “antes de pensar em investimentos, é necessário planejamento e organização — Pessoas desorganizadas não conseguem controlar a sua vida financeira”¹⁶⁴. Juntamente com Fabio Gallo Garcia¹⁶⁵ também lançou o livro “Como fazer o orçamento familiar: seu guia de projetos para o futuro”. No mesmo sentido, o também professor de finanças da FEA/USP, Rafael Paschoarelli, autor de “A Regra do Jogo”, pela editora Saraiva, recomenda cautela com os livros norte-americanos, pois “a realidade econômica lá é outra. Nem tudo que é válido lá se aplica aqui. Na hora de escolher um livro de finanças pessoais, o leitor deve prestar a atenção à experiência do autor. “Ele deve ver se o autor é especialista no assunto ou simplesmente alguém que ficou rico”¹⁶⁶. Esse professor juntamente com Gustavo Cerbasi, lançou o livro “Finanças para Empreendedores e Profissionais Não Financeiros” em 2008, pela Editora Saraiva.

É importante mencionar que alguns desses professores universitários utilizam capitais científicos, para elaborar livros para o público leigo em finanças, empregando dados estatísticos sobre a realidade econômica e pesquisas que comprovam a falta de conhecimento sobre finanças do brasileiro. Esses professores tornam-se referência e desenvolvem projetos de educação financeira tanto para o Governo Federal como para organizações não governamentais e entidades privadas.

¹⁶⁴ Livros de finanças pessoais em alta. Gazeta Mercantil, 23/10/2007. Acesso: 10/03/2008.

¹⁶⁵ Professor da Fundação Getúlio Vargas SP e da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - possui graduação em Engenharia Agrimensura pela Faculdade de Engenharia Agrimensura de Pirassununga (1979), graduação em Administração de Empresas pela Fundação Octávio Bastos (1981), mestrado em Administração de Empresas pela Fundação Getúlio Vargas - SP (1985), doutorado em Administração de Empresas pela Fundação Getúlio Vargas - SP (2002). Doutorando em Filosofia. Atualmente é sócio - diretor - Lgm Consultoria e Representações Ltda, sócio - diretor - Allsigns - Sinalização e Arte Comunicação Visual Ltda, - Revista de Administração Contemporânea - RAC, professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, - Revista de Administração de Empresas (FGV) (0034-7590). Tem experiência na área de Administração, com ênfase em Administração Financeira, atuando principalmente nos seguintes temas: Assimetria Informacional, Finanças Internacionais, Gestão de Passivos. Vale enfatizar que, estou reproduzindo os discursos dos agentes.

¹⁶⁶ Livros de finanças pessoais em alta. Gazeta Mercantil, 23/10/2007. Acesso: 10/03/2008.

Um dos projetos de maior visibilidade na sociedade brasileira atual é o ENEF (Estratégia Nacional de Educação Financeira), que tem o objetivo de desenvolver um programa de educação financeira que promova um plano nacional de ações capazes de fortalecer a educação financeira no país, além de realizar uma pesquisa que mapeie o grau de conhecimento financeiro da população brasileira. O referido projeto, implantado em 2007, foi criado para ser integrado às escolas e é resultado de uma ação conjunta do Governo Federal e de representantes do Banco Central do Brasil, da Comissão de Valores Mobiliários, da Secretaria de Previdência Complementar e da Superintendência de Seguros Privados. Além desses, o programa também possui parceiros não governamentais¹⁶⁷.

Em 2010, um projeto-piloto do ENEF foi desenvolvido em algumas escolas selecionadas, abrangendo 27 mil estudantes do ensino médio de 900 escolas públicas brasileiras; em 2011, ocorreu o workshop “Avaliação de Impacto do Projeto Educação Financeira nas Escolas em 2010”. O evento apresentou os resultados da primeira fase do programa piloto e procurou discutir experiências internacionais de alfabetização financeira e os próximos passos do ENEF com relação ao desempenho de professores, alunos e suas famílias.

“É extraordinário o que está sendo feito aqui”, disse Arianna após visitar uma escola pública na periferia do Rio de Janeiro, onde os alunos tem aulas de educação financeira. “Se experiências como esta forem expandidas para o conjunto da sociedade brasileira, pode-se esperar, em poucos anos, resultados no plano macroeconômico, como aumento da taxa de poupança”. Arianna e Miriam Bruhn, economistas do Banco Mundial, que acompanham a iniciativa¹⁶⁸.

Diante disso, o ENEF apresentou como pauta a expansão do programa e a integração da educação financeira entre os brasileiros atendidos por programas sociais do Governo Federal, como o Bolsa Família. Vale ressaltar que já existe uma cartilha de educação financeira para os beneficiários do referido programa, elaborada pela Coordenação Geral de Benefício (CGB/SENARC) e publicada em 2009. Dentre os tópicos abordados, é possível citar: O que é educação financeira; Mantenha o equilíbrio

¹⁶⁷ Dentre os quais, os de maior destaque são a ABRAPP, ABRASCA, ANBID, ANCOR, ANDIMA, APEP, APIMEC, ASSBAN-DF, BM&FBOVESPA, FEBRABAN, FENAPREVI, FENASEG, FUNENSEG, IBRI, INI, UNIBANCO e OAB.

¹⁶⁸ Informação retirada do site: <http://www.bmfbovespa.com.br/Revista/Edicoes/revista-nova-bolsa-11.pdf>

financeiro da família; Faça um orçamento familiar; Compare os produtos; Cuidado com as armadilhas do consumo; Saiba como usar a sua conta bancária; Aprenda a poupar dinheiro; Entenda como funcionam os empréstimos e como obtê-los junto ao banco; e, “Você aprendeu educação financeira, vamos colocá-la em prática”, item motivador que encerra a cartilha¹⁶⁹.

A educação financeira tornou-se, pois, uma espécie de trunfo social compartilhado pelos diversos agentes e grupos produtores dessa construção. Pode-se dizer, então, que se observa a formação de um espaço social envolto nessa temática, o qual se constitui como cenário perfeito para a promoção do mundo das finanças, já que qualquer pauta em relação aos aspectos econômicos como crédito, endividamento, poupança e investimento é motivo para consultores, acadêmicos e demais profissionais palpitarem sobre a necessidade de educação financeira.

No sentido aqui exposto, a educação financeira é tida como um instrumento que desarticula as críticas feitas com relação ao mundo das finanças, já que explica o possível “atraso” econômico do país e dos brasileiros; ao mesmo tempo, contribui para dar robustez ao campo das finanças, sustentando por diversas associações, instituições e intelectuais que enfatizam a educação financeira. Os argumentos seguem no sentido de que os brasileiros são e sempre serão vítimas da falta de educação financeira. Assim, o mundo das finanças, envolto pela temática da educação financeira, se espalha para diversos setores da população brasileira.

¹⁶⁹ Ver maiores informações no site: <http://www.mds.gov.br/gestaodainformacao/biblioteca/secretaria-nacional-de-renda-de-cidadania-senarc/cartilhas/educacao-financeira-para-beneficiarios-do-programa-bolsa-familia/educacao-financeira-para-beneficiarios-do-bolsa-familia>

6. O IDEÁRIO DE INVESTIMENTO NO BRASIL

Atualmente, os indivíduos são estimulados a todo momento a criar e buscar novos projetos profissionais e pessoais em curto prazo. De acordo com Boltanski e Chiapello (1999), o “novo espírito do capitalismo” está ligado a ideia do conexãoismo, que leva em conta o indivíduo, suas realizações, seu capital social bem ampliado e suas redes para serem usados profissionalmente tanto no próprio trabalho quanto para ingressar em um novo projeto, já que a sociedade atravessa um processo de contínuas mudanças (Boltanski e Chiapello, 1999).

Assim como as organizações e a sociedade atual evoluem para superar as formas tradicionais que impõem barreiras à mobilidade e criatividade dos indivíduos (Boltanski e Chiapello, 1999). Os manuais de gestão e o mercado editorial de negócios também acompanharam a necessidade de demanda e conquistaram cada vez mais legitimidade, apresentando ao indivíduo como conquistar a autoconfiança para se manter no mercado de trabalho e/ou construir seu próprio negócio e obter sucesso. Se as empresas cuidavam de todos os aspectos da vida de seus profissionais, no entanto, elas não davam espaço, como o fazem agora, para o desenvolvimento de novas competências individuais (Boltanski, 2001; Powell, 2001).

Para esses autores, conceitos como instabilidade e incerteza começam, então, a se impor no mundo profissional e econômico como elementos positivos em contraponto às ideias de estabilidade e previsibilidade que figuraram como características do modelo capitalista do período industrial. Ou seja, a instabilidade passa a ser encarada como autonomia individual e a incerteza torna-se condição essencial para a inovação – atributos fundamentais do indivíduo da “cidade por projetos” (Boltanski e Chiapello, 1999)¹⁷⁰. Diante desse panorama, verifica-se a retomada da temática do

¹⁷⁰ Para Boltanski e Chiapello em “O Novo Espírito do Capitalismo”, o termo “cidade por projetos” busca explicar o surgimento do modelo de rede como modelo explicativo das novas formas de relações trabalhistas que apareceram nos discursos gerenciais dos administradores de empresas nos anos 90. O objetivo dos autores é explicar o funcionamento do sistema capitalista e suas ações de resistência, que surgem com seus críticos como sindicatos, artistas, etc. Desse modo, os autores demonstram que o sistema capitalista é capaz de absorver a maioria de suas críticas e, assim, cria novas formas de organização que são suportadas por regimes de justificação. Os autores demonstram, por exemplo, como várias das críticas apresentadas pelos revoltosos de maio de 1968 em Paris foram rapidamente incorporadas pelo “capitalismo” e passaram a constituir a base de um novo regime de justificação – a cidade por projetos. Vale reforçar que o termo “cidade por projetos” não é um instrumento analítico, mas uma demarcação geopolítica que relaciona agentes na trama das relações cotidianas com a dinâmica do capitalismo de redes (Boltanski e Chiapello, 1999: 187), isto é, um quadro de referência para explicar o

empreendedorismo e, respectivamente, da figura do empreendedor, visto que tomar uma nova atitude e rever a posição atual no trabalho são consideradas atividades empreendedoras, que requerem a entrada no mundo da instabilidade e da incerteza, conceitos que motivam a inspiração e a inovação para a busca do sucesso econômico e da felicidade. Segundo Boltanski e Chiapello (1999), assumir riscos reflete-se na busca constante por novos projetos, é a incorporação da crítica do modelo capitalista anterior e a justificação apropriada para a legitimação do “novo” espírito do capitalismo. Portanto, onde os críticos da financeirização enxergam a sombria precarização do trabalho e as tensões pessoais e sociais que ela provocaria, os adeptos da sociedade em rede veem a promessa da flexibilidade dos indivíduos em processo de autodesenvolvimento (Boltanski e Chiapello, 1999; Powell, 2001).

Nesse sentido, a primeira pressuposição no que tange aos livros e conteúdos propalados pelos gurus do mundo das finanças no Brasil avançava no sentido de encontrar aspectos e argumentos similares aos observados nos manuais de gestão trabalhados por Boltanski e Chiapello (1999), como também as análises dos livros de autoajuda já explorados por diversos pesquisadores (Rüdiger, 1996; Chagas, 2001; Martelli, 2006), já que essas pesquisas apontam, como resultado, a formação de um ideário no qual o indivíduo e suas façanhas são protagonistas do novo cenário; isto é, ele é tido como o único responsável por seu sucesso ou fracasso e caracteriza-se por ser móvel, fluido, global, por assumir riscos e estar desvincilhado das tradições, em contraponto, ao indivíduo passivo, que procura estabilidade profissional, previsibilidade, segurança e é avesso ao risco.

A expectativa deste trabalho era a de que as lógicas argumentativas presentes nos manuais de finanças pessoais avaliados estivessem em sintonia com a já referida análise realizada por Boltanski e Chiapello (1999), que sugerem pensar a concepção de um indivíduo típico do modelo da “cidade por projetos”, característico do mundo connexionista. Já que ao olharmos rapidamente as representações do mercado financeiro, recentemente propagadas, é possível perceber, no entanto, que elas se associam à imagem da tecnologia, da rede que se expande de maneira global, e que abre caminhos para a realização de negócios em âmbito internacional, para a rápida circulação do

atual estágio de organização da sociedade capitalista, no qual “o projeto se ajusta a um mundo em rede, justamente porque é uma forma transitória: a sucessão de projetos, ao multiplicar as conexões e provocar a sua proliferação, tem como efeito a extensão das redes” (Boltanski e Chiapello, 1999: 157).

dinheiro – mobilidade, e para os gráficos, que procuram dar ares científicos às operações do mercado.

Como já exposto anteriormente, um dos livros mais vendidos e de maior repercussão no ramo de finanças pessoais, escrito por um autor brasileiro, é “Casais Inteligentes Enriquecem Juntos” (Editora Gente, 2004) de Gustavo Cerbasi, considerado, atualmente, um dos consultores financeiros de maior renome no Brasil. O livro conta a trajetória de sua vida em direção ao sucesso financeiro, que teve início, mais precisamente em uma conversa com sua parceira sobre os rumos do relacionamento e os preparativos para o matrimônio. A partir disso, o casal notou que seria necessário reduzir gastos e poupar dinheiro para alcançar o sonho de se casar; começaram “juntos”, então, um planejamento financeiro, que resultou na independência financeira de ambos. Tal história dá nome ao livro, cujo trecho, a seguir, demonstra o início da saga do autor e de sua parceira:



(...) Antes de pensar em casamento, não tinha planos de enriquecimento. Nunca fui esbanjador, poupava parte de minha escassa renda obtida como estagiário e como professor de inglês. Mas era uma poupança sem meta de longo prazo, meu objetivo era apenas guardar. O dinheiro poupado teve altos e baixos, pois eu aproveitava o fato de ser estagiário de um grande banco para obter dicas e investir em ações, mas fazia isso sem conhecimentos essenciais sobre o assunto. Quando eu e a Adriana começamos a falar em casamento, minha poupança não chegava ao valor de meio carro popular. E a dela era menor ainda! Mas passamos a sonhar com nossa festa de casamento, com muitos amigos e parentes, jantar, música, detalhes que fazíamos questão de ter. Construir esse sonho foi um dos momentos mais felizes de nossa vida. Montamos uma planilha que incluía tudo, inclusive os gastos com o apartamento — aluguel, reforma, móveis e decoração — e a lua-de-mel. Quando fomos pesquisar preços e condições, bateu o desânimo que bate em todo casal nessa fase. O valor de tudo aquilo era absurdamente alto e incompatível com nossos salários! Teríamos de guardar quase todo o dinheiro que ganhávamos no mês durante pelo menos dois anos para financiar o início de nossa vida. Nesse momento, tomamos a decisão que não só foi a mais correta como também me incentivou a desenvolver todo um trabalho a partir de então, passando a orientar as pessoas a agir como nós. Construímos um plano para pagar tudo. De acordo com ele, teríamos de poupar 75% de nossa renda conjunta, durante 24 meses, e ainda contar com mais seis meses de renda para pagar algumas prestações que se acumulariam após a lua-de-mel, já que o dinheiro não seria suficiente para financiar tudo no prazo que desejávamos. Tivemos de unir paciência — esperar um pouco mais do que gostaríamos — e sacrifício — deixar de gastar nosso dinheiro e economizar muito.

A narrativa caminha em uma direção aparentemente oposta a que se esperava encontrar, pois observa-se a descrição de um indivíduo apegado às tradições (relações pessoais fortes) e à estabilidade, vinculado à ideia de casamento, família, etc. O planejamento financeiro e a formação de poupança, consequência da redução de gastos com bens supérfluos e da adoção de uma disciplina econômica, são elementos que dão consistência aos argumentos ao longo do livro. Assim, enfatizando a formação de poupança, o autor justifica a necessidade de mudanças no que tange às antigas práticas econômicas que estão enraizadas na cultura brasileira, como elucida o trecho abaixo:

O tradicional conselho de família diz que comprar um imóvel é melhor do que alugar. Cuidado: esse era um conselho muito bom na época em que as taxas de inflação eram elevadas e o mercado financeiro não oferecia alternativas de investimento que acompanhassem a inflação. Comprar pode ser o pior negócio, a não ser que a moradia esteja em local com grande potencial de valorização ou quando o casal dispõe de recursos disponíveis no Fundo de Garantia suficientes para pagar uma significativa parte do valor do imóvel — pelo menos 30%. (...) Mesmo nessa situação, porém, é preciso pensar duas vezes e fazer as contas se vocês tiverem de financiar o restante do valor do imóvel durante um prazo muito longo. Adiem a compra e esperem formar um fundo maior, se for o caso.

O autor recomenda que, muitas vezes, é mais vantajoso pagar aluguel e colocar o dinheiro que seria reservado para a compra da casa própria numa aplicação financeira: “A moradia não é um investimento, mas sim um consumo. O dinheiro consumido em uma moradia não se propõe a ser multiplicado”, palavras retiradas do livro “Investimentos Inteligentes” (2008), escrito também por Gustavo Cerbasi. As narrativas sobre a aquisição da casa própria indicam que, por mais que o imóvel tenha “potencial de valorização, dificilmente você aceitará, no futuro, vender sua casa supervalorizada e mudar-se para uma moradia econômica, visando viver dos rendimentos da diferença poupada. É mais provável que você ofereça a casa como entrada em uma moradia mais cara ainda. Casa própria, portanto, é consumo. Investir vai bem além de comprar bens que valorizam”¹⁷¹.

O autor, em consonância com os demais consultores financeiros, utiliza a casa própria como uma espécie de “trunfo social” para estabelecer uma distinção entre

¹⁷¹ A essência de investir. Gustavo Cerbasi. In: <http://dinheirama.com/blog/2008/01/14/a-essencia-de-investir/>. Acesso: Novembro/ 2010.

consumo e investimento, sempre ressaltando que é o investimento em bens ativos que leva à acumulação de riquezas. De modo geral, as estratégias dos gurus incentivam uma mudança de atitude econômica, na qual a casa própria, por exemplo, não é mais considerada a chave para a segurança e felicidade, mas sim, o quanto se consegue poupar, investir e acumular. Entretanto, eles alertam que deve haver cautela na compra de imóveis, principalmente, por conta da facilidade do financiamento e das altas taxas de juros presentes nesse mercado nos últimos anos – fatores que podem levar o indivíduo ao desequilíbrio financeiro e, conseqüentemente, ao endividamento.



Muitos livros, como o de Mauro Halfeld, ilustrado ao lado, apresenta conselhos que exploram a aquisição de imóveis e quais os cuidados a serem tomados no momento da compra, mas indica também outras formas de investimentos, que passam pelo mercado de capitais e que, atualmente, podem ser mais atraentes do que a compra de um imóvel.

Através de sugestões nessa linha, os consultores financeiros explicam por que os brasileiros estão mais endividados do que no passado: eles visam adquirir a casa própria e bens de maior valor não apenas por sua utilidade, mas também, pelo bem-estar e conforto que oferecem, muitas vezes, além do necessário. A aquisição de bens, então, parte do acesso ao crédito (endividamento), e não de uma cultura econômica que induza os indivíduos a formar poupança para, posteriormente, efetuar uma compra – ação recomendada pelos gurus.

Grande parte dos consultores adverte que qualquer financiamento é uma “escravidão financeira”, na medida em que se paga um aluguel pelo dinheiro. Portanto, se o Brasil é um dos países que apresentam os juros mais elevados do mundo, realizar qualquer transação de consumo com juros embutidos é uma atitude que deve ser evitada. Dessa forma, desenrola-se o argumento de muitos consultores financeiros, que consideram o financiamento, o crédito como grandes barreiras no caminho da formação de poupança e da conseqüente independência financeira.

É muito importante observar que quando pagamos o financiamento pagamos uma taxa de juros que também é um “aluguel” pelo dinheiro que estamos pegando emprestado para adquirir o bem no momento imediato. Então quando assumimos um financiamento por 20 anos, temos a ilusão de estarmos livres do aluguel, enquanto pagamos o financiamento (aluguel do dinheiro) neste período ¹⁷².

O material empírico que dá corpo a esta pesquisa demonstra que a lógica argumentativa utilizada pelos gurus financeiros não está em total harmonia com as características do modelo de indivíduo que configura o mundo conexionista e que alimenta o espírito do novo capitalismo, principalmente, sustentado por Boltanski e Chiapello (1999). A presença de elementos como família, casa, filhos remete a questão da fixidez e da estabilidade, entretanto, o investimento em bens ativos (mobilidade do dinheiro), advindo da formação de poupança, é que garante a segurança.

Com o decorrer da pesquisa foi possível observar que os argumentos empregados pelos consultores reforçam massivamente a necessidade do planejamento financeiro para a formação de poupança e a conquista da independência financeira. Contudo, tais argumentos aparecem estritamente ligados a questões como o casamento, a casa, a família, os filhos, a qualidade de vida, etc.

Vale relatar, contudo, uma pesquisa de campo realizada na sede da Ordem dos Advogados do Brasil, na cidade de São Carlos (São Paulo), em março de 2011, na ocasião de uma palestra organizada pela TradeInvest, corretora de valores que está expandindo suas agências para cidades do interior em busca de pequenos investidores, juntamente com um advogado, especialista em direito empresarial e financeiro, que atua em conjunto com essa corretora na referida cidade. A palestra, intitulada “Finanças Pessoais”, foi dividida em duas partes. Na primeira, o advogado falou sobre gastos e como organizar um planejamento financeiro; na segunda, a corretora explicou o funcionamento do mercado de capitais, apresentando os produtos que oferece para as pessoas físicas tornarem-se investidoras. O advogado reforçou a necessidade de aprender e entender os conceitos financeiros, como também de criar uma disciplina diária que vise ao equilíbrio das despesas para a formação de poupança. Ele relatou que os maiores vilões da vida dos brasileiros, atualmente, são os gastos e o consumo excessivo com cartões de crédito, uso intensivo de financiamentos para a aquisição

¹⁷² Investimento X Casa Própria. Por Viviane Ferreira. 19/08/2010. In: <http://financaspessoais.blog.br/financas-pessoais/artigos/viviane-farah/>

imediate de bens de alto valor, como carros e imóveis, etc. Em seguida, com o intuito de demonstrar como é fácil ganhar dinheiro, em especial na bolsa de valores, ele perguntou ao público presente se havia casais que pensavam em ter filhos. Alguns ergueram o braço e o palestrante continuou: “então, se você poupar 1 real por dia e for aplicando mensalmente este valor para o seu filho, quando ele tiver 60 anos, ele será milionário. Ele terá R\$3.874.130”. Simultaneamente, ele traduziu seus argumentos em cálculos baseados no efeito dos juros compostos, apresentando-os no quadro que havia no auditório. Nesse momento, improvisei uma pergunta: “Você disse que os gastos são os maiores vilões que dificultam o equilíbrio financeiro, em seguida, você demonstra como podemos ficar ricos se aprendemos a investir, porém, usa como exemplo, um filho, então, pergunto: qual gasto é maior do que ter um filho hoje? Lembrando que, ainda é um gasto adquirido para o resto da vida sem previsão de retorno e juros compostos”. Vale lembrar que, a maioria do público presente composto de advogados de São Carlos, considerada uma cidade tradicional do interior paulista, explica a reação de espanto da plateia acerca da minha pergunta. Quando o palestrante iniciou a resposta, no entanto, houve certa descontração e risos:

Olha, eu concordo, filho é muito caro. Filho é caro. Mas, eu não encontrei ainda algo que me dá mais prazer do que ter um filho. Eu tenho o prazer duplamente porque tenho dois (risos). Se tivesse três ou quatro acho que eu morreria de tanto prazer, não conseguiria sobreviver a tanto êxtase. Mas assim, concordo plenamente, mas é muito gostoso você ver um filho, ver mexendo numa gaveta, falando de juros (risos).

Como já apresentado ao longo deste trabalho, os discursos de consultores financeiros estimulam os indivíduos a investir no mercado de capitais a partir de argumentos como a necessidade de acumular riqueza para garantir o bem-estar da família, de como evitar, também, sua destruição por falta da sintonia do casal no que tange a assuntos ligados a dinheiro e planejamento. Um exemplo disso é o livro “O Sovina e Perdulário”, no qual os dois personagens vencem tanto financeira como familiarmente, pois a vitória de ambos vem associada à conquista da riqueza em termos materiais, e à expansão e permanência da família, como já apresentado.

Nesse sentido, a questão da educação financeira ganha espaço nos discursos e conteúdos propalados por consultores financeiros, e torna-se um trunfo social

compartilhado por tais “multiplicadores das finanças”. A ilustração abaixo é a capa do áudio livro “Educação Financeira: Filhos, Dinheiro e Valores”, elaborado e narrado por Cássia D’Aquino, consultora que faz parte do circuito da Expo Money, que reforça a necessidade de educação financeiras de crianças e adultos. Ela afirma que, a partir do momento que as questões relacionadas com o dinheiro são vistas com clareza e tranquilidade, os demais aspectos da vida cotidiana, que envolvem valores, éticas e sentimentos, resolvem-se por si mesmos¹⁷³.



Além de livros, Cássia D’Aquino ministra quatro palestras que relacionam educação financeira, família, vida cotidiana e valores, cujos títulos são: “Maturidade financeira”, “Como resolver os conflitos de dinheiro na vida do casal”, “Criando filhos empreendedores” e “Filhos, Dinheiro e Valores”¹⁷⁴.

Como já relatado, os gurus financeiros, cada vez mais, ganham destaque e espaço em jornais, revistas e telejornais de grande circulação no Brasil e, nesse sentido, a mídia torna-se um aparato importante na divulgação do mercado de capitais. É possível nos depararmos facilmente com inúmeras reportagens que abordam questões como dinheiro, planejamento financeiro e investimento, relacionando com as fases da vida como carreira, casamento, filhos, aposentadoria, etc.



A capa da edição de comemoração dos 10 anos do Programa de Popularização da Bolsa, da Revista da Nova Bolsa – publicação trimestral da BM&FBovespa (Edição nº 11 – 2011)¹⁷⁵ – demonstra que a “Bolsa é para você”, e apresenta as imagens de um casal, de uma criança, de um jovem estudante e de profissionais, todos aspirantes a um futuro garantido por meio da participação no mercado de ações. Cabe ressaltar que as cartilhas sobre planejamento financeiro, lançadas pela Bovespa, fazem uso exaustivo de imagens relacionadas com a família.

¹⁷³ Informações retiradas do site: <http://www.educacaofinanceira.com.br/>

¹⁷⁴ *Ibid.*

¹⁷⁵ Informações retiradas do site: <http://www.bmfbovespa.com.br/Revista/Edicoes/revista-nova-bolsa-11.pdf>

Já a matéria de capa da primeira edição do ano de 2010 da Revista Você S/A revela o segredo para um casamento feliz: a elaboração de um planejamento financeiro de longo prazo. Desse modo, as finanças, através desse planejamento e da necessidade de poupança, contribuem para a harmonia de casais e famílias.



Outro fato relevante que foi observado durante a pesquisa, já mencionado no capítulo quatro, refere-se aos manuais direcionados ao público feminino, os quais enfatizam a busca da independência financeira da mulher, mas sempre ressaltam temas que induzem à ideia de coletividade/família, e não ao individualismo/feminismo.

Cabe destacar que foram encontrados vários relatos sobre o aumento do número de mulheres participando do mercado acionário e sua relação com o dinheiro e com a bolsa de valores em jornais de economia de grande circulação no Brasil¹⁷⁶. Algumas reportagens mencionavam um novo fenômeno que tem ocorrido em nosso país, principalmente, nas classes médias altas, como o caso de Caren Burin, que deixou sua vida profissional para gerir o patrimônio da família por meio do mercado de capitais, como é mostrado na citação abaixo:

Caren Betania Burin, 33 anos, formada em administração de marketing com pós em comércio exterior. Corredora nas horas vagas. Principal ocupação: “*home broker*”. É assim que se define a jovem catarinense que, há três anos, passou a administrar o patrimônio financeiro familiar em tempo integral. Por incentivo do marido, um engenheiro mecânico que atua na área de geração de energia, ela participou de uma das apresentações do “Mulheres em Ação” da Bovespa, quando morava em Piracicaba, interior de São Paulo. Desde então, tomou a frente dos investimentos do casal. Sentiu na veia a felicidade de multiplicar o dinheiro conjunto e também os infortúnios de vê-lo encolher com a crise do ano passado. Acabou realizando um prejuízo de 40%¹⁷⁷.

É importante salientar que uma das atrações da Expo Money 2010 (São Paulo) foi o espaço Money Mulher, destinado às mulheres, e que proporcionou várias

¹⁷⁶ Em cinco anos, número de mulheres na bolsa cresceu mais de sete vezes. Por: Patricia Alves. Portal InfoMoney. 07/01/08.

¹⁷⁷ “Público feminino é arma da bolsa para reter pessoa física”. Valor Econômico, 26/03/2009.

atividades sobre dívidas, dinheiro, planejamento, investimento, etc. Um dos destaques desse espaço foi a palestra sobre a história da investidora Carin Burin, revelada acima, durante a qual ela contou como é cuidar do dinheiro da família e fazer parte do mercado de capitais.

Esse evento aponta um fenômeno sociológico interessante, no qual a mulher sai do mercado de trabalho e volta para o âmbito doméstico, para um ambiente tradicionalmente seguro – o *oikos*. Vale lembrar que, etimologicamente, o termo economia vem do grego *oikos* (casa) e *nomos* (costume ou lei) que significa, de modo geral, administração da casa. Considerando que, a “administração da casa” é o papel que historicamente coube à mulher, percebe-se que há uma ressignificação dessa atribuição, já que a figura feminina é vista não como administradora da casa, mas sim, como “investidora” do lar. Aparentemente, no entanto, esse “novo” fenômeno recoloca a mulher no seu lugar de origem: a administração do ambiente doméstico.



Conforme a ilustração da cartilha do programa de educação da BM&FBovespa “Mulheres em Ação”, a imagem da personagem feminina “em ação” segura um filho, e ao mesmo tempo, um notebook, um telefone e um caderno de anotações pois, como atual investidora do lar, ela também é responsável pelo patrimônio da família, pela casa e pelos filhos. Com a expansão das finanças e com o avanço da tecnologia, a mulher pode, então, tornar-se a investidora do lar e da família.

No sentido exposto, surge um fenômeno que envolve temáticas relativas à questão da família/coletividade; cabendo às mulheres cuidar da casa e dos filhos, não apenas financeiramente, mas no sentido do cuidar da mãe tradicional. Essa relação do mundo financeiro com o papel de esposa/mãe também pode ser encontrada facilmente nos livros sobre gestão e negócios, que incentivam o empreendedorismo: nessas publicações, a mulher empreendedora que abre seu próprio negócio em casa torna-se autônoma, no que se refere à dependência financeira, ao processo de trabalho formal, pois passa a ter liberdade para circular livremente e estar mais presente na vida doméstica¹⁷⁸.

¹⁷⁸ Ver artigo: LEITE, E. S; MELO, N. M. Uma nova noção de empresário: a naturalização do “empreendedor”. Revista de Sociologia e Política, Vol. 16, Núm. 31, novembro, 2008.

Além disso, o modelo proposto pelos livros de finanças pessoais analisados aponta que o indivíduo estereotipado pela figura do pobre deixa dívidas, ao passo que o empreendedor rico deixa dinheiro para seus herdeiros e até para instituições de caridade, distinguindo-se pelo comprometimento com o social. De certa maneira, os livros de finanças pessoais escritos por brasileiros e a referência – “Pai Rico, Pai Pobre”, publicado por um norte-americano, perpassam a ideia do social, da caridade e da prática da responsabilidade social como requisitos também fundamentais para alcançar a riqueza. Essas obras estabelecem uma ponte entre as finanças e as questões sociais, revelando que para a sociedade brasileira, ainda é preciso justificar as ações econômicas voltadas para o lucro, para ela própria ou mesmo para Deus, considerando que essa sociedade é tradicionalmente católica. Entretanto, tais artifícios servem como operantes para construir estratégias de distinção, segundo Bourdieu (2004), em que o ideário propagado pelos gurus financeiros demarca existência de diferenças entre o “antigo” investidor, individualista e explorador, e o “novo” investidor. Ambos partem do princípio da acumulação de riquezas, mas este último vem imbuído de uma conotação ética, preocupado que está com o bem comum, o que justifica a legitimação de práticas econômicas antes consideradas imorais. Nesse sentido, os “novos investidores” passam a figurar no imaginário cultural e social em oposição aos “antigos investidores”, que começam a ser vistos de maneira pejorativa pela sociedade, como apostadores, jogadores e especuladores gananciosos, como exemplifica o trecho abaixo.

(...) no mercado de ações, é preciso muito cuidado para se deixar guiar pela inteligência e não pela ganância. “Investidores inteligentes estudam antes de investir na bolsa, enquanto gananciosos apostam nela. O investidor inteligente segue um roteiro antes de investir, atuando numa base quase que 100% racional, já o ganancioso se deixa levar pelo calor do momento, dando ordens de compra e venda no calor da emoção”, explica Rafael Paschoarelli, professor de Finanças e autor do livro “Como Ganhar Dinheiro no Mercado Financeiro”¹⁷⁹.

A construção da imagem do “novo investidor” está ligada às ideias que remetem à família, a qual se torna um aparato de estabilidade e segurança, como o investidor do bem, ele aniquila os aspectos negativos do especulador; se é ganancioso e

¹⁷⁹ Informações retiradas do site: <http://www.revistainvestmais.com.br/comofunciona/210-Qual+e+o+seu+perfil+de+investidor+Comportamento.html>

individualista, deve preocupar-se em acumular riquezas para desfrutar e garantir o futuro da sua família e promover o bem comum. Já o antigo investidor, visto como especulador e individualista, passa a projetar a imagem do mal e, se como tal, ele é esbanjador e busca o prazer imediato, nada como um poupador, aquele que sabe distinguir entre desejos e necessidades. Com isso, nota-se a produção de um discurso moral que tem por objetivo a formação de um consenso, principalmente, a partir da criação de estereótipos. Aqui, o investidor do mal torna-se o bode expiatório que justifica por que o mercado financeiro, muitas vezes, entra em turbulência, com as crises que marcam a história dos mercados.

Essa dramatização do bem contra o mal reúne interesses de inúmeros agentes ou grupos sociais que, até então, se encontram em posições ideológicas opostas, como mostrou o movimento proibicionista norte-americano do consumo de álcool, que ganhou relevância com a difusão do movimento da temperança e das igrejas evangélicas (Thompson, 1998). Desse modo, assiste-se à expansão do mundo das finanças respaldado pelos ideais cristãos acerca do fortalecimento do núcleo familiar, que ganha proeminência com a ênfase na necessidade de poupança.

Nesse ponto, Donzelot (1986) demonstra a importância do advento da poupança para as famílias operárias como uma prática disciplinadora do comportamento de indivíduos desregrados. O renascimento de questões que remetem ao movimento pró-temperança reforça a importância do conceito de familialismo de (Lenoir, 2003), que sugere pensar como a categoria “família” se une à esfera financeira como uma instituição natural, inquestionável. Para o autor, o significado de família é dinâmico, pois historicamente, ele altera-se com o surgimento de modelos econômicos e novas formas de organização política e social. Segundo Lenoir, a família não pode ser considerada como o princípio da evolução, mas sim, como um produto de estratégias adotadas em determinado contexto econômico, político e social, o que permite argumentar que o avanço das finanças também opera como um “normalizador” da vida familiar.

Vale destacar que outros agentes e instituições também contribuem para o atual fortalecimento da ética da família como norma disciplinadora de comportamentos (Foucault, 1994). Assim, nos dias de hoje, há o Estado, que formula políticas públicas e programas de inclusão econômica e social, e a Igreja Católica, que realiza a campanha da indissolubilidade do casamento, posicionando-se contra o aborto, a contracepção, o uso de preservativos e a homossexualidade, etc. No mesmo sentido, também é possível

perceber a expansão das igrejas neopentecostais, que reforçam o núcleo familiar como sinônimo de sucesso profissional, econômico e social, para tornar os indivíduos úteis economicamente, isto é, para estabelecer um novo significado para o dinheiro, por meio da introdução de temáticas econômicas como empreendedorismo, negócios, finanças pessoais, entre outras, com propriedade divina.

Esse cenário aponta para uma realidade específica do mundo das finanças no Brasil, pois a aparente união entre esse setor e questões familiares evidencia uma peculiaridade que corrobora, respectivamente, a ascensão dos gurus financeiros no país e a legitimidade do investimento como prática econômica de ordem natural. Forma-se, então, uma magia social (Bourdieu e Wacquant, 2005) em torno dos gurus e do “guia cultural” que contagia e atrai novos seguidores, assim como o canto da sereia, o qual não se questiona, pois a atração é tida como natural (Grün, 2010).

Uma grande evidência empírica que colabora para a comprovação do avanço do mundo das finanças impregnado por valores familialistas veio do modelo de importação de ideias. Durante o estágio sanduíche na New York University (2009-2010), sob orientação do Professor Randy Martin, fui levada a realizar algumas comparações entre os consultores financeiros mais conhecidos nos Estados Unidos e a repercussão de suas ideias no Brasil. Assim, foi feito um levantamento dos principais gurus e livros de finanças nas livrarias norte-americanas, bem como alguns dos inúmeros programas televisivos que abordam, especificamente, o tema das finanças pessoais foram analisados.

Nesse ponto, constatou-se que as sugestões, e mesmo, os conselhos dirigidos às mulheres e, de certa forma, as recomendações dadas pelos gurus brasileiros não são tão agressivos com relação às sugestões de uma das conselheiras mais famosas dos Estados Unidos, Suze Orman. A autora e apresentadora norte-americana, em seus comentários sobre finanças pessoais, carrega na emoção e usa uma linguagem hostil, que chega a envergonhar os telespectadores que ligam para o programa “Suze Orman Show” em busca de soluções financeiras. De modo geral, seu estilo agressivo e a visibilidade que ela dá ao fato de ser lésbica aparentemente não funcionariam na sociedade brasileira para abordar questões relacionadas com as finanças; após mais de 10 anos de sucesso nos Estados Unidos, ainda não há traduções de seus livros para o português. Vale ressaltar que, encontrei uma reportagem sobre o sucesso editorial das finanças pessoais no Brasil, que mencionava que a Editora Rocco publicaria, em 2008, a tradução do livro da referida autora “A Coragem para Ser Rico” (título já em português), mas até o

momento o livro não foi lançado¹⁸⁰. Diante disso, contatei pessoas da editora no final de 2010, e elas alegaram que houve problemas burocráticos durante a tramitação do acordo para a publicação, impossibilitando seu lançamento no Brasil.

O fato que chama a atenção, no entanto, é que a única versão do consagrado guia financeiro “As mulheres e o dinheiro – controle o seu próprio destino”, da mesma autora, foi adaptado para a nossa realidade econômica e comentado por Gustavo Cerbasi (2009). É importante reproduzir um trecho da adaptação do livro para apresentar como seus argumentos são persuasivos e mais invasivos, diferenciando-se do modelo que vem sendo empregado pelos gurus em nosso país. Logo no início da obra, Suze Orman enfatiza que as mulheres não precisam sentir vergonha nem culpa de sua situação econômica, pois tais sentimentos apenas impedirão seu progresso rumo ao controle e sucesso financeiro. Para demonstrar como conquistou a independência financeira, a guru utiliza sua própria história de vida:

“É fácil falar, Suze.” Foi o que você pensou? Será que está se perguntando como é que eu posso saber qual é a sua situação? Afinal, de contas, sou rica! Tenho tudo de que preciso, tudo que quero. Você está certa – sou rica. Mas não foi sempre assim. Você acha que fui criada numa família endinheirada, que pagou uma educação fabulosa para mim? Acha que fiz pós-graduação numa faculdade de administração famosa? De jeito nenhum. Talvez pense que arrumei um marido rico. Nada disso – **na verdade, nunca me casei (provavelmente por isso tenho dinheiro hoje!)** [grifo meu]. Vou lhe contar de onde vim e como cheguei até aqui para que você entenda que não há desculpa, vergonha ou culpa capaz de impedi-la de se tornar o que deve ser e de ter tudo o que merece (Orman, 2009: 45).

No prefácio do livro “As mulheres e o dinheiro”, escrito por Gustavo Cerbasi, ele relata que se identifica com Suze em termos de atuação, no sentido de apresentar, de forma simples, assuntos complexos como finanças para o público em geral. Ele deixa claro, porém, que algumas opiniões e sugestões feitas pela autora são nitidamente diferentes de seus argumentos, como exemplifica o trecho a seguir.

¹⁸⁰ A indústria de livros de autoajuda financeira explode e transforma seus autores em estrelas, por Paula Pavon. Isto é Dinheiro. 30/07/2003

Quem já leu minhas obras encontrará opiniões e sugestões feitas pela Suze que são nitidamente diferentes de minhas opiniões. Considero isso saudável, pois há temas em que é preciso haver unanimidade entre diferentes consultores, enquanto outros ainda merecem longo debate até gerarem um aprendizado definitivo. Por isso, preferi não tecer críticas a orientações pautadas em opiniões e experiências pessoais e profissionais da Suze, fazendo meus comentários e modificações somente nos aspectos de adaptação à realidade prática e normativa brasileira. Apesar de partes do texto não refletirem fielmente minhas convicções pessoais, minha opinião é de que toda mulher deveria ler ou ter contato com as ideias aqui defendidas por esta profissional excepcional, que sempre admirei e continuo admirando (Cerbasi, 2009: 21).

No percurso da pesquisa, troquei e-mails informais com Gustavo Cerbasi, nos quais ele enfatizou que não concorda com certas opiniões de Suze Orman porque ela adota uma maneira muito defensiva para justificar a importância do planejamento financeiro, alertando as mulheres para a elevada possibilidade de traição e para uma suposta imaturidade feminina de fazer escolhas financeiras. Segundo o consultor, o planejamento financeiro é uma “ferramenta de sustentabilidade para o bem viver”, isto é, a vida não deve ser vista de forma tão “rancorosa”, como é apresentada por Suze.

Robert Kiyosaki, que igualmente é um dos mais conhecidos gurus norte-americanos, tem uma atitude oposta a de Suze Orman. Seu livro segue a forma de uma história, que conta a saga do “Pai Rico”, aquele que empreende e assume riscos e, por isso, tornou-se o homem mais rico do Havaí, como foi demonstrado anteriormente. Vale enfatizar novamente que, durante a Expo Money (2009), em sua primeira visita ao Brasil, Robert veio acompanhado de sua mulher, Kim Kiyosaki, que é autora de livros sobre finanças para mulheres.

Uma tensão entre esses gurus ficou evidente durante a crise financeira que repercutiu em 2008, quando o conflito entre os autores norte-americanos foi intensificado, pelas acusações mútuas sobre a responsabilidade da referida crise que assombrou os Estados Unidos. Foi Gustavo Cerbasi, quem reportou a briga e fez comentários sobre tal situação, como demonstra a citação a seguir, retirada do seu site “Mais Dinheiro”.

O combate em questão surgiu porque os dois autores construíram sua fama em cima de teorias envernizadas de radicalismo, o que é receita perigosa para os assuntos do dinheiro. Sou o dono da verdade? De forma alguma! Minhas teorias sobre rebalanceamento de carteiras, explicada em meu livro *Investimentos Inteligentes*, são criticadas por alguns por serem tidas como excessivamente simplistas, pouco motivantes para quem quer mergulhar no fascinante mundo dos mercados. Concordo, porém devemos levar em consideração que aquelas pessoas que buscam respostas nos livros raramente são profissionais de investimentos, e que por isso buscam soluções simples. Kiyosaki e Orman são autores de sucesso porque suas ideias são simples. Porém, suas teorias não deixam de pecar pelo tom impositivo das ideias. “Faça, sem pensar, porque minha solução é a melhor”. Evite seguir receitas prontas. Leia, duvide, questione, busque uma segunda opinião¹⁸¹.

Desse modo, faz-se necessário salientar que a importação e adaptação de ideias do mundo das finanças para o Brasil é um grande sinal de como vem sendo construído o “guia cultural” que orienta e atrai indivíduos para esse universo, no qual questões como família, dinheiro, acumulação de riquezas compõem o ideário, expressando uma peculiaridade da sociedade brasileira. De maneira geral, as estratégias que compõe o guia cultural procuram convencer os indivíduos sobre quais são os “verdadeiros investimentos” e consideram a vida cotidiana como um espaço de investimento, que acaba legitimando simbolicamente práticas econômicas antes estranhas e vistas como negativas pelos brasileiros. Assim, fica cada vez mais evidente, portanto, a existência de um mecanismo de normalização que opera tanto nos âmbitos objetivo e subjetivo da sociedade e que configura, aos poucos, a legitimidade do mundo das finanças em nosso país. O contencioso cultural, formado por esse universo envolto pela ética da família, opera como mecanismo social capaz de alterar comportamentos e sensibilidades, isto é, o *habitus*, que, por sua vez, reflete rearranjos sociais e redireciona os papéis dos indivíduos na sociedade.

A lógica argumentativa empregada metaforicamente como um sermão impõe sentidos e induz o indivíduo a policiar suas práticas econômicas cotidianas, evitando que compre aquele presente mais caro ou mesmo pague pelo cafezinho diário, pois ele é constrangido a realizar certas atitudes e incentivado a poupar. Como as pessoas são influenciadas por predisposições existentes dentro do campo, ser investidor e acumular riquezas, por meio do mercado de capitais, torna-se uma condição humana de ordem

¹⁸¹ Publicado originalmente no site www.maisdinheiro.com.br. A briga entre Suze Orman e Robert Kiyosaki. Por Gustavo Cerbasi, 02/03/2010.

natural. Isso não significa dizer que a sociedade está cada vez mais próxima do comportamento daquele *homo economicus* da ortodoxia econômica. O que se observa são agentes que passam a se comportar a partir da lógica argumentativa propalada pelos gurus financeiros e por outros dispositivos culturais que estão em consonância e operam conjuntamente na sociedade – o que será verificado mais claramente no próximo item. Portanto, se há, de um lado, os “profetas” desse discurso, por outro lado, há também uma sociedade receptiva a acatar e a participar do mercado financeiro (Grün, 2007).

Neste ponto, fica evidente que o “tipo ideal” de indivíduo, sugerido por Boltanski e Chiapello (1999) como reflexo do modelo da “cidade por projetos”, não configura, no entanto, o estereótipo de indivíduo constitutivo do mundo das finanças difundido pelos gurus brasileiros. O projeto do mundo conexionista aparenta prescrever uma realidade social que não é significativa como modelo analítico da sociedade brasileira, já que as características da nossa amostra evidenciam uma dinâmica muito mais complexa que vai além da construção discursiva de um indivíduo típico das sociedades em redes.

A mágica que compõe as fórmulas apresentadas pelos consultores vem atrelada a metáforas do universo familiar que são empregadas para justificar o mundo financeiro (Lakoff, 1996), ao mesmo tempo que conceitos como investimento, incerteza, instabilidade e risco passam, analogamente, a fazer parte do cotidiano de indivíduos e famílias. Deste modo, pode-se afirmar que os agentes interiorizam predisposições advindas do campo financeiro, que configuram as suas próprias ações e são por elas configuradas, possibilitando a reconversão de *habitus* tanto individual como coletivo. Essa dinâmica permite transferir a análise centrada em aspectos socioeconômicos para o campo cultural, mas tal constatação pode indicar que estamos diante de outro tipo de sociedade tradicional e conservadora, na qual uma nova “ordem de justiça” é estabelecida nos trópicos (Douglas, 1996; Grün, 1998). Nota-se, desse modo, a existência de um ideário que valoriza a ética de inclusão econômica reforçada pela polícia das famílias e disseminada por diversos agentes, que compõem uma espécie de segunda natureza, ou melhor, um *habitus* nacional (Elias, 1986).

6.1 A harmonia cultural

Até o momento, procurou-se esboçar as estratégias dos fornecedores de ideias do mundo das finanças que configuram um “guia cultural” que induz mudanças cognitivas no que se refere às práticas econômicas, atraindo indivíduos e famílias para a esfera financeira. Neste item, a partir do mapa cultural proposto por Douglas (1996), procurar-se-á fornecer elementos para ilustrar uma análise sociológica mais próxima da realidade empírica apresentada anteriormente, já que, o mundo das finanças parece avançar de modo peculiar na sociedade brasileira¹⁸². Isso possibilitará uma melhor compreensão da realidade, não reduzindo a análise a uma forma de legitimidade da dominação de um tipo de racionalidade econômica que dá sustentação ao modo de vida capitalista. Ao longo do trabalho, ficará evidente o por quê da opção pelo mapa cultural elaborado por Douglas para abranger a dinâmica do mundo das finanças no Brasil e, revelar a existência de uma harmonia cultural entre esferas aparentemente divergentes.

Esse mapa fornece quatro quadrantes: nos quadrantes A-C, que formam uma diagonal positiva, há uma disputa objetiva entre indivíduo (mercado) e hierarquia (conservadora); já os quadrantes B-D formam a diagonal negativa, que revela uma aliança, formada pelos isolados e dissidentes – aparentemente, aqueles que rejeitam a autoridade (dominação) imposta pelo quadrante A-C ou não conseguem determinar que suas convenções sejam aceitas pela sociedade.

B ISOLAMENTO CULTURAL (Isolados por escolha ou compulsão, estruturas complexas) Classes sociais populares (baixa renda)	C HIERARQUIA CONSERVADORA (Grupos fortes/ valores tradicionais) Investimentos tradicionais (bens de raiz)
A INDIVIDUALISMO ATIVO (Indivíduo moderno/inovador) Investimento, risco	D ENCLAVE DISSIDENTE Igrejas Neopentecostais e demais organizações “carismáticas”

¹⁸² Vale enfatizar que, a utilização do mapa cultural, neste momento, serve para simplificar a análise e abrir novas formas de interpretação da realidade social, e não se constitui como instrumento analítico dessa tese.

A partir do mapa cultural exposto acima, pode-se dizer que a disputa entre os quadrantes C-A constitui a dinâmica de que esta pesquisa procura dar conta, isto é, a análise da passagem de uma cultura econômica, enraizada na tradição e configurada pela estabilidade e pela importância da família e da comunidade (quadrante C), para outro mundo, onde o indivíduo deve assumir riscos, empreender, investir no mercado de capitais para conquistar a independência financeira (quadrante A) – a guerra declarada entre o “Pai Pobre” *versus* “Pai Rico”. Em princípio, este trabalho aparenta não dar conta do espraiamento da “nova” cultura econômica para outros setores da sociedade, já que subsistem tanto os indivíduos e organizações (quadrante “B”) quanto os dissidentes (quadrante “D”), com peculiaridades, e que, visivelmente, não tem legitimidade para imporem suas propostas em relação ao mundo C-A (Douglas, 1996; Grün, 1998).

Os atributos que compõem o quadrante A são semelhantes aos aspectos constitutivos da agenda das finanças que envolvem os gurus financeiros, isto é, os desafiadores, que tem em comum a necessidade de mudar as sensibilidades sociais para a conquista de seu espaço profissional bem como da garantia de avanço do mercado financeiro. Contudo, o mapa cultural de Douglas também sugere que o quadrante A, muitas vezes, não garante autonomia sem o respaldo das instituições e agentes que formam o quadrante C. Isso pode ser uma prova de que estamos diante da formação de uma nova cultura econômica, a qual, porém, está baseada em princípios que vigoram no quadrante C. Se considerarmos, no entanto, os quadrantes B-D, sendo B composto por aqueles que, em princípio, parecem estar distantes das possibilidades ofertadas pelo mundo das finanças, como as classes populares de baixa renda, e o D formado por seitas, igrejas neopentecostais ou organizações ditas “carismáticas”, como elaborado por Douglas (1996). Pode-se, assim, observar a existência de um processo de associação entre os quadrantes (C-A, D-B), na qual a compatibilidade é constituída de maneira aparentemente invisível, mediante rearticulações dos elementos culturais que estão à disposição dos agentes no momento da constituição de uma dinâmica econômica e social (Douglas, 1996; Grün, 1998; Hacking, 1998). Cabe enfatizar, que os agentes analisados não foram escolhidos aleatoriamente para integrar os quadrantes B-D, mas sua seleção se deu no decorrer da pesquisa, já que muitas críticas foram feitas no sentido de que as práticas econômicas divulgadas pelos gurus estariam distantes da realidade de muitos brasileiros. Ao mesmo tempo, o trabalho despertou a atenção de alguns pesquisadores da religião, que notaram uma semelhança entre a postura e o ritual dos gurus financeiros e a dinâmica dos pastores das igrejas neopentecostais.

Deste modo, pode-se falar da presença de um “nicho cultural”, expressão emprestada da metáfora que Hacking faz de nicho ecológico (1996), que transfere o conceito para a sociologia como elemento heurístico, capaz de dar conta de demonstrar transformações cognitivas implícitas nas sociedades. Isso, de certa forma, também aponta para a existência de disputas tanto objetivas como cooperações subjetivas, impulsionando a formação de campos dentro do espaço social (Bourdieu, 1997).

Na tentativa de ilustrar a formação desse nicho cultural, percebeu-se que nem todas as associações eram tão implícitas como se imaginava, pois existem vários grupos interessados na expansão de práticas econômicas, como já foi esboçado anteriormente. Em princípio, é possível mencionar o atual governo e a criação de projetos de inclusão econômica e social; o surgimento de “novas” igrejas; prestadores de serviços financeiros; consultores financeiros; investidores institucionais e fundos de pensão, entre outros. Por sua vez, esses agentes e instituições também são responsáveis por despertar, em diversos setores das sociedades, demandas e questões relacionadas com crédito, dinheiro, empregabilidade, empreendedorismo, orçamento doméstico, planejamento financeiro, poupança e investimento. Eles ganham, assim, visibilidade por meio de programas de inclusão social, de microcrédito, estímulo ao empreendedorismo e projetos de sustentabilidade, etc.

Antes de mais nada, cabe enfatizar, segundo Benett (2011), que tais agentes e instituições são simbolicamente tangidos por uma cultura do otimismo e, ao mesmo tempo, tornam-se seus promotores, pois estão vinculados a aspectos que abrangem o avanço da economia e a realização de políticas de inclusão. O autor argumenta que a atual apelação para a necessidade de otimismo na vida cotidiana abriu espaços para a ascensão de seus promotores, os quais funcionam como propulsores de uma política cultural implícita. A família, as instituições religiosas, os médicos, os psicoterapeutas e conselheiros, as empresas e líderes políticos, entre outros, estão profundamente engajados na reprodução subjetiva da cultura do otimismo, que por sua vez, está estritamente vinculada ao fenômeno da autoajuda e à propagação de elementos que figuram um movimento pró-familialista.

Segundo Bennett, atualmente, as sociedades não podem sustentar-se sem culturas de otimismo. Por essa razão, esse sentimento na vida cotidiana funciona como elemento psicológico, social e cultural que caracteriza um modo de viver e perceber o futuro em termos de probabilidades e expectativas: *“the belief that the anticipated future is more likely than not to materialize. While such assessments of probability may*

perhaps involve 'cold cognition', even here, desirability can get mixed up with expectation, and expectations can end up reflecting as much what is desired as what is probable" (Bennett, 2011: 14). Assim, enquanto uma multiplicidade de valores se reflete em expressões individuais de otimismo, uma espécie de “meta-valor” ganha forma de expressão cognitiva comum.

Não só o setor público é responsável pelo avanço do otimismo, mas também, o privado, que conta com a expansão e com o crescimento de empresas de todos os portes, e o de serviços, cada vez mais, procuram aproximar-se da sociedade por meio de projetos de responsabilidade social, estimulando discussões sobre sustentabilidade, consumo consciente, vida saudável, bem-estar, etc. Pode-se mencionar, inclusive, a relevância de organizações não governamentais (ONGs), que atuam em amplos setores da sociedade no país. É possível observar, portanto, como estamos imersos nessa cultura de otimismo, associada ao discurso dos propagadores dos bons ares trazidos pelo crescimento econômico e pelo avanço das políticas econômicas e sociais. Um exemplo disso é o lançamento do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) pelo governo federal, em 2007, que reflete o fortalecimento de políticas e investimentos no setor econômico, infra-estrutura, habitação, transporte, energia, bem como, o incentivo para o desenvolvimento de indústrias e de pequenas e médias empresas. Entre outros programas sociais que ganharam repercussão nacional, é possível citar também, o Programa Bolsa Família, o Programa de Incentivo ao Microcrédito e o Programa Habitacional “Minha Casa, Minha Vida”.

Como destaque, o sistema de microfinanças, desenvolvido pelo governo federal inclui serviços financeiros direcionados à população de baixa renda, que não possui acesso ao sistema financeiro tradicional. Nesse sentido, os programas de microcrédito buscam reduzir a pobreza, criar empregos, estimular atividades empreendedoras para os mais carentes e fortalecer o desenvolvimento de pequenos negócios (Miguel, 2011). O incentivo ao empreendedorismo, que parece consistir em um vetor importante para o avanço das finanças no país, também pode ser visto com outros olhos, pois a base para a formação e criação de novos negócios advém do crédito, e não da poupança. O crédito fácil passa, então, a ser sinônimo de endividamento e constitui-se como dispositivo para os consultores financeiros, que passam a dar sugestões sobre como “sair do vermelho”. Tal tipo de aconselhamento, hoje em dia, é recorrente na mídia, como por exemplo, os programas televisivos, como os telejornais e, revistas e jornais impressos que possuem uma coluna ou espaços reservados para questões sobre finanças pessoais, em que dívida

e endividamento são pautas frequentes. Vale enfatizar que o crédito possibilita a ampliação de produtos financeiros, permitindo o acesso de muitos indivíduos ao mundo econômico, o que torna viável a distribuição de renda (através do cartão magnético) por meio de programas como o Bolsa Família e o Bolsa Escola.

Desse modo, começam a ser incentivadas estratégias de educação financeira tanto pelo governo federal quanto por iniciativas privadas. Os “vilões” apresentados pelos gurus financeiros, que devem ser combatidos para a conquista da independência financeira, na verdade, são cúmplices subjetivos que dão dinâmica ao avanço das finanças e abrem espaços para o desenvolvimento de um mercado de conselhos econômicos que, por sua vez, garante o crescimento do campo dos consultores.

É possível, então, interligar temáticas relacionadas com as finanças e diversos setores da sociedade, que chegam com ares de otimismo, por meio das políticas de microcrédito desenvolvidas pelo governo federal, pelo avanço da responsabilidade social e pela sustentabilidade estimulada pelo setor público, pelo setor privado e, até mesmo, pelas ONGs.

Além disso, as palavras de padres católicos, de pastores das igrejas neopentecostais e os livros de autoajuda financeira colaboram com esse processo. Nesse sentido, fica evidente a relevância do quadrante D – enclave dissidente – como agentes fundamentais da nossa amostra. Um grande exemplo é Teologia da Prosperidade, doutrina empregada pelas igrejas neopentecostais, grosso modo, defende que o crente está destinado a ser próspero, saudável e feliz neste mundo. Portanto, seus ensinamentos trazem novas interpretações sobre o cotidiano, a família, a economia, o que envolve a contribuição, o dízimo, para a busca da salvação, de acordo com Mariano (1999). Isto posto, essa resignificação de valores também possibilita o avanço das igrejas neopentecostais¹⁸³ no país, como demonstra o trecho seguinte.

¹⁸³ Freston afirma que a Teologia da Prosperidade, doutrina empregada pelas igrejas neopentecostais, é uma etapa avançada da secularização da ética protestante (Freston, 1994: 146). Vale enfatizar que, para o autor, o neopentecostalismo também recebe outras denominações, mas é a vertente mais “atual” que vem do pentecostalismo e que ganhou destaque a partir da década de 60 no Brasil.

Até duas décadas atrás seria inconcebível que um crente pentecostal fosse ao templo para, em fervorosa corrente de oração semana após semana e por meio de barganhas cósmicas – tendo a igreja como intermediária e caixa registradora das transações –, desafiar a Deus com o fim de prosperar materialmente. Igualmente inimaginável seria convidar, além da clientela flutuante, crentes de denominações concorrentes para frequentar cultos nos quais eles, literalmente, poderiam se proteger das investidas do Diabo e se libertar da possessão demoníaca (Mariano, 1999: 07)

Na Igreja Universal do Reino de Deus, de acordo com Mariano, os fiéis com problemas financeiros são induzidos a participar de correntes da prosperidade, e, em troca de dízimos e ofertas, recebem conselhos pastorais, orações, exorcismos, promessas de bênçãos e estímulos para trabalhar por conta própria (Mariano, 1999: 60). Segundo dados encontrados na página da Igreja Prebiteriana de Ermelindo Matarazzo, é possível observar a indicação de livros para seus fiéis, que vão além dos que se referem à espiritualidade, à vida cristã e à paz. Dentre essas publicações, encontram-se obras de autoaperfeiçoamento como a de Augusto Cury (“Nunca Desista de Seus Sonhos”), de John Maxell (“As 21 Irrefutáveis leis da Liderança” e “Você faz a diferença”), além de livros relacionados com economia e negócios, com destaque para o de Gustavo Cerbasi “Casais Inteligentes Enriquecem Juntos”, e “Deus e o mundo dos negócios: Significado, motivação, e espiritualidade para o mundo dos negócios”, de R. Paul Stevens, da Editora Ultimato¹⁸⁴.

A pregação das igrejas da prosperidade está, portanto, em sintonia com os gurus na promoção de novas atitudes no que tange à introdução de práticas econômicas na vida cotidiana de indivíduos. O que parece ser uma polaridade ou um contramovimento, na verdade, é a formação de um nicho cultural disposto a acolher as versões de distantes agentes e instituições que figuram no espaço social; o que está em jogo, no entanto, é o avanço cultural de práticas econômicas embebidas pela cultura do otimismo e do familialismo.

Vale ressaltar que, além das igrejas que anunciam a venda de obras de autoajuda financeira, tais livros também fazem parte de catálogos de empresas, como por exemplo a Avon¹⁸⁵, na qual o livro “Casais Inteligentes Enriquecem Juntos” é sinônimo de sucesso e atinge um público de renda mais baixa, como a considerada classe C. Desse

¹⁸⁴ Informações retiradas do site: <http://ipem.org.br/bonslivros.asp>

¹⁸⁵ Informações retiradas do site: www.br.avon.com/PRSuite/whoweare_main.page. Acesso: 07/10.

modo, é possível notar que o universo em análise também abrange os agentes situados no quadrante B – isolamento cultural – e tornam-se agentes essenciais para o universo em análise.

Segundo Cerbasi, Casais Inteligentes já vendeu 800 mil exemplares desde o lançamento, sendo cerca de 200 mil pela Avon, no qual o título foi incluído há 18 meses. Ele conta que, ao contrário do mercado de livrarias, que pede livros no “pinga-pinga”, cada lote da rede de cosméticos costuma ser de 20 mil a 30 mil unidades. Segundo ele, o retorno por livro do autor costuma ser menor - por conta da redução do preço -, mas esse fator é compensado pelo ganho em escala. “E livro não se vende com propaganda, e sim no boca a boca. Por isso, quando mais pessoas lerem, mais ele vende”¹⁸⁶.

Cabe reforçar o papel das revendedoras, que somam mais de 1 milhão no país, e se tornam promotoras da beleza e, conseqüentemente, do otimismo, criando um vínculo carismático com suas clientes (Assis, 2010), como exemplifica o trecho abaixo.

A revendedora da Avon Maria Eunice Vieira é um bom termômetro para medir as vendas. “Em 20 dias, vendo em média 100 livros, que somam R\$ 1,5 mil”, diz Maria Eunice, que coordena uma equipe de outras 200 revendedoras da marca. Ela ressalta que o preço dos livros, que chega a ter diferença de 30%, é o principal atrativo. Maria Eunice conta ainda que vender livros é mais fácil do que as maquiagens, que normalmente demandam orientação de uso. “As pessoas já vêm direto em busca de um determinado livro. Como normalmente a Avon vende obras de sucesso, muitos clientes ficam esperando chegar na Avon”¹⁸⁷.

O mundo financeiro, cada vez mais, parece penetrar em esferas sociais até então impensáveis na sociedade brasileira. É possível notar que esse campo está em expansão e atrai inúmeros adeptos, que passam a frequentar eventos sobre finanças e dar legitimidade ao mercado editorial da autoajuda financeira. Os gurus financeiros ministram palestras em igrejas e empresas, e seus livros são vendidos no ‘boca a boca’ por revendedoras de empresas de cosméticos.

¹⁸⁶ Empresas como Avon e Hermes ajudam a levar os livros à classe C e ao interior do País, onde não há livrarias.

¹⁸⁷ *Ibid.*

O que foi apresentado em relação às igrejas neopentecostais, o avanço do crédito através do estímulo das políticas de inclusão de renda, e, até mesmo as revendedoras da Avon demonstram que o quadrante D-B do mapa cultural revela uma “aliança carismática” entre os isolados culturalmente e os dissidentes. Assim, quando os quadrantes do mapa cultural se cruzam, percebe-se disposições que incorporadas pelos agentes estão sendo emolduradas na difusão do mundo das finanças. Desse modo, temos um nicho cultural que reflete uma predisposição da sociedade, criada por esferas até então díspares, que permite a aceitação social de novas instituições e práticas econômicas que corroboram as mudanças cognitivas, legitimando o avanço do mundo das finanças.

Como todo campo, o das finanças também apresenta suas fronteiras limitadas por outros campos, porém, muitas vezes, os valores vigentes de um tendem a penetrar e determinar as condutas existentes em outros. Como eles encontram-se em uma relação de homologia com a estrutura social, tais campos reproduzem elementos e valores presentes na agenda da sociedade, os quais se manifestam de acordo com sua especificidade, gerando disputas objetivas e cooperações subjetivas referentes à pauta das finanças (Bourdieu, 1997)¹⁸⁸.

Assim, pode-se dizer que estamos participando de um processo de convergência de interesses e de percepções que gera uma atmosfera propícia à institucionalização e ao enriquecimento de recursos culturais, por meio dos quais pensamos e damos sentido à realidade, tendência que, por sua vez, transforma não só a esfera econômica e suas organizações, mas a sociedade como um todo (Douglas, 1996; Hacking, 1996; Grün, 2009). Parafraseando Grün (2010), é possível encontrar, nesse espaço de disputa, a elite de diversos campos sociais, que competem pela proeminência de seus capitais específicos, e ao mesmo tempo, cooperam para o “alargamento” (Bourdieu, 1997) das formas de investimento das agendas aceitas pela sociedade; isto é, cada grupo produz

¹⁸⁸ Vale enfatizar que a semelhança dos discursos entre os diferentes atores, de modo geral, pressupõe que os indivíduos busquem acumular dinheiro pelo trabalho, sendo empregado, patrão ou empreendedor. O que vale é o esforço para gerar poupança, assim, podemos dizer que, até esse ponto todos os setores da sociedade apontados no mapa cultural estão em total harmonia. A promoção do risco como positivo não estimula apenas investir no mercado de capitais, mas também, instigam atividades como o empreendedorismo, abrir um negócio novo, etc. Entretanto, alguns gurus financeiros passam a abolir a ética do trabalho e valorizam, apenas, a ética da riqueza – seja ela, trabalhar menos ou não trabalhar – na verdade, o guia cultural que vem sendo estruturado constitui uma “meta simbólica”, que deve ser alcançada. Isto é, o mapa cultural revela que setores da sociedade estão em consonância quando o discurso é planejar, acumular, poupar e saber investir.

uma história na qual seus seguidores criam um vínculo de crédulo e também se tornam multiplicadores dessa ideia.

Conforme o que foi demonstrado, o esboço do mapa cultural revela a existência de um nicho e permite observar o florescimento do mundo das finanças associado ao atual contexto político, econômico e social do país, envolto pela cultura do otimismo que expressa a positividade do familialismo e que tem também o efeito de legitimar outras esferas da sociedade, antes rejeitadas socialmente, mas que se impuseram pela abordagem de temáticas análogas. Essa teia complexa de relações se constitui como uma unidade de vivência moral, tornando-se antídoto para os males trazidos pela modernidade que afronta setores conservadores do nosso mapa cultural. Nesse sentido, há uma *aggiornamento* do tradicionalismo, que se reveste com uma roupagem moderna, ou seja, o mundo das finanças apresenta-se como moralizador de indivíduos e famílias e, constitui um meta-discurso que também engloba instituições conservadoras e progressistas, impulsionando culturalmente a dinâmica que interliga os quadrantes C-A e D-B.

6.2 O *habitus* nacional

O mapeamento do nicho esboçado através do mapa cultural não apenas fornece evidências sobre o avanço das finanças no Brasil, mas abre caminhos para refletir sobre a permanência de um dispositivo conservador característico de um *habitus* nacional (Elias, 1986) que opera intensivamente na formação das agendas econômicas, políticas e sociais. É possível afirmar que a análise empírica deste trabalho delineou a existência de um “nicho cultural” que abrange diferentes setores da sociedade brasileira, envolvidos por um discurso sedutor, “embebido” pela cultura de otimismo e por uma metáfora (Lakoff, 1996), em que a moralidade é tratada por meio do modelo de família, possibilitando a condução de questões consideradas tabus no Brasil¹⁸⁹.

¹⁸⁹ Vale ressaltar que recorrer ao conceito de família é um instrumento corriqueiro de várias instituições e agentes que buscam legitimidade na sociedade brasileira. Entretanto, cabe enfatizar que tal apelo, muitas vezes, não é uma atitude objetiva e manipulada dos agentes sociais, mas sim, que tais agentes passam a ser legitimados, porque “subjetivamente” atrelam suas questões à metáfora familiar. Aqui, é importante enfatizar que nesse trabalho busquei estabelecer um diálogo com Boltanski e Chiapello (1999), para apontar que, a princípio, o sistema que valoriza o indivíduo – aquele que faz parte da “cidade por projetos” – não constitui um modelo explicativo da nossa realidade social. Isto posto, também quero ressaltar que não tenho a intenção de discutir e/ou afirmar que o avanço do individualismo significa uma

Como já foi relatado, segundo Donzelot (1996), o advento da questão da poupança foi essencial para o fortalecimento das famílias das classes operárias, o que funcionou como uma prática disciplinadora de comportamentos. Para tanto, o conceito de familiarismo de (Lenoir, 2003) foi resgatado, o qual estabelece que a “família” é uma categoria dinâmica. Assim, pode-se argumentar que o avanço das finanças opera como um “normalizador” da vida familiar, e encontra ressonância cultural para se legitimar na sociedade brasileira.

Diferentemente do caso francês estudado por Lenoir (2003), que demonstra um declínio das bases sociais do familiarismo, no Brasil há um fortalecimento e uma permanência histórica da retórica que expressa esse familiarismo, presente nos debates sobre o desenvolvimento de políticas econômicas e sociais e que, permeiam as agendas que pautam questões consideradas progressistas, como a legalidade do aborto e a homoafetividade, por exemplo. Tais assuntos apontam o forte enraizamento moral do familiarismo em amplos setores da sociedade brasileira.

Além disso, percebe-se que o Estado atual promove políticas públicas de saúde e programas de inclusão econômica e social, nos quais a importância da família aparece como elemento inquestionável, vista como uma instância social que exerce papel determinante no desenvolvimento e na educação das crianças, tornando-se modelo de observação da vida cotidiana.

O Brasil avançou política, econômica e socialmente sem comprometer sequer uma das liberdades democráticas. Cumprimos quase todos os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio, antes de 2015. Saíram da pobreza e ascenderam para a classe média no meu país quase 40 milhões de brasileiras e brasileiros. Tenho plena convicção de que cumprimos nossa meta de, até o final do meu governo, erradicar a pobreza extrema no Brasil. No meu país, a mulher tem sido fundamental na superação das desigualdades sociais. Nossos programas de distribuição de renda têm nas mães a figura central. São elas que cuidam dos recursos que permitem às famílias investir na saúde e na educação de seus filhos.

O trecho acima reproduz o discurso da presidente Dilma Roussef na ocasião de abertura do encontro da ONU, em setembro de 2011. O final desse discurso enfatiza a

opressão à família, mas sim, que a associação entre individualismo e finanças não dá conta de esboçar a dinâmica do mundo das finanças no Brasil.

importância central conferida ao papel da mãe no estímulo e desenvolvimento das políticas públicas do governo federal. Cabe enfatizar que, a partir do acompanhamento das tendências das recentes políticas sociais implementadas pelo governo Lula, como exemplo, o Programa Bolsa Família, foi possível notar que o foco dos programas prioriza a família como unidade de intervenção¹⁹⁰.

De certo modo, a formulação de programas sociais que focalizam a família, e não o indivíduo, faz parte do debate sobre o processo de reformas das políticas sociais desenvolvidas no país desde a década de 1980 (Senna, *et al.* 2007). Parafraseando Senna, há, desde então, uma disseminação da ideia de que tais programas têm maior possibilidade de otimizar recursos quando enfatizam a família em vez do indivíduo. Assim, a perspectiva de inclusão econômica e social focada nas famílias não se restringe apenas ao Programa Bolsa Família, mas está vinculada ao desenvolvimento de outros projetos complementares, como os de geração de emprego e renda, cursos profissionalizantes, microcrédito, oficinas de empreendedorismo e apoio a iniciativas de economia solidária, entre outros (Senna, *et al.* 2007). É possível perceber, então, que há uma consonância histórica entre os projetos de políticas públicas, formulados para o desenvolvimento do país, e o reforço da metáfora da família, repleta de ideais cristãos¹⁹¹. Nesse sentido, o movimento feminista no Brasil pode ser considerado um grande exemplo de como aquela metáfora influencia moralmente as pautas propostas para o debate de novas agendas no país.

Segundo Sorj (2004), grande parte das militantes do movimento feminista, principalmente, as de classe média, obtiveram sua formação política nos movimentos de esquerda no Brasil ou no exílio. Tal fato, foi relevante no que se refere à importação dos valores feministas para a nossa realidade, implicando diversas acomodações com o ideário individualista inspirador do feminismo nos países desenvolvidos. Para a autora, a questão paradigmática do movimento feminista em nosso país tem, como exemplo, o aborto, a qual enfrenta resistências de setores conservadores, principalmente, daqueles vinculados à Igreja Católica. Entretanto, Sorj salienta que o entrave com relação à descriminalização do aborto não pode ser apenas explicado pela pressão de grupos

¹⁹⁰ Vale ressaltar que, nesses programas implementados pelo governo federal o pagamento das Bolsas vai diretamente para as famílias, preferencialmente para as mães, ou mulheres encarregadas pelo domicílio, já que a maioria das famílias de baixa renda tem como chefe a mãe. Entretanto, o discurso valoriza a importância do núcleo familiar, e é subsidiado pela Igreja Católica no Brasil, que apoia esses programas de inclusão econômica e social.

¹⁹¹ O Partido dos Trabalhadores, desde sua criação, teve fortes vínculos com setores da Igreja Católica, o que ficou mais evidente com a ascensão dos movimentos sociais na América Latina, entre os anos de 1970 e 1980, fortemente influenciados por teólogos, principalmente Frei Leonardo Boff e Frei Betto.

conservadores, mas sim, pelo próprio campo progressista e feminista que propaga certo desconforto sobre a formulação que valida o acesso ao aborto como um exercício dos direitos individuais das mulheres. Tal acesso não atenderia as mulheres das classes sociais mais baixas; com isso, priorizam-se questões que garantem os direitos reprodutivos da mulher como demandas de maior importância para a sociedade brasileira.

As feministas brasileiras entenderam que concentrar a luta a favor da universalização do aborto, como um direito das mulheres de dispor do seu corpo, iria beneficiar apenas aquelas que tivessem recursos próprios para acender a esse direito, enquanto que para a maioria das mulheres não passaria de mais uma das garantias legais completamente inoperantes. Assim, diante das profundas carências que marcam as condições de vida da maioria das mulheres brasileiras, e de seu acesso à saúde, garantir a liberdade de praticar o aborto pareceu menos relevante que garantir o acesso ao acompanhamento pré-natal, aos métodos anticoncepcionais, à saúde integral da mulher, enfim, aos direitos reprodutivos.

A convergência de setores conservadores e progressistas no que concerne à questão do aborto, disseminada pelo movimento feminista, como também, o desenvolvimento de políticas públicas pelo governo, tem, como base, de certa forma, a lógica familialista que configura um *habitus* característico da sociedade brasileira e que constitui uma barreira intransponível para o avanço de questões que envolvem direitos individuais.

De forma mais intensa, a Igreja Católica lidera a campanha da indissolubilidade do casamento, posicionando-se contra o aborto, a contracepção, o uso de preservativos e a homossexualidade. No mesmo sentido, há a expansão das igrejas neopentecostais, que reforçam o núcleo familiar como sinônimo de sucesso profissional, econômico e social, como já apresentado no item anterior ¹⁹².

¹⁹² Nesse sentido, vale ressaltar que, segundo dados divulgados pelo Sindicato Nacional de Editores de Livros e pela Câmara Brasileira do Livro (2011), a religião é o segmento que mais cresceu entre 2009 e 2010, com destaque para o desempenho do livro “Ágape” (Editora Globo), do padre Marcelo Rossi que, até agosto de 2010, vendeu mais de 4 milhões de exemplares. Os números são significativos, pois, no mesmo ano, foram vendidos no país 437,9 milhões de livros, dos quais 202,6 milhões didáticos e 74 milhões religiosos. Ver reportagem: Setor de livros religiosos é o que mais cresceu em 2010. Por Olga de Mello. Valor Econômico. 23/08/2011. In: <http://www.valor.com.br/cultura/984248/setor-de-livros-religiosos-e-o-que-mais-cresceu-em-2010>. Acesso. 09/2011.

Muitas igrejas neopentecostais são mais árduas quanto a questões como a homossexualidade. A “Marcha Para Jesus”, evento que reúne milhões de pessoas de diversas igrejas pentecostais, em várias capitais do Brasil, sempre ocorre posteriormente à realização da “Passeata Gay”, como é popularmente mais conhecida. Apesar de ser um evento de ordem religiosa, a “Marcha Para Jesus” também é considerada uma manifestação que expressa opiniões políticas e, no ano de 2011, foi marcada pelas críticas ao casamento gay e à legalização da maconha¹⁹³.

No mesmo sentido, a pesquisa divulgada pelo Ibope em julho de 2011 confirma que a sociedade não está predisposta a aceitar a legalidade do casamento homossexual. Os dados apontam que mais da metade da população (55% dos brasileiros) é contrária à decisão do Supremo Tribunal Federal (STF), que autorizou a união estável entre pessoas do mesmo sexo¹⁹⁴. Assim como o aborto, a questão que envolve a homossexualidade converge para temáticas relacionadas ao casamento, direitos reprodutivos, adoção de filhos, etc. Segundo Cherlin (2009), o reconhecimento da homossexualidade restringe-se à dinâmica *Marriage-go-round* (em português, “roda” ou “carrossel” dos casamentos) e não manifesta explicitamente o direito individual; diferentemente de alguns países da Europa, nos quais os militantes do homossexualismo veem o casamento como uma instituição heterossexual de opressão; eles militam, portanto, pelo reconhecimento de seus direitos individuais, não valorizando o direito do casamento entre homossexuais¹⁹⁵.

Assim, a metáfora da família como modelo para a sociedade não é uma tendência apregoada apenas por movimentos considerados conservadores ou neoliberais; ela dá sustentação ao *habitus* nacional. No sentido exposto, é interessante notar que o *habitus* nacional alimenta-se dos possíveis perigos que o desmantelamento da instituição familiar pode causar na sociedade e sua existência induz a tomadas de decisões que valorizam simbolicamente a família, eliminando tensões e conflitos, já que todos os setores, como os movimentos feministas e homoafetivos, por exemplo,

¹⁹³ Marcha para Jesus vira ato contra união homoafetiva. R. Galhardo. Último Segundo, iG. 23/06/2011.

¹⁹⁴ Maioria dos brasileiros reprova casamento gay. Estadão. 27 de julho de 2011. In: <http://blogs.estadao.com.br/jt-cidades/maioria-dos-brasileiros-nao-aprova-casamento-gay/>

¹⁹⁵ De acordo com os dados de outra pesquisa do IBGE, divulgados em 2010, entre os anos de 1999 a 2008, o Brasil registrou uma reversão da tendência de redução das taxas de casamento. De 1999 a 2002, essas taxas caíram de 6,6‰ a 5,6‰, mas em 2008, elas cresceram até 6,7‰ – o maior índice registrado no período¹⁹⁵. Segundo o instituto de pesquisa, o aumento do número de casamentos nos país pode ser atribuído à melhoria no acesso aos serviços de justiça, particularmente ao registro civil de casamento, à procura dos casais pela formalização de suas uniões consensuais, incentivados pelo Código Civil renovado em 2002, e pelas ofertas de casamentos coletivos promovidos desde então – iniciativas que facilitaram o acesso da população aos aspectos burocrático e econômico. *Ibid.*

encontram ressonância nas pautas sociais ao legitimarem subjetivamente a ética da família. Para Elias (1986), os destinos de uma nação cristalizam-se em instituições que têm a responsabilidade de assegurar que diferentes pessoas de uma sociedade adquiram as mesmas características, ou seja, possuam o mesmo *habitus*. Bourdieu também enfatiza o forte papel do Estado no que concerne à generalização do *habitus*, isto é, as condições de sua orquestração constituem-se, ela própria, em fundamento de um consenso sobre um conjunto de evidências constitutivas do senso comum.

O panorama apresentado contesta os argumentos de alguns teóricos da modernidade e da pós-modernidade, que professam o avanço das sociedades rumo à supervalorização do indivíduo e da individualidade. Assim, é do nosso *habitus* nacional que derivam as consequências conservadoras e as resistências quanto à mudança e ao novo, ideologia embutida que redireciona o progresso de questões relacionadas ao aborto, a homolegalidade à base do familialismo. Nesse sentido, a existência desse *habitus* passa despercebido no conteúdo das pesquisas das ciências sociais. Muitos teóricos não se dão conta de que o próprio campo das ciências, constituído de normas e valores, condiciona um modelo que penetra moralmente a sociedade. Isto é, nota-se que a valorização do indivíduo, sua possibilidade de mobilidade e seu desapego emocional, apregoados, principalmente, por teóricos pós-modernos, configuram uma profecia autorrealizante que, encobre a realidade social e seus possíveis efeitos. Assim, o mesmo *habitus* legitima a expansão das finanças através de estratégias simbólicas que valorizam a família e ganha ressonância na sociedade, e sua incorporação também contribui para varrer práticas discriminatórias para debaixo do tapete.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ninguém sabe quem viverá nessa jaula no futuro, ou se ao final desse tremendo desenvolvimento surgirão profetas inteiramente novos, ou se haverá um grande renascimento de velhas ideias e ideais, ou, se nenhuma dessas coisas, a petrificação mecanizada, adornada com uma espécie de auto-importância compulsiva. Pois do último estágio desse desenvolvimento cultural pode-se verdadeiramente dizer: “Especialistas sem espírito, sensualistas sem coração; essa nulidade imagina ter alcançado um nível de civilização nunca atingido”. Mas isso nos traz para o mundo do julgamento, do valor e da fé... (Weber, A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo).

Em primeiro lugar, para a realização deste trabalho, esboçou-se uma revisão bibliográfica sobre as origens sociais da figura do investidor, visando a apresentar uma perspectiva teórica e factual sobre o avanço cultural do mundo financeiro e destacando-se o processo que recebe o nome de financeirização; deste modo, constatou-se que a expansão das finanças no Brasil não se reduz a uma forma de colonização imposta apenas por agentes do cosmo financeiro. Essa revisão, seguida da apresentação do fenômeno da autoajuda, aponta para a necessidade de associação desse fenômeno à literatura de finanças pessoais, como elemento indutor da transformação das percepções e sensibilidades econômicas presentes na sociedade.

Já a parte empírica desta pesquisa limitou-se a descrever e apresentar o papel fundamental de agentes e instituições que difundem as benesses das finanças no Brasil em eventos, como a Expo Money e a Expo Traders. Além disso, ela revelou a importância dos multiplicadores das finanças, que envolvem a campanha de popularização da Bolsa de Valores de São Paulo, as corretoras de valores mobiliários, os clubes de investimentos, os websites, os consultores financeiros e as associações criadas em prol do mercado de capitais no Brasil.

Assim, a dinâmica dos gurus financeiros esboçada e a dimensão dos livros e das palestras – ou melhor, dos “sermões” – que pregam como a vida econômica deve ser manejada, orienta religiosamente a condução da vida cotidiana, funcionando como uma espécie de filtro moral que capta comportamentos presentes na sociedade e passam a retratá-los; isto é, resume-se não apenas a conselhos, mas sim, a modelos que visam a guiar indivíduos. De um lado encontram-se, por exemplo, estratégias de “como

economizar, onde e porque ‘investir’” e, de outro, conselhos como “seja auto-confiante, pense positivo, vença”. Em geral, estes dois modelos se combinam de modo que o público receptor não distinga entre um e outro e entenda, como um todo coerente, a prescrição de ações e de valores. A lógica argumentativa empregada pelos gurus impõe sentidos e opera como uma violência simbólica, que acaba induzindo o indivíduo a policiar suas práticas econômicas cotidianas.

Assim como na religião, os indivíduos são motivados, ou melhor, são chamados a agir, tornando-se protagonistas de uma nova performance. Isto fica evidente com a constatação de que a dinâmica dos gurus financeiros se espalha para além dos manuais e dos eventos, por meio da criação de redes de socialização, como a formação de clubes de investimentos, a criação de espaços na Internet como pontos de encontro para discussão, e comunidades em redes sociais, que passam a fazer parte do cotidiano de indivíduos e famílias. Nesse sentido, os ideais da prática da poupança e do investimento em ações são fortemente disseminados através de programas e materiais didáticos referentes à necessidade de educação financeira.

A mágica que compõe as fórmulas apresentadas pelos consultores financeiros está atrelada a metáforas do universo familiar, empregadas para justificar o mundo financeiro (Lakoff, 1996), ao mesmo tempo, que conceitos como investimento, incerteza, instabilidade e risco analogamente passam a fazer parte do cotidiano de indivíduos e famílias. Assim, pode-se afirmar que os agentes interiorizam predisposições advindas do campo financeiro que configuram suas próprias ações e são por elas configuradas, possibilitando a reconversão de *habitus* tanto individual como coletiva. As transformações das práticas econômicas revelam, pois, mudanças que põem em jogo todo um estilo de vida e todo sistema de crenças (Bourdieu, 2003). Dessa forma, para descrevê-las, importa falar não em adequação, mas em reconversão. Isto é, as disposições são adquiridas com o decorrer da história individual em e por um trabalho de reconversão que não pode ser bem sucedido senão em determinadas condições (Bourdieu, 2003)¹⁹⁶.

¹⁹⁶ Cabe enfatizar que, neste caso, reconversão não significa que os indivíduos vão passar a adotar medidas econômicas extremas, como deixar de gastar e comprar a casa própria e, tornar-se um investidor ativo. No momento, pode-se dizer que, é possível observar uma tendência, na qual alguns indivíduos (que estão circunscritos a esfera da pesquisa) passam a refletir periodicamente sobre suas práticas econômicas e, buscam poupar e diversificar seus investimentos, passando a considerar a possibilidade de aplicar no mercado de ações. A reconversão é um processo lento, não é uma mudança abrupta que se estende homogeneamente para todos os setores da sociedade.

Em consonância com o processo de reconversão de *habitus*, cabe ressaltar a existência dos “quadros sociais da memória” (Halbwachs, 1990), os quais envolvem o tempo, o espaço e certos eventos vividos pelo indivíduo. De acordo com o autor, o total ou o parcial desaparecimento desses “quadros sociais da memória” pode favorecer mudanças em nossas lembranças. Nesse sentido, o passado econômico dos brasileiros, marcado por períodos inflacionários e pela necessidade de gastar imediatamente o dinheiro, é reformulado pelo presente, associado ao ideário de que, nos últimos anos, o Brasil tem experimentado uma fase de crescimento econômico virtuoso, vinculado ao desenvolvimento do mercado financeiro, no qual se busca criar a cultura do poupar em relação ao gastar. Assim, se a memória é capaz de abrandar determinados fatos (Halbwachs, 1990), a construção do imaginário econômico atual constitui uma existência própria e de sucesso.

Desse modo, os modelos e fórmulas propalados pelos gurus financeiros são prescritos como um “guia cultural”, reforçado pela mídia e pelos diversos agentes interessados em escrever a história econômica, como jornalistas, acadêmicos e mesmo seus críticos que, conseqüentemente, se tornam agentes legitimadores do campo em construção. Essa dinâmica oculta a relevância do contexto histórico, corroborando a naturalização de práticas econômicas antes não aceitas moralmente pela sociedade.

Entretanto, a disputa cognitiva entre os consultores financeiros, aqueles exemplificados através de tipos ideais que se circunscrevem na imagem do guru fundamentalista e grafista produz um espaço de referências possíveis e prováveis que demarcam os contenciosos culturais existentes no campo em formação (Bourdieu, 1997). Dito de outra forma, esses gurus apresentam receitas de sucesso diferentes, o que os torna concorrentes, mas essa concorrência contribui para atrair a atenção de diversos setores da sociedade, principalmente, para a temática da educação financeira.

Com o avanço da diversidade de gurus, a qual não se limita apenas à disputa objetiva entre gurus fundamentalistas e grafistas, mas agrega também os consultores financeiros que simbolicamente constituem os gurus heróis, profissionais e acadêmicos ganham visibilidade e notoriedade na sociedade. Ao mesmo tempo, a temática da educação financeira começa a ser intensamente explorada nos circuitos acadêmicos, revelando que estamos passando por uma revolução cognitiva com implicações nas pautas das investigações científicas, as quais também passam a sustentar o desenvolvimento de políticas públicas e sociais no país.

Considerando que os valores sociais não se dissipam para as massas sem que haja quem realize essa função, surgem os fornecedores de ideias que se transformam em empreendedores morais (Becker, 1977), em gurus financeiros, capazes de seduzir indivíduos rumo à mudança de hábitos relacionados com a prática do planejamento financeiro, da poupança e do investimento.

Nesse ínterim, a educação financeira tornou-se uma espécie de trunfo social compartilhado pelos diversos agentes e grupos promotores do ideário financeiro. É possível afirmar, portanto, que estamos presenciando a formação de um espaço social envolto nessa temática, que se constitui como cenário perfeito para a promoção do mundo das finanças, pois qualquer pauta relacionada com os aspectos econômicos como crédito, endividamento, poupança e investimento torna-se motivo para consultores, acadêmicos e demais profissionais palpitem sobre a necessidade de educação financeira.

De modo geral, tal dinâmica corrobora a argumentação de que estamos presenciando uma significativa mudança simbólica de comportamentos econômicos e valores morais na sociedade brasileira, que ainda está em processo de institucionalização¹⁹⁷. Isto é, o fenômeno analisado ainda está em construção, portanto, essa pesquisa aponta a existência de uma tendência, na qual é possível constatar o avanço de uma nova cultura econômica, que instaura a necessidade de formação de poupança e motiva a prática do investimento.

Pode-se observar uma cultura financeira em gestação que deslegitima certas práticas econômicas e legitima outras. A situação socialmente valorizada não é mais aquela do indivíduo que investe em ativos reais, mas daquele que poupa, reduz gastos, investe e assume riscos, sem deixar de garantir uma vida decente para sua família e um patrimônio para seus herdeiros poderem viver decentemente. Isso retroalimenta o ciclo familiar, que encontra ressonância e reforça a existência de um *habitus* nacional, enraizado pelo familialismo presente na sociedade brasileira.

A imagem do investidor deixa de ser meramente um reflexo da abundância gananciosa para se tornar um estado de espírito, uma vez que a riqueza material não representa mais um perigo moral para os valores da sociedade brasileira, pois está

¹⁹⁷ Cabe ressaltar que, atualmente, o fenômeno estudado fica evidente na classe média brasileira, especialmente, entre profissionais liberais, como foi exemplificado com o caso de Caren Burin. Entretanto, o discurso, principalmente, aquele vinculado a educação financeira – considerado um trunfo social – busca penetrar por diversos setores da sociedade brasileira promovendo a necessidade do planejamento financeiro e da poupança.

fortemente ligada às questões sagradas. Nesse sentido, o vínculo entre o mundo das finanças e a ética familiarista é um fator essencial que garante a aceitação social do mundo financeiro no Brasil.

Assim, as finanças tornam-se uma espécie de meta-discurso que passa teoricamente a moralizar as famílias, pois fica cada vez mais evidente a existência de um mecanismo de normalização (Foucault, 1994), que opera tanto no âmbito objetivo como no subjetivo da sociedade e que, gradativamente, configura a legitimidade do mundo das finanças no Brasil.

Dessa forma, o nicho cultural, esboçado no capítulo anterior, envolto na ética da família opera como mecanismo social capaz de alterar comportamentos e sensibilidades, isto é, *habitus* (Bourdieu, 1997), que reflete rearranjos sociais e redireciona papéis de indivíduos na sociedade. O universo aqui descrito ganha robustez quando tal dinâmica é analisada a partir do mapa cultural, sugerido por Douglas, que abre caminho para pensar como a esfera financeira agrega pólos aparentemente distantes. Fica evidente, pois, a existência do nicho cultural de natureza familiarista, já que seu contencioso ataca as mazelas trazidas pela modernidade. Esta constatação pode indicar que estamos diante de outro tipo de sociedade tradicional e conservadora (Douglas 1998; Grün, 2003); assim, é possível notar a existência de um ideário que valoriza a ética de inclusão econômica, reforçada pela polícia das famílias e disseminada por diversos agentes, que compõem e são configurados por uma espécie de segunda natureza, ou melhor, um *habitus* nacional (Elias, 1986). Cabe ressaltar que o mapeamento do nicho esboçado através do mapa cultural não apenas forneceu evidências sobre o avanço das finanças no Brasil, mas abriu caminhos para a reflexão sobre a existência e permanência de um dispositivo conservador característico de um *habitus* nacional (Elias, 1986) que opera intensivamente na formação das agendas econômicas, políticas e sociais no Brasil.

Enfim, muitas das considerações expostas tiveram origem na tentativa de tornar compreensível a ascensão do mundo das finanças no Brasil e, em consequência, a expansão de consultores financeiros e de toda a gama de produtos que visa a atrair indivíduos para o mercado financeiro. Entretanto, ao longo da pesquisa, foi possível notar que essa dinâmica ganha legitimidade, devido ao respaldo dado por operadores conservadores de base familiarista, isto é, as finanças ao atuar como moralizador da sociedade ganha aceitação social e passa a penetrar por setores da sociedade antes inimagináveis, via a temática da educação financeira e, torna-se recorrente nas palavras de pastores de igrejas pentecostais, e conduz políticas sociais realizadas tanto pela

esfera pública como privada, adentrando setores de baixa renda e trazendo implicações simbólicas e cognitivas para a sociedade.

8. BIBLIOGRAFIA

ABOFALIA, M. **Making markets**: opportunism and restraint on Wall Street. Cambridge, MA: Harvard Univ. Press, 1997.

AITKEN, R. A direct personal stake: cultural economy, mass investment and the New York stock exchange. **Review of International Political Economy**. 12:2 May, p. 334-363, 2005.

_____. Spaces of Individual/National Security: Geopolitics, Citizenship, and Cultural Economy. **YCISS Working Paper**, nº 35, May, 2005b.

ALLON, F. Speculating on Everyday Life: The Cultural Economy of the Quotidian. **Journal of Communication Inquiry**, November 16. vol. 3. no. 4. 2010: 366-381.

ALVES, V. L. P. **Receitas para a conjugalidade: uma análise da literatura de auto-ajuda**. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação/Unicamp, Campinas, SP, 2005.

ASBAHR, M. C. C. **Os Professores Leitores dos Livros de Auto-Ajuda para Crianças**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas, 2005.

ASKEHAVE, I. If language is a game – these are the rules: a search into the rhetoric of the spiritual self-help book. **Discourse & Society**, London: Sage Publications, v. 15 (1), p. 5-31, 2004.

ASSIS, K.G. **Filantropia e Responsabilidade Social Empresarial**. In: Da Filantropia à Responsabilidade Social. Dissertação Mestrado (UFSCar), São Carlos, 2010.

BECKER, H. S. **Uma teoria da ação coletiva**. Márcia Bamdeira de Mello Leite Nunes (Trad.). Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

BENNETT, O. Cultures of Optimism. *Cultural Sociology*. **SAGE**, April, 2011.

BITTENCOURT, G. MAGALHÃES, R. ABRAMOVAY, R. Informação de crédito: um meio para ampliar o acesso dos mais pobres ao sistema financeiro. Pesquisa e Debate, **Dossiê Microfinanças no Brasil**, São Paulo. In: www.econ.fea.usp.br. 2001.

BLAIR, M. M. Reforming Corporate Governance: What History Can Teach Us: Georgetown University Law Center (**Research Paper** nº 485663), 2003.

BOLTANSKI, L. & CHIAPELLO, E. **Le nouvel esprit du capitalisme**. Paris, Gallimard (NRF essais), 1999.

BOLTANSKI, L; THEVENOT, L. “The Sociology of Critical Capacity” **European Journal of Social Theory**, 2(3):359-377, 1999.

BONALDI, E.V. **O pequeno investidor na bolsa brasileira: uma análise sobre a ação e a cognição econômica**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras

e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH – USP), Setembro de 2010.

BOSCO, A. M. **Sucessos que não ocorrem por acaso: literaturas de auto-ajuda**. Dissertação de Mestrado. IFCH. UNICAMP. 2001.

BOURDIEU, Pierre. O mercado de bens simbólicos. In: **A economia das trocas simbólicas**. Org. Sérgio Miceli. São Paulo: Perspectiva, p. 99-181, 1974.

_____. **O Poder Simbólico**. Trad. de Fernando Tomaz. Lisboa Difel, 1989.

_____. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Tradução de Mariza Corrêa. Campinas: Papirus, 1997.

_____. A Ilusão Biográfica – apêndice 1 do texto – “Por uma ciência das obras”. In: **Razões Práticas**. Campinas, SP: Papirus, 1996.

_____. le champs économique. **Actes de la recherché en Sciences Sociales**, tradução: Suzana Cardoso e Cécile Raud-Mattedi, p. 15-57, 1997.

_____. **Meditações pascalianas**. Trad. Sergio Miceli. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001

_____. **Las estructuras sociales de la economía**. Trad. Thomas Kauf. Barcelona: Editorial Anagrama, 2003.

_____. A formação do *habitus* econômico. **Revista Sociologia**, 2003.

_____. **A Produção da Crença**: contribuição para uma economia dos bens simbólicos. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Zouk, 2004.

BOURDIEU, P. e WACQUANT, L. Les conditions sociales de la circulation internationale des idées. **Actes de la recherche em sciences sociales**, 145, dezembro, p. 3-8, 2002.

_____. **A astúcia da razão imperialista**. In: Wacquant, L. (org.) O mistério do ministério: Pierre Bourdieu e a política democrática. Rio de Janeiro: Revan, 2005.

BRUNHELLI, A. F. **O sucesso está em suas mãos: análise do discurso de auto-ajuda**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do IEL/Unicamp: Campinas, SP, 2004.

BRYAN, D.; MARTIN, R.; RAFFERTY, M. Financialization and Marx: Giving Labor and Capital a Financial Makeover. **Review of Radical Political Economics**. December, 41: 458-472, 2009.

BUENO, A. O. As paixões do homo oeconomicus: os Devedores Anônimos e as condições emocionais da racionalidade econômica. In: 32º Encontro Anual da **Anpocs**, 2008.

BUTLER-BOWDON, T. **50 Clássicos de Auto-Ajuda**: 50 livros inspirados para transformar a sua vida. Trad. Pedro Jorgensen Junior. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

CALDER, L. **Financing the American Dream: a Cultural History of Consumer Credit**. Princeton University Press, 1999.

CALLON, M. Why virtualism paves the way to political impotence: a reply to Daniel Miller's critique of the Laws of the markets. **Economic Sociology: European Electronic Newsletter** 6.2, 2005. In: <http://econsoc.mpifg.de/current/6-2art1.html>

CALLON, M. e ÇALISKAN, K. Economization, part 1: shifting attention from the economy towards processes of economization. **Economy and Society**, v. 38 N. 3 August, p: 369-398, 2009.

CANDIDO, A. **Os parceiros do Rio Bonito**: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. São Paulo: Ed Duas Cidades; Ed 34, 2001.

CARDOSO, J. L. Confusion de confusions: ethics and options on seventeenth-century stock exchange markets. **Financial History Review**, pp. 109–123, 2002.

CARRUTHERS, B. G. & ESPELAND, W. N. **Money, Meaning and Morality**. *American Behavioral Scientist*, 41, 1384, 1998.

CASTEL, R. **A Gestão dos Riscos**: da antipsiquiatria à pós-psicanálise. Trad. Celina Luz. Francisco Alves Editora: Rio de Janeiro, 1987.

CETINA, K. K. The Market as an Object of Attachment: Exploring post social relation in financial markets. **Canadian Journal of Sociology**, v. 25, n.2, p. 141-168, 2000.

CHAGAS, A. **A Ilusão no discurso de auto-ajuda e o sintoma social**. 2.ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2001.

_____. **O sujeito imaginário no discurso de auto-ajuda**. Ijuí: Editora Unijuí, 2002.

CHAVES, D. A. T. **Análise Técnica e Fundamentalista**: Divergências, Similaridades e Complementariedades. Monografia apresentada ao Departamento de Administração da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo, 2004.

CHERLIN, A. **The Marriage-Go-Round**: The State of Marriage and the Family in America Today. Knopf, 2009.

CHIES, P. Z.; MARCON, S. R. A. Literatura de Pop-Management: a religião do trabalhador pós-moderno. **Contemporânea - Psicanálise e Transdisciplinaridade**, Porto Alegre, n.06, Abr/Mai/Jun 2008. In: www.contemporaneo.org.br/contemporanea.php

CROTTY, J. **The neoliberal paradox**: the impact of destructive product market competition and impatient finance on nonfinancial corporations in the neoliberal era, PERI Research Brief, University of Massachusetts, Amherst. 2003.

DAMIEN, B. & LAZARUS, J. **Sociologie de l'argent**. Paris: La Découverte, 2007.

DAVIS, S. LUKOMNIK, J. PITT-WATSON, D. “Os Novos Capitalistas: a influência dos investidores-cidadãos nas decisões das empresas”. Rio de Janeiro: Editora Campus Elsevier, 2008.

DE GOEDE, M. Discourses of Scientific Finance and the Failure of Long-Term Capital Management. **New Political Economy**, v. 6, nº. 2, 2001.

_____. **Virtue, Fortune and Faith: A Genealogy of Finance**. University of Minnesota Press, 2005.

DEMO, P. 2005. **Auto-ajuda - Uma sociologia da ingenuidade como condição humana**. Vozes, Petrópolis.

DIMMAGGIO, P. POWELL, W. The iron cage revisited: institutional isomorphism and collective rationality in organizational fields. In: DIMAGGIO, Paul; POWELL, W (orgs) **The New Institutionalism in Organizational Analysis**. Chicago: University of Chicago Press, 2001.

DONADONE, Julio César. **Reestruturação produtiva e mudanças organizacionais: a difusão dos sistemas participativos na década de 1980**. Mestrado-UFSCar, São Carlos, 1996.

DOUGLAS, M. **Risk and blame**. Essays in cultural theory. Londres e Nova Iorque: Routledge, 1992.

_____. **Como as instituições pensam**. Trad. Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Edusp, 1998.

_____. **Missing persons: a critique of the social science**. Cap. 2 The strong presence of homo economicus. New York: Russell Sage Foundation, 1998.

_____. **Thought styles: Critical essays on good taste**. London:Sage, 1996.

DONZELOT, J. **A polícia das famílias**. 2ª edição. Rio de Janeiro, editora Graal, 1986.

DURKHEIM, É. **Lições de sociologia: a moral, o direito e o Estado**. São Paulo, T. A. Queiroz/USP, 1983.

ELIAS, N. **A Sociedade de Corte**. Trad. Ana Maria Alves. Lisboa: Editorial Estampa, 1986.

_____. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, v.1, 1993.

_____. **Introdução à sociologia**. Lisboa: Edições 70, 1980. Zahar, 1994.

_____. **A Sociedade dos Indivíduos**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

ERTURK, I. FROUD, J. JOHAL, S. LEAVER, A. WILLIAMS, K. The democratisation of finance? **CRESC Working Paper Series**, n. 9. The University of Manchester. November, 2005.

_____. General Introduction: Financialization, Coupon pool and Conjecture. In: **Financialization at Work: Key Texts and Commentary**. Routledge: USA, 2008.

FERNANDES, F. **A revolução burguesa no Brasil**: ensaio de interpretação sociológica. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

FLIGSTEIN, N. O mercado enquanto política: uma abordagem político-cultural às instituições de mercado. 1996. In: **A Nova Sociologia Econômica: uma antologia**, org. Rafael Marques e João Peixoto. Celta Editora, Oeiras. p. 195-229, 2003.

_____. **Shareholder Value and the transformation of the American economy**, 1984-2001. Department of Sociology. University of California Berkeley, Ca. 94720 U.S.A. Agosto, 2004.

FOLKMAN, P. FROUD, J. JOHAL, S. WILLIAMS, K. Working for themselves?: Capital market intermediaries and present day capitalism. **CRESC Working Paper Series**. nº. 25. The University of Manchester, November, 2006.

FOUCAULT, M. **Dits et écrits**. Paris: Gallimard, vol. IV, pp. 783-813, 1994.

FRESTON, P. **Protestantes e política no Brasil: da Constituinte ao impeachment**. Tese de Doutorado, Campinas, IFCH-Unicamp, 1994.

FRIDMAN, D. **Capitalist Dreams: The World of Financial Self-Help**. Dissertação. New York: Columbia, 2010.

FROUD, J. HASLAM, C. JOHAL, S. A. WILLIAMS, K. Financialisation and the Coupon Pool. **Gestão & Produção**, v.8, n.3, p. 271-288, dez. 2001.

GARCIA-PARPET, M. F. Mundialização dos mercados e padrões de qualidade: “vinho, o modelo francês em questão”. **Tempo Social**, Revista de Sociologia USP, São Paulo, v. 16, n. 2, 2004.

GIARDINO, A. Como os gurus brasileiros conquistaram seu espaço. In: **Valor Econômico**, Junho, 2005.

GIDDENS, A. **A Transformação da Intimidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

_____. A vida em uma sociedade pós-tradicional. In: **Modernização Reflexiva**. São Paulo: Unesp Editora, 1997.

_____. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GODECHOT, O. **Les traders: essai de sociologie des marchés financiers**, Paris: La Découverte, 2005.

GOFFMAN, E. **The Presentation of Self in Everyday Life**. Doubleday: New York, 1953.

GRANOVETTER, M. **Economic action and social structure: the problem of embeddedness**. *American Journal of Sociology*, v. 91, n. 3, p. 481-510, 1985.

GREATBATCH, D e CLARK, T. Humour and Laughter in the Public Lectures of Management Gurus. Paper presented to the Humour and irony stream, 2nd Critical **Management Studies Conference**, UMIST, Manchester, UK. July 11th – 13th 2001.

GRÜN, R. A Classe Média no mundo do Neoliberalismo. **Tempo Social**, São Paulo, v.10, n.1. pp. 143-163, 1998.

_____. Modelos de empresa, modelos de mundo: sobre algumas características culturais da nova ordem econômica e da resistência a ela. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 14, n. 41, p. 121-140, 1999.

_____. Em busca da nova pequena burguesia brasileira. **Dados**, vol.43, nº.2, 2000.

_____. Atores e ações na construção da governança corporativa brasileira. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol.18, n.52, p.139-161, jun. 2003.

_____. “A Evolução Recente do Espaço Financeiro no Brasil e Alguns reflexos na Cena Política”. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 47, n.1, p. 5-47, 2004.

_____. Convergência das elites e inovações financeiras: a governança corporativa no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.20, n.58, p.67-90. 2005.

_____. Decifra-me ou te devoro! As finanças e a sociedade brasileira. **MANA**, v. 13, n. 2, p. 381-410, 2007.

2007a), “Decifra-me ou te devoro: as finanças e a sociedade brasileira”. **MANA**, v. 13, pp. 381-410.

_____. (2007b), “Entre a plutocracia e a dominação financeira”. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 22: 85-107.

_____. A crise, a guerra cultural e as surpreendentes transformações do espaço econômico brasileiro em 2009. In: **Colóquio Internacional- A internacionalização das ciências sociais francesas e a cooperação científica com o Brasil**. Unicamp, 2009.

GUIA EXAME. **Investimentos pessoais**. Editora Abril. Setembro, 2006.

HACKING, I. **El Surgimento de la Probabilidad**. Barcelona: Gedisa, 1995.

_____. **Representing and intervening: introductory topics in the philosophy of natural science**. Cambridge, Cambridgeshire: New York: Cambridge University Press, 1983.

_____. **Mad travelers : reflections on the reality of transient mental illnesses.** Charlottesville, Va.: University Press of Virginia. 1998.

_____. Making up people. In: **Historical Ontology.** Cambridge, Mass. and London: Harvard University Press pp. 99-114, 2002.

HALBWACHS, M. **Memória Coletiva e memória histórica.** A memória coletiva. São Paulo: Vértice, Editora dos Tribunais, 1990.

HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. In: **A identidade em questão.** Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Ed. 10. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HARRINGTON, B. Capital and Community: Findings from the American Investment Craze of the 1990s. In: **Economic Sociology – The European Electronic Newsletter.** v. 8. n. 3, p. 19-25. July, 2007.

HO, K. **Liquidated. An ethnography of Wall Street.** Duke University Press, 2009.

HOCHFELDER, D. Where the Common People Could Speculate: The Ticker, Bucket Shops, and the Origins of Popular Participation in Financial Markets, 1880-1920. **Journal of American History**, 93, Sept. 2006.

HOCHSCHILD, A. R. **The Second Shift: Working Parents and the Revolution at Home.** New York: Viking, 1989.

_____. The Commercial Spirit of Intimate Life and the Abduction of Feminism: Signs from Women's Advice Books. In: **Postmodernism, German Sociological Association**, 1990.

_____. **The Commercialization of Intimate Life.** Berkley: University of California Press, p. 1-103, 2003.

HUCZYNSKI, A. **Management Gurus: what makes them and how to become one.** London and New York: Routledge. 1993.

ILLOUZ, E. **Oprah Winfrey and the Glamour of Misery: An Essay on Popular Culture.** Columbia University Press, 2003.

_____. **Cold Intimacies: The Making of Emotional Capitalism,** Polity Press, London, 2007.

JACOBY, R. **Amnésia Social: uma crítica à psicologia conformista de Adler a Laing.** Trad. Sônia Sales Gomes. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

JAMESON, F. **A cultura do dinheiro: ensaios sobre a globalização.** Trad. Maria Elisa Cevalco e Marcos César de Paula Soares. 2º ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

JARDIM, M. A. C. **Entre a solidariedade e o risco**: sindicatos e fundos de pensão em tempos de Governo Lula. São Paulo: Annablume, 2009

KESSEL, V. **Benjamin Franklin: the personification of Max Weber's 'spirit of capitalism'**. In: <http://ideashistory.org.ru/pdfs/a31.pdf#page=150>, 2006.

KREMP, P. **Stock-Market Participation and their Evolution from 1995 to 2007**, In: faculty.chicagobooth.edu/workshops/orgs-markets/archive/pdf/Kremp.pdf, 2008.

LAKOFF, G. **Moral politics**: what conservatives know that liberals don't. Chicago: University of Chicago Press, 1996.

LE GOFF, J. **A Bolsa e a vida**: economia e religião na Idade Média. Tradução: Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. (1924), 2007.

LEE, B. e LIPUMA, E. **From Primitives to Derivatives**. In: www.nyu.edu/ipk/files/docs/events, 2010.

LEITE, S. E. **Governança Corporativa e mídia**: a construção do mercado financeiro no Brasil. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, UFSCar, São Carlos/SP, 2007.

LEITE, E. S; MELO, N. M. Uma nova noção de empresário: a naturalização do "empreendedor". **Revista de Sociologia e Política**, Vol. 16, Núm. 31, novembro, 2008.

LEVINE, R. e ZERVOS, S. Stock markets banks and economic growth. **American Economic Review**, v. 88, p. 537-58, 1998.

LENE, H. O jornalismo e a construção do verdadeiro no campo econômico: uma análise à luz das reflexões bakhtiana e foucaultiana sobre discursos. **Revista Fronteiras. Estudos Midiáticos**. nº VIII, v. 3, p. 212-222, set/dez 2006.

LENOIR, Remi. **Généalogie de la morale familiale**. Paris: Seuil, 2003.

McGEE, M. **Self-Help**, Inc.: Makeover Culture in American Life. London: Oxford University Press, 2005.

MACKENZIE, D. MILLO, Y. Constructing a Market, Performing Theory: The Historical Sociology of a Financial Derivatives Exchange. **American Journal of Sociology**. (109:1), p. 107-145, 2003.

MARCARINI, A. **O empreendedorismo nos cursos de administração de Santa Catarina**. Mestrado. Universidade Regional de Blumenau. 2003.

MARCON, R. GODOI, C. K. PINTO, C. R. Análise do Sentimento de Aversão à perda em Finanças Comportamentais e na Teoria Psicanalítica. In: Congresso Latino-Americano de Escolas de Administração, 2002, Porto Alegre. **Anais do CLADEA**, 2002.

MARIANO, R. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São

Paulo, Loyola, 1999.

MARQUES, R. Os trilhos da Nova Sociologia Econômica. In: **A Nova Sociologia Econômica: uma antologia**, org. Rafael Marques e João Peixoto. Celta Editora, Oeiras. p. 1-68, 2003.

MARTELLI, C. G. **Autoajuda e gestão de negócios: uma parceria de sucesso**. Azougue editorial, 2006.

MARTES, A C. B. RODRIGUES, C L. Afiliação Religiosa e Empreendedorismo Étnico: O Caso dos Brasileiros nos Estados Unidos. **Revista de Administração Contemporânea - RAC**, Rio de Janeiro, v. 8, 2004.

MARTIN, R. **Financialization of Daily Life**. Philadelphia: Temple University Press, 2002.

MARTINELLI, Alberto. Entrepreneurship and management. In : Smelser. **The Handbook of Economic Sociology**. Princeton: Princeton University Press. 1994.

MAUSS. M. **Ensaio sobre a dádiva**. Forma e razão nas sociedades arcaicas. São Paulo: Edusp, 1950.

_____. **Sociologia e antropologia**, São Paulo, Cosac & Naify, 2003.

MEDEIROS, C. L. G. **Educação Financeira: O Complemento Indispensável Ao Empreendedorismo**. In: www.santoagostinho.edu.br/Biblio/teses/39.pdf, 2008.

MIGUEL, A. C. “Microcrédito: alternativa de combate à pobreza, inclusão social via mercado de microfinanças”. Working Paper, São Carlos, 2011.

MOREIRA, R. & VALLIM, M.S. A importância da educação financeira no atual cenário econômico. Apresentado no **II Encontro de Administração e Ciências Contábeis** – São João da Boa Vista, SP, outubro de 2003.

MOURA NETO, F. D. A Matemática que faz bem à Sociedade. **II Bienal da Sociedade Brasileira de Matemática**. Universidade Federal da Bahia, 2004.

MÜLLER. L. **Mercado exemplar: um estudo antropológico sobre a Bolsa de Valores**. Tese (Doutorado em Antropologia) – Departamento de Antropologia – Universidade de Brasília, 1997.

NEIBURG, F. As moedas doentes, os números públicos e a antropologia do dinheiro. **MANA**,13(1): 119-151, 2007.

NUNES, G. E. M. Sucesso ou fracasso: auto-ajuda como solução ou ilusão? Trabalho apresentado na Sessão de Comunicações – Temas Livres, **XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação**, Salvador/BA, 03. setembro, 2002.

OLIVATO, H. SOUZA, P. K. B. **Endividamento: Um Estudo Preliminar Dos Fatores Contribuintes.** In: www.unisalesiano.edu.br/encontro2007/trabalhosaceitos.php, 2007.

OLIVEIRA, A. C. F. A sociologia brasileira e a empresa: breves comentários. Empresas e grupos empresariais – atores em transformação. **IV Workshop Empresas, empresários e sociedade.** Org. Denise Gros, Ignácio Delgado, Paolla Capellin, Otávio Dulci. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

_____. **A Empresa Feliz: discursos gerenciais do Capitalismo Tardio.** Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Sociologia do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, 2004.

OLIVEIRA, S. F. P. **Discurso, gênero e argumentação na auto-ajuda de Shinyashiki.** Tese apresentada na Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, câmpus de Araraquara, 2006.

OLIVEN, R. G. O vil metal: o dinheiro na música popular brasileira. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 12, no. 33, p. 143-168, 1997.

_____. De olho no dinheiro nos Estados Unidos. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 27, 2001.

PAULA, A. P. P. & WOOD T. Jr. Pop-management: Contos de Paixão, Lucro e Poder. In: Encontro de Estudos Organizacionais, 2002, Recife. Anais, Recife: Observatório da Realidade Organizacional: **PROPAD/UFPE: ANPAD**, 2002.

_____. Viagem epistemológica às livrarias dos aeroportos. **Revista Administração em Diálogo**, São Paulo, n. 5, p. 77-86, 2003.

PALLEY, T. I. Financialization: What it is and Why it Matters. **Working Paper Series Political Economy Research Institute**, University of Massachusetts of Amherst, n° 153, November, 2007.

PEDROSO NETO, A. J. **A reprodução da coesão organizacional na Amway.** Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, São Carlos: UFSCar, 2001.

PINHO, D. B. VASCONCELLOS, M. A. S. **Manual de economia.** São Paulo: Editora Saraiva, 2004.

PONTES, H. Elias, Renovador da Ciência Social, in: **Dossiê Norbert Elias.** São Paulo: Edusp, 1997.

POON, M. From New Deal Institutions to Capital Markets: Commercial Consumer Risk Scores and the Making of Sub-prime Mortgage Finance. **Accounting Organizations and Society**, 34, pp 654-674, 2009.

POWELL, W. W. The Capitalist Firm in the Twenty-First-Century: Emerging Patterns. In: P. Dimaggio (Ed.). **The twenty-first-century firm: changing economic**

organization in international perspective. Princeton: Princeton University Press, v.viii, p. 33-67, 2001.

PREDA, A. The rise of popular investor: Financial knowledge and investing in England and France, 1840-1880. **The Sociological Quartely**, v. 42, n. 2, p. 205-232, 2001.

_____. On Ticks and Tapes: Financial Knowledge, Communicative Practices, and Information Technologies on 19th Century Financial Markets. Paper prepared for the **Columbia Workshop on Social Studies of Finance**, May 3-5, 2002.

_____. **Framing Finance. The Boundaries of Markets and Modern Capitalism.** Chicago: University of Chicago Press, 2009

_____. The Investor as a Cultural Figure of Global Capitalism. In: **The Sociology of Financial Markets.** Org. Karin Knorr Cetina e Alex Preda. Oxford University Press. New York, p. 141 – 162, 2006.

PRYKE, M. Speculating on geographies finance. **CRESC Working Paper Series.** Working Paper n° 24, October, 2006.

RAMOS, F. F. **Principais características do empreendedor bem sucedido.** Mestrado Universidade de Salvador, Administração, 2003.

RAUD-MATTEDI, C. A Construção Social do Mercado em Durkheim e Weber: uma análise do papel das instituições na sociologia econômica clássica. Programa de Pós Graduação em Sociologia Política. Universidade Federal de Santa Catarina. **Cadernos de Pesquisa**, n. 34, p.1-13, 2003.

REDDY, W. **Money & Liberty in Modern Europe: a critique of historical understanding.** London: Cambridge, 1987.

RIEFF, P. **O Triunfo da Terapêutica.** Trad. Raul Fiker e Ricardo Pinheiro Lopes. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

RÜDIGER, F. **Literatura de auto-ajuda e individualismo.** Porto Alegre: Editora Universidade UFRGS, 1996.

RUIZ, O. J. L. **O “ethos” dos executivos das transnacionais e o espírito do capitalismo.** Tese doutorado em Ciências Sociais IFCH/ Unicamp. Campinas, SP. 2004.

_____. **Da ética protestante ao ethos empresarial: “capital humano” e “empreendedorismo” como valores sociais.** Centro Brasileiro de Análise e Planejamento Programa de Formação de Quadros Profissionais, 2007.

SAITO, A. T. e SAVOIA, J. R. F. e PETRONI, L. M. A Educação Financeira no Brasil sob a Ótica da Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico (OCDE). In: Seminário em Administração - **IX SEMEAD** (FEA/USP), São Paulo, 2006.

SÁNCHEZ, A. M. **Administração de Finanças Pessoais**. Relatório Final apresentado à União Educacional de Minas Gerais (UNIMINAS), como requisito para conclusão do curso de Administração Financeira. Uberlândia, MG, 2005.

SANTANA, I. A. **A relação entre micro e pequenas empresas de informação e a inovação tecnológica**. Mestrado UFBA. 2002.

SARTORE, M. S. **Esboço para uma sociologia do campo da sustentabilidade no mercado financeiro**. In: I Simpósio de Pós Graduandos USP/UNICAMP/UFSCar. USP/São Paulo – SP, Novembro, 2008.

SAVÓIA, J. R. A urgência na inserção da educação financeira no Brasil, **Valor Econômico**, 15 de setembro de 2006.

SAVÓIA, J. R. F. SAITO, A. T. SANTANA, F. A. Paradigmas da Educação Financeira. RAP. **Revista Brasileira de Administração Pública**, v. 41, p. 1121-1141, 2007.

SENNA, M. C. M.; *et al.* Programa Bolsa Família: nova institucionalidade no campo da política social brasileira? Florianópolis: **Rev. Katál.** v. 10 n. 1 p. 86-94 jan./jun. 2007.

SCHUMPETER, J. A. **Teoria do desenvolvimento econômico**: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico. Serie Economistas. São Paulo: Abril Cultural. 1982.

SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Recife: SOS Corpo, 1995.

SHILLER, R. **The New Financial Order**: risk in the 21st century. Princeton Press: New Jersey, 2003.

SILVA, G. B. FERREIRA, L. N. **O Papel da Contabilidade no Planejamento Financeiro de Pessoas Físicas**. Trabalho desenvolvido no curso de Graduação de Ciências Contábeis da UCB, 2006.

SIMMEL, G. **The Philosophy of money**. Edited by David Frisby. Trad. Tom Bottomore e David Frisby. New York: Routledge, 1990.

SMELSER, N. SWEDBERG, R. The sociological perspective on the economy in: **The Handbook of Economic Sociology**. Princeton: Princeton University Press. 1994.

SOUSA, A. F. TORRALVO, C. F. **A gestão dos próprios recursos e a importância do Planejamento Financeiro Pessoal**. São Paulo: FEA/USP, 2003. In: www.ead.fea.usp.br/Semead/7semead/paginas. Acesso em: 11/2005.

SOUZA NETO, B. **Contribuição e Elementos para um Metamodelo Empreendedor Brasileiro**: O Empreendedorismo de Necessidade do Virador. [Tese - Universidade Federal do Rio de Janeiro] COPPE, Rio de Janeiro, 2003.

SORJ, B. Trabalho, gênero e família: quais políticas sociais?. In: GODINHO, Tatau; SILVEIRA, Maria Lúcia da (Orgs.). **Políticas públicas e igualdade de gênero**. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher. p. 143-148, 2004.

STEINER, Philippe. **A Sociologia Econômica**. São Paulo: Atlas, 2006.

SWEDBERG, R. Preface. In: Swedberg, R. **Explorations in economic sociology**. New York: Russel Sage Foundations, 1993.

THOMPSON, K. **Moral Panics**. London, Routledge, 1998.

THOMPSON, E. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 3 v, 1987.

THRIFT, N. The New Economy and a New Market Culture. In: **Financialization at Work: Key Texts and Commentary**. Org. Ismail Erturk, Julie Froud, Sukhdev Johal, Adam Leaver and Karel Willians. Routledge: USA, 2008.

USEEM, M. **Investor capitalism: how money managers are changing the face of corporate America**. New York: Basic Books. 1996.

WAIZBORT, L. Elias e Simmel. In: WAIZBORT, L. (org.) **Dossiê Norbert Elias**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2001.

WEBER, F. Práticas econômicas e formas ordinárias de cálculo. **MANA**. Estudos de Antropologia Social, 8(2):151-182, 2002.

WEBER, M. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Brasília: UnB, 1991.

_____. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2001.

_____. (1984). **A Bolsa**. Lisboa: Relógio d'água, 2004.

WOOD, Jr. T. **Organizações Espetaculares**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.

WOODWARD, K. **Statistical Panic**. Princeton University, 1999.

ZALOOM, C. **The Discipline of the Speculator**. In: Aihwa Ong and Stephen Collier, eds. **Global Assemblages: Technology, Politics and Ethics as Anthropological Problems**. New York: Blackwell, 2004.

_____. **Out of the Pits: Traders and Technology from Chicago to London**. University of London Press, 2006.

ZELIZER, V. **The Social Meaning of Money**. New York: Princeton, 1994.

_____. O Significado social do dinheiro – “dinheiros especiais”. In: **A Nova Sociologia Econômica: uma antologia**, org. Rafael Marques e João Peixoto. Celta Editora, Oeiras. p. 125-165, 2003.

_____. **The purchase of intimacy**. New Jersey: Princeton, 2005.

ZERRENNER, S. **Estudo sobre as razões para o endividamento da população de baixa renda**. Dissertação de Mestrado apresentada a Unidade Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, FEA/USP, 2007.

(eBook gratuito) **Self-Help**, by Samuel Smiles, In: Projeto Gutenberg — The first self-help book, published in 1859.